



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**JÚLIA MONTEIRO HOLANDA**

**DINÂMICA SOCIOESPACIAL DO CENTRO DE FORTALEZA  
COM BASE NOS SERVIÇOS EDUCACIONAIS**



**FORTALEZA-CE  
2016**

JÚLIA MONTEIRO HOLANDA

DINÂMICA SOCIOESPACIAL DO CENTRO DE FORTALEZA COM BASE NOS  
SERVIÇOS EDUCACIONAIS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Natureza, Campo e Cidade no Semi-Árido.

Orientador: Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva.

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- H669d Holanda, Júlia Monteiro.  
Dinâmica socioespacial do centro de fortaleza com base nos serviços educacionais / Júlia Monteiro  
Holanda. – 2016.  
191 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Fortaleza, 2016.  
Orientação: Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva.
1. Centro. 2. Dinâmica socioespacial. 3. Equipamentos e serviços educacionais. I. Título.

CDD 910

---

JÚLIA MONTEIRO HOLANDA

DINÂMICA SOCIOESPACIAL DO CENTRO DE FORTALEZA COM BASE NOS  
SERVIÇOS EDUCACIONAIS

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Geografia do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia. Área de concentração: Natureza, Campo e Cidade no Semi-Árido.

Aprovada em: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. José Borzacchiello da Silva (Orientador)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Alexandre Queiroz Pereira  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Aleksandra Maria Vieira Muniz  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus, por sua imensurável sabedoria e bondade e por ter me concedido o dom da vida, pousando o meu viver em um lar de indulgência, amor, dedicação e união, além de ter me presenteado com amigos e amores fieis e companheiros durante toda a minha jornada neste plano terreno.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha enorme família, em tamanho e bondade, por ter me dado todo apoio nesta caminhada: meu pai Wilson Ramos, minha mãe Juliana Pio, minha mãe/avó Francisca Maria, meu pai/avô Júlio das Chagas, meu irmão Álvaro Monteiro, minhas tias Diana Pio, Fabiana Pio, Fernanda Pio, Heloísa Helena, meus tios Nilton de Almeida, Júlio Pio e Marcelo Lima, minhas primas Isadora Monteiro, Beatriz Monteiro, Marcela Monteiro e o meu primo Arthur Monteiro.

À Raquel Melo, por me ajudar a prosseguir, dividindo comigo os fardos pesados e as alegrias vividas durante esta jornada.

Às minhas amigas Juariza Alves e Iohanna Bezerra, que me deram incentivo e auxílio em todas as etapas deste processo.

Ao meu orientador professor Dr. José Borzacchiello da Silva, pela oportunidade ímpar de orientar minhas pesquisas de iniciação científica e mestrado, ensinando-me para além de saberes científicos; repassando com seus atos e palavras valores para a formação humana.

Aos professores Alexandre Queiroz e Alexandra Muniz, pelo empenho na leitura e considerações feitas na banca de qualificação, contribuindo de maneira vital para o avanço da pesquisa.

Aos professores Adryane Gorayeb, Alexandra Maria, Antônio Jeovah, Christian Dennys, Edson Vicente, Eustógio Dantas, Francisco Amaro, José Levi, Maria Clélia, Maria do Céu, Maria Edivani, Maria Elisa, Maria Florice, Marta Celina, pelas contribuições profícuas que forneceram a base para meus conhecimentos geográficos.

Aos colegas do Laboratório de Planejamento Urbano e Regional, Enos Feitosa, Rachel Araújo, Rodolfo Góis, Bruno Silveira, Marlon Cavalcante, Cleiton Marinho, Eider Cavalcante, Ana Emília, Tiago Castro, Nayrisson de Jesus, Ana Dyenice, Gabriela Bento, Ana Maria Lima, Alexandre Coelho, com os quais pude compartilhar bons momentos que contribuíram para minha formação humana e acadêmica.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), pelo financiamento que tornou possível o desenvolvimento des pesquisa.

### **Para os que Virão**

“Como sei pouco, e sou pouco,  
faço o pouco que me cabe  
me dando inteiro.  
Sabendo que não vou ver  
o homem que quero ser.

Já sofri o suficiente  
para não enganar a ninguém:  
principalmente aos que sofrem  
na própria vida, a garra  
da opressão, e nem sabem.

Não tenho o sol escondido  
no meu bolso de palavras.  
Sou simplesmente um homem  
para quem já a primeira  
e desolada pessoa  
do singular - foi deixando,  
devagar, sofridamente  
de ser, para transformar-se  
- muito mais sofridamente -  
na primeira e profunda pessoa  
do plural.

Não importa que doa: é tempo  
de avançar de mão dada  
com quem vai no mesmo rumo,  
mesmo que longe ainda esteja  
de aprender a conjugar  
o verbo amar.

É tempo sobretudo  
de deixar de ser apenas

a solitária vanguarda  
de nós mesmos.  
Se trata de ir ao encontro.  
(Dura no peito, arde a límpida  
verdade dos nossos erros.)  
Se trata de abrir o rumo.

Os que virão, serão povo,  
e saber serão, lutando.” (Thiago de  
Mello)



## RESUMO

A cidade é a concretização dos agentes sociais no espaço. Entende-se que ela representa a história espacializada da sociedade. No movimento de produção e organização do espaço urbano, as inovações se assentam na cidade, resultado das demandas imediatas e breves do modo de produção capitalista. Assim, os centros das cidades se tornam dinâmicos, e neles se verificam mutações intensas e rápidas. Dessa forma, o centro de Fortaleza deve ser entendido como inserido no processo de reestruturação urbana da capital cearense, dado que o mesmo sofreu alterações sensíveis, redefinindo-o completamente dentro da trama de relações presentes na cidade. Nota-se que o setor terciário da economia vem alcançando cada vez mais novos espaços e, conseqüentemente, interferindo diretamente na produção e organização socioespacial. Nesse âmbito, destaca-se a expansão dos serviços educacionais como um dos principais atributos de intensificação das relações intra e interurbanas, dinamizando, pois, a economia. Destarte, a presente pesquisa objetiva compreender a dinâmica do Centro de Fortaleza com base nos serviços educacionais presentes no bairro. Para alcançar o objetivo proposto, este trabalho baseou-se no seguinte percurso metodológico: pesquisa bibliográfica ancorada em referências pertinentes à pesquisa; trabalho de campo; coleta de dados; interpretação de dados de órgãos públicos (PMF, SDE, Inep, Secitece, CEE e IBGE); aplicação de questionários; e construção de tabelas, mapas e gráficos. Os resultados deste trabalho indicam que o Centro de Fortaleza atrai fixos e fluxos destinados aos serviços educacionais, demonstrando o atual quadro conjuntural do bairro, que possui uma centralidade voltada ao atendimento das demandas dos segmentos populares da sociedade. Assim, a pesquisa em tela auxilia na compreensão da dinâmica socioespacial do Centro da capital cearense, podendo vir a servir de base para futuros estudos sobre a temática abordada e, possivelmente, na implantação de políticas públicas voltadas ao planejamento urbano.

**Palavras-chave:** Centro. Dinâmica socioespacial. Equipamentos e serviços educacionais.

## ABSTRACT

The city is the realization of social agents in space. It is understood that it is the spatialized history of society. The movement of production and organization of urban space, innovations are based in the city, the result of immediate demands and brief of the capitalist mode of production. So the city centers become dynamic, where there are intense and rapid change. Having said that, the center of Fortaleza should be understood inserted in the urban restructuring of Fortaleza, since it has undergone significant changes that redefined completely within the frame of present relations in the city. It is noted that the tertiary sector of the economy increasingly is reaching new areas and thus directly interfering with production and socio-spatial organization. In this context, there is the expansion of educational services as one of the key attributes that enhance intra- and inter-relationships and stimulates the economy. Thus faces, this research aims to understand the dynamics of Fortaleza Center based on educational services present in the neighborhood. To achieve the proposed goal, this work was based on the by the following methodological approach: literature search based on relevant references to research, fieldwork, data collection and interpretation of public agencies data (PMF, SDE, INEP, SECITECE, EEC, IBGE), questionnaires and building tables, charts and graphs. The results of this work indicate that the Center of Fortaleza attracts fixed and flows destined to educational services, demonstrating the conjunctural current situation of the neighborhood, as a centrality focused on meeting the demands of popular segments of society. Thus, the work helps in understanding the socio-spatial dynamics of the Fortaleza center, and may serve as the basis for future research on themes addressed and possibly in the implementation of public policies aimed at urban planning.

**Keywords:** Center. Socio-spatial dynamics. Educational equipment and services.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Mapa de Localização do Centro de Fortaleza .....	22
Figura 02 – Fórmula do Índice de Cobertura Setorial das Atividades Econômicas, por Bairro (ICS-b).....	88
Figura 03 – Mapa dos dez bairros de Fortaleza que mais concentram ICS- b (Serviços) – 2012 .....	89
Figura 04 – Mapa dos dez bairros de Fortaleza que menos.....	91
Figura 05 – Serviço de lavagem automotiva em shopping de Fortaleza - CE.....	96
Figura 06 – Serviço bancário (caixas eletrônicos) em shopping de Fortaleza – CE .....	96
Figura 07 – Serviço de produções gráfica em shopping de Fortaleza- CE.....	96
Figura 08 – Sede da Faculdades Nordeste em Shopping de Fortaleza .....	97
Figura 09 – Atividade de serviço automotivo na Avenida José Bastos em Fortaleza – CE .....	99
Figura 10 – Atividade de serviço automotivo na Avenida José Bastos em Fortaleza –CE .....	99
Figura 11 – Atividade de serviço automotivo na Avenida José Bastos em Fortaleza – CE .....	99
Figura 12 – Quarteirão das clínicas no Centro de Fortaleza – CE .....	100
Figura 13 – Mapas dos bairros de Fortaleza que concentram centralidades .....	104
Figura 14 – Primeira planta da Vila de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção feita por Manuel Francês no século XVII.....	109
Figura 15 – Planta da Vila de Nossa Senhora da Assunção feita por Silva Paulet -1813 .....	113
Figura 16 – Mapa das principais escolas de Fortaleza entre 1863 – 1889 .....	117
Figura 17 – Mapa das principais instituições de ensino de Fortaleza no fim do século XIX e início do século XX. ....	124
Figura 18 – Mapa das principais instituições de ensino de Fortaleza na década de 1960 .....	130
Figura 19 – Plana de Zoneamento de Fortaleza - 1974 .....	136
Figura 20 – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Fortaleza – PDDU- FOR (1992): Macrozoneamento.....	139
Figura 21 – Diversificação do setor de serviços educacionais no Centro de Fortaleza .....	145

Figura 22 – Mapa de localização das Instituições de Ensino Básico do Centro de Fortaleza .....	147
Figura 23 – Mapa de Localização das Instituições de Ensino Superior no Centro de Fortaleza .....	149
Figura 24 – Propaganda da Faculdade Joaquim Nabuco Sede Centro de Fortaleza ....	156
Figura 25 – Mapa de localização da concentração das Instituições de Ensino Básico e Superior no Centro de Fortaleza.....	159

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Número de empresas de serviços no Brasil 2009-2013.....	40
Gráfico 2- Atuação das exportações dos serviços brasileiros e mundiais 2009-2013.....	47
Gráfico 3- Atuação das importações dos serviços brasileiros e mundiais 2009-2013....	49
Gráfico 4- Distribuição percentual da receita operacional líquida empresas prestadoras de serviços não financeiros, por divisões de atividades – 2013.....	51
Gráfico 5- Número de matrículas por nível educacional 2009-2013.....	56
Gráfico 6- Participação relativa (%) dos setores das atividades econômicas no estoque das atividades formais em Fortaleza – 2013.....	84
Gráfico 7- Cobertura do setor de serviços nos bairros detentores de centralidade em Fortaleza.....	102
Gráfico 8- Representação do Número de instituições de Ensino Básico no Centro dentro da cidade de Fortaleza (%) .....	148
Gráfico 9- Representação do Número matrículas em Instituições de Ensino Básico no Centro dentro da cidade Fortaleza (%).....	148
Gráfico 10- Representação do Número de Instituições de Ensino Superior no bairro Centro dentro da Cidade Fortaleza. (%).....	150
Gráfico 11- Representação do Número matrículas em Instituições de Ensino Superior no Centro dentro da cidade Fortaleza (%).....	150
Gráfico 12- Linhas de transporte regular de Fortaleza (%).....	153
Gráfico13- Linhas de transporte complementar de Fortaleza (%).....	153
Gráfico 14- Perfil dos estudantes por gênero (%).....	160
Gráfico 15- Perfil dos estudantes quanto à faixa etária (%).....	161
Gráfico 16- Perfil dos estudantes quanto ao estado civil (%).....	162
Gráfico 17- Perfil dos estudantes quanto à renda familiar mensal (%).....	163
Gráfico 18- Perfil dos estudantes quanto à participação na renda familiar (%).....	164
Gráfico 19- Perfil dos estudantes quanto à naturalidade (%).....	165

Gráfico 20- Perfil dos estudantes quanto à motivação para a escolha da atual instituição no Centro (%).....166

Gráfico 21- Perfil dos estudantes quanto ao meio de transporte utilizado na ida à instituição de ensino (%).....167

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1– Número de empresas, pessoas ocupadas e salários do setor de comércio, indústria e serviços/ Brasil – 2013.....	42
Tabela 2 – Classificação do setor de serviços com base no IBGE.....	50
Tabela 3 – Número de empregos por setor e subsetor de atividade econômica no Brasil 2012-2013.....	53
Tabela 4 – Remuneração média por setor e subsetor de atividade econômica no Brasil 2012-2013.....	54
Tabela 5 – População do município de Fortaleza nos Censos de 1872 a 2010.....	71
Tabela 6 – Empregos formais por setor de atividade econômica em Fortaleza – 2013.....	83
Tabela 7 – Saldo de empregos formais em Fortaleza em 2013.....	85
Tabela 8 – Os 10 bairros de Fortaleza com os maiores ICS-b (2012) – Serviços.....	87
Tabela 9 – Os 10 bairros de Fortaleza com os menores ICS-b (2012) – Serviços.....	90
Tabela 10 – Periodização da educação na cidade de Fortaleza.....	107
Tabela 11– Principais escolas de Fortaleza entre 1863- 1889.....	115

## LISTA DE ABREVIATURAS

Abrasce	Associação Brasileira de Shopping Centers
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CE	Ceará
CEE	Conselho Estadual de Educação do Ceará
CFP AUA	Centro de Formação Profissional Antônio Urbano de Almeida
CH	Centro de Humanidades
CNAE	Classificação Nacional de Atividades Econômicas
EAD	Educação a Distância
EJA	Ensino de Jovens e Adultos
FCPC	Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura
FHC	Fernando Henrique Cardoso
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
Fundeb	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica
Funeduce	Fundação Educacional do Estado do Ceará
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICS-b	Índice de Cobertura Setorial das Atividades Econômicas por Bairro
Ideb	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IDECC	Instituto de Desenvolvimento, Educação e Cultura do Ceará
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IFCE	Instituto Federal de Educação Tecnológica do Ceará
Inep	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
Ipece	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
Iplanfor	Instituto de Planejamento de Fortaleza
ISIC	Standard Industrial Classification
Lapur	Laboratório de Planejamento Urbano e Regional



MDIC	Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
PAC	Pesquisa Anual do Comércio
PAS	Pesquisa Anual de Serviços
PDDU- FOR	Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Fortaleza
PIA	Pesquisa Industrial Anual
PIB	Produto Interno Bruto
Plandirf	Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Fortaleza
PMF	Prefeitura Municipal de Fortaleza
Pnad	Pesquisa Nacional de Amostra Por Domicílio
PNB	Produto Nacional Bruto
PNE	Plano Nacional de Educação
Pronatec	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
Pros	Partido Republicano da Ordem Social
Prouni	Programa Universidade Para Todos
PT	Partido dos Trabalhadores
Rais	Relação Anual de Informações Sociais
RMF	Região Metropolitana
SCS	Secretaria de Comércio e Serviços-
SDE	Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Fortaleza
Sebrae	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
Secitece	Secretaria da Ciência, Tecnologia e Educação Superior
Senac	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
Senai	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
Sesc	Serviço Social do Comércio
Sesi	Serviço Social da Indústria

SIG	Sistema de Informações Geográfica
Simpurb	Simpósio Brasileiro de Geografia Urbana
Siscoserv	Sistema Integrado de Comércio Exterior de Serviços, Intangíveis e de Outras Operações que produzam Variações no Patrimônio
SPSS	Statistical Package for the Social Sciences
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
Uece	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
Unec	Centro Universitário Caratinga
Uniaméricas	Universidade das Américas
Unifor	Universidade de Fortaleza
UVA	Universidade Vale do Acaraú
ZA	Macrozona Adensável
ZU	Macrozona Urbanizada

## SUMÁRIO

<b>1 PREÂMBULO</b> .....	19
<b>1.1 A trajetória</b> .....	23
<b>1.2 Os caminhos</b> .....	25
<b>1.3 O destino</b> .....	28
<b>2. A CIDADE E OS SERVIÇOS</b> .....	30
<b>2.1 O setor de serviços e a organização do espaço urbano</b> .....	32
<b>2.2 Tendências atuais do setor de serviços no Brasil</b> .....	39
<b>2.3 O subsetor de serviços de ensino</b> .....	52
<b>3 REESTRUTURAÇÃO DA CAPITAL CEARENSE E MUDANÇAS NO CENTRO TRADICIONAL</b> .....	59
<b>3.1 De rudimentar fortificação militar à metrópole fragmentada, descentralizada e policêntrica</b> .....	60
<b>3.2 Fortaleza, economia metropolitana e o setor de serviços</b> .....	79
<b>3.3 Centro tradicional, novas centralidades e a dinâmica do setor de serviços nas primícias do século XXI</b> .....	93
<i>3.3.1 Os shoppings centers</i> .....	94
<i>3.3.2 Eixos de comércio e serviços especializados</i> .....	98
<i>3.3.2 Os subcentros</i> .....	101
<b>4 OS SERVIÇOS EDUCACIONAIS NO CENTRO DA CIDADE E A DINAMIZAÇÃO DO BAIRRO</b> .....	105
<b>4.1 O setor educacional em Fortaleza e seus reflexos no Centro da cidade</b> .....	106
<i>4.1.1 Educação em Fortaleza na sociedade comercial</i> .....	107
<i>4.1.2 Educação em Fortaleza na sociedade industrial</i> .....	110
<i>4.1.3 Educação em Fortaleza na sociedade financeira/ monopolista</i> .....	118
<i>4.1.4 Educação em Fortaleza na sociedade informacional</i> .....	131
<b>4.2 A base educacional atual do Centro da cidade</b> .....	142
<i>4.2.1 As instituições de ensino</i> .....	144
<i>4.2.2 Os estudantes</i> .....	160
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	169
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	177
<b>ANEXOS</b> .....	190



O espaço, lócus da materialização e concretização das relações humanas, muda ininterruptamente no compasso da sociedade. A cidade como parte integrante dessa totalidade espacial é dotada da sinergia provinda dos interesses que motivam o movimento dos homens em produzir, reproduzir e organizar a superfície em que vivem e/ou mantêm ligações diretas ou indiretas.

Assim, as urbes passam por uma dinâmica cambiante mediante as necessidades intensas e lépidas de produção e reprodução do sistema econômico capitalista, que, em seus diferentes momentos de expressão espacial, operacionalizou e operacionaliza as transformações no sistema de objetos e de ações que formam o espaço da cidade. (SANTOS, 1997).

Lefebvre (1999) afirma que não há cidade e condição urbana sem a existência de um centro. Essas referidas áreas de centralidade com suas idiossincrasias tornam-se parte essencial da dinâmica urbana e elemento indispensável para a análise das relações socioespaciais presentes em diferentes temporalidades, já que o processo de formação dos centros é inerente à história da sociedade que o produziu, sendo suas formas embebidas da imaterialidade das relações humanas marcadas por períodos diferenciados que coexistem na totalidade do espaço (DANTAS, 2009).

Dessa relação vital entre cidade e centro, os centros urbanos se manifestam como reflexo das mudanças pelas quais as cidades passam, retratando em seu espaço a dinâmica da sociedade. Posto isso, os centros das cidades se metamorfoseiam e se modificam.

Nesse sentido, o Centro da capital cearense também passa por transformações imbricadas às modificações que a cidade de Fortaleza sofre. As mudanças mais visíveis no centro tradicional vêm atreladas ao processo de reestruturação urbana da cidade. (SPÓSITO, 1991).

O Centro de Fortaleza, que até a década de 1970 era a única centralidade da capital alencarina, sendo voltado principalmente ao suprimento das demandas da elite fortalezense, sofreu mudanças. Com o processo de reestruturação urbana, o espaço cidadão tornou-se cada vez mais um elemento de acumulação de capital. Dessa forma, as áreas da cidade – e conseqüentemente o Centro – passaram por modificações, adquirindo novos atributos.

Com o panorama de intensificação das desigualdades socioespaciais visando à acumulação capitalista, houve, no espaço urbano, novas áreas escolhidas e animizadas pelo capital, surgindo outras expressões da centralidade para além do centro tradicional

na cidade de Fortaleza. Essas novas áreas foram, de maneira geral, destinadas à população de maior renda, e os centros tradicionais se direcionaram às camadas de menor poder aquisitivo.

A cidade de Fortaleza policêntrica e fragmentada tem a presença da dispersão espacial, das desigualdades e de um centro tradicional ressignificado destinado ao setor de comércio e serviços das camadas populares. (SILVA, 2013; PEREIRA, 2013; GODOY, 2015).

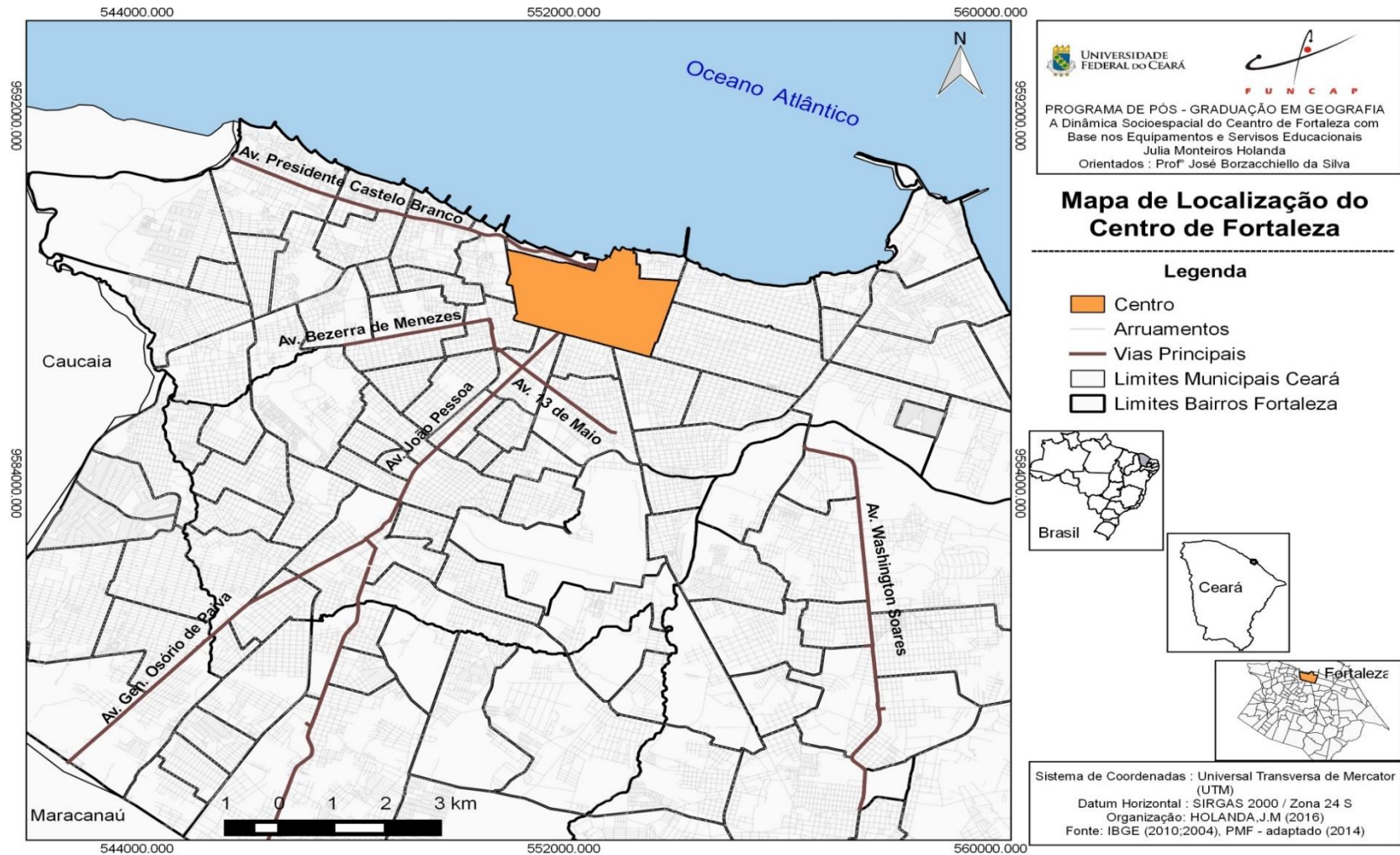
A fragmentação do espaço urbano fortalezense se manifesta na diferença locacional de equipamentos, serviços e atividades. Nota-se que o setor de serviços é uma atividade econômica que contribui para a manutenção da reprodução ampliada do capital, posto que viabiliza a criação de fixos, atração de fluxos e relações de produção, circulação e consumo de maneira diferenciada no espaço.

Freire e Holanda (2011) apontam que o setor de serviços é uma variável impreterível para a produção e organização de áreas de centralidade, já que, à medida que essas atividades econômicas se assentam no espaço mediante as demandas da sociedade e os interesses do capital, os fixos se alteram, os fluxos se intensificam e as relações se volumam nas áreas que mais concentram as atividades desta natureza: as áreas detentoras de centralidade.

Na cidade de Fortaleza, o setor de serviços é uma atividade relevante no contexto socioeconômico, já que a economia fortalezense segue a tendência nacional de consolidação e difusão deste ramo financeiro, inserindo-se na economia de serviços proposta por Kon (1994). Nesse âmbito, destaca-se a expansão dos serviços educacionais como um dos principais atributos de intensificação da dinâmica socioeconômica pela relevância que o referido subsetor detém em número de empregos, quantidade de estabelecimentos e fluxos que atrai. (FREIRE; HOLANDA, 2011).

Percebendo a importância dos serviços presentes no intraurbano para a conformação das áreas de centralidade e compreendendo a importância das centralidades como elemento indispensável ao entendimento da lógica que orienta a conformação do espaço urbano, será abordada, neste trabalho, a dinâmica atual do Centro de Fortaleza (ver Figura 1) através dos equipamentos e serviços educacionais.

Figura 01 – Mapa de localização do Centro de Fortaleza



Fonte: IBGE (2004; 2010); PMF (2014) - Adaptado.

## 1.1 A trajetória

Minha relação com o Centro de Fortaleza teve início na despreensão da meninice. Com o olhar curioso e inocente de menina, fitava as ruas movimentadas de automóveis e pessoas andando freneticamente ao compasso da velocidade da sociedade aos ditames do capital.

Eu ia sendo conduzida pela mamãe por aquelas ruas em xadrez, sentindo o cheiro da fruta madura que vendia na banca pelo ambulante, distraíndo-me com o vendedor de brinquedos importados, com o relógio da Praça do Ferreira e com os olhos de piedade das crianças que pediam esmola nas calçadas.

Tudo o que meu olhar alcançava naquele bairro parecia ter uma magnitude tão maior do que hoje tem pra mim, enxergava no Centro uma cidade onde minha mãe ia fazer as compras do Natal, comprar o enxoval para o meu irmão que ia nascer e meus livros didáticos na Praça dos Leões. E essa minha constatação de o bairro ser outro município se fortalecia quando alguém se referia ao Centro como “cidade”.

A vida foi acontecendo, os anos passaram, e, na adolescência, o centro que eu frequentava esporadicamente na infância passou a ser destino diário para a ida à escola, que se localizava no bairro. Apesar de frequentar o centro da cidade diariamente, eu havia perdido aquela curiosidade da infância. Minha pressa em chegar ao colégio pontualmente – ou para não perder o ônibus de volta para casa – deixava passar despercebida uma infinidade de elementos que compõem a singularidade e importância do bairro na cidade. O centro da cidade já não era mais a cidade que me saltava aos olhos, não me atraía e dialeticamente me atraía para a ida à escola.

Durante alguns anos o centro ficou esquecido por mim, e as memórias de infância foram sobrepostas a outras que julgava mais interessantes. Não vivenciei o centro da cidade enquanto adolescente, já não acompanhava mais a mamãe nas suas idas ao bairro (eu preferia frequentar o shopping Iguatemi para local de compras e lazer).

No ano de 2010, quando passei no vestibular para o curso de Geografia na Universidade Federal do Ceará – UFC –, este quadro de indiferença ao centro da cidade começou a mudar. Em abril do mesmo ano ocorreu um evento que alterou todo o curso do meu destino: as Trilhas Urbanas. Para comemorar os 284 anos da “Terra do Sol”, o Laboratório de Planejamento Urbano e Regional – LAPUR –, em parceria com o Instituto Histórico Geográfico e Antropológico do Ceará, realizaram as trilhas urbanas pelo Centro. Eu, recém-ingressada na universidade, fiquei encantada a cada parada da



trilha “Espaço de Vida e Morte” comandada pela professora Clélia Lustosa. Percorri lugares e ouvi histórias do Centro que nem sabia que existiam. Aquele momento se fez valoroso para o curso de minha vida pessoal e acadêmica (passei a reavivar memórias antigas e perceber novamente a importância que o Centro possuía na cidade).

Os anos correram e no primeiro semestre de 2012 me deparei com uma das melhores disciplinas da universidade: Geografia Urbana e dos Serviços, ministrada pelo professor Eustógio Dantas. No decorrer da disciplina, apresentei os tão temidos seminários e aprendi um tanto sobre a cidade e o urbano. No seminário intitulado “Os caminhos da Normalista”, o Centro de Fortaleza se fez protagonista novamente, sempre me chamando atenção, me deixando curiosa, reavivando minhas memórias.

Foi neste mesmo ano que iniciei a participação no Laboratório de Planejamento Urbano e Regional – LAPUR – como bolsista de iniciação científica, sob a orientação do professor José Borzacchiello da Silva, o qual me orientou e contribuiu de maneira considerável para o meu crescimento pessoal e acadêmico. Os anos de pesquisa na graduação propiciaram grandes contribuições em minha caminhada acadêmica, principalmente despertando meu interesse na pesquisa sobre o Centro de Fortaleza (meu objeto de estudo). Assim, segui desenvolvendo estudos juntamente com o grupo de estudos do Centro de Fortaleza.

Meus primeiros passos como pesquisadora se deram durante a graduação, trabalhando com o segmento de ensino técnico e profissionalizante no Centro de Fortaleza. Com esta pesquisa desenvolvi relatórios, apresentei trabalhos em eventos e participei dos frutíferos colóquios de orientação. Os colóquios dos orientandos do professor José ou “Zé” (como era carinhosamente chamado pelos seus amigos) foram momentos ricos em que ele e seus alunos expuseram suas pesquisas, compartilharam conhecimentos e contribuíram com os trabalhos uns dos outros. Mesmo que, por vezes, a hora da exposição deixe o ser humano vulnerável, esta atividade foi fundamental para minha evolução como pesquisadora e, acima de tudo, como ser humano.

Após o término da graduação, comecei a experiência acadêmica do mestrado em Geografia. Orientada em continuidade pelo professor José Borzacchiello da Silva e trabalhando ainda com o Centro de Fortaleza, fui caminhando no novo e desconhecido ambiente da pós-graduação. Com as disciplinas ofertadas pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará cursadas por mim<sup>1</sup>,

---

<sup>1</sup>Tópicos Especiais, Geografia do Litoral; Espaço Agrário e Relações de Poder; Estágio de Docência I; Espaço, Território, Paisagem, Região e Seminários de Temas Específicos.

fui aproveitando todas as boas oportunidades que o programa pôde conceder, saí da minha zona de conforto de um projeto de pesquisa guardado ranços da graduação, amadureci ideias, participei de eventos, apresentei trabalhos e também avaliei trabalhos.

No Simpósio Brasileiro de Geografia Urbana – SIMPURB – ocorrido no ano de 2015, na Universidade Federal do Ceará, apresentei o trabalho: “O Processo de Refuncionalização do Centro de Fortaleza: os equipamentos e serviços de Educação Técnica e Profissional”, foi um momento de aprendizado nunca antes vivido e de reafirmação do meu desejo e minha escolha pessoal em estudar o Centro de Fortaleza.

Assim, fui prosseguindo na jornada do mestrado e na escrita dessa dissertação, com olhar cada vez mais voltado ao Centro da cidade.

## **1.2 Os caminhos**

Com o objetivo de compreender a dinâmica urbana da área central de Fortaleza através dos equipamentos e serviços educacionais, este trabalho contará com meios que possibilitarão o seu desenvolvimento, sendo percorrido um percurso metodológico que se efetivará mediante alguns procedimentos:

Com o intuito de traçar o quadro teórico e desenvolver a estruturação conceitual que dará sustentação ao desenvolvimento da pesquisa, efetivou-se a revisão bibliográfica centrada na abordagem de temas pertinentes ao trabalho, tais como: Geografia dos serviços; Economia de serviços; produção do espaço urbano; conformação do espaço urbano fortalezense; Centro e centralidade; História e memória da educação em Fortaleza; política e legislação educacional.

Autores como Alves (2005), Assis (2005), Castilho (1998), Dantas (2007), Freire e Holanda (2011), Klafke e Baldoni (2014), Nascimento (2007,2011), Rocha e Lima (2009) auxiliaram nos estudos relativos à Geografia dos serviços.

No que concerne à pesquisa relacionada à Economia dos serviços, foram fundantes os estudos de Baumol (1967), Bell (1973), Cano e Semeghini (1990), Cardoso e Almeida (2013) Clark (1940), Diel e Kroetz (2008), Fisher (1933,1939), Fuchs (1968), George (1975), Kon (1992, 1999, 2004), Marshall e Wood (1995), Negri e Kubota (2006), Petit (1986), Pine e Gilmore (1999), Ricarte, Melo e Targino (2013) e Walker (1985).

Pesquisas relacionadas à produção do espaço urbano foram estudadas a partir de apontamentos de Carlos (1994, 1998, 2003, 2011), Castells (1999, 2000),

Chetry (2015), Corrêa (1995,1997), Hervey (2003, 2004), Lefebvre (1999), Paviani (1998), Salgueiro (1999), Santos (1997, 2008, 2012), Spósito (1991, 1998, 2011) e Villaça (2001).

Os estudos de Costa (1988, 2002, 2005,2009, 2014), Girão (1997), Lemenhe (1991), Linhares (1992), Ponte (2004, 2009, 2010), Rios (2001), Rosa (2009), Silva (1992, 2007, 2009), Souza (2009) e Studart (2011) possibilitaram o aprofundamento teórico de proposições relacionadas à conformação do espaço urbano fortalezense.

As proposições de Claver (2006), Criekingem (2006), Dantas (2007, 2009), Godoy (2013,2015), Gonçalves (2009), Macías (2009), Matos e Gonçalves (2012), Pereira (2013 2014), Rufino (2005), Silva (2013) e Vieira (2002) foram utilizadas para embasamento teórico no tocante a temáticas relacionadas ao Centro e à centralidade.

Temas referentes à História e memória da educação em Fortaleza e política e legislação educacional foram abordados mediante as observações de Castelo (1970), Cavalcante (2002), Girão (1955), Lins (2014), Pontes (2012), Santiago (2011), Nogueira e Farias (2003), Santos e Sousa (2013) e Vieira (2002).

Ademais, realizou-se um levantamento de dados com informações relativas ao setor de serviços no Brasil e em Fortaleza a partir de pesquisas realizadas no Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE –, Instituto de Pesquisa Econômica e Estratégia Econômica do Ceará – IPECE –, Prefeitura Municipal de Fortaleza – PMF – e Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Fortaleza – SDE.

Informações relacionadas ao setor de serviços educacionais do Brasil, de Fortaleza e em específico do Centro da capital cearense foram efetivadas sob investigações em órgãos como Conselho Estadual de Educação do Ceará – CEE –, Secretaria da Ciência, Tecnologia e Educação Superior do Ceará – SECITECE – e Instituto de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP.

A base educacional atual do Centro de Fortaleza analisada neste trabalho foi estudada através dos fixos e fluxos educacionais de instituições voltadas aos dois níveis de ensino oficialmente estabelecidos no sistema de educação brasileiro, que, segundo a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que institui leis de diretrizes e bases da educação brasileira, subdivide em seu art. 21º os dois níveis de educação em: “I – educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II – educação superior” (BRASIL, 1996).

Os dados referentes aos serviços educacionais de ensino básico foram obtidos através de filtros de pesquisas aplicados aos microdados do Censo Escolar da

educação básica do ano de 2013 por intermédio do programa *Statistical Package for the Social Sciences – SPSS*<sup>2</sup> – versão 22, onde foram extraídas as variáveis número de matrícula e quantitativo de instituições de ensino básico em Fortaleza e especificamente no Centro.

As informações relacionadas ao quantitativo de matrículas e instituições de ensino superior em Fortaleza e estritamente do Centro foram obtidas através da filtragem das variáveis selecionadas em arquivos de entrada do censo da educação superior do ano de 2013, por meio do editor de planilha Microsoft Excel<sup>3</sup> versão 2013.

Além disso, realizaram-se trabalhos de campo no Centro de Fortaleza para registros fotográficos e obtenção de coordenadas geográficas, com o objetivo de mapear as instituições estudadas e aplicar questionários, buscando traçar o perfil socioeconômico dos estudantes das instituições de ensino estudadas no bairro.

A aplicação dos questionários mistos se efetivou entre os meses de fevereiro a junho de 2016, durante os trabalhos de campo realizados no Centro. Esse instrumento de pesquisa foi de extrema valia para traçar o perfil socioeconômico dos estudantes do referido bairro, onde foram aplicados cálculos estatísticos visando obter um número da amostra que contivesse uma fração quantitativa que possibilitasse a análise da população estudada de maneira eficaz. Assim, contando com 35.854 estudantes nessas instituições de ensino compondo o universo da pesquisa, foi aplicado cálculo do tamanho da amostra para uma população finita conhecida baseada nas proposições de Triola (1999) a partir da fórmula:

$$n = \frac{Z^{2\alpha/2} P (N-1)}{E_r^2 P (N-1) + Z_{\alpha/2}^2 (1-P)}$$

N = população (35.854)

$\alpha$  = índice de confiança (95%)

$E_r$  = erro atribuído (5%)

P = prevalência estimada (0,25)

n = tamanho da amostra

<sup>2</sup> Devido ao formato dos arquivos de entrada dos microdados do censo da educação básica se apresentarem em *Statistical Analysis System*, optou-se pela utilização do SPSS 22 devido à compatibilidade de leitura do programa com o referido arquivo.

<sup>3</sup> Foi utilizado o Microsoft Excel devido ao formato do arquivo de entrada como pasta de trabalho do Excel com extensão *xlsx*.

Dessa maneira, a partir do cálculo efetuado, obteve-se um tamanho de amostra de 378, este número foi o quantitativo de questionários aplicados com os estudantes nas instituições de ensino estudadas e através do questionário digital criado no Google Docs<sup>4</sup>.

Os resultados dos questionários foram tabulados no programa Microsoft Excel, no qual foram aplicadas fórmulas somatórias e gerados gráficos representando as respostas dos estudantes.

Na representação cartográfica dos dados adquiridos (variáveis em estudo) foram desenvolvidos mapas no programa Quantum GIS versão 2.8.1, com informações relacionadas às instituições de ensino básico e superior do Centro de Fortaleza.

### **1.3 O destino**

Dessa forma, buscando compreender a dinâmica do Centro de Fortaleza através dos equipamentos e serviços de educação, a pesquisa foi estruturada em três capítulos além do preâmbulo (capítulo inicial) e das considerações finais (capítulo final): capítulo 2, intitulado *A cidade e os serviços*; capítulo 3, denominado *Reestruturação da capital cearense e mudanças no centro tradicional*; e capítulo 4, intitulado *Os serviços educacionais no centro da cidade e a dinamização do bairro*.

No capítulo 2 buscou-se analisar a relação do setor de serviços com o dinamismo do espaço urbano; compreender a tendência atual do setor de serviços no Brasil, visando entender os desdobramentos espaciais da referida atividade econômica no espaço; apresentar o subsetor de serviços, atividade econômica que vem crescendo e se tornando um dos segmentos mais importantes economicamente.

No capítulo 3, procurou-se investigar a história da capital cearense, compreendendo de que forma as reconfigurações da cidade refletem na composição do Centro tradicional; investigou-se o papel atual do centro e das novas expressões da centralidade no que se refere ao setor de serviços, enfocando o subsetor de serviços educacionais.

No capítulo posterior, investigou-se o setor de educação na capital cearense e seus reflexos no Centro da cidade em uma perspectiva espaço-temporal; realizou-se a análise da dinâmica atual do segmento dos serviços de educação no centro da capital cearense (camada social que atende, escala de influência urbana e grau de centralidade)

---

<sup>4</sup> Pacote de aplicativos do Google.

a partir do estudo detalhado dos fixos deste setor (equipamentos de serviços educacionais) e dos fluxos (demanda que o serviço contempla), objetivando compreender, a partir da referida atividade econômica, a atual conjuntura da supracitada centralidade.



O espaço urbano está relacionado com a “[...] dimensão do humano refletindo e reproduzindo-se através do movimento da vida, de um modo de vida, de um tempo específico, que tem na base o processo de constituição do humano” (CARLOS, 2003, p. 67). Assim, a cidade é feita e refeita ao longo da história da sociedade, na qual, a partir da imaterialidade das relações humanas impulsionadas pela necessidade de reprodução social, imputam-se materialidades espaciais que são particulares e caracterizam temporalidades diferenciadas.

Ao analisar o espaço citadino, verifica-se que o segmento econômico dos serviços sempre acompanhou o desenvolvimento da sociedade e esteve relacionado à formação das cidades, criando condições para a formação socioespacial urbana. Assim, os serviços “[...] sempre estiveram vinculados à formação histórica e ao dinamismo dos espaços urbanos desde os primórdios da sua formação, seguindo sempre o desenvolvimento das funções e da demanda social inerentes a cada espaço urbano”. (CASITLHO, 1998, p. 35).

Desse modo, este setor da economia dinamiza a vida na cidade, produz e reproduz o espaço urbano. À medida que a sociedade altera seu modo de produção, distribuição e consumo, os serviços acompanham tais mudanças e incorporam efeitos diretos na organização e produção espacial.

Em momentos diferenciados da sociedade, há a predominância de variáveis econômicas, sociais e políticas que constituem o espaço. Assim, a partir da década de 1970, mediante a crise do sistema produtivo keynesiano-fordista, a economia mundial passou por um processo de reorganização do sistema produtivo, a fim de reestabelecer as bases produtivas e competitivas prejudicadas pela incapacidade do fordismo, um sistema rígido incapaz de responder ao novo cenário que exigia flexibilidade e agilidade nos processos de trabalho e consumo. Nesse ínterim, emerge no contexto socioespacial o sistema de acumulação flexível na tentativa de responder às novas contradições impostas pelo capitalismo. O regime de acumulação flexível

[...] caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimentos de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional. (HARVEY, 2003, p. 140).

Com as alterações no paradigma produtivo, os produtores passaram a adotar estratégias que visavam à adaptação ao sistema cada vez mais inovador e flexível, fazendo elevar a demanda pela participação dos serviços na economia de muitos países.



Nesse sentido, os serviços têm se tornado cada vez mais importantes em quase todos os lugares, porém, apesar da dinâmica homogeneizadora proveniente da globalização, apresentam particularidades a partir das individualidades de cada local onde se efetiva. Dessa forma, “[...] é nessa perspectiva que se alargam a análise geográfica, ou seja, na medida em que esse setor desempenha de forma progressiva um papel cada vez mais importante no processo de organização espacial da sociedade, notadamente nas sociedades urbanas, em tempos de globalização” (NASCIMENTO, 2007, p. 141).

Desta maneira, busca-se analisar a relação do setor de serviços com o dinamismo do espaço urbano; compreender a tendência atual do setor de serviços no Brasil, visando entender alguns desdobramentos espaciais da referida atividade econômica no espaço e apresentar o subsetor de serviços, atividade econômica que vem crescendo e se tornando um dos segmentos mais importantes economicamente.

## **2.1 O setor de serviços e a organização do espaço urbano**

Os serviços surgem e se desenvolvem concomitantemente ao desenvolvimento da sociedade. Pine e Gilmore (1999) salientam que a relação entre os estágios da sociedade e o desenvolvimento do setor terciário não é algo atual, já se fazendo presente a partir das manifestações dos primeiros núcleos urbanos. Assim, a relação intrínseca entre serviços e cidade é antiga, fazendo dos serviços “[...] parte da razão de ser da cidade, ou seja, viabiliza a existência, explica sua organização, bem como justifica inúmeros movimentos que se desenvolvem no seu interior” (NASCIMENTO, 2007, p. 142). Tal fato está arraigado na própria ciência geográfica, na qual a Geografia dos serviços se confunde, muitas vezes, com a Geografia urbana, posto que grande parte do setor de serviços se localiza nos espaços citadinos. Contudo, a dinâmica do terciário não se limita apenas aos limites da cidade, e sim, para além desses. (GEORGE, 1975).

As principais relações entre o homem e a natureza se dão pela implementação de técnicas no espaço geográfico. O conjunto de instrumentos técnicos e sociais ao alcance do homem em determinados momentos caracteriza o estado de técnicas, a produção e reprodução da vida e do espaço. (SANTOS, 2011).

A primeira presença do homem é um fator novo na diversificação da natureza, pois ela atribui às coisas um valor, acrescentando ao processo de

mudança um dado social. Num primeiro momento, ainda não dotado de próteses que aumentem seu poder transformador e sua mobilidade, o homem é criador, mas subordinado. Depois, as invenções técnicas vão aumentando o poder de intervenção e a autonomia relativa do homem, ao mesmo tempo em que se vai ampliando a parte da "diversificação da natureza" socialmente construída. (SANTOS, 2006, p. 85).

As ações realizadas pela totalidade de recursos provindos dos meios técnicos diversificam a natureza, criando conteúdos e funções particulares aos lugares, definindo padrões espaciais diferenciados.

Dessa forma, os primeiros agrupamentos humanos, que viriam posteriormente formar as cidades, surgiram a partir da sedentarização humana e da manifestação das técnicas de agricultura visando à produção de alimentos durante o período pré-histórico (CARLOS, 2003). A partir da inserção das técnicas no espaço e da formação de núcleos populacionais, houve divisão social e territorial do trabalho.

A divisão social e territorial do trabalho é vista como a repartição do espaço em trabalho, o qual é segmentado em diferentes elementos projetados e distribuído espacialmente. A cada momento histórico, esta segmentação do trabalho e seus desdobramentos espaciais se alteram, porém com reminiscências de divisões anteriores. Nesse sentido, até a

[...] fase pré-capitalista, um único indivíduo detinha todo o conhecimento e controle de todas as etapas da produção, sendo ele responsável pela atividade primária, transformação-beneficiamento e transformação artesanal (produto final). Não havia distinção das etapas da produção em setores econômicos. A divisão do trabalho acontecia a nível familiar e/ou no nível da hierarquia da posse dos meios de produção, da terra e das ferramentas. (ROCHA; LIMA, 2009, p. 87-88).

Desta maneira, com o surgimento de uma divisão social e territorial do trabalho característica do período, as cidades foram se desenvolvendo, e a hodierna sociedade citadina requerendo serviços voltados ao suprimento das necessidades imediatas dos cidadãos e de populações que se deslocavam para as *urbes*. Nesse sentido, estavam atrelados

[...] aos serviços de governo, comércio, consumo da produção, controle do fluxo populacional e do território local, ao passo que as segundas necessidades ligavam-se mais à questão da recepção aos forasteiros, dentre os quais destacamos os serviços de albergues, tavernas, abastecimentos, feiras, pontos de recuperação das energias físicas dos animais de tração, entre outros. (NASCIMENTO, 2007, p. 143).

Apesar de o setor de serviços se intensificar e se complexificar mediante a divisão social e territorial do trabalho, sobretudo a partir do período pré-capitalista, o segmento já se apresentava no espaço urbano anteriormente ao marco temporal supracitado, funcionando como impulsionador das relações intraurbanas através dos fluxos e dos revérberos de suas funções às estruturas cidadinas. A exemplo disso, as cidades que, no período da Antiguidade Clássica (VIII a.C – V d.C), já possuíam atividades de serviços refletiam esta função na organização do espaço urbano presente nas formas da cidade. Exemplo disso é o ágora, centro das antigas cidades gregas onde,

[...] muitas vezes, os edifícios adjacentes são lançados ao redor numa ordem irregular, aqui um templo, ali uma estátua de um herói ou uma fonte, ou, talvez, numa fileira, um grupo de oficinas de artífices, abertas para o transeunte; enquanto que no meio, as barracas ou cobertas temporárias indicariam talvez o dia da feira, quando o camponês levava seu alho, suas verduras ou azeitonas para a cidade e comprava um pote ou mandava consertar seus sapatos pelo sapateiro. (MUNFORD, 1998, p. 106).

Este panorama dos serviços urbanos ainda sem uma base técnica de maior densidade, inseridos na conjuntura espaço-temporal que imputava ao espaço a tendência geral aos serviços banais voltados, sobretudo, ao atendimento de necessidade imediatas da sociedade, se efetivou na maior parte<sup>5</sup> das cidades durante os períodos históricos em que o valor de troca ainda não se sobrepunha ao valor de uso.

Segundo Mumford (2004) e Henri Lefebvre (1999), no horizonte histórico há um ponto de inflexão que se efetiva entre o fim da Idade Média e início da Idade Moderna. Durante este período houve mudanças políticas, sociais e econômicas provindas da ruptura do sistema feudal e do advento da atividade econômica comercial que refletiram no grande crescimento e desenvolvimento das cidades, tanto no espaço intraurbano quanto nas suas respectivas hinterlândias. Os centros urbanos se tornaram cada vez mais dinâmicos com a articulação entre cidades, seja por meio das capitais dos Estados Nacionais estabelecidos na época, seja através dos centros urbanos regionais, os quais são considerados núcleos urbanos secundários se comparados às supracitadas capitais.

Nesse sentido, os serviços vão caminhando ao passo dos agentes de transformação espacial e ganhando cada vez mais um “[...] papel importante na organização do espaço, pois são elementos fundamentais na hierarquização dos centros

---

<sup>5</sup> Exceto para as capitais de impérios que possuíam um maior nível de complexidade socioespacial.

urbanos e condição indispensável para a sua articulação”. (MORAIS; MACEDO, 2014, p. 181).

Essa forma de organização hierárquica já existente no período se estruturou, dentre outros fatores, mediante a presença dos serviços políticos-administrativos e religiosos ligados à função comercial. Nesse ínterim, os serviços que se faziam presentes neste período e já se tornavam variáveis para a classificação hierárquica das cidades se categorizavam conforme as funções que elas adquiriam:

[...] além das funções político-administrativas, comerciais e religiosas [...] as cidades também concentravam outras tantas funções que estavam diretamente vinculadas ao seu novo dinamismo econômico e comercial, como centros hegemônicos em escala nacional dos seus respectivos Estados. Assim, dentre as funções que estas exerciam, podemos destacar a formação de pessoal técnico, médio e superior, tendo em vista a viabilização, bem como o controle socioespacial do sistema capitalista, sob o contexto da fase mercantil que se verificava na época. (NASCIMENTO, 2007, p. 145).

As atividades exercidas pelas cidades já denotavam – de maneira primitiva – certo grau de organização, objetivando, dentre outros fatores, a acumulação de capital. Verifica-se, desse modo, que os centros urbanos ao longo do tempo vêm sendo palco de manifestação dos serviços e suas materializações através dos fixos que atraem fluxos e intensificam as relações intraurbanas, estabelecem funções e promovem a hierarquização urbana através dos centros urbanos, dinamizando a economia citadina. Assim, o setor produz e reproduz o espaço urbano, principalmente aqueles diretamente relacionados ao referido segmento.

Com a diversificação cada vez maior das mercadorias resultantes da intensificação das trocas comerciais, as relações sociais se alteram. O ato de produzir voltado prioritariamente ao valor de uso se tornou obsoleto frente os novos ensejos criados pela difusão da atividade comercial.

Por conseguinte, “[...] não bastava produzir para atender às necessidades básicas dos indivíduos e das famílias, mas tinha-se que se produzir para ter o que trocar e acumular valores além do que era necessário para a simples condição de existência do indivíduo” (ROCHA; LIMA, 2009, p. 88). Assim, movido pela eminente necessidade de acumulação, os processos produtivos se alteram, visando à ampliação do que era produzido. Nesse sentido, ocorrem de fato as primeiras especializações e segmentações das atividades produtivas, primícias da divisão social do trabalho.

Sob o signo da primeira Revolução Industrial durante o século XVIII, essas novas transformações se aceleram, movidas pelas inovações técnicas que o homem

passou a dispor. O fortalecimento da indústria provocou alterações significativas não somente nos processos produtivos, mas principalmente na dinâmica urbana (SPÓSITO, 1991). Dentre as principais mudanças, houve a intensificação do processo de urbanização por meio da fixação de populações das áreas rurais aos núcleos urbanos, atraídas pelo contundente e recente processo de industrialização. Com crescimento da população urbana alcançando cada vez níveis mais ascendentes, houve a “[...] implantação de uma gama de serviços destinados à sua própria reprodução socioeconômica, tais como: serviços referentes à saúde, educação, saneamento básico, segurança, cultura, lazer, entre outros aspectos” (NASCIMENTO, 2007, p. 147).

Em meados do século XX, partindo da nova maneira de pensar a acumulação de capital com a prevalência do sistema capitalista industrial movido pelo processo produtivo keynesiano-fordista, o setor de serviços ganhou impulso a partir da divisão do trabalho calcado na automação industrial nos processos de trabalho, baseando-se na

[...] proletarização do camponês e na intensidade da dissolução da economia natural, criando, assim, as bases para o desenvolvimento do modo capitalista de produção, o que rompera parcialmente com os laços primitivos, que, no começo, uniam a agricultura e a manufatura. Assim, a partir dessa maneira de racionalizar o capital, a divisão do trabalho foi marcada pela automação dos processos produtivos. (ROCHA; LIMA, 2009, p. 88).

O setor de serviços surge como resultado do processo de produção, buscando absorver a mão de obra negada pela automação industrial, todavia, devido à ampliação do setor se basear na absorção de postos de trabalho provenientes do excedente populacional advindo do campo e se pautar, de maneira geral, em mão de obra de baixa qualificação, o prelúdio da expansão do setor de serviços se caracterizou por possuir mão de obra pouco qualificada e com baixa tecnologia. (CARDOSO; ALMEIDA, 2013).

Nesse sentido, com o aprofundamento da divisão do trabalho e o aumento do setor de serviços para atender às demandas do setor industrial, o espaço se alterou para além dos muros das fábricas, e a divisão social do trabalho imputou ao espaço a necessidade de aglomerações, seja de pessoas, capital, instrumentos de trabalho ou produto. Sendo assim, a cidade cresceu e o processo de urbanização começou a se acentuar (LOJIKINE, 1997).

O setor de serviços, que até a década de 1950 não possuía um peso significativo no contexto social econômico e científico, teve esse quadro alterado a

partir do processo de industrialização e urbanização concomitante à associação direta deste com o referido segmento. A partir da visibilidade que o setor de serviços passou ter no âmbito socioeconômico, foi dado início aos estudos a respeito da temática, resultando em diferentes discussões teóricas que transcorreram e resultaram em uma multiplicidade de acepções para o termo “serviços”, diversificando-se a partir de diferentes variáveis e resultando em uma complexidade conceitual.

As principais correntes de pensamento da ciência econômica que estudam o setor de serviços se segmentam em dois principais eixos teóricos de enfoque marxista (industrialista) e keynesiano (pós-industrialista), os quais embasam as discussões conceituais a respeito do setor (DANTAS, 2007).

O enfoque industrialista se pauta na concepção de Marx no que concerne ao desenvolvimento. Para esta linha de pensamento, os serviços sozinhos são inábeis para efetivação do processo de crescimento e desenvolvimento econômico, sendo dependentes do setor industrial.

As interlocuções teóricas iniciais sobre os serviços propostas por Fisher (1939) e Clark (1940) foram fundamentais para o surgimento de várias outras formulações teóricas posteriores (DIEL; KROETZ, 2008), tais como Baumol (1967), Walker (1985), Petit (1986), dentre outros.

Na contramão das discussões teóricas de cunho marxista encontra-se a perspectiva pós-industrialista, que compreende o desenvolvimento econômico como sendo uma “[...] sucessão de atividades dominantes, tendo como etapa mais desenvolvida aquela em que se vê a predominância do setor de serviços” (CARDOSO; ALMEIDA, 2013, p. 06). Dessa forma, a economia pós-industrial tem o setor de serviços como atividade central no processo de produção, baseando-se em autores como Bell (1973), Marshall e Wood (1995), Nusbaumer (1984), Kon (1992), dentre outros.

A inserção cada vez mais intensa das discussões teóricas acerca do setor de serviços no campo científico é um reflexo da difusão vigorosa do segmento no âmbito socioeconômico e do processo dinâmico que caracteriza o setor, que passa por constantes mudanças acompanhando as transformações e demandas da sociedade.

A partir da crise do sistema keynesiano-fordista ocorrida na segunda metade do século XX, houve uma reorganização mundial do sistema produtivo, visando, sobretudo a recuperação das taxas de lucro perdidas com a defasagem da estrutura de produção fordista. A reestruturação produtiva trouxe ao espaço modificações não somente nos processos produtivos, mas alterações nos processos de trabalho, nas

configurações espaciais, nos comportamentos de consumo, nas ações políticas, em suma, na vida da sociedade. (HARVEY, 2003).

A reestruturação produtiva trouxe consigo a intensa fluidez do meio técnico, embebendo o espaço de uma conjuntura técnica-científica-informacional, com o casamento entre ciência e técnica trazido pela Terceira Revolução Tecnológica. A tecnologia e a ciência tornaram-se base material para o aumento da produtividade e dos fluxos necessários para a produção e consumo de produtos.

O novo cenário técnico-científico-informacional foi caracterizado por um “[...] período em que a agropecuária agregou técnicas sofisticadas e a ciência e a indústria se constituíram por fragmentos unidos pelos comandos e ordens a distância, ditados pelas bases da teleinformação como um novo tipo de serviço” (ROCHA; LIMA, 2009, p. 89).

O resultado dessas inovações espaciais resultou na divisão territorial do trabalho, constituída por fragmentos espaciais alocados em pontos mais vantajosos para a produção e o consumo, unidos pela ampliação das possibilidades de diversificação das formas de transporte e comunicação, os quais derivaram do crescimento do setor de serviços. Com a ininterrupta divisão social e territorial do trabalho, os serviços se tornaram cada vez mais complexos, avolumando e ocupando posições de maior importância na sociedade, posto que se inseriram em etapas e ocuparam funções imprescindíveis aos processos de produção. A nova conjuntura produtiva resultou no crescimento e na especialização do setor de serviços, visando às inovações e adaptações do processo produtivo e dos produtos em face das demandas socioeconômicas.

O progresso tecnológico, sobretudo o viés informacional, influenciou diretamente o crescimento do setor de serviços mediante as inovações tecnológicas, haja vista que foram introduzidos no espaço “[...] serviços estratégicos desta nova fase (financeiros, de comunicação e transportes) e passou a ser crescente a dependência da indústria manufatureira e das modernas atividades agropecuárias em relação ao terciário”. (MORAES; MACEDO, 2014, p. 183).

Dessa maneira, o cenário socioeconômico foi assistido por

[...] atividades de serviços de apoio à produção através do aparecimento daqueles de elevado conteúdo informacional, os quais permitem ao capital uma hiper mobilidade que vem alterando a geografia econômica em diferentes níveis escalares. Dessa forma, os novos produtos industriais, sobretudo aqueles baseados em conhecimento, dependem da oferta de serviços mais sofisticados que passam a se localizar em áreas específicas, conduzindo o

processo de formação de cadeias globais em diferentes partes do mundo. (MACEDO; MORAIS, 2014, p. 180).

Os serviços modernos aparecem através da necessidade de assimilação das inovações espaciais, objetivando tornar a produção eficiente e competitiva, visando o aumento das taxas de lucro.

Os serviços modernos vêm inserindo áreas descontínuas e isoladas à dinâmica econômica por meio da invasão desses tipos de serviço, os quais são dotados de inovações tecnológicas a áreas restritas, trazendo desdobramentos espaciais ao espaço geográfico, promovendo a articulação espacial, redimensionando o papel dos lugares e a hierarquia urbana. Segundo Santos (1982), os serviços modernos estão ligados diretamente ao processo de urbanização, já que para aumentar a produtividade do trabalho é necessário que haja economias de aglomeração e meios de consumo, ou seja, uma cidade. Assim, o processo de urbanização foi se adensando, e a cidade absorvendo objetos e ações inovadoras.

Atualmente, há um crescimento quantitativo e qualitativo do setor de serviços com a implantação de serviços modernos intensivos em conhecimento e mão de obra qualificada, tais como “[...] uma ampla gama de serviços de informação, as funções de gestão, administração, segurança, saúde, educação, telecomunicação, telemática, marketing, comércio internacional, assessoria e consultoria, turismo, dentre outros”. (LIMA; SANTOS, 2009, p. 13). Porém, mesmo com a difusão de serviços com alto teor técnico, o segmento ainda apresenta alguns lugares e setores com mão de obra de baixa qualificação, visto que a espacialização e a especialização dos serviços ocorrem através da consonância entre as particularidades do lugar e a reprodução do capital. Assim, o setor de serviços se apresenta em termos quantitativos e qualitativos de maneira desigual no espaço, variando de um país a outro ou mesmo dentro de um país.

## **2.2 Tendências atuais do setor de serviços no Brasil**

A partir dos estudos iniciais sobre o setor de serviços durante a primeira metade do século XX, a natureza da referida atividade econômica era entendida pelos economistas da época como residual quando comparada ao setor primário e secundário da economia. A dinâmica do segmento de serviços era vista, em muitos casos, como geradora de produtos de baixa qualidade e que demandavam mão de obra com pouca

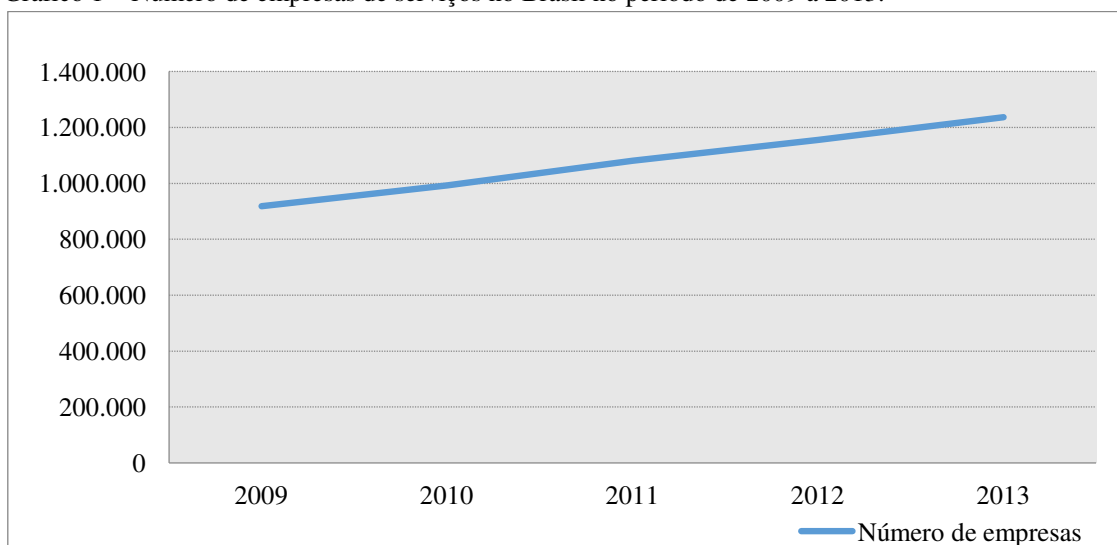


qualificação através de processos produtivos de baixa tecnologia, originando uma atividade econômica que não incitava de maneira intensa o desenvolvimento.

Atualmente, sob a égide do capitalismo financeiro no âmbito da globalização, o período atual é marcado, dentre outros fatores, pela expansão dos serviços decorrente de acordos financeiros, da própria dinâmica do sistema econômico vigente e das transformações de ordens política, social e cultural provenientes do processo de globalização, incitando a difusão das variáveis informação e consumo e acarretando o crescimento do setor de serviços em uma escala global. Essa inserção intensa dos serviços na economia está transformando a organização econômica e influenciando os processos de produção em diferentes partes do mundo.

Seguindo a tendência internacional de intensificação do segmento de serviços na economia, o Brasil se insere neste panorama com crescimento expressivo do setor (ver Gráfico 1), o qual vem se tornando uma das atividades mais complexas e representativas da economia brasileira.

Gráfico 1 – Número de empresas de serviços no Brasil no período de 2009 a 2013.



Fonte: PAS (2003-2013) do IBGE (2003- 2013) – Adaptado.

Observando o número de empresas relacionadas ao setor de serviços no Brasil durante os anos de 2009 a 2013, verifica-se que o setor possui aumento significativo nos estabelecimentos ligados a esta atividade, posto que o setor sofreu em

períodos anteriores uma contração do ciclo econômico – em grande parte ligada à crise econômica mundial de 2008<sup>6</sup>.

O número de empresas voltou a ascender no quinquênio de 2009-2013, com 918.200, 992.808, 1.081.012, 1.155.634 e 1.236.187 de empresas de serviço brasileiras nos respectivos anos.

Porém esse crescimento vem regredindo, visto que, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE –, a economia brasileira se encontra oficialmente em recessão<sup>7</sup> desde meados de 2014. O momento econômico vivido produz efeitos prejudiciais a todas as atividades econômicas, dessa forma o setor de serviços do Brasil vem sendo abalado pelo momento de retração do ciclo.

Entre os fatores que estão afetando negativamente os serviços estão o enfraquecimento do mercado de trabalho, a redução da demanda empresarial, a alta inflação e a diminuição da confiança do consumidor.

No entanto, mesmo com a influência direta da recessão econômica no setor de serviços, o Brasil vem seguindo a tendência mundial de crescimento da importância desta atividade produtiva. A pujança dos serviços no proscênio socioeconômico global se desenrolou mediante as mudanças advindas dos processos de industrialização e urbanização, acelerados, sobretudo, a partir da década de 1970. Apesar de a evolução do segmento ser direcionada por acontecimentos em escala mundial, o avanço e desenvolvimento dos serviços se detiveram a variáveis particulares dos lugares, dando matizes diferenciadas a partir dos condicionantes históricos, políticos, sociais, econômicos e culturais de cada segmento escalar do espaço.

A evolução e o crescimento dos serviços no Brasil seguiu influenciado por dois processos distintos e correlacionados, pautados:

---

<sup>6</sup> A crise se iniciou com o crédito em excesso e a baixa de juros no setor imobiliário Americano, estimulando a compra e o financiamento de imóveis. Porém, para que a aquisição da casa própria fosse realizada mediante os financiamentos, o sistema bancário norte-americano disponibilizava *subprimes* e hipotecas como recurso facilitador do processo. Contudo, a partir do aumento da taxa de juros dos financiamentos visando à redução da inflação e a queda do preço dos imóveis, o refinanciamento imobiliário tornou-se impossibilitado para os clientes dos empréstimos de alto risco, originando uma grande relação de inadimplência e gerando um efeito em cadeia negativo ao dependente, além de um frágil sistema bancário mundial. Desse modo, no ano de 2008 a economia brasileira começou a sofrer os efeitos danosos da instabilidade financeira originada no mercado de imóveis americano, resultado em queda nos indicadores das atividades econômicas. Todavia os impactos da crise no Brasil foram contornados a partir de ações governamentais, tais como a redução do Imposto Sobre Produtos Industrializados – IPI –, a qual auxiliou no reaquecimento dos setores econômicos.

<sup>7</sup> A partir dos apontamentos de Galvani (2014), a recessão oficial se estabeleceu a partir dos índices negativos do Produto Interno Bruto – PIB – durante 3 ou mais trimestres seguidos, havendo danos à economia que tornaram difícil sua recuperação.

a) no processo de desenvolvimento, a expansão da produção industrial e da agropecuária exigiu um aumento das atividades de distribuição de mercadorias e dos serviços financeiros, ramos de atividades estritamente relacionados com a produção de bens. Neste caso, a expansão destes serviços seria uma resposta às necessidades de construção dos segmentos modernos; b) a urbanização nos países periféricos foi acompanhada, de modo geral, por um aumento da força de trabalho nos serviços e na construção civil, devido à expulsão de mão de obra, resultante da utilização de novas técnicas nos segmentos arcaicos e à incapacidade de geração de postos de trabalho pela indústria de transformação. Desta maneira, a recepção da mão de obra de migrantes de baixo grau de qualificação que buscaram a cidade foi realizada pelas atividades mais tradicionais do comércio e da prestação de serviços pessoais. (MELO *et al.*, 1998, p. 19-20).

Dessa forma, os serviços no Brasil avançam por intermédio das necessidades das cadeias produtivas por serviços modernos especializados e pelo desenvolvimento industrial e urbanização, estabelecendo fluxo populacional nas cidades, geração de atividades terciárias para suprimento das necessidades pessoais e como mão de obra necessária para absorver o crescente contingente populacional não assimilado por outros setores produtivos, pautando-se, assim, em serviços pouco qualificados.

O panorama econômico brasileiro atual é caracterizado por um setor de serviços relevante. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística – IBGE –, o segmento ainda assume maior participação (67%) no Produto Interno Bruto – PIB –, possuindo o peso mais elevado na economia se comparado às outras atividades econômicas, absorvendo grande parte da mão de obra.

Apesar de as *commodities* industriais influenciarem fortemente as exportações brasileiras, o segmento de serviços vem superando o setor industrial no montante da produção absoluta, fazendo crescer o número de empregos nos ramos destinados aos serviços. (CARDOSO; ALMEIDA, 2013). Torna-se cada vez mais relevante a posição do setor de serviços no mercado de trabalho e na economia brasileira em detrimento das outras atividades econômicas (ver Tabela 1).

Tabela 1 – Número de empresas, pessoas ocupadas e salários do setor de comércio, indústria e serviços – Brasil – 2013.

Setor econômico	Número de empresas	Número de pessoas ocupadas	Remuneração às pessoas ocupadas
Comércio	1,6 milhão	10,4 milhões	R\$ 168,2 bilhões
Indústria	334 mil	9,0 milhões	R\$ 386,8 bilhões
Serviços	1.236 milhões	12,5 milhões	R\$ 254,0 bilhões

Fonte: PAC (2013); PIA (2013); PAS (2013) do IBGE (2013) – Adaptado.

Ao analisar as variáveis: número de empresas, número de pessoas ocupadas e remuneração às pessoas ocupadas dos setores de comércio, indústria e serviços do ano de 2013, o segmento comercial é a atividade econômica com a maior concentração de empresas, com 1,6 milhão de estabelecimentos; o setor de serviços é o segundo colocado, contando com 1.236 milhões de empresas; posteriormente a indústria, com 334 mil empresas. O segmento de serviços lidera quantitativamente do número de pessoas ocupadas, com 12,5 milhões; em seguida o setor comercial, detendo 10,4 milhões; e subsequentemente o setor industrial, dispendo de 9 milhões de pessoas ocupadas. No que alude à remuneração das pessoas ocupadas nos setores econômicos, o segmento industrial ocupa posição de destaque, com 386,8 bilhões; seguido pelos serviços, com 254,0 bilhões em remuneração; e seguido consecutivamente pelo setor comercial, despendendo 168,2 bilhões.

Investigando os dados fornecidos, nota-se que, apesar da relevância do setor de serviços no que refere ao contingente de empregados e ao número de empresas relacionadas ao setor, o quantitativo auferido à remuneração dos empregados deste segmento se encontra inferior ao setor industrial.

O valor inferior de remuneração às pessoas ocupadas no setor de serviços quando relacionada ao segmento industrial é justificado através da qualificação dos empregados no segmento, geralmente abrigando mão de obra de baixa qualificação e remuneração. O quadro de qualificação profissional reduzido no setor de serviços é pautado na incapacidade dos demais setores econômicos em absorver trabalhadores e nas mudanças no setor industrial, repercutindo na automação do segmento e geração de excedentes de desempregados amparados pelos serviços.

Assim, apesar de os serviços deterem importância na geração de emprego e renda, deve-se relacionar com parcimônia a ligação entre o setor de serviços e o desenvolvimento, posto que os índices quantitativos do segmento podem não estar associados a elevação do grau de desenvolvimento. Nesse sentido, apesar do acelerado crescimento do setor de serviços e de sua participação cada vez maior no Produto Interno Bruto – PIB –, o papel do referido segmento no desenvolvimento ainda é muito discutido, posto que apesar de o setor ser altamente expressivo na economia brasileira quando comparado aos demais setores econômicos, os serviços atuam, em grande parte, na absorção de mão de obra não qualificada ao invés de apresentar a participação de profissionais com maior qualificação. (RICARTE; MELO; TARGINO, 2013).

Tal fato não significa que a presença forte do setor de serviços na economia não seja relacionada ao desenvolvimento econômico:

Na realidade, a presença de um setor de Serviços quantitativamente relevante, no que se refere à geração da renda e do emprego, pode estar associada tanto a uma economia de serviços moderna, própria a economias em estágios avançados de desenvolvimento, como pode ser resultante da presença de um setor serviços composto, em sua maior parte, de atividades tradicionais, portadoras de baixos níveis de produtividade e refúgio para mão de obra de baixa qualificação. Em outras palavras, um setor serviços quantitativamente relevante não expressa, necessariamente, modernidade econômica. (MELO *et al.*, 2005).

As principais dissimilaridades entre o setor de serviços de países desenvolvidos aos que ainda não alcançaram o desenvolvimento é a utilização da técnica e a natureza da mão de obra destinada ao segmento.

No Brasil, o setor de serviços vem crescendo e compondo um quadro de atividades heterogêneas, contendo segmentos voltados à grande intensidade de trabalho e pouco volume de tecnologia e outros setores direcionados a modernas técnicas. Esse processo de propulsão dos serviços no país é marcado pela relação dual entre expansão dos serviços tradicionais e novos. (CARDOSO; ALMEIDA, 2013).

Nesse seguimento, o setor de serviços no Brasil tem crescido não somente em termos quantitativos, mas também qualitativos, com a difusão da tecnologia de informação nas etapas de produção e a incorporação cada vez maior de mão de obra qualificada no setor.

[...] muito daquela visão tradicional que caracteriza o setor de serviços como de baixa produtividade e de pobre performance tecnológica tem sido contraposta pelo crescimento de certos setores de alta performance tecnológica, tal como serviços de TI, ou de grande agregação de valor, como aqueles envolvidos em consultoria técnica e transferência de know-how. (NEGRI; KUBOTA, 2006, p. 22).

O processo de aceleração da vida decorrente da globalização mundial trouxe a necessidade de novas posturas dos países para se adequar ao quadro de rápidas trocas comerciais, induzindo a inserção cada vez maior de tecnologia e mão de obra qualificada, ocasionando mudanças nas formas organizacionais e na comercialização dos serviços. A incorporação cada vez maior das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC – no setor de serviços é um fator expressivo para a inserção do segmento nos demais setores econômicos.

A espacialização do segmento de serviços no Brasil segue um padrão de localização e distribuição de suas atividades e equipamentos condicionados a partir de variáveis setoriais e locais. Dentre os fatores que reforçam a localização do setor de serviços, estão: concentração industrial, participação da indústria na estrutura urbana, potencial tecnológico das empresas industriais e as características dos consumidores dos serviços (concentração populacional e renda). (DOMINGUES et al., 2006).

Ao analisar a dispersão espacial das atividades de serviços, deve ser levado em consideração que os processos produtivos se deram de forma diferenciada no espaço e no tempo, sendo abordados de diferentes formas nas diversas escalas espaciais e nos setores de produção. Desse modo, o setor de serviços é desigual mediante as diferenciações postas, ocorrendo desigualdade e exclusão, já que alguns locais podem apresentar com mais intensidade forças de atração para esta atividade do que outros.

Deste modo, a natureza do setor terciário cria mecanismos de diferenciação e entrave entre os diversos países e/ou regiões. Tal fato decorre da crescente complexidade dos segmentos que, ao impactar no perfil do trabalhador necessário e, conseqüentemente, na própria estrutura interna, tende a segregar as regiões que apresentam internamente uma série de vantagens das outras regiões que carecem desses fatores e dependem da transferência externa. (SILVA; LIMA, 2013, p. 06).

A concentração desigual dos serviços no espaço é reforçada pelas mudanças técnicas e as alterações ocupacionais e empregatícias que alteram as dimensões espaciais. O setor de serviços é caracterizado pela diferenciação regional, revérbero das heterogeneidades das regiões brasileiras.

Essa configuração espacial permite identificar as regiões mais dinâmicas, as que apresentam um leque de serviços mais diversificados, um perfil industrial mais moderno e, portanto, mais vantagens locais. Por outro lado, as regiões que não apresentam esse conjunto de fatores tendem a concentrar atividades tradicionais e com baixo nível produtividade. (SILVA; LIMA, 2013, p. 07).

O padrão de concentração do setor de serviços e suas desigualdades pode ser um fator de contribuição das diferenças regionais no Brasil.

Um aspecto marcante do setor de serviços é sua vigorosa concentração espacial nas Regiões Metropolitanas brasileiras, “[...] ou seja, nas grandes capitais estaduais e em alguns polos regionais”. (DOMINGUES et al., 2006, p. 208). A concentração territorial dos serviços no Brasil, sobretudo em áreas metropolitanas, é maior do que qualquer outra concentração das demais atividades econômicas.

A polarização do referido segmento ocorre em todos os estados do país, concentrando-se intensamente nas capitais estaduais, porém em São Paulo, estado brasileiro em que há a mais relevante aglutinação dos serviços, ocorre também a maior desconcentração metropolitana no segmento.

Apesar da forte tendência à concentração espacial do setor de serviços nas regiões metropolitanas, sobretudo nas capitais, há um direcionamento de alguns subsetores especializados em áreas exteriores às capitais estaduais, “[...] alguns serviços de maior magnitude e mais especializados, tais como universidades, hospitais, algumas atividades comerciais, também procuram se instalar em centros médios”. (LOBO; MATOS, 2010, p. 05).

No setor educacional, especificamente no segmento mais especializado do ramo, a educação superior é um exemplo marcante de atividades que não se concentram apenas nas capitais estaduais, mas se espraiam nas cidades médias. Freire e Holanda (2011) demonstram esta dinâmica ao estudar a relevância dos serviços de educação superior na intensificação de fluxos de pessoas, transportes e informações na cidade média de Sobral, no estado do Ceará, verificando que a partir do ano 2000 o segmento supracitado vem repercutindo no espaço intraurbano e transformando a cidade em um polo regional de educação.

As localizações dos serviços obedecem às especificidades dos produtos da atividade econômica. Serviços mais sofisticados, resultantes de processos produtivos sustentados por uma base técnica de maior volume, tendem a se concentrar em centros urbanos, onde terão uma maior demanda pelo setor de serviços.

Nesse sentido, o surgimento e a localização de empresas de grande porte fornecedoras de serviços tende a ser restrita aos grandes centros urbanos, cuja demanda local é suficiente para viabilizar a maior escala de operação. Os centros de menor porte podem possuir escala urbana para abrigar empresas de serviços produtivas e eficientes, mas não o suficiente para abrigar empresas de maior porte. (DOMINGUES et al., 2006, p. 197).

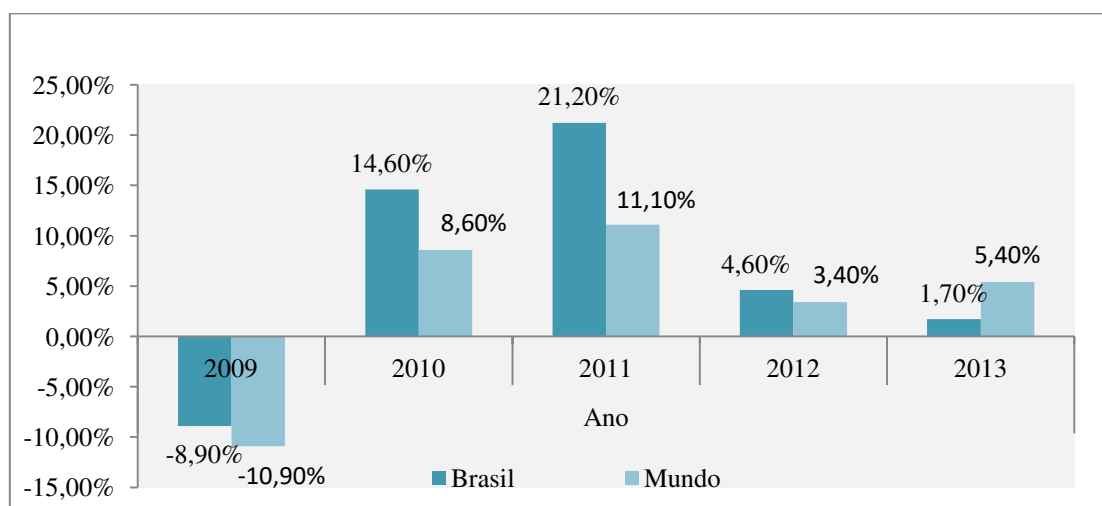
É importante que as empresas do setor de serviços tenham o acesso facilitado a inovações espaciais e ao local da demanda, promovendo interações e o desenvolvimento do segmento. Dessa forma, as firmas localizadas em centralidade tendem a possuir relações inter-regionais, ao passo que nas empresas alocadas em áreas fora das centralidades predominam as interações intraurbanas.

Desta maneira, as firmas voltadas ao setor de serviços localizam-se, principalmente, próximas ao local da demanda pelo produto da referida atividade econômica, sendo este um elemento preponderante na determinação da hierarquia urbana e regional.

Outra tendência corrente no setor é a propensão à internacionalização dos serviços, tendência fomentada pela intensificação das mudanças tecnológicas, sobretudo por inovações como os serviços digitalizados e a difusão da rede de banda larga, fazendo com que as empresas voltadas ao segmento busquem insumos e mão de obra fora do país de origem. (NEGRI; KUBOTA, 2006).

À medida que o setor se internacionaliza, as importações e exportações estão se avolumando no complexo e integrado sistema do mercado mundial, tornando-se cada vez mais relevante para a dinamização das relações econômicas. A tendência de crescimento do comércio internacional dos serviços também é sentida nas exportações do segmento no Brasil. Segundo o Panorama do Comércio Internacional de Serviços de 2013 publicado pela Secretaria de Comércio e Serviços – SCS – e pelo Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior – MDIC –, a participação dos serviços brasileiros nos últimos anos está crescendo em termos de importação e exportação. O setor avolumou sua atuação no comércio mundial de serviços, com um volume de exportações superior à média mundial (ver Gráfico 2).

Gráfico 2 – Atuação das exportações dos serviços brasileiros e mundiais no período de 2009 a 2013.



Fonte: SCS/ MDIC (2014) – Adaptado.

As vendas de serviços brasileiros ao exterior, em geral, encontram-se superiores às exportações mundiais quando comparadas às variáveis analisadas pela



Secretaria de Comércio – SCS – e pelo Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior – MDIC – nos períodos de 2009, 2010, 2011, 2012 e 2013, sendo o ano de 2013 o único período em que o volume de exportações dos serviços no Brasil se manteve inferior à média mundial.

Esses números refletem a tendência de expansão dos serviços brasileiros no mercado mundial e a relevância deste movimento para a economia nacional. Segundo dados brutos e consolidados do SISCOSERV<sup>8</sup> – Sistema Integrado de Comércio Exterior de Serviços, Intangíveis e de Outras Operações que produzam Variações no Patrimônio, o país já ocupa posição de destaque na exportação de alguns serviços. No decurso do ano de 2013, houve uma predominância, no Brasil, das exportações de serviços relacionados ao transporte aquaviário de navegação de cabotagem e de longo curso de cargas, manuseio de contêineres, serviços gerenciais em processos de negócios, serviços de consultoria geral e outros serviços profissionais e técnicos não classificados pelo sistema.

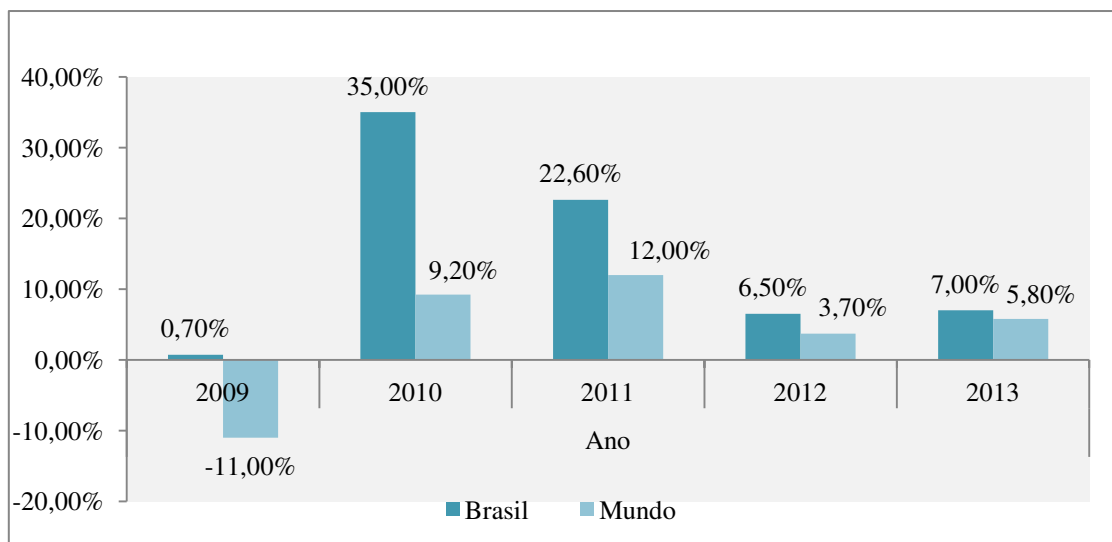
No entanto, torna-se substancial o apoio governamental para que outros segmentos de serviços possam ter condição de ocupar também um lugar de destaque nas exportações internacionais. O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES – vem instituindo políticas que apoiam a exportação de serviços brasileiros, porém, muito há no que se investir e em capacitar profissionais para que haja melhorias qualitativas no setor, possibilitado que diferentes segmentos desta atividade tenham condições de competir no mercado mundial de serviços.

Apesar de o volume de exportações de serviços brasileiros ser relevante, as importações deste setor se sobressaem ainda mais no contexto econômico (ver Gráfico 3).

---

<sup>8</sup> Sistema desenvolvido pelo Governo Federal que registra as operações de comércio exterior de serviços e de intangíveis do Brasil, através de dados consolidados e dados brutos relativos ao comércio exterior de serviços brasileiros desde o início do sistema – segundo semestre de 2012 –, estando disponível até as últimas operações registradas – primeiro semestre de 2015.

Gráfico 3 – Atuação das importações dos serviços brasileiros e mundiais no período de 2009 a 2013.



Fonte: SCS / MDIC (2014) – Adaptado.

Quando se compara as informações fornecidas pela Secretaria de Comércio – SCS – e pelo Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior – MDIC –, há, geralmente, uma discrepância significativa entre o volume de importações de serviços realizados no Brasil e a média mundial, sendo as compras de serviços internacionais no Brasil superiores às mundiais entre os anos de 2009 a 2013.

Assim, o país possui um importante papel de importador de serviços. Esta tendência vem crescendo em um movimento sincrônico à internacionalização dos serviços, ao processo de globalização e à relevância do referido segmento na economia brasileira. A partir dos dados brutos e consolidados do SISCOSEV, durante o ano de 2013 houve uma predominância no Brasil de importações de serviços de locação de máquinas e equipamentos; locação de navios e outras embarcações; serviços de planejamento de viagens e de operador de turismo; licenciamento de direitos de uso de programa de computador e de direitos autorais; e outros serviços profissionais, técnicos e gerenciais não classificados pelo sistema.

Ao passo que avançam as técnicas, o setor de serviços fica paulatinamente mais complexo e diversificado, acompanhando o aumento da produtividade. Posto isso, o segmento torna-se a cada dia mais labiríntico e heterogêneo. Apesar da importância dos serviços na economia brasileira e compreendendo algumas das tendências do setor no Brasil, verifica-se que o segmento tende a possuir categorizações variadas, gerando uma heterogeneidade de classificações.

Alves (2005) sinaliza que as diferentes conceituações do setor de serviços auxiliam na classificação destes quanto à localização, sendo classificados em uma perspectiva escalar na qual os serviços se especializam em um padrão locacional: local, regional, nacional e internacional.

Cano e Sameghini (1990), influenciados pela categorização de Rochefort (1988), classificaram os serviços em distributivos, pessoais, sociais e produtivos.

Atualmente, grande parte dos países utiliza na categorização de seus dados oficiais a *Standard Industrial Classification – ISIC*. Esta classificação setoriza os serviços das empresas em: serviços de transporte, auxiliares e correios; prestados às famílias; prestados às empresas; e serviços de informação.

Na economia brasileira, por exemplo, a classificação do setor de serviços também passa por dificuldade de categorização do setor. Na estrutura econômica brasileira, os serviços são categorizados com base na padronização de atividades econômicas, conforme consta no Código Nacional de Atividade Econômica, o CNAE 2.0<sup>9</sup>. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, mediante as atividades econômicas normatizadas pelo CNAE 2.0, apresenta o setor de serviços agrupado em sete segmentos de acordo com a funcionalidade e uso (ver Tabela 2).

Tabela 2 – Classificação do setor de serviços com base no IBGE.

Segmento do setor de serviços	Funcionalidade e uso
Serviços prestados principalmente às famílias	Serviço de alojamento; serviço de alimentação; atividades culturais, recreativas e esportivas; serviços pessoais; e atividade de ensino continuado.
Serviços de informação e comunicação	Telecomunicações; tecnologia da informação; serviços audiovisuais; edição e edição integrada à impressão; e agência de notícias e outros serviços de informação.
Serviços profissionais administrativos e complementares	Serviços técnico-profissionais; aluguéis não imobiliários e gestão de ativos intangíveis não financeiros; seleção, agenciamento e locação de mão-de-obra; agência de viagens, operadores turísticos e outros serviços de turismo; serviços de investigação, vigilância, segurança e transporte de valores; serviços para edifícios e atividade paisagística; serviços de escritório e apoio administrativo; e outros serviços prestados principalmente às empresas.
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correios	Transporte ferroviário e metroviário; transporte rodoviário de passageiros; transporte rodoviário de cargas; transporte dutoviário; transporte aquaviário; transporte aéreo.
Atividades imobiliárias	Armazenamento e atividade auxiliares aos transportes; correios e outras atividades de entrega; compra, venda e aluguel de imóveis próprios; e intermediações na compra,

<sup>9</sup> O CNAE 2.0 é uma ferramenta que objetiva a normatização dos códigos de atividades econômicas baseada em parâmetros de classificação. As categorizações propostas pelo referido instrumento são adotadas pelo sistema estatístico do Brasil, por órgãos municipais, estaduais e federais, empresas privadas, autônomas e instituições sem fins lucrativos.

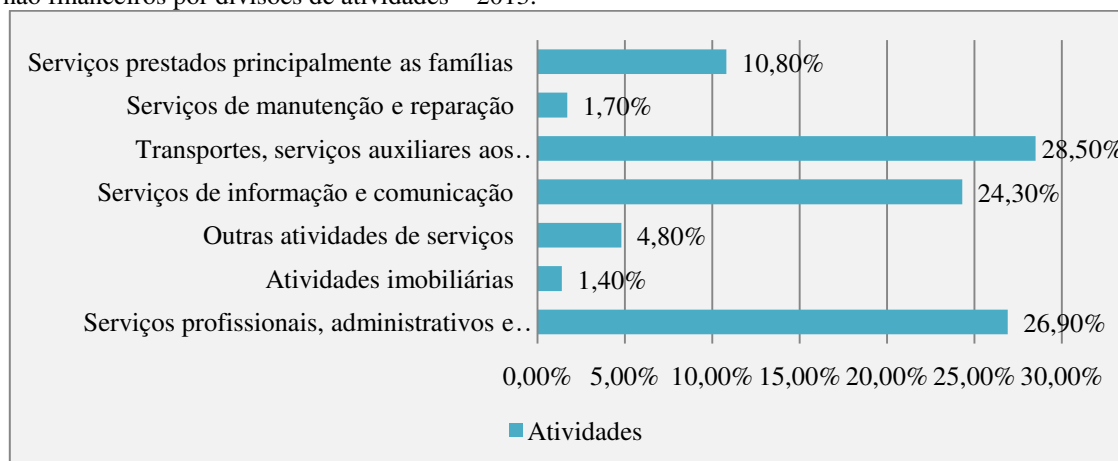
	venda e aluguel de imóveis.
Serviços de manutenção e reparação	Manutenção e reparação de veículos automotores; manutenção e reparação de equipamentos de informática e comunicação; e manutenção e reparação de objetos pessoais e domésticos.
Outras atividades de serviços	Serviços auxiliares da agricultura, pecuária e produção florestal; serviços auxiliares financeiros, dos seguros e da previdência complementar; e esgoto, coleta, tratamento e disposição de resíduos e recuperação de materiais.

Fonte: PAS (2013) do IBGE (2013) – Adaptado.

A classificação utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – categoriza os serviços em: serviços de informação e comunicação; serviços profissionais, administrativos e complementares; transporte, serviços auxiliares aos transportes e correio; atividades imobiliárias; serviços de manutenção e reparação; e outras atividades de serviços. Os segmentos do setor de serviços contemplam diversas atividades heterogêneas, as quais se diferenciam no tocante à geração de receita líquida, ao número de pessoas ocupadas, à remuneração média do pessoal ocupado e até mesmo à introdução diferenciada de inovação tecnológica.

Essa heterogeneidade presente nos serviços é notável quando se analisa a produtividade do segmento por subsetores, pois a receita oriunda dos diferentes estratos do setor se diferencia (ver Gráfico 4), manifestando esta tendência da supracitada atividade econômica.

Gráfico 4 – Distribuição percentual da receita operacional líquida de empresas prestadoras de serviços não financeiros por divisões de atividades – 2013.



Fonte: PAS (2013) do IBGE (2013) – Adaptado.

A produtividade das atividades relacionadas aos serviços é diferenciada, a maior receita é advinda dos transportes, serviços auxiliares aos transportes e correios,

com uma participação de 28,5%; os serviços profissionais, administrativos e complementares ocupam a segunda posição, detendo 26,9%; logo em seguida o setor de informação e comunicação tem 24,3% de participação do setor; posteriormente, as outras atividades de serviços são detentoras de 10,8%, com os serviços prestados principalmente às famílias; outras atividades de serviço contam com 4,8% de receita; os serviços de manutenção e reparação possuem 1,7% no montante de receita do segmento; finalmente, ocupando a última posição, há os serviços imobiliários com 1,4% de ocupação da receita no setor.

Pode-se perceber que o segmento dos serviços possui dissimilaridades em seus subsetores, e que, apesar deste ramo econômico ainda deter grande parte de sua mão de obra de baixa qualificação profissional e processos produtivos com menor intensidade de conhecimento se comparado ao setor industrial, por exemplo, os setores que são mais produtivos, possuindo um maior quantitativo na participação da receita, são atividades que possuem intensidade em tecnologia, reflexo do progresso técnico do setor nos últimos anos. Em contrapartida há o setor de serviços de manutenção e reparação, com uma participação econômica baixa, é composto de atividades que demandam um uso intenso da mão de obra, muitas vezes de baixa qualificação. Dessa maneira, o setor de serviços nos últimos anos se estabelece complexo e desigual no território brasileiro.

Em meio a este quadro, o segmento educacional, inserido nas atividades de serviços prestados principalmente às famílias, apresenta uma participação intermediária na produtividade do setor, com 10,8% de contribuição no total da receita advinda das atividades que compõem os serviços no Brasil.

Entendendo a relevante participação do setor de serviços na economia, constata-se sua importância no espaço, sobretudo pelas interações espaciais entre fluxos e fixos, impulsionados, de maneira geral, pela ampliação e complexidade da base técnica, principalmente através da diversificação e possibilidade de comunicação e transporte. (ASSIS, 2005). Nesse sentido, denota-se atualmente a relevância do setor educacional para a produção e organização do espacial.

### **2.3 O subsetor dos serviços de ensino**

A partir dos anos finais da década de 1970, o segmento de educação no Brasil passou a ser percebido como veículo promotor de formação humana e de mão de

obra, influenciado, sobretudo, pela abertura política, pelo crescimento econômico e pelo novo e crescente processo de industrialização. À medida que a dinâmica de mercado internacional começou a ser difundida com maior extensão espacial, a educação foi sofrendo influência dos ditames do mercado globalizado, avultando e adaptando-se ao contexto produtivo voltado ao atendimento das demandas mercadológicas e competitivas. (SOBRAL, 2000).

O segmento educacional caminha em consonância com o desenvolvimento do setor econômico do qual faz parte. O panorama econômico brasileiro de expansão do setor de serviços reflete também a ascensão do segmento de educação. O crescimento do setor de serviços educacionais é uma tendência mundial, e a partir do século XXI houve uma procura pela educação como nunca antes. A economia brasileira vem sendo influenciada por esta conjuntura, com um setor de educação com desempenhos inferiores em comparação com outros países do mundo, porém este mesmo segmento vem se consolidando e apresentando notáveis índices de crescimento. (SAVIANI, 2013).

O início dos anos 2000 foi marcado por mudanças estruturais na sociedade, com o crescimento do Produto Interno Bruto – PIB –, do índice de Desenvolvimento Humano – IDH –, da diminuição da ainda descomunal desigualdade de renda, e a ascensão socioeconômica da classe C. Essas alterações, juntamente com a implementação de programas governamentais de incentivo à educação, como os programas Fundo de Financiamento Estudantil – FIES – e o Programa Universidade Para Todos – PROUNI –, resvalaram na ampliação do acesso aos serviços educacionais no Brasil e no bom momento que vive o segmento de educação na economia brasileira.

Embora o Brasil venha enfrentando recessão econômica, o setor de educação mostra-se detentor de crescimento significativo, mostrando, na expansão do segmento, a importância que a atividade detém na economia brasileira (ver Tabela 3).

Tabela 3 – Número de empregos por setor e subsetor de atividade econômica no Brasil de 2012 a 2013.

Subsetor de atividade econômica	2012	2013	Varição Relativa (%)
<b>Extrativa mineral</b>	261.383	257.606	-1,45
<b>Indústria de transformação</b>	8.292.739	8.171.022	-1,47
Prod. Mineral não metálico	457.617	454.512	-0,68
Indústria Metalúrgica	808.909	770.894	-4,7
Indústria Mecânica	653.809	633.030	-3,18
Eletrônico e Comunicação	308.612	297.181	-3,7
Material de Transporte	631.129	591.042	-6,35
Madeira e Imobiliário	485.543	480.545	-1,03
Papel e Gráfica	407.051	405.698	-0,33

Borracha, Fumo e Couros	341.875	337.446	-1,3
Indústria Química	952.017	950.919	-0,12
Indústria Têxtil	1.017.429	997.677	-1,94
Indústria de Calçados	327.895	309.288	-5,67
Alimentos e Bebidas	1.900.853	1.942.760	2,2
<b>Serviços Industriais de Utilidade Pública</b>	444.674	450.098	1,22
<b>Construção Civil</b>	2.892.557	2.815.686	-2,66
<b>Comércio</b>	9.511.094	9.728.107	2,28
Comércio Varejista	7.926.938	8.087.377	2,02
Comércio Atacadista	1.584.156	1.640.730	3,57
<b>Serviços</b>	16.726.013	17.313.495	3,51
Instituição Financeira	850.020	865.950	1,87
Administração Técnica e Profissional	5.043.983	5.511.578	1,99
Transporte e Comunicação	2.724.142	2.779.158	2,02
Alojamento e Comunicação	4.155.941	4.317.987	3,9
Médico, Odontológico e Veterinário	1.801.485	1.918.019	6,7
Ensino	1.790.442	1.920.803	7,28
<b>Administração Pública</b>	9.340.409	9.355.833	0,17
<b>Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca</b>	1.479.564	1.479.663	0,01
<b>TOTAL</b>	<b>48.948.433</b>	<b>49.571.510</b>	<b>1,27</b>

Fonte: RAIS / MTE (2014).

Ao analisar a tabela anterior, observa-se que o subsetor de serviços educacionais tem o sétimo maior número de empregados em relação aos demais subsetores econômicos, com 1.790.442 de empregados em 2012 e 1.920.833 de empregos em 2013, detendo o maior avolumamento nos estoques empregatícios, com um crescimento de 7,28% entre os anos de 2012 e 2013.

Compreendendo que o espaço geográfico é formado pela relação entre sociedade e natureza mediada pelo trabalho e que a lógica trabalhista e as relações de emprego buscam atender às mudanças técnicas, as formas de trabalho se modificam exigindo mudanças condizentes com as inovações (SANTOS, 1988). Nesse sentido, verificando o crescimento do número de empregos no setor de educação, percebe-se a atual etapa produtiva, momento em que o conhecimento tornou-se indispensável ao desenvolvimento econômico e social.

O setor de serviços, sobretudo o segmento educacional, vem crescendo e empregando parte importante da força de trabalho, contribuindo na geração de renda (ver Tabela 4).

Tabela 4 – Remuneração média por setor e subsetor de atividade econômica no Brasil em 2012 e 2013.

Setor / subsetor de atividade econômica	2012	2013	Varição relativa (%)
<b>Extrativa mineral</b>	4.868,58	5.790,47	0,83
<b>Indústria de transformação</b>	2.416,13	2.439,64	0,97
Prod. mineral não metálico	1.859,15	1.927,28	3,66

Indústria metalúrgica	2.611,63	2.646,75	1,34
Indústria mecânica	3.175,34	3.155,11	-0,64
Eletrônico e comunicação	2.785,48	2.872,93	3,14
Material de transporte	4.029,86	4.055,70	0,64
Madeira e imobiliário	1.637,86	1.680,41	2,6
Papel e gráfica	2.719,42	2.753,17	1,24
Borracha, fumo e couros	2.343,40	2.396,13	2,25
Indústria química	3.607,99	3.648,77	1,13
Indústria têxtil	1.469,77	1.507,78	2,59
Indústria de calçados	1.293,34	1.330,52	2,87
Alimentos e bebidas	1.843,88	1.867,63	1,29
<b>Serviços industriais de utilidade pública</b>	<b>3.985,91</b>	<b>4.052,42</b>	<b>1,67</b>
<b>Construção civil</b>	<b>2.045,56</b>	<b>2.055,00</b>	<b>0,46</b>
<b>Comércio</b>	<b>1.627,84</b>	<b>1.645,92</b>	<b>1,11</b>
Comércio varejista	1.479,14	1.495,01	1,07
Comércio atacadista	2.372,10	2.389,76	0,74
<b>Serviços</b>	<b>2.350,42</b>	<b>2.402,67</b>	<b>2,22</b>
Instituição financeira	5.448,72	5.574,51	2,31
Administração técnica e profissional	2.169,91	2.215,13	2,08
Transporte e comunicação	1.578,32	2.339,64	1,76
Alojamento e comunicação	1.559,05	1.578,32	0,85
Médico, odontológico e veterinário	1.463,67	2.265,29	2,13
Ensino	2.129,36	3.321,49	4,06
<b>Administração pública</b>	<b>2.193,33</b>	<b>3.393,07</b>	<b>2,6</b>
<b>Agropecuária, extração vegetal, caça e pesca</b>	<b>867,67</b>	<b>1.465,96</b>	<b>0,97</b>
<b>TOTAL</b>	<b>2.406,83</b>	<b>2.449,11</b>	<b>1,76</b>

Fonte: RAIS / MTE (2014).

O subsetor de serviços de ensino possui a sexta maior remuneração de empregados no segmento, com 3.321,49 de média salarial em 2012 e 3.456,25 em 2013, detendo o maior crescimento relativo nas remunerações entre os anos de 2012 e 2013, com 4,6% de crescimento do rendimento médio. A participação do segmento educacional vem prosperando e se tornando sólida nos últimos anos, particularmente o segmento educacional superior privado. (SANTOS; SILVA, 2015).

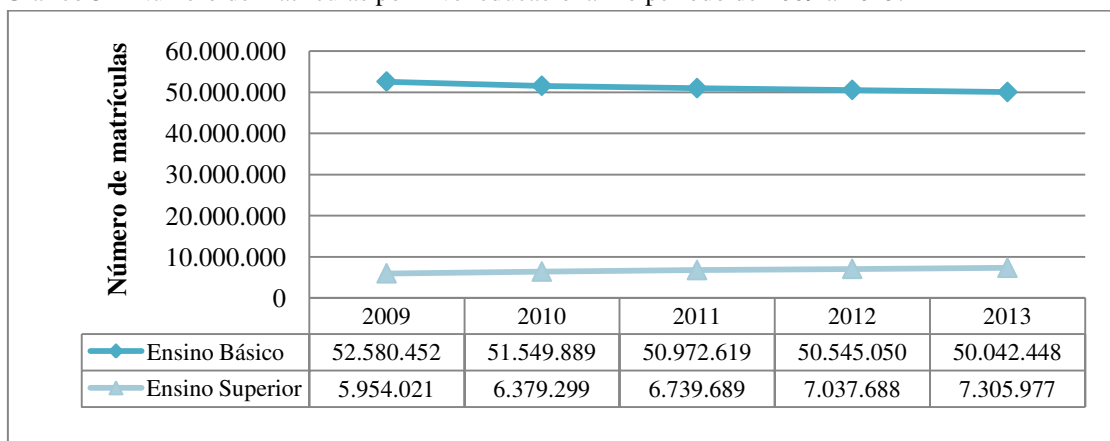
O ensino superior é um dos segmentos de educação que mais tem crescido no Brasil. Sobretudo a partir dos anos 2000, vem apresentando condições propícias à sua expansão, principalmente através de programas do Governo Federal como o Fundo de Financiamento Estudantil – FIES –, o Programa Universidade para Todos – PROUNI – e o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – PRONATEC –, sem contar as mudanças sociais advindas do aumento da geração de renda e da ascensão



social da classe C, que vem incentivando a procura pela qualificação profissional através do acesso ao ensino superior.

Assim, as instituições de ensino superior vêm se expandindo com o surgimento de inúmeras instituições de portes diferenciados e com o aumento progressivo no número de matrículas no setor (ver Gráfico 5).

Gráfico 5 – Número de matrículas por nível educacional no período de 2009 a 2013.



Fonte: INEP (2014) - Adaptado.

Ao analisar a evolução do número de matrículas dos segmentos do subsetor dos serviços educacionais, nota-se que o ensino superior detém o maior aumento no número de estudantes matriculados, passando de 5.954.021 matrículas em 2009 para 7.305.977 em 2013. O segmento de ensino básico é o maior detentor do número de matrículas, com 52.580.452 no ano de 2009 e 50.042.44 de matriculados em 2013. Apesar de o ensino básico deter o maior contingente de matrículas, este número vem decrescendo nos últimos anos, fato que está atrelado às condições demográficas brasileiras, como a diminuição da taxa de natalidade e do número de jovens de 0 a 19 anos. Dessa maneira, o ensino superior vem se mostrando mais avultado em comparação ao nível educacional básico.

Mesmo que o setor de ensino superior público possua relevância econômica e social, em termos quantitativos há uma clara tendência ao aumento da inserção do mercado privado, já que o setor público não consegue abarcar toda a demanda da sociedade por ensino superior, possibilitando ao crescente ensino superior privado suprir estas necessidades. (PINHEIRO, 2012).

Atualmente, o subsetor dos serviços de ensino se caracteriza por organizações diversificadas e complexas inseridas em um mercado profundamente

competitivo. Assim, as instituições de ensino procuram inovações tanto para disputar no mercado quanto para se adequar às necessidades dos usuários desses tipos de serviço.

A tecnologia tem permitido inovações relevantes na educação e cada vez mais o conteúdo digitalizado tem facilitado novas formas de ensino, como o ensino a distância. Os materiais educacionais crescentemente utilizam recursos multimídia e conteúdos digitais para complementar e até substituir os produtos tradicionais impressos. À medida que os jovens têm acesso a recursos tecnológicos e modificam seus hábitos, estas tendências ganham força dentro do setor educacional. (AMARANTE, 2015, p. 09).

O segmento educacional, que compreende um estrato do setor de serviços inserido no cenário da globalização, tem como pano de fundo a internacionalização e a disputa de mercado entre as empresas, sendo as inovações a força motriz dessa dinâmica competitiva. O ensino a distância é um exemplo de inovação do setor educacional, uma vez que esta modalidade voltada pra o ensino superior baseia-se na oferta de educação através do uso de ferramentas tecnológicas de aprendizagem remota que permitem o processo de ensino-aprendizagem de alunos e professores separados espacialmente. Assim, a Educação a Distância – EAD –apresenta um grande índice de competitividade, já que possibilita a participação de um grande número de alunos que não poderiam frequentar cursos presenciais.

Assim, o segmento de serviços educacionais, influenciado pelas imposições feitas pelo modo de produção capitalista com a necessidade de se formar mão de obra especializada para inserção profissional em ramos produtivos cada vez mais modernizados e competitivos, vem alterando o espaço geográfico com suas mudanças na sociedade e seus desdobramentos espaciais.

Temos a compreensão de que o aumento e a diversificação dessas atividades ditas não produtivas vão se materializando no espaço geográfico, reforçando e criando hierarquias urbanas e também novas articulações marcadas não necessariamente pelas contiguidades. (FREIRE; HOLANDA, 2011, p. 50).

É notável a participação do setor de serviços educacionais na dinâmica da sociedade, constituindo-se em um elemento fundamental para o entendimento das transformações espaciais, sobretudo nas áreas urbanas e principalmente em suas centralidades, áreas nas quais se concentram grande número dessas atividades econômicas em seus diversos subsetores.

Assim, é nessa perspectiva que se alargam a análise geográfica, ou seja, na medida em que esse setor desempenha de forma progressiva um papel cada vez mais importante no processo de organização espacial da sociedade,

notadamente nas sociedades urbanas, em tempos de globalização. Nesse sentido, cada período histórico se caracteriza pela existência de um conjunto coerente de elementos de ordem econômica, social e política, que constituem um verdadeiro sistema. (NASCIMENTO, 2007, p. 44).

No momento em que vivemos, o setor de serviços tem influenciado a dinâmica espacial em diferentes escalas, porém seus impactos são mais visíveis nas grandes cidades, nas extensões metropolitanas. A cidade de Fortaleza e seu centro tradicional não são exceções a esta regra, pois o município dispõe de um setor de serviços relevante com destacada importância na produção e organização do espaço.



A cidade é meio e condições das relações humanas, sendo composta de diferentes atores sociais que dão diversidade e dinamizam o espaço urbano, produzindo e reproduzindo constantemente novas conformações ao espaço. Nessa perspectiva, o tecido da urbe se altera, modificando as formas da cidade. (CARLOS, 2003).

Compreendendo que a centralidade é, sobretudo, elemento primordial do fenômeno urbano, as transformações morfológicas da cidade refletem diretamente na redefinição da relação centro-periferia. Assim, a centralidade se efetiva como aspecto direto da própria estrutura urbana e esta vem passando por intensas mudanças, disseminando novas áreas centrais nas cidades e tornando o espaço urbano cada vez mais fragmentado, segmentado e desigual.

A partir da década de 1970, ocorreu o processo de descentralização e a estruturação<sup>10</sup> de novas centralidades em grande parte das metrópoles brasileiras, processo presente também em Fortaleza, no qual o quadro de monocentricidade conferido à cidade foi alterado, passando a se apresentar enquanto cidade policêntrica, criando-se novos locais de residência, comércio, lazer, serviços, alocação de prédios públicos anteriormente localizados no Centro da cidade. Embora Fortaleza tenha se reestruturado e o Centro tradicional da capital tenha passado por mudanças e se reconfigurado, o bairro possui importância, sobretudo no que se refere a atividades voltadas ao setor terciário da economia.

Desta forma, a fim de compreender e analisar o papel atual do Centro no que se refere ao setor de serviços, torna-se fundamental investigar a história da capital cearense, entendendo de que forma as reconfigurações da cidade refletem na composição do Centro tradicional.

### **3.1 De rudimentar fortificação militar à metrópole fragmentada, descentralizada e policêntrica**

Ao lançar os olhos sobre Fortaleza atualmente, nem se imagina que, ao recuar da história, a referida não possuía expressão relevante no âmbito socioeconômico, fato que era justificado pela falta de atrativos provenientes de sua localização geográfica, já que “[...] as calmarias do mar cearense, provocadas por ventos

---

<sup>10</sup> Para Spósito (2004), estrutura se conceitua como um período da estruturação, formando como se estabelecem os usos do solo em determinado tempo e espaço, sendo responsável pelo desenvolvimento das formas de produção.

soprando em sentidos contrários semestralmente, eram uma dificuldade às conquistas comerciais”. (SILVA, 2006, p. 47).

O processo de ocupação do território brasileiro pelos colonizadores portugueses se efetivou mediante os atrativos econômicos<sup>11</sup>, pela administração e defesa territorial. Desse modo, Fortaleza tem na sua gênese a defesa da linha de costa e a função administrativa (DANTAS, 2009). Todavia, o estabelecimento de fato do poderio luso às margens da Capitania do Ceará ocorreu após a e retomada do Forte Schoonenborch, que estava sob o domínio dos Holandeses, o qual foi renomeado de Forte de Nossa Senhora da Assunção, e que em suas cercanias surgiu a vila, embrião do que hoje é a capital alencarina.

Seguindo a racionalidade militar e defensiva que lhe foi conferida, Fortaleza passou a estruturar-se e posicionar-se na rede urbana cearense, porém, diferentemente das grandes cidades atuais, que tiveram crescimento vultoso no Período Colonial, a capital cearense erigiu-se de maneira discreta e teve seu crescimento lento no período supracitado (LINHARES, 1992). Fortaleza evoluiu de mera fortificação militar a povoado em meados do século XVII, permanecendo nessa condição até o início do século XVIII, no qual, a partir de 13 de abril de 1726, o capitão-mor do Ceará, Manoel Francês, a elevou à categoria de vila.

Dessa forma, o quadro vigente se alterou e Fortaleza passou a ser reconhecida como vila com função de defesa da referida capitania, porém ainda permanecia sem grande relevância no âmbito socioeconômico brasileiro. Apesar da ascensão à categoria de vila, sua estrutura ainda permanecia incipiente. A rudimentariedade de Fortaleza era legitimada sobretudo pela ausência de atributos naturais que contribuíssem para a alavancagem financeira dos portugueses à época.

O quadro de inércia e ostracismo pelo qual passava a tão atrasada vila se alterou com acontecimentos em escala nacional e mundial. A partir dos interesses metropolitanos na produção e no comércio de algodão que se faziam presentes na economia cearense, o Ceará acabou se desvencilhando da dependência<sup>12</sup> à capitania

---

<sup>11</sup> O surgimento das cidades da América Latina colonizadas no período das Grandes Navegações obedecem à lógica da produção espacial direcionada pela ampliação do capitalismo mundial, fazendo desses locais reservas de acumulação primitiva capitalista, objetivando alterá-los a fim de alcançar os interesses da metrópole. (PEREIRA, 2013).

pernambucana até 1799, o que acarretava um empecilho à autonomia política e econômica, tornando-se autônomo para tomar decisões e comercializar livremente seu novo e auspicioso produto econômico.

A acanhada vila começou a crescer e a apresentar certa importância política. Logo, em 17 de março de 1823, o Ato Régio através “[...] Da carta imperial erigindo a villa de Fortaleza em Cidade com a denominação de Cidade de Fortaleza de Nova Bragança” (STUDART, 2001, p. 05-06). A partir desse momento, a capital alencarina tornou-se cidade. Porém, mesmo sendo promovida à nova categoria de cidade, possuía infraestrutura precária, apresentando ruas tortas, sem pavimentação, com casebres de um só pavimento. Os serviços prestados eram arcaicos, não havendo um sistema de transporte, a população se deslocava a pé, o deslocamento das mercadorias era realizado através dos animais de tração, o abastecimento de água era inexistente e a iluminação se dava mediante ao óleo de peixe. (GIRÃO, 1997). Diante do quadro político e econômico do período monárquico, Fortaleza foi nomeada capital do Ceará e sua nova condição trouxe à cidade o usufruto de uma infraestrutura que foi sendo implantada através das políticas que centralizavam os gastos públicos para este fim. (DANTAS, 2009).

Com a chegada da Família Real ao Brasil e a posterior abertura dos portos às nações amigas<sup>13</sup> em 1808, as relações de esfera social e principalmente econômica do estado com outros países foram se intensificando. Nessa tessitura, as trocas comerciais foram estabelecidas de veras via proclamação do fim dos laços coloniais. O Brasil se tornou uma nação independente, possuindo a liberdade de comércio com as demais nações. Nesse sentido, o Ceará se inseriu no circuito internacional da economia com a exportação de algodão, contudo sua inserção massiva na divisão internacional do trabalho se efetivou apenas na segunda metade do século XIX, uma vez que a suspensão da exportação do algodão americano para a Europa devido à Guerra de Secessão (1861-1865) acarretou o aumento da demanda dos europeus pelo produto cearense.

Fortaleza passou de vila sem significância econômica à principal cidade coletora e exportadora de algodão no Ceará. Essa posição é reforçada com a reforma do

---

<sup>13</sup> Promulgada por D. João, o decreto consistia na abertura dos portos brasileiros ao comércio internacional, já que até esta implementação política o Brasil só poderia comercializar com a sua metrópole. Caracterizando-se por ser o barco do liberalismo econômico, a abertura dos portos funcionava como ferramenta de monopólio do comércio exterior da colônia, objetivando a “sobrevivência” da família real portuguesa, que havia se instalado no Brasil.

Poço da Draga (Porto de Fortaleza na época). Silva (2009) sinaliza a importância do algodão na economia do estado e da capital:

O Ceará, com enorme superfície sertaneja, só vai despontar significativamente no contexto histórico do Nordeste a partir do interesse do mercado externo pelo algodão nordestino, de fibra longa. O binômio gado-algodão vai ter em Fortaleza seu grande centro. (SILVA, 2009, p. 88).

À medida que ocorria a expansão do plantio e comercialização do algodão cearense, Fortaleza se fortalecia como ponto coletor da matéria-prima e se delineavam mais fortemente os contornos de um centro urbano. A ampliação da cultura algodoeira fomentou a estruturação de um sistema ferroviário que permitia a conexão entre Fortaleza e as cidades produtoras de algodão. No final do século XIX e começo do século XX, a rede ferroviária adentrou o território cearense em maiores distâncias, intensificando cada vez mais o raio de influência da capital sobre as paragens das estradas de ferro. O fluxo de mercadorias advindas do crescimento das ferrovias no Ceará provocou o aumento da função comercial de Fortaleza e de sua produção espacial, visto que as relações entre o interior e a capital são avolumadas pelos caminhos dos trilhos.

A posição de capital ofereceu a Fortaleza benefícios como investimentos na estrutura rodoferroviária e no estabelecimento de linhas regulares de navios a vapor, ligando-a a outras cidades do Brasil e da Europa, avultando sua área de mercado. (LEMENHE, 1991). Findando o século XIX, o desenvolvimento e a melhoria dos meios de circulação e comunicação impulsionaram o desenvolvimento da capital, corroborando o despontar de Fortaleza como grande centro urbano, mais importante até que Aracati (importante entreposto comercial do estado e principal rival de Fortaleza no período referido).

Desse modo, Fortaleza foi crescendo. À medida que a cidade expandiu a produção algodoeira e fortaleceu sua economia, houve o crescimento urbano da capital não somente em termos populacionais mas também no aumento da sua área citadina. “Em 1875, segundo a planta de Adolfo Herbster, Fortaleza se expandiu em termos de espaço efetivamente ocupado, até as atuais avenidas do Imperador, Duque de Caxias e Dom Manuel” (SILVA, 2009, p. 91).

A capital cearense continuou a crescer impulsionada pela pecuária e a cotonicultura, no entanto, o comércio de exportação se diversificou na província com a ampliação das exportações a partir da cultura do café e de outros produtos advindos da



extração vegetal (cera de carnaúba e borracha da maniçoba), dessa forma, houve o favorecimento da capacidade de importação de produtos para a população e de acumulação de capital pelos comerciantes, resvalando no fortalecimento do comércio interno. A dinâmica econômica da província possibilitou a emergência de serviços públicos e urbanos que contribuíram para modernizar a sociedade e orientar a expansão urbana de Fortaleza.

O rústico sistema de iluminação pública baseado em candeeiros iluminados com óleo de peixe foi substituído por combustíveis à base de gás carbônico através dos serviços prestado pela companhia inglesa *The Ceará Gás Company Limited*. Em 17 de setembro de 1867, houve a instalação da iluminação pública em partes da cidade e de alguns pequenos edifícios<sup>14</sup>, dentre eles o Clube Cearense. Em 25 de março de 1867, foi instalada a biblioteca e o arquivo público da província. (GIRÃO, 1997; STUDART, 2001).

O serviço de canalização de água concedido para a empresa *The Ceará Water Company Limited* foi inaugurado em 1867, proveniente do sítio Benfica, que canalizava água para quatro chafarizes nas principais praças: da Municipalidade (Ferreira), Voluntários, da Misericórdia (Passeio Público) e da Assembleia.

O sistema de transporte realizado à tração animal foi instalado em 25 de abril de 1880 pela Companhia de Ferro Carril do Ceará. Os bondes puxados à tração animal supriam a necessidade de meio de transporte para uma cidade que crescia demograficamente e espacialmente. O novo meio de transporte, além de ser um símbolo do capitalismo que se anunciava no espaço, colaborou para a valorização imobiliária das ruas, que recebiam asfaltamento para facilitar o tráfego do bonde.

Mediante os surtos de doenças respiratórias, oculares e digestivas entre 1840 e 1880, foi inaugurado o Lazareto da Lagoa Funda (1850), e entre 1847 e 1857 o Hospital de Caridade (Santa Casa de Misericórdia) foi construído. (BARBOSA, 2012).

O serviço de comunicação se desenvolveu mediante a instalação da agência do telégrafo nacional em 1891. No ano posterior, foram instalados cabos submarinos pela empresa americana *American Telegraph and Cable Co*. No ano de 1891 foram implantadas linhas telefônicas dentro dos limites de Fortaleza, que já possuía 60 equipamentos instalados na cidade.

---

<sup>14</sup> Em meados do século XIX começaram a surgir imóveis com mais de um pavimento na Cidade, desmitificando a ideia que Fortaleza devido à natureza de seu solo não aguentaria a edificação de prédios.

Dessarte, Fortaleza foi se modernizando, desvinculando-se da imagem de atraso, passando a ser expressiva no contexto estadual, urbanizando-se. Os serviços se inseriram no espaço urbano (iluminação pública, educação, saúde, abastecimento de água, transporte público, comunicação), direcionando a expansão da cidade. Costa (2005, p. 378) afirma que:

Os serviços públicos são instalados em áreas onde a população tem poder aquisitivo suficiente para o pagamento das taxas. Uma parte da cidade cresce em função dos interesses econômicos, sendo, portanto, urbanizada, ou seja, detentora dos serviços urbanos, ocupada pela classe média. Outra área da cidade se expande espontaneamente, sem a infraestrutura necessária, pois seus moradores não podem pagar pela infraestrutura e serviços. (COSTA, 2005, p. 378).

Desse modo, o espaço da capital cearense foi se conformando, contraditório e desigual. E o cenário da produção e organização espacial da época tinha como palco o Centro tradicional.

As transformações que transcorreram nos arremates do século XIX adentraram intensamente o século XX na companhia dos ensejos da elite intelectual e política que incitou processos sociais, resultando na produção do espaço urbano que se limitava ao que atualmente se designa Centro de Fortaleza. O bairro, nesse período, foi o local da consolidação de instituições culturais, religiosas, administrativas e municipais.

As mudanças ocorridas em Fortaleza à época tiveram como mote o crescimento urbano e a urbanização, visto que ambos são os principais processos para o desenvolvimento da urbe, já que ao passo que as pessoas confluem para as cidades, os modos de vida, e, conseqüentemente, o espaço se modifica. A urbanização na capital cearense foi motivada pela dinâmica econômica e pelo surgimento de novas atividades que coadunaram para o início da especialização urbana da cidade.

A economia de Fortaleza mostrava cada vez mais um crescimento relativo do mercado interno através da atividade comercial, porém a dinamização econômica se perfazia também por intermédio da implantação da embrionária atividade industrial na cidade, que, no começo do século XX, estava em seu primeiro momento. (AMORA, 2005).

Com a inclusão de Fortaleza cada vez mais no capitalismo industrial, a cidade passou a sofrer alterações promovidas pela presença direta e indireta desse modo de produção no espaço, suscitando novas relações sociais na cidade. O modo de viver,

incutido de ruralidade e provincianismo, foi se modificando a partir da implantação do projeto de consolidação do capitalismo e de aspirações para uma sociedade urbana moderna. Dentre as transformações ocorridas na conjuntura espaço-temporal analisada, está a incorporação – pela elite econômica e política fortalezense – do ideal cultural francês de modernidade e progresso na cidade, resultando na construção material e imaterial do espaço urbano. Essa estruturação ideológica e tangível de Fortaleza esteve vinculada a mudanças de pensamento, motivando inovações urbanísticas, científicas, sociais e arquitetônicas realizadas a partir de normas para a regulamentação de condutas baseadas no pensamento dominante e de obras de infraestrutura e serviços arraigados da concepção de modernidade. A cidade, que desejava se expandir e propalar valores internacionais, acabou por imprimir no espaço características desse momento hodierno. Fortaleza foi se modernizando através da disciplina social e remodelação urbana, as quais deram à capital ares de civilidade. Conforme Ponte (2004) analisa, a nova Fortaleza de 1900 possuía discrepâncias significativas quando contraposta com a mesma cidade de década atrás (pequena e atrasada).

Durante este período, importantes edificações e espaços públicos foram construídos destinados ao lazer da alta sociedade, ratificando a posição da cidade como local de sociabilidade de uma população moderna e progressista. Dentre os principais espaços de sociabilidade construídos, a cidade contou com o cinema Cine Di Maio em 1908; o cinema Pathé em 1907; o Polytheama em 1911; Cine Teatro Majestic em 1917; o Cinema Moderno em 1920; o Diogo em 1940; e o Cine São Luiz em 1952. O Teatro José de Alencar, inaugurado em 17 de Junho de 1910, teve parte de sua estrutura importada da Europa<sup>15</sup>, possuindo influências do estilo *art nouveau* e neoclássico em sua constituição. A importância deste teatro como espaço de lazer fortalezense perpassou o século XX e adentrou o século XXI.

Além de cinemas e teatros, as primeiras décadas do século XX, ápice da *belle époque*<sup>16</sup>, trouxe consigo outras inovações nos espaços de lazer da capital, embora alguns já se apresentassem na cidade desde o século anterior, como o Passeio Público. Outros conjuntos de equipamentos urbanos de lazer para os habitantes foram

---

<sup>15</sup> A estrutura metálica do Teatro José de Alencar foi desenhada pelos arquitetos e engenheiros da firma de fundição escocesa *Walter MacFarlane & Co.*

<sup>16</sup> Período de cultura cosmopolita na Europa durante o fim do século XIX e o começo do século XX. Essa nova concepção de ver o mundo também foi trazida ao Brasil, no qual as principais cidades influenciadas por esse momento foram marcadas por intensas mudanças que refletiram em alterações políticas, econômicas, urbanas e sociais, alterando o modo de vida das pessoas.

construídos ou reformados em Fortaleza, tais como melhoramento estrutural em algumas praças (Praça do Ferreira, Praça Marquês de Herval e a Praça da Sé) e remodelação e construção de jardins públicos.

Os espaços destinados ao lazer e à sociabilidade foram direcionados para a elite de comerciantes e fazendeiros, que foram atraídos a Fortaleza devido à sua nova conjuntura socioeconômica. A população desse estrato social promoveu intervenções no espaço urbano, instalando novas edificações. Ponte (2010) sinaliza que “[...] A onda remodeladora acabou por conferir à zona central da cidade um harmonioso conjunto urbano, complementado com a edificação de mansões, prédios públicos [...]”. (PONTE, 2010, p. 17). Além dos sobrados, palacetes que serviam de moradia foram assentados na cidade, nas casas de comércio de artigos importados e nos prédios públicos. Dessa forma, a paisagem fortalezense foi se modificando.

Durante as primeiras décadas do século XX, a função residencial se concentrava na área central de Fortaleza, onde a população era orientada ao modelo de civilização do progresso, e o espaço físico, ordenado para este determinado fim. Devido à sua modernização, cresceu no Centro a demanda pelo segmento de comércio e serviços. O espaço edificado foi se modificando com o aparecimento de construções verticalizadas<sup>17</sup>.

Todavia, mediante a concentração comercial, os transtornos das greves de operários, o aumento de delitos, a penúria e as cenas de miserabilidades por conta do êxodo rural presente no centro de Fortaleza foram gerando uma área de extremo desconforto aos seus habitantes. Nesse sentido, o bairro foi deixando de ser local privilegiado de moradia das camadas mais abastadas da cidade, onde cada vez mais os comerciantes construía suas casas comerciais.

De maneira geral, o bairro foi perdendo sua função residencial. O processo de deslocamento das moradias para locais distantes do centro fez surgir e consolidar novos logradouros residenciais que atraíram a elite, que antes residia na área central da cidade. Dessa forma, a cidade começou a se expandir e surgiram novos bairros. No setor oeste da cidade surgiu o bairro Jacarecanga, onde se localizavam casas luxuosas de moradores de alto poder aquisitivo. No setor sul de Fortaleza surgiu o bairro Benfica, originado através da construção do palacete do banqueiro João Gentil, foi considerado

---

<sup>17</sup> O processo de verticalização foi disperso por toda a área central e mais intenso no núcleo central, particularmente nas proximidades da Praça do Ferreira, área mais valorizada da área central.

um bairro aristocrático até meados da década de 1950, época na qual os moradores ilustres construía palacetes, bangalôs, grandes casas com jardim e pomares para morar.

No início da década de 1950, com o aumento da mão de obra proveniente do grande número de retirantes que se encontrava na cidade, observou-se uma alta nas construções de residências em Fortaleza. O bairro Aldeota surgiu como novo local de moradia da elite fortalezense. Porém, esse novo bairro ainda não possuía serviços urbanos adequados, “[...] as linhas de ônibus eram precárias e superlotadas, faltavam água e esgotos, a iluminação pública era ruim e o acesso a linhas telefônicas difícil. Também não havia no bairro missas semanais, feiras-livres, cinemas, sorveterias ou farmácias”. (ROSA, 2009, p. 85).

Com o crescimento de Fortaleza advindo de sua expansão urbana, juntamente com a implementação inadequada de políticas públicas, fazia-se presente nos novos bairros (principalmente periféricos) a implantação de infraestrutura e serviços precários. Até os primeiros anos da década de 1960, o abastecimento de energia elétrica era realizado por usinas locais de maneira ineficaz à população, havendo recorrentes interrupções no fornecimento de luz elétrica. Os moradores de alguns bairros de Fortaleza sempre mantinham maços de vela em suas residências, munindo-se contra as constantes faltas de luz. Os bairros periféricos da cidade ficavam sem iluminação todas as quartas-feiras por conta dos jogos no Estádio Presidente Vargas. (ROSA, 2009). O abastecimento de água também era precário, uma vez que o serviço de canalização de água só atendia a alguns bairros da capital. A maioria da população carente desse serviço tinha como alternativa a construção de poços particulares, coleta em chafarizes ou a compra de água vendida em carroças. O transporte público realizado por ônibus a partir de 1947 também era desempenhado de maneira insatisfatória, posto que o crescimento demográfico aumentado na cidade elevava a demanda pelo serviço, que não era satisfatoriamente atendido, além do alto preço pago pelas passagens se comparados aos salários pagos aos trabalhadores da capital.

Enquanto o número de favelas e de bairros sem infraestrutura e serviços adequados ia se espraiando na capital alencarina, a zona leste da cidade passou a ser beneficiada pela transferência da função portuária, antes localizada no Porto das Dragas, para o Porto do Mucuripe, a qual trouxe para esta parte de Fortaleza melhoramento nos serviços e infraestrutura urbana. Diante disto, o setor leste da cidade se tornou capaz de atender à demanda da população de alto poder aquisitivo nos setores residencial, comercial, de lazer e serviços, atraindo sobremodo a elite fortalezense do Centro, que,

apesar de grande parte não mais residir no bairro, ainda faziam da área central local de trabalho e lazer.

Nota-se que a camada de mais alto poder aquisitivo elegera novos bairros residenciais que possuíam em suas imediações equipamentos urbanos, infraestrutura e serviços, encurtando as distâncias e o tempo de deslocamento para a realização de atividades. Em virtude disso, os subcentros de bairro se efetivam no espaço e o centro de Fortaleza foi perdendo grande parte de seus moradores e frequentadores, atraindo para si outra demanda da sociedade.

A cidade de Fortaleza, em constante metamorfose, passou por contínuas transformações condicionadas, sobretudo, pelas alterações no sistema econômico, pela estruturação do sistema produtivo e pelas intensas transformações tecnológicas. Tais mudanças resultaram em alterações nos níveis de vida, localização da população, atividades, produção e consumo, interferindo direta e indiretamente na organização e produção do espaço urbano.

Entendendo que o espaço deve ser entendido como “[...] produto resultante da história da humanidade, reproduzindo-se ao longo do tempo histórico e em cada momento da história, em função das estratégias e virtualidades contidas de cada sociedade” (CARLOS, 2011, p. 63), o processo de descentralização da cidade de Fortaleza deve ser compreendido a partir da transformação do regime de acumulação capitalista, com a passagem do fordismo para o sistema de acumulação flexível. A flexibilização dos processos produtivos, do mercado de trabalho e dos padrões de distribuição e consumo produziu uma cidade dispersa e fragmentada.

A fragmentação da cidade se dá tanto no plano do indivíduo quanto no espaço. A sociedade fragmenta-se mediante a dissolução das relações sociais que unem os homens entre si nos seus diferentes aspectos, já a fragmentação espacial aparece como resultado de atividades segmentadas, sendo produto da relação conflituosa entre a produção socializada e propriedade privada, na qual a terra se divide cada vez em menores parcelas compradas e vendidas como mercadoria.

Esta característica típica do espaço das grandes aglomerações urbanas capitalistas dá um novo desenho às configurações espaciais metropolitanas, sendo verificada na materialidade urbana através das formas de apropriação espacial das atividades de comércio, serviços e habitação. Nessa conjuntura, Carlos (1998) sinaliza que:

Essa fragmentação produz um constante movimento de atração – repulsão da população do centro para a periferia e vice-versa. Produz também uma multiplicidade de centros que tendem a dissipar a consciência urbana na medida que o habitar tem um sentido diverso, mudando hábitos e comportamentos, bem como formas de apropriação do espaço público, além de antigos modos de vida e relações entre pessoas. Bairros inteiros foram descaracterizados ou mesmos destruídos pelas necessidades de expansão desenfreada proveniente da acumulação de capital que produz o espaço metropolitano mudando referências e comportamentos. (CARLOS, 1998, p. 193).

A urbe, em diferentes fragmentos, traz ao espaço muitas mudanças, dentre elas o rompimento do padrão tradicional centro – periferia, já que uma das principais características da fragmentação urbana é o rompimento do modelo tradicional mononuclear<sup>18</sup> urbano, gerando territórios diversos, complexos e desiguais. Essas modificações espaciais são notáveis principalmente em cidades da América Latina (CHETRY, 2014). Mattos (2002) analisa que as cidades latino-americanas passam, em maior ou menor grau, por transformações oriundas do avanço dos processos de reestruturação socioeconômica e difusão de novas tecnologias da informação e comunicação provenientes do fenômeno da globalização, desencadeando, sobremodo, “[...] nuevas modalidades de expansión metropolitana, donde la suburbanización, la policentralización, la polarización social, la segregación residencial, la fragmentación de la estructura urbana” (MATTOS, 2002, p. 01) aparecem cada vez mais destacados na geografia da cidade. Prévôt-Schapira (2001) também demonstra diversos fenômenos e tendências espaciais através da lógica segregacionista atrelada ao processo de fragmentação na cidade de Buenos Aires.

Porém, as novas formas urbanas advindas do processo de fragmentação não se limitam apenas à América Latina, mas devem ser vistas em uma escala global, podendo ser verificadas, por exemplo, em Lisboa, quando Barata Salgueiro (1998) investigou a diversificação da estrutura espacial a partir da fragmentação na capital portuguesa. A autora citada aponta que uma cidade fragmentada, além de possuir enclaves socioeconômicos, áreas funcionalmente mistas, crescimento da “des-solidarização” com o entorno próximo, tendem ao policentrismo e à descentralização de atividades.

Em escala local, a descentralização é caracterizada por um processo resultante da ação de diferentes agentes consumidores e produtores do espaço urbano,

---

<sup>18</sup> Refere-se ao padrão urbano de hiperconcentração de infraestrutura, serviços e equipamentos na área central.

no qual, de acordo com a necessidade do capital, resvalando nas novas necessidades de consumo, novas áreas são eleitas para o deslocamento de atividades, implicando a implosão do padrão tradicional centro-periferia. Tal fato pôde ser evidenciado em Fortaleza a partir da década de 1970, incitado por mudanças de cunhos social, econômico e estrutural advindas do processo de metropolização que se iniciava sobre a dinâmica urbana.

Dentre os fatores que levaram à descentralização em Fortaleza, está a especialização do mercado fundiário, conferindo ao Centro de Fortaleza a função comercial, trazendo ao bairro a gradativa perda de amenidades e do controle da população residente sobre o espaço, ocasionando o deslocamento da elite que habitava o bairro para outras áreas da cidade. Também se relaciona com a produção da cidade sob uma nova perspectiva, fundamentada nas estratégias capitalistas visando os interesses, principalmente, do Estado e dos promotores imobiliários que orientam e reduzem o espaço à mercadoria (CARLOS, 2011), acarretaram alterações das normas urbanas e provocaram valorização de novas áreas e desvalorização de outras. Concomitantemente a esses elementos, o surgimento e a vulgarização do automóvel promoveu o distanciamento das camadas de maior poder aquisitivo, que até então residiam no centro de Fortaleza, para locais mais distantes da cidade, permitindo a descentralização da cidade e a articulação de pontos diversos no município, a fim de garantir as necessidades humanas, desse modo, a produção do espaço (LOPES, 2006). A descentralização também se associa ao crescimento demográfico, posto que, a partir dos anos 1970, com o crescimento espacial e populacional acelerado em Fortaleza (Tabela 5), despontou a fragmentação do espacial e conseqüentemente houve o início da formação de áreas afastadas do centro tradicional.

Tabela 5 – População do município de Fortaleza nos censos de 1872 a 2010.

Ano	População de Fortaleza	Crescimento entre decênios
1872	42.458	—
1890	40.902	-1556
1900	48.369	7.467
1920	78.536	30.167
1940	180.185	101.649
1950	270.169	89.984
1960	514.818	244.649
1970	872.702	357.884
1980	1.338.793	466.091



1991	1.765.794	427.001
2000	2.138.224	552.430
2010	2.452.185	313.961

Fonte: Pereira (2013) – Adaptado.

Nota-se que, em Fortaleza na década de 1970, comparando aos decênios anteriores, houve uma maior concentração estatística no crescimento populacional, fato diretamente atrelado aos processos históricos de migração, industrialização, urbanização e a incidência, muito embora a princípio, do processo de metropolização que se tornava visível na cidade, tornando o espaço urbano cada vez mais complexo com a perda do quadro de monocentricidade e a vigência da descentralização na capital cearense.

Com a nova configuração urbana a partir da década de 1970, a cidade cada vez mais se associou à fragmentação espacial própria das relações capitalistas, que acabam trazendo “[...] novas configurações espaciais no interior da cidade” (SILVA, 2007, p. 90). Com isso, o espaço se modifica movido pela necessidade de acumulação de capital. Logo, a estrutura urbana da cidade é acometida por intensas mudanças que redefiniram completamente o papel de Fortaleza, e, em consequência, o de seu centro tradicional.

A descentralização é um processo complexo determinado pela seletividade espacial. Nesse sentido, a fim de garantir a acumulação de capital, a cidade de Fortaleza foi transferindo atividades do Centro e as alocando em novas áreas, já que a intensa centralidade no bairro é propiciadora de deseconomia de aglomeração, a qual acarreta perda significativa de vantagens locais. Corrêa (1997) ressalta que essas deseconomias que acometem áreas de intensas aglomerações urbanas são um dos fatores responsáveis pelo processo de descentralização nas cidades.

O espraiamento das atividades e dos equipamentos e serviços em Fortaleza para áreas externas ao centro se estendeu, em um primeiro momento, para locais onde a elite já havia eleito para domiciliar-se após não mais se satisfazer em residir no centro tradicional, que, naquele momento, já detinha intenso abarrotamento de fluxos e fixos, gerando transtornos aos que moravam no bairro. A ocupação das áreas de residência da população mais abastada da sociedade é feita de maneira setorial, distanciando-se gradativamente do Centro, citando como exemplo os bairros Aldeota e Meireles, em Fortaleza, e em outros locais do Brasil, como a “Barra da Tijuca no Rio de Janeiro, Alphaville em São Paulo, Padre Andrade em Recife” (VILLAÇA, 2001, p. 273).

O afastamento da camada de maior poder aquisitivo do Centro foi permitido, sobretudo, pela difusão do automóvel, gerando um novo padrão de mobilidade, facilitando o movimento populacional na cidade e o direcionamento de atividades, equipamentos e serviços da área central. Desta forma, a disseminação do uso de veículos corroborou o crescimento, a divisão espacial do trabalho, a fragmentação e descentralização da cidade. (SPÓSITO, 1998).

O espaço urbano, por ser também reflexo da condição social, apresenta certo dinamismo e complexidade cadenciado por ritmos diferenciados. Dessa forma, o espaço inserido na lógica de produção capitalista é transformando em mercadoria e produz a paisagem geográfica objetivando a acumulação de capital. Esse novo momento de transformações em Fortaleza leva “[...] à construção de infraestrutura física e fixa destinadas a facilitar os deslocamentos e para dar suporte às atividades de produção, troca, distribuição e consumo” (HARVEY, 2004, p. 87).

A cidade, até a década de 1950 se estruturava em três segmentos: “[...] o centro comercial e financeiro, a zona industrial e trabalhadora a oeste, seguindo a Avenida Francisco Sá, e zona leste, lugar das residências e do lazer das camadas mais abastadas” (LOPES, 2006, p. 41). No início da década de 1970, Fortaleza já se encontrava com tendência à descentralização de algumas atividades em bairros como Montese, Messejana e Parangaba, porém na referida década houve massivamente a inserção de novas áreas à cidade.

O Estado foi fundamental para a fragmentação e descentralização em Fortaleza, a qual iniciou-se a partir da década de 1970. A implantação de diretrizes urbanísticas, em especial com a implementação do Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana – PLANDIRF – auxiliou na ampliação da estrutura urbana. O Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana – PLANDIRF –, implantado em 1972, tinha como objetivo a integração de municípios à Região Metropolitana de Fortaleza e a incorporação e integração de novas áreas à cidade por intermédio de abertura de vias e outras obras de infraestrutura urbana, dentre elas a construção da ponte sobre o Rio Cocó (corpo hídrico visto como impedimento do processo de expansão de Fortaleza), construída para solucionar o acesso às áreas além do rio, possibilitando a inserção do “[...] bairro Água Fria à malha urbana de Fortaleza” (SILVA, 2006) e o surgimento de novas centralidades no setor leste fortalezense.

O setor leste da cidade, progressivamente e por intermédio do setor imobiliário, e principalmente através da iniciativa pública, inseriu-se à malha urbana de

Fortaleza com o surgimento de novos bairros como Edson Queiroz, Cambeba, Alagadiço Novo, Papicu e Cocó. Esses bairros, inicialmente adensados pela população de classe média e alta que desejava permanecer na Aldeota, porém, em virtude do alto preço e da saturação do solo urbano, deslocaram-se para esses novos refúgios dos estratos de maiores rendimentos financeiros.

Dentre as medidas que levaram à incorporação deste setor à cidade foram: o loteamento da Praia Antônio Diogo, o parcelamento das terras do Sítio Cocó, a inauguração do conjunto habitacional Cidade 2000 (dando origem, posteriormente, ao bairro com o mesmo nome), a implantação do Hospital Geral de Fortaleza, localizado até os dias de hoje no bairro Papicu, e a transferência do prédio do Governo do Estado do Ceará. (COSTA, 1988).

Neste ínterim, surgiram novos pontos descentralizados de atividades econômicas e administrativas através da implantação de diversas instituições públicas, sobretudo na parte leste da cidade, tendo como exemplo a inauguração do centro administrativo Governador Virgílio Távora, no bairro Cambeba. Villaça (2001) afirma que o surgimento de novos centros administrativos é um aspecto da descentralização e um elemento que intensifica o processo, uma vez que a implantação desses empreendimentos em locais distantes das áreas centrais atrai o setor residencial, comercial e de serviços para essas áreas e/ou adjacências.

A cidade passa a se expandir, alcançar maiores distâncias, assumindo maior dimensão e intensificando o processo de fragmentação e descentralização com a ocupação de novas áreas. Para permitir o deslocamento e a integração espacial, visto que o espaço é dialeticamente fragmentado e articulado, Fortaleza estruturou sua malha viária adaptando-se ao uso do automóvel, permitindo o movimento da população para locais cada vez mais afastados do Centro. Durante a década de 1970, foram implantadas importantes avenidas na cidade, tais como a Avenida Perimetral e Avenida Luciano Carneiro. Nesse sentido, “[...] O alargamento e prolongamento de ruas e avenidas foi decisivo no processo do espraiamento da cidade e, sob seu auxílio, as possíveis barreiras existentes, geralmente, eram dissipadas”. (SILVA, 2006, p. 72).

A administração pública governamental do Estado do Ceará, implantada em meados da década de 1980 (Governo das Mudanças), baseada na geração de desenvolvimento através das transformações e da modernização do setor produtivo, trouxe alterações ao espaço urbano com a elaboração de instrumentos fixos e infraestruturas urbanas advindas de obras públicas para produzir ou potencializar a

dinamização econômica. Neste momento, o espaço fortalezense foi assistido por projetos de infraestrutura urbana, dentre eles a implantação do Centro Cultural Dragão do Mar de Arte e Cultura, bienais literárias e outros festivais culturais, construção do Aeroporto e do Porto do Pecém, além da inauguração de rodovias. (Loc. cit). Essas políticas públicas foram fundamentais para a manutenção da metrópole reestruturada nos moldes da fragmentação do espaço urbano sob a égide do capital, que se reproduz por meio da construção de um espaço fixo. (HARVEY, 2004).

A chegada de infraestrutura às áreas recentemente urbanizadas valorizou as localidades onde os equipamentos foram estabelecidos, ocasionando o parcelamento do solo em loteamentos de novas áreas e tornando possível a atuação do mercado imobiliário. A ação desses agentes detém uma coerência própria de funcionamento, produzindo diferentes fragmentos ao espaço urbano, fragmentação esta que sempre sofre mudanças, derivando da dinâmica de acumulação do capital, da reprodução da sociedade e de suas desigualdades, assim, “[...] A produção da cidade ganha uma nova perspectiva e as estratégias dos empreendedores imobiliários, dos bancos e do Estado orientam suas estratégias de acumulação na produção da mercadoria – espaço”. (CARLOS, 2011, p. 61).

O espaço é organizado e produzido de maneira contraditória. Fragmenta-se e divide-se em parcelas vendidas e compradas em talhas, sujeitando-se às mediações do mercado. Enquanto a população de maior poder aquisitivo se retirava para áreas com novas infraestruturas, a população de menor poder aquisitivo acabara por residir em terrenos distantes e de baixo custo. “Os diversos agentes [...] se empenham em desenhar um perfil habitacional decente e mesmo atraente para o setor das incorporações imobiliárias. Com isto, aqui e ali, implantam-se ‘conjuntos habitacionais populares’” (PAVIANI, 1998, p. 187) que são voltados à periferização da camada de menor poder aquisitivo, localizados principalmente em áreas periféricas desurbanizadas, provocando o isolamento dos conjuntos ao restante da cidade, eximindo os indivíduos de participar da coletividade e sociabilidade.

A conformação espacial também é marcada por enclaves no tecido urbano internamente com homogeneidade estrutural e social, porém descontínuos no espaço. Os condomínios fechados para camadas de alta renda surgem na cidade demonstrando a segregação social delimitada pelas diferenças morfológicas. Essas produções imobiliárias fechadas e dotadas de sistema de segurança foram se fazendo presentes e direcionadas cada vez mais para a elite. Atualmente, o que se verifica é a justaposição

de lotes voltados à periferização de camadas de menor poder aquisitivo aos novos espaços destinados aos estratos de maior rendimento, porém possuindo integração espacial desigual.

A periferização social e geográfica se apresenta em diferentes formas em uma realidade citadina. Em muitas realidades metropolitanas, grande parte da população menos abastada ocupa espaços descontínuos no tecido urbano, levando à compreensão de que as áreas periféricas não necessariamente se localizam nas áreas mais externas das cidades. Um quadro característico das metrópoles atualmente é a presença de periferias voltadas aos ensejos elitistas, sendo ocupadas pelas camadas de médio e maior poder econômico da sociedade, que podem pagar pela qualidade ambiental e pelas amenidades que os pontos distanciados dos locais mais adensados das metrópoles possuem. (PAVIANI, 1998). Portanto, de maneira conceitual, a noção do termo “periferia” vista inserida em uma dada realidade com tempo e espaços definidos, não pode ser limitada a apenas um viés de entendimento. (SPÓSITO, 2011).

Com um panorama de fragmentação, há no espaço urbano novos espaços escolhidos e animizados pelo capital, dando início à formação de áreas centrais para além dos centros tradicionais. Os pontos centrais já não são atrativos para a elite como em tempos anteriores, pois a partir da reestruturação da cidade, de alterações no padrão de produção, consumo e mobilidade, novos pontos para habitação, comércio, serviços e equipamentos foram sendo inseridos a fim de atender a elite fortalezense. Nesse sentido, “[...] É importante destacar a transformação no papel do consumo no cotidiano das pessoas nessa transição para a acumulação flexível, pois a aceleração do tempo de giro na produção envolveu acelerações paralelas na troca e no consumo (LOPES, 2006, p. 147), isto posto, esses bairros hodiernos detentores de centralidades são, de certa maneira, capacitados a responder os ensejos principalmente de seus moradores, poupando-os de maiores distâncias e tempo de deslocamento ao centro tradicional para atender suas necessidades.

A cidade, tornando-se policêntrica e motivada em grande parte pelos agentes sociais, principalmente pela classe mais abastada da sociedade, e, simbioticamente, com o Poder Público, foi se desenhando em Fortaleza e alterando sua estrutura urbana. Para Dantas (1995), a difusão de novas centralidades é uma predisposição da cidade moderna.

Segundo Villaça (2001), as diferenças socioeconômicas determinam as facilidades de acesso às diferentes localidades da cidade, diferenciando a acessibilidade

dos estratos sociais em relação ao centro tradicional e às centralidades. É nesse movimento contraditório e desigual de concentração e dispersão que se torna perceptível, no espaço da cidade, os interesses de classes ao elegerem determinados espaços para a reprodução da vida.

Desse modo, ao passo que as novas centralidades foram, de maneira geral, destinadas à população de maior renda, os centros tradicionais direcionaram-se às camadas de menor poder aquisitivo. (CASTELLS, 2000). A presença marcante dos estratos populares nos centros findando o século XX marca um momento de ressignificação das centralidades principais das cidades, as quais são redirecionadas a uma nova demanda da sociedade. Este processo, de acordo com o senso comum, denomina-se ideologicamente por decadência dos centros, que assim é conceituado de modo que se justifique o processo de descentralização da cidade.

Dessa forma, o que é visto como deterioração do centro tradicional é não mais que o abandono pela camada de maior poder aquisitivo concomitantemente à “invasão” pela maioria da população. Corrêa (1997) afirma que, em paralelo e relacionado ao processo espacial de descentralização, o espaço urbano é submetido ao processo de invasão – sucessão, no qual:

[...] Certos bairros habitados durante certo período de tempo, em determinados momentos, verifica-se a “invasão” de pessoas de outro segmento social (inferior aquele antes ocupado). Este processo decorre pela necessidade de se manter o processo de produção residencial para a população de alta renda, produção essa que remunera melhor o capital imobiliário. Criam-se, assim, novos bairros nos subúrbios ou no setor de amenidades da cidade, enquanto as áreas abandonadas pela população de alta renda são ocupadas por uma população ávida pelas vantagens locacionais ou pelo prestígio da área. (CORRÊA, 1997, p. 136).

Este abandono e a ocupação dos centros se apresentam em diversas manifestações e intensidades nas metrópoles. Na década de 1980, os centros urbanos de maior relevância já eram destinados ao comércio e serviços da periferia. Curiosamente, o declínio do Centro da cidade do Rio de Janeiro se iniciou prematuramente comparado aos centros das demais cidades do Brasil, sendo considerado o primeiro centro tradicional a sofrer um processo de invasão das camadas de menores rendimentos.

O Centro da cidade de Fortaleza também se insere nessa lógica, passando a ser conduzida a implantação de “[...] atividades comerciais e de serviços voltados para o atendimento da demanda das classes de menor poder aquisitivo” (DANTAS, 1995, p. 93), passando de Centro tradicional a Centro da periferia. (SILVA, 1992). Dessa forma,

não há a exclusão do centro enquanto centralidade relevante no contexto urbano de Fortaleza, mas a integração diferenciada entre centro da minoria dominante e centro da maioria dominada.

O processo de implosão da elite e explosão da periferia no Centro de Fortaleza não foi condicionado por falhas internas no bairro, mas seu abandono pela elite resulta no descompasso das relações entre a centralidade tradicional e a classe que o assegura. A policentralidade em Fortaleza resultou no redirecionamento dos investimentos do poder público na cidade. A fragmentada ação governamental, juntamente com as restrições orçamentárias, efetivaram políticas públicas pontuais sem levar em consideração a totalidade espacial, e os orçamentos desgastados impossibilitam políticas generalizadas, sendo de ação seletiva e privilegiando, de modo geral, as camadas mais abastadas em detrimento das mais empobrecidas. O Centro, nessa conjuntura, teve decréscimo em detrimento dos investimentos em outros locais da capital, agora mais atrativos a esses investimentos.

O abandono do Centro tradicional pelo poder público é evidenciado na paisagem através da depredação de prédios históricos, novos usos dos espaços de lazer, degradação ambiental e abandono de alguns edifícios no bairro. A desocupação de prédios é notável em outras realidades urbanas: em São Paulo, o edifício Martinelli, primeiro arranha-céu brasileiro, passou anos sendo reduto da elite paulistana, em 1950 foi ocupado por uma população de menor poder aquisitivo, ficando durante muito tempo sob essas condições. (VILLAÇA, 2001). Porém, no início dos anos 1980, o prédio passou por requalificação urbana, sendo instaladas algumas secretarias municipais, escritório, cafés e lojas.

Atualmente, grande parte das centralidades tradicionais das cidades brasileiras passam por descentralização com processos recentes de requalificação dos prédios históricos.

Nota-se, atualmente, uma forte tendência à implantação de projetos de intervenções urbanas em áreas centrais históricas, motivada pelo interesse de valorização e pelo potencial econômico e turístico que essas localidades possuem. A disseminação desses projetos se efetiva em diferentes escalas, ocorrendo em diversos centros urbanos do mundo. Na capital Belga, o que vem se constatando são propostas de reabilitação do centro da cidade com base na atração de população com maior nível de renda e instrução. (CRIEKINGEN, 2006). Em Barcelona, a municipalidade atua fortemente na captação de recursos para o seu centro histórico, que ainda contém

parcela significativa da população pelo forte valor simbólico que detém. (CLAVER, 2006). Na Cidade do México, nota-se o investimento do Governo Federal em políticas de melhoramento urbano no centro da capital mexicana, objetivando o crescimento do setor imobiliário na referida área. (MACÍAS, 2009).

Atualmente, o Centro de Fortaleza vem sendo objeto de debate através do projeto Pacto em Ação, que replica o projeto Pacto por Fortaleza, desenvolvido pela instância municipal sob a frente do presidente da Câmara Municipal, Salmito Filho, do Partido Republicano da Ordem Social – PROS. O projeto está discutindo o Centro da cidade com a participação do poder público, iniciativa privada e sociedade civil para restauração e conservação do patrimônio cultural do bairro, a fim de que haja a organização e execução de ações específicas para sanar certas problemáticas na localidade. O Pacto em Ação aborda alguns temas, a saber: mobilidade; reforma do Mercado Central; requalificação dos edifícios históricos, praças e espaços culturais; comércio, turismo, geração de emprego e renda; ambulantes, feiras e ocupações; segurança cidadã e a transferência da Câmara Municipal ao Centro. Dessa forma, o Centro, que tem seus bens e serviços consumidos de maneira diferenciada pelos diferentes estratos da sociedade, está sendo pensado em conjunto.

Nesse espaço que tem na fragmentação a forma mais avançada da segregação socioespacial, há a pulverização do modelo de cidade monocêntrica (na qual todas as relações urbanas passavam pelo centro principal). As metrópoles atuais caracterizam-se por afastamentos e aglomerações com centro e centralidade, dotados de particularidades e acessíveis aos diferentes estratos da sociedade de maneira diferenciada.

A atual conjuntura urbana de Fortaleza é corporificada através de uma metrópole com diferentes fragmentos, nos quais as centralidades integram essa totalidade fragmentada. Compreendendo que as centralidades são áreas diferenciadas na cidade que possuem uma concentração de atividades que atraem e dialeticamente dispersam a população, e, conforme os apontamentos de Kon (2004), que afirmam que as cidades brasileiras se inserem em uma economia de serviços, essas atividades são importantes para a caracterização da capital cearense e seus estilhaços totalizantes.

### **3.2 Fortaleza, economia metropolitana e o setor de serviços**



Seguindo influenciados pelo crescimento e pela aceleração do consumo, a sociedade, atualmente com sua economia regida pelo capitalismo financeiro em um regime produtivo flexível em que demanda processos de produção cada vez mais tecnológicos, voltando seus produtos ao mercado internacional, possui o setor de serviços em movimento crescente, consolidando a importância desta atividade econômica na dinâmica dos espaços urbanos em escala global.

Entre as principais razões do *boom* dos serviços, além da consolidação do processo de urbanização já tantas vezes exaltada, podemos citar as seguintes: a continuidade do processo de liberação da mão de obra dos setores primário e secundário devido aos ganhos de produtividade nestes setores; a desindustrialização; o papel do Estado engendrando a multiplicação dos serviços públicos; a elevação do nível de vida das populações urbanas; o desenvolvimento de atividades ligadas a novos valores socioculturais: lazer, turismo, prática de esporte, diversão, entretenimento, frequência de shoppings, *fast food*, etc; a generalização do trabalho feminino e o forte crescimento das atividades comerciais. (CASTILHO, 1998, p. 35)

O padrão de acumulação de capital provoca mudanças no setor terciário, visto que essas transformações incitam as diferenciações socioespaciais. O processo de mundialização do capital assistido nos últimos tempos influencia o consumo, demandando por novos serviços que, cada vez mais, se especializam e se modernizam, resultando em reconfigurações espaciais que se expandem progressivamente no espaço urbano, em números cada vez mais crescentes de objetos espaciais que obedecem a essa lógica.

Dessarte, novos objetos espaciais se estabelecem nas cidades, transformando as áreas urbanas.

Dessa forma, na sociedade contemporânea, as áreas destinadas ao setor terciário nas cidades representam muito mais do que simples lugares de compras ou de abastecimento das famílias. Para a grande massa de população urbana, estas se transformam em verdadeiros espaços de vida, simultaneamente, um modo de integração e uma linguagem de comunicação com o mundo social que, por sua vez, para a “nova” cidade, pela importância de sua volumetria e a espetacularidade da sua arquitetura e design, bem como pelas multidões que cotidianamente lhe rendem visita e, ainda, pelo papel que desempenham na regeneração e reabilitação de algumas áreas, revelam ser um componente imprescindível à sua organização e funcionamento, atestando o papel fundamental do setor terciário na produção/reprodução e/ou reconfiguração espacial do espaço urbano na atualidade. (NASCIMENTO, 2007, p. 150).

É notável, hoje, o destaque que o setor de serviços possui tanto na dimensão econômica quanto social. Dessa maneira, torna-se relevante o estudo do referido

segmento e seus desdobramentos espaciais, já que os serviços são pontos articuladores entre as demais atividades econômicas, influenciando diretamente os postos de trabalho e sendo elementos condicionantes para mudanças na sociedade e, conseqüentemente, no espaço.

No Brasil, este setor vem tomando proporções cada vez maiores nos dois circuitos<sup>19</sup> da economia, fazendo das cidades locais em que o segmento mais se evidencia, mormente em áreas metropolitanas. Inserido nesse cenário, este segmento se coloca como atividade econômica considerável na capital cearense, trazendo novos e diferentes matizes ao espaço citadino.

Seguindo a direção conjuntural econômica do Nordeste brasileiro, na qual o setor de serviços é o principal responsável pela captação de mão-de-obra e possuindo uma maior participação no valor do Produto Interno Bruto em detrimento a outras atividades econômicas, Fortaleza possui o setor de serviços com relevância no contexto socioeconômico.

O novo regime de acumulação de capital voltado, sobretudo, ao mercado imobiliário e ao setor terciário, tem nas cidades seu local de maior difusão. Os fluxos constantes e intensos nas crescentes áreas urbanas são o sustentáculo capitalista. Dessa forma, é crescente o nível de urbanização atingido na atualidade.

A cidade de Fortaleza, à medida que cresce, reflete o padrão da acumulação de capital e torna-se uma metrópole consolidada materializando as virtualidades do modo de produção capitalista. A partir da década de 1990 e nos anos iniciais do século XXI, os espaços metropolitanos passaram por um processo de reestruturação baseado em um novo modo de acumulação de capital voltado ao capital financeiro, sobretudo ao setor imobiliário e ao desenvolvimento do segmento de serviços especializados.

O processo de organização e produção do espaço para acumulação de capital no momento vivido é dado a partir da localização das atividades com diferentes conteúdos científicos, informacionais e tecnológicos. Os serviços especializados, portadores de base técnica, científica e informacional, são elementos fundamentais na estruturação das metrópoles.

---

<sup>19</sup> De acordo com Santos (2011), o processo econômico e a organização espacial podem ser analisados por dois circuitos da economia. O circuito superior, que se utiliza de tecnologia de capital intensivo, com preços fixos estabelecidos, baseado em relações de impessoalidade com a clientela. O circuito inferior é baseado em tecnologia de trabalho intensivo e local, com preços relativos, tendo relações diretas com o consumidor.

Onde esses serviços desenvolveram-se nos últimos anos foram atraídos grandes investimentos, tendo por consequência o processo de remetropolização: uma tendência dialética de centralização (das atividades terciárias) e descentralização (das atividades produtivas) de características mais complexas com relação à metrópole do período fordista. E isso explica o papel das metrópoles nesta fase de acumulação e ajuda a entender a maior centralidade que a cidade de Fortaleza vem adquirindo nos últimos anos. (MORAIS; MACEDO, 2014, p. 180).

Apesar de os fluxos e fixos que o setor de serviços modernos e especializados atraem serem os responsáveis, em grande parte, pela dinâmica econômica da cidade de Fortaleza e pelo seu posicionamento enquanto metrópole, não se deve obliterar, também, da importância que o setor industrial possui nesta dinâmica.

Ainda que o mercado de serviços avançados seja um dos maiores responsáveis pelo desenvolvimento da metrópole, a indústria também se faz uma força presente neste processo. Apesar de o setor de serviços especializados se concentrar na cidade de Fortaleza e as atividades industriais se desconcentrarem por outros municípios da capital cearense, as atividades econômicas do setor secundário possuem uma relação simbiótica com o segmento de serviços da capital cearense, sobretudo no concernente ao subsetor de transportes, serviços auxiliares aos transportes e correios.

A partir das mudanças nos processos produtivos com o aparecimento cada vez maior da tecnologia e da informação nas atividades produtivas, os produtos industriais se alteram e necessitam de serviços sofisticados e modernos, os quais se localizam em pontos específicos do espaço. À medida que os lugares concentram diferentes subsetores de serviços, há uma hierarquização em que o centro urbano de maior importância guarda consigo serviços especializados indisponíveis em outros lugares, relegando aos subordinados centros menores, ou seja, subsetores de serviços menos especializados. Assim, embora com a realocação do setor industrial aos municípios vizinhos à Fortaleza, o segmento ainda se localiza em sua Região Metropolitana e mantém reações diretas com a referida cidade, contribuindo para o fortalecimento do setor de serviços da cidade e a consolidação da metrópole cearense.

A atividade turística também vem impulsionando o setor de serviços na capital cearense, já que esta atividade absorve variados tipos de serviços, direcionando a cidade a oferecer, principalmente, atividades ligadas ao consumo de serviços voltados à diversão, ao lazer e ao relaxamento.

Nota-se que o setor de serviços de Fortaleza vem sendo impulsionado por diferentes elementos que conferem à cidade um segmento de serviços relevante tanto na

dinâmica intraurbana como interurbana. O referido setor produtivo na capital cearense é caracterizado por ser o principal concentrador de empregos formais (ver Tabela 6).

Tabela 6 – Empregos formais por setor de atividade econômica em Fortaleza – 2013.

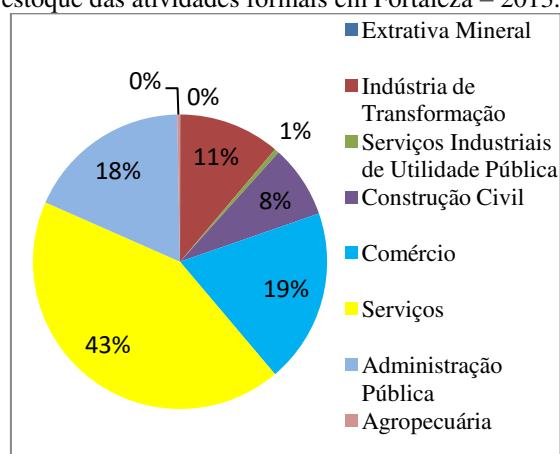
<b>Atividade</b>	<b>Número de empregos formais</b>
Extrativa Mineral	304
Indústria de Transformação	89.694
Serviços Industriais de Utilidade Pública	4.142
Construção Civil	64.480
Comércio	154.432
Serviços	344.828
Administração Pública	145.769
Agropecuária	2.494
<b>Total</b>	<b>806.143</b>

Fonte: PMF (2014) – Adaptado.

A partir dos dados da Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Fortaleza – SDE – relacionados à segmentação e distribuição do setor de empregos formais na capital cearense, constata-se que a atividade de serviços agrega 334.828 trabalhadores formais ligados ao segmento produtivo, seguido respectivamente por ordem decrescente no número de trabalhadores formais ligados ao comércio (154.432), administração pública (145.769), indústria de transformação (89.694), construção civil (64.480), serviços industriais e de utilidade pública (4.142), agropecuária (2.494) e extrativa mineral (304).

A participação dos setores econômicos no estoque de empregos formais em Fortaleza em termos relativos (ver Gráfico 6) demonstra que o setor de serviços possui uma participação de 43% no estoque de empregos formais na capital alencarina; seguido pelo comércio, com 19%; pela administração pública, detendo 18%; posteriormente pela indústria de transformação, com 11%; acompanhado pela construção civil, com 8%; e pelos serviços industriais de utilidade pública, com 1% de participação.

Gráfico 6 – Participação relativa (%) dos setores das atividades econômicas no estoque das atividades formais em Fortaleza – 2013.



Fonte: PMF (2014) – Adaptado.

Esses dados são reflexos da base produtiva da cidade de Fortaleza, pautada, sobretudo, nas atividades de serviços, comércio, administração pública e indústria de transformação.

Constata-se que o setor terciário incide de modo intenso na economia fortalezense, fato que corrobora os apontamentos de Kon (1999) ao afirmar que o terciário está cada vez mais enérgico na sociedade atual, tornando-se principal fonte de emprego a partir da alta competição dos mercados internacionais e mudanças no consumo, sobretudo a partir da crise do petróleo no início dos anos 1970<sup>20</sup>. Assim, os serviços vêm se inserindo cada vez mais intensos e rápidos na economia mundial, porém este crescimento progressivo do setor obedece à diversidade de cada lugar em função de suas especificidades.

Em grande parte dos países capitalistas, este segmento produtivo constitui-se como um dos principais elementos dinamizadores do mercado de trabalho. Na cidade de Fortaleza, os serviços detêm posição de destaque no âmbito dos vínculos empregatícios formais, sendo a atividade com o maior saldo de empregos formais (ver Tabela 7).

<sup>20</sup> Constituiu-se, a partir da Segunda Guerra Mundial, resultado da recusa das nações participantes da Organização dos Países Exportadores de Petróleo – OPEP – e o Golfo Pérsico em comercializar petróleo com os Estados Unidos e alguns países europeus, acarretando *déficit* na oferta e considerável aumento do preço do referido produto, provocando recessão principalmente onde o comércio sofreu embargos, iniciando conflitos internos nos países produtores de petróleo e desestabilização da economia mundial.

Tabela 7 – Saldo de empregos formais em Fortaleza em 2013.

Setor de atividade	Saldo de empregos formais		
	Admitidos	Desligados	Saldo
Extrativa Mineral	234	133	101
Indústria de Transformação	37.915	37.458	457
Serviços Industriais de Utilidade Pública	1.033	909	124
Construção Civil	54.918	51.446	3.472
Comércio	78.131	72.194	5.937
Serviços	163.608	151.627	11.981
Administração Pública	145	129	16
Agropecuária	1.045	789	256
<b>Total</b>	<b>337.029</b>	<b>314.685</b>	<b>22.344</b>

Fonte: Perfil Básico Municipal de Fortaleza (2014) – Adaptado.

Segundo dados do Perfil Básico Municipal de Fortaleza do ano de 2014 publicado pelo IPECE, verifica-se que o setor de serviços ocupou no ano de 2013 o maior índice no saldo de empregos formais na capital cearense. O referido segmento apresentava 11.981 de saldo de empregos formais; seguido pelo comércio, que dispunha de 13.228; construção civil, com 6.968; indústria de transformação, com 6.755; agropecuária, dotando 717; serviços industriais de utilidade pública, que detinha 547; atividades extrativas minerais, com 453; e a administração pública, que contava com 362 no saldo de empregos formais.

O trabalho é condicionado pela necessidade de reprodução das relações sociais de produção. À medida que a sociedade se desenvolve, os processos produtivos se alteram motivados pelos interesses do capital, provocando mudanças nas relações de trabalho e conseqüentemente no espaço. Para Santos (1997), o espaço é essencialmente composto por natureza e sociedade, assim, mediante suas atuações, o homem transmuta ao espaço materializações através do produto do trabalho. Isto posto, nota-se que o trabalho humano é uma variável notável na produção do espaço, especialmente no espaço urbano.

Compreendendo a relevância do trabalho no processo de produção do espaço citadino, nota-se que o setor de serviços compõe grande parte dos vínculos empregatícios da capital, o que traduz uma forte tendência econômica da cidade, além de levar ao entendimento que os serviços se mostram como variáveis importantes na estrutura socioespacial de Fortaleza.

A partir da grande representatividade do setor de serviços na economia, a participação do segmento tanto no Produto Interno Bruto – PIB – quanto no Produto

Nacional Bruto – PNB – se avoluma em diferentes partes do mundo, porém com especificidades locais, diversificando desde o tamanho dos empreendimentos relacionados, a qualidade das atividades, até o grau de representatividade econômica dos serviços. Nessa tessitura, a partir dos dados do Perfil Básico Municipal de Fortaleza do ano de 2014, no qual há informações sobre o PIB de Fortaleza em 2011 discriminadas através dos setores produtivos, confirma-se que o setor de serviços é o principal motor que movimenta a economia de Fortaleza. O setor terciário contava com 80,61% de participação no Produto Interno Bruto – PIB – do município; seguido pela indústria, somando 19,28%; e agropecuária, dispendo de 0,11%.

De acordo com Moraes e Macedo (2014), Fortaleza concentra um elevado número de empresas relacionadas ao setor de serviços se comparada a outras cidades cearenses, este fato pode ratificar a propensão de as capitais administrativas polarizarem o setor de serviços dentro de seus respectivos estados. Todavia, indo de encontro a esta tendência, a principal desconcentração metropolitana do segmento no Brasil acontece no estado que concentra o maior agrupamento de empresas do setor, a cidade de São Paulo. (NEGRI; KUBOTA, 2006).

A representatividade econômica do setor de serviços na cidade de Fortaleza está distribuída, segundo dados da Secretaria de Desenvolvimento Econômico de Fortaleza – SDE – no ano de 2013, em 20.793 empresas. Ao atentar para a localização dessas empresas, os dez bairros com maior concentração do setor de serviços foram: Centro de Fortaleza, contando 2.826; seguido pelo bairro Meireles, possuidor de 2.676; Aldeota, com 2.097; Joaquim Távora, detendo 750; Cocó, tendo posse de 709 empresas; Dionísio Torres, com 526; Fátima, com posse de 465; Papicu, dotando 445; Messejana, com 365; e São Gerardo, possuindo 344 empresas de serviços.

O espaço como causa e consequência das transformações sociais passa por mudanças ou adaptações para acompanhar os movimentos da sociedade em seus diferentes momentos.

Cada combinação de formas espaciais e de técnicas correspondentes constitui o atributo produtivo de um espaço, sua virtualidade e sua limitação. A função da forma espacial depende da redistribuição, a cada momento histórico, sobre o espaço total da totalidade das funções que uma formação social é chamada a notadamente o espaço organizado, como o atual, ao presente, representado pela ação do modo de produção ou de um dos seus momentos. (SANTOS, 1997, p. 89).

Como já foi dito em momentos anteriores, a tecnologia e a informação estão no cerne da economia cada vez mais mundializada, e o processo de reestruturação das metrópoles vem se inserindo nesta dinâmica como instrumento de acumulação de capital. Assim, as áreas de metrópole vêm se transformando e adquirindo novos atributos.

Há, portanto, um reforço do papel centralizador das metrópoles, onde se concentram novas funções, mas agora se caracterizando por certo grau de pluricentralidade e dispersão produtiva. Dessa forma, a essência da metrópole contemporânea está no fato de ser um sistema, um tipo urbano pluriarticulado, um lócus de serviço global dirigido ao desenvolvimento do grande capital. (MORAIS; MACEDO, 2014, p. 187).

As metrópoles, espaços protagonistas nos desdobramentos da sociedade informacional, são vistas como espaços de fluxos cada vez mais fragmentados e dispersos. O espaço da metrópole fragmenta-se e tem a presença cada vez maior da dispersão espacial dos equipamentos e serviços, porém de maneira desigual. Os serviços ainda se concentram com maior intensidade nas centralidades, que se caracterizam também pela maior concentração do segmento de serviços e, sobretudo, com a acumulação de ramos desta atividade que apresentam uma maior carga técnica e informacional.

Contudo, seguindo a dinâmica corrente da diversificação territorial das metrópoles, a capital cearense concentra um número significativo de empresas relacionadas ao setor. Esta capacidade concentradora de estabelecimentos relacionados a esta atividade produtiva resvala-se no poder de atração populacional, tanto de habitantes da própria cidade quanto de indivíduos de outros municípios para áreas de Fortaleza, que aglomera estabelecimentos voltados à prestação de serviços (ver Tabela 8).

Tabela 8 – Os 10 bairros de Fortaleza com os maiores ICS-b (2012) – Serviços

<b>Posição</b>	<b>Bairro</b>	<b>Índice de concentração de ICS-b (2012)</b>
1º	Centro	99,73
2º	Meireles	72,90
3º	Praia de Iracema	61,34
4º	Aldeota	46,95
5º	Dionísio Torres	34,22
6º	José Bonifácio	32,78
7º	Joaquim Távara	32,49
8º	Cocó	30,69



9º	São Gerardo	23,99
10º	Papicu	23,84

Fonte: PMF (2014) - Adaptado.

Com base nos dados fornecidos pelo estudo *Concentração setorial de empresas por bairro em Fortaleza* realizado pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico da Prefeitura Municipal de Fortaleza, foi fornecido através do Índice de Cobertura Setorial das Atividades Econômicas, por Bairro – ICS-b<sup>21</sup>, um panorama da distribuição desta atividade na capital cearense. Verifica-se que os 10 logradouros que possuem os maiores ICS-b relacionados à atividade de serviços na capital (ver Figura 03) são, respectivamente, por ordem de decrescente na concentração: Centro (99,73); Meireles (72,90); Praia de Iracema (61,34); Aldeota (46,95); Dionísio Torres (34,22); José Bonifácio (32,78); Joaquim Távora (32,49); Cocó (30,69); São Gerardo (23,99); e Papicu (23,84).

<sup>21</sup> Constitui-se como uma filtragem da Cobertura Agregada das Atividades Econômicas, por Bairro (ICA-b). Objetiva-se explicar a setorialização dessas atividades em Fortaleza, identificando a diferenciação quantitativa entre os bairros da cidade. Para definir as atividades, foram utilizadas as categorias individuais da CNAE 2.0; O índice foi ponderado a partir da demografia de cada bairro para corrigir distorções relativas ao valor absoluto do número de empresas de cada logradouro. O ICS-b é determinado a partir da seguinte fórmula (ver Figura 02):

Figura 02 – Fórmula do Índice de Cobertura Setorial das Atividades Econômicas – por Bairro (ICS-b)

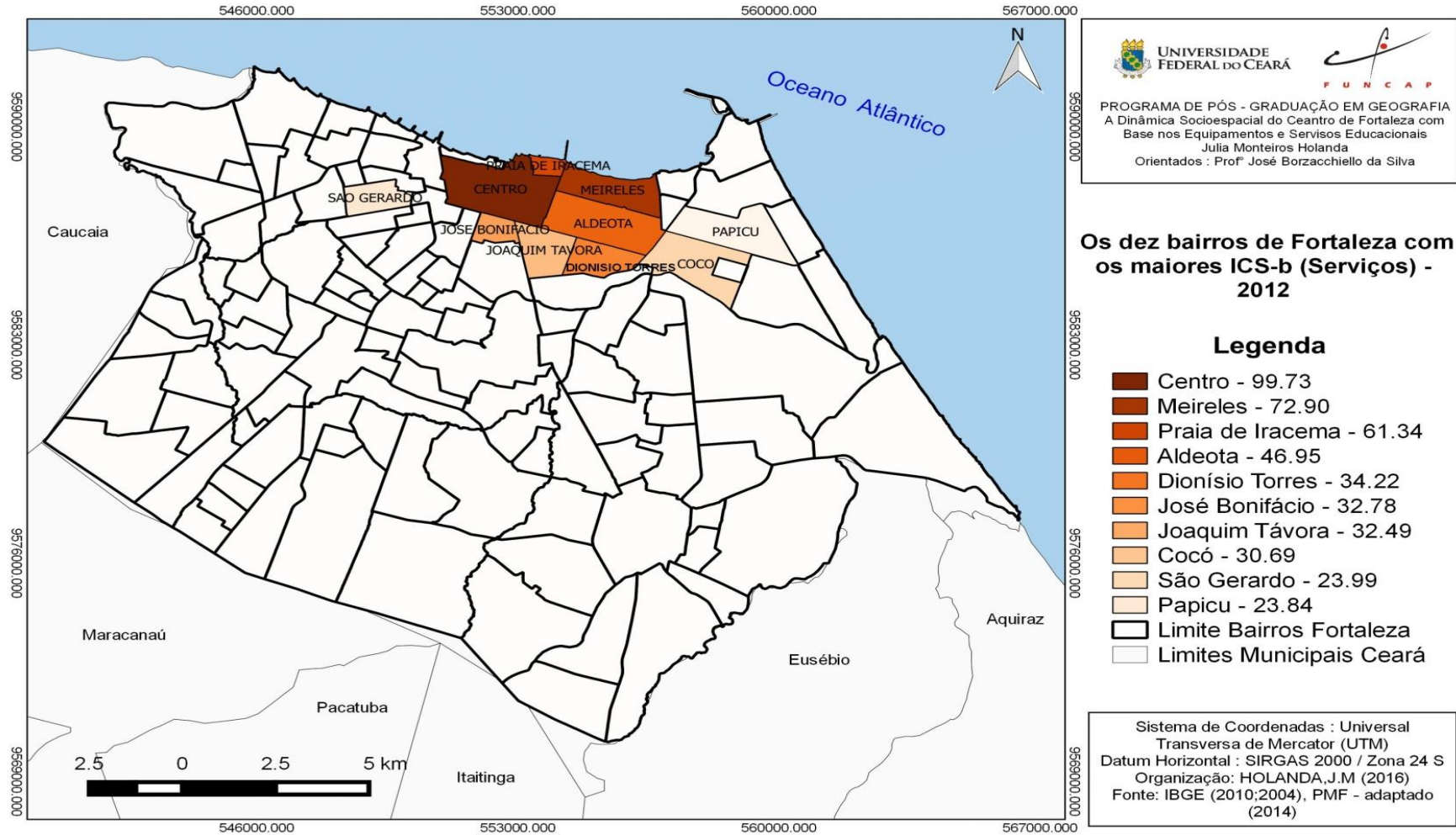
$$ICS-b_{ij}^{2012} = \left( \frac{TEF_{ij}^{2012}}{Pop_i,2010} \right) \times (1000 \text{ habitantes})$$

Em que:

- ICS-b<sub>ij</sub><sup>2012</sup> : é o indicador de cobertura para o bairro i no setor j em 2012;
- TEF<sub>ij</sub><sup>2012</sup> : é o total de estabelecimentos formais para o bairro i no setor j em 2012;
- Pop<sub>i,2010</sub> : é a população total do bairro i com base no Censo do IBGE de 2010

Fonte: PMF (2014).

Figura 03 – Mapa dos dez bairros de Fortaleza que mais concentram ICS-b (Serviços) – 2012



Fonte: IBGE (2004; 2010); PMF (2014) - Adaptado.

Ao passo que na cidade de Fortaleza há bairros que detêm um alto índice de concentração de serviços, em contrapartida existem logradouros com padrão inverso ao citado, possuindo indicadores que denotam um baixo agrupamento dessas atividades (ver Tabela 9).

Tabela 9 – Os 10 bairros de Fortaleza com os menores ICS-b (2012) – Serviços

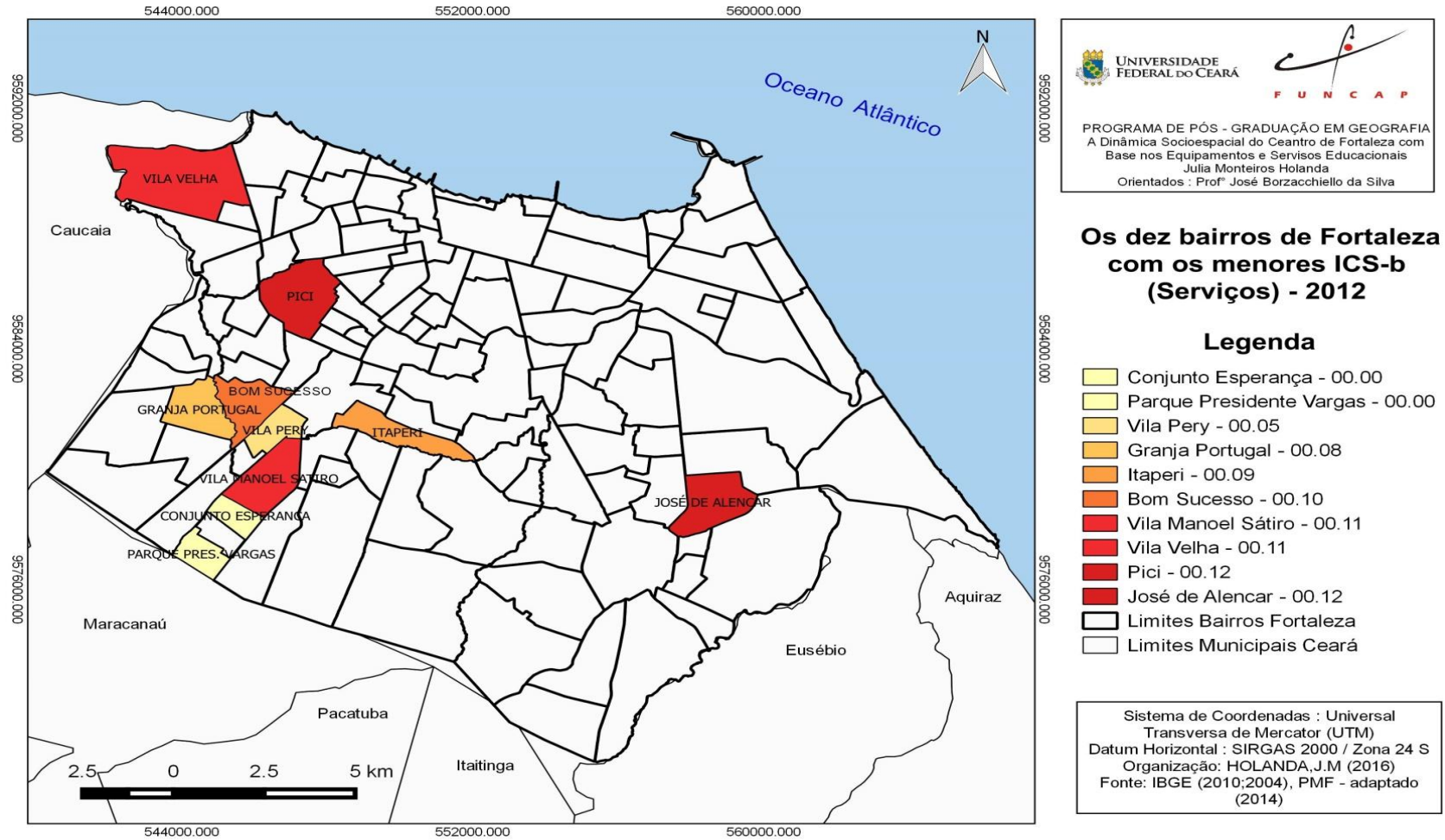
Posição	Bairro	Índice de Concentração de ICS-b (2012)
1º	Conjunto Esperança	00,00
2º	Parque Presidente Vargas	00,00
3º	Vila Pery	00,05
4º	Granja Portugal	00,08
5º	Itaperi	00,09
6º	Bom sucesso	00,10
7º	Vila Manoel Sátiro	00,11
8º	Vila Velha	00,11
9º	Pici	00,12
10º	José de Alencar	00,12

Fonte: PMF (2014) – Adaptado.

Constata-se que os 10 bairros que possuem os menores ICS-b relacionados à atividade de serviços na capital cearense (ver Figura 04) são, respectivamente, por ordem crescente na concentração: Conjunto Esperança (00,00); Parque Presidente Vargas (00,00); Vila Pery (00,005); Granja Portugal (00,08); Itaperi (00,09); Bom sucesso (00,10); Vila Manoel Sátiro (00,11); Vila Velha (00,11) Pici (00,12); José de Alencar (00,12).

Quando se examina o Índice de Concentração Setorial de Empresas por Bairro de Fortaleza relacionado ao setor de serviços do ano de 2012 – ICS-b tanto nos 10 bairros com os maiores índices quanto nos 10 bairros que possuem os menores índices, verifica-se uma disparidade entre a variável analisada. Este fato denota que, apesar da tendência à descentralização do setor, ainda há uma forte concentração espacial deste, caracterizando a atividades de serviços como uma das mais concentradas espacialmente (NEGRI; KUBOTA, 2006).

Figura 04 – Mapa dos dez bairros de Fortaleza que menos concentram ICS-b (Serviços) – 2012



Fonte: IBGE (2004; 2010); PMF (2014) - Adaptado.

O dualismo marcado pela concomitante dispersão e concentração de serviços é conduzido pela iniciativa privada e políticas públicas que definem e direcionam a divisão funcional da cidade, orientando a oferta diferenciada dos serviços no espaço, um dos vetores de expansão do modo de produção capitalista. A diferenciação do uso do solo da cidade é um reflexo dos processos sociais desiguais de um espaço contraditório, fazendo com que haja uma apropriação diferenciada e excludente da cidade.

Nesse sentido, “[...] em uma sociedade de classes, como é a sociedade capitalista, a distribuição de bens e serviços se dá de maneira seletiva, isso vale também para o acesso à terra urbana” (CORRÊA, 1997, p. 177). Nesta conjuntura, a cidade se fragmenta em usos e ocupações específicas associadas a formas e funções particulares aos estilhaços da totalidade urbana. Para Klafke e Baldoni (2014), os serviços, em grande parte, se especializam seguindo a lógica capitalista de obtenção de vantagens locais, visando à maximização de lucro e a minimização de custos. Dessa forma, o segmento se apresenta como elemento de diferenciação socioespacial.

Assim, seguindo a concepção de Nascimento (2007), as atividades que possuem um maior valor técnico e que se constituem de serviços sofisticados e especializados localizam-se espacialmente concentradas, já os serviços mais “básicos” instalam-se de maneira desconcentrada no espaço urbano, buscando o atendimento das necessidades básicas e imediatas da população distribuída geograficamente espalhada na cidade. Dantas assevera que:

[...] a proliferação e descentralização das atividades terciárias, como resultado da regulação socioeconômica, dão margem ao surgimento de uma nova diferenciação espacial determinada/determinante de um novo padrão de acumulação mundial cujas repercussões se fazem sentir no cotidiano. (DANTAS, 2007, p. 23).

As metrópoles possuem um papel de intensificadoras dos fluxos através dos fixos estabelecidos e estrategicamente localizados pelos padrões locais diferenciados. Desta maneira, as configurações territoriais apresentam-se como elemento central para a acumulação de capital.

Compreendendo o momento vivido, no qual há, dialeticamente, dispersão e concentração espacial de atividades produtivas em um sistema econômico com central importância no capital imobiliário e na prestação de serviços especializados, as metrópoles surgem como espaços desconcentrados, concentrados e diferenciados.

Dessa forma, a cidade de Fortaleza encontra-se cada vez mais pluriarticulada, detentora de áreas com diferentes intensidades de concentração e tipos de serviços, nas quais as novas expressões e a centralidade tradicional da capital cearense possuem papel preponderante na manutenção do modo de produção capitalista, como será visto no subcapítulo posterior.

### **3.3 Centro tradicional, novas centralidades e a dinâmica do setor de serviços nas primícias do século XXI**

A partir das mudanças dos processos produtivos com a emergência do regime de acumulação flexível, com o surgimento do capitalismo financeiro, por meio das novas localizações de equipamentos comerciais e de serviços mediante a difusão do automóvel, com a disseminação do consumo e da implementação de locais destinados ao lazer baseado na prática de consumir, o espaço, sobremodo, as cidades foram alterando suas feições, reestruturando-se.

A reestruturação urbana baseia-se no rompimento de conteúdos, ações, relações, e às materializações no espaço dessas rupturas denomina-se reestruturação da cidade, com suas bases alicerçadas na lógica capitalista, tendo como elemento primordial o fortalecimento da cidade no contexto socioespacial. (SPÓSITO, 2004). Posto isso, as cidades reestruturam-se mediante os mandos do capital, os quais incidiram nas cidades brasileiras no início do século XX.

O processo de descentralização marca esse contexto de transformações intensas, em que os ditames do modo de produção são pautados, sobremodo, na acumulação de capital voltado, neste novo momento, não apenas na mercadoria em si, mas na distribuição e circulação rápida, objetivando um maior consumo, consequentemente uma maior geração de lucro, logo, acumulação de capital.

Assim, surgem no espaço novas expressões da centralidade, as quais se mostram contraditórias a partir de uma relação dialética de descentralizar e recentralizar, já que esses novos fragmentos do espaço são postos à luz da cidade a partir de interesses vinculados às lógicas contraditórias, excludentes e desiguais pautadas na diferenciação espacial, em que a descentralização imputa consequentemente uma recentralização, tornando os espaços citadinos repletos de centralidades, aprofundando as diferenciações socioespaciais e intensificando a reprodução do modo de produção capitalista.

Nesse sentido, a contínua reestruturação do espaço urbano produz e reproduz mudanças no padrão centro/periferia, produzindo e reproduzindo processos sucessivos de descentralização e recentralização, já que:

[...] o processo de produção de novas formas / expressões da centralidade são reforçadores da noção de concentração, na medida em que se reproduzem as formas de centralidade, ao exprimir uma 'poli(multi)centralidade' e, portanto, numa estrutura urbana multinuclear que caminha para uma segregação espacial. (SPÓSITO, 1991, p. 16).

O constante movimento de redefinição do espaço traz à tona a diferenciação locacional de equipamentos, serviços e atividades que contribuem para a manutenção da reprodução ampliada do capital, na qual as centralidades são protagonistas neste processo, já que concentram fixos e atraem fluxos, viabilizando as relações de produção, circulação e consumo. (LEFEBVRE, 1999).

Mediante o processo de reestruturação urbana, a cidade transpõe ao espaço materialidades atendendo aos ensejos do capital, nos quais as novas formas/expressões das centralidades são signos desta conjuntura excludente, concentradora de poder, renda e investimentos que ampliam a segmentação do espaço, diferenciando-o.

Assim, a partir da desigualdade socioespacial, o espaço mercadoria diferencia seu valor e limita seu acesso, fragmentando a totalidade espacial. Dessa forma, as centralidades apresentam contextos diversificados; com a valorização imobiliária diferenciada, estruturas e formas urbanas diversas, realidades sociais particulares e interesses de agentes públicos e privados distintos. (FRÚGOLI JR, 2000).

Nesse sentido, as novas expressões da centralidade surgem na cidade principalmente em escala metropolitana, criando novos lócus de reprodução social, espacial e de capital, trazendo ao espaço urbano os subcentros, *shoppings centers* e os eixos comerciais e de serviços, concomitantes a um quadro de ressignificação do centro principal da cidade.

### ***3.3.1 Os shoppings centers***

Com o processo de descentralização e expansão da cidade, novas áreas foram incorporadas ao setor imobiliário, resultando no surgimento de locais destinados a suprir demandas cada vez maiores por serviços modernos e diversificados, já que, a partir das transformações das relações sociais, a prática do consumo se rearticulou,

influenciando, principalmente, a relevância dada à simbologia dos objetos em detrimento da funcionalidade que possuem. De acordo com as proposições de Pinaud (1999), o poder de consumo é contagiante, sendo a mola propulsora da sociedade nesse contexto em que surgem os *shoppings centers*, lócus do consumo, valorização do solo urbano e materialização da segregação socioespacial.

Os *shoppings* surgem no espaço como reflexo da dinâmica de reestruturação do espaço urbano e das relações capitalistas. Assim, esses empreendimentos aparecem como novas formas de atividades centrais em locais para além do centro, possuindo atividades destinadas ao comércio de serviços. A manifestação desses estabelecimentos provoca intensas modificações estruturais e sociais, sendo elemento relevante na reprodução do espaço. (GOLÇALVES, 2009).

O primeiro shopping inaugurado no Brasil foi o shopping center Iguatemi em 1966 na cidade de São Paulo, porém, essas centralidades começaram a se expandir em todas as metrópoles brasileiras a partir da década de 1970. (VILLAÇA, 2001). A capital cearense recebeu o shopping Center Um em 1974, empreendimento pioneiro neste setor em Fortaleza, localizado no bairro Aldeota, aparecendo como concorrente ao Centro da cidade. A camada de altos rendimentos que já residia fora do Centro tradicional, sobremaneira na Aldeota, ganhava um novo local para atividades comerciais e prestação de serviços. Percebe-se, em vista disso, as estratégias no capital, cada vez mais frenético, produzindo transformações rápidas no espaço urbano.

A incorporação do shopping como representação do consumo e lazer típico das cidades organiza um espaço segregado e voltado para a indução ao consumo. Esses empreendimentos substituem a socialização das praças públicas dos centros tradicionais pelo divertimento nos espaços planejados dessas pequenas cidades artificiais. As artificialidades presentes nesses estabelecimentos tornam o ambiente acolhedor, limpo, seguro, climatizado e iluminado, influenciando de maneira intensa a consciência dos frequentadores (consumidores), manipulando-os para o consumo, criando territorialidades, construindo um refúgio da realidade violenta, desigual e caótica.

O espaço é apropriado de modo particular mediante a segmentação em diferentes variáveis: faixa etária, nível socioeconômico, perfil cultural, ocupação profissional, condições e preferências de consumo e bens de serviços. (SPÓSITO, 2011). Apesar dos *shoppings*, *a priori*, serem estabelecidos como locais que agregavam serviços voltados aos grupos sociais de média e alta renda, este quadro vem se alterando com a frequente presença de camadas mais populares da sociedade através de



instrumentos que aumentam o poder de compra, sobretudo com a expansão do crédito, porém ainda refletem a segregação socioespacial de um espaço seletivo voltado às demandas da sociedade que pode consumir produtos e serviços presentes nesses locais.

Esses estabelecimentos cada vez mais agregam atividades não só comerciais, “[...] mas diversos serviços – bancos, casas lotéricas, escolas, faculdades, clínicas médicas, além de ambientes voltados para o lazer, como cinemas, jogos eletrônicos, praças de alimentação, apresentações culturais etc”. (MATOS; GONÇALVES, 2012, p. 37). Dessa forma, os shoppings centers, assim como a principal centralidade de Fortaleza, são contemplados por estabelecimentos que prestam serviços diversos (ver Figuras 05, 06 e 07); porém, apesar das mudanças no padrão de consumo, os shoppings ainda são caracterizados por assistirem um público de maior rendimento financeiro se comparados ao Centro.

Figura 05 – Serviço de lavagem automotiva em shopping de Fortaleza-CE



Fonte: Holanda (2016).

Figura 06 – Serviço bancário (caixas eletrônicos) em shopping de Fortaleza-CE



Fonte: Holanda (2016).

Figura 07 – Serviço de produções gráficas em shopping de Fortaleza-CE



Fonte: Holanda (2016).

Os *shoppings centers* contam com um segmento de serviço diverso e o setor educacional se faz presente nesses empreendimentos. A difusão dos estabelecimentos de ensino nos *shoppings centers* está relacionada ao próprio crescimento desses empreendimentos de consumo, pelas mudanças nas práticas de consumo, e, sobretudo, mediante a emergência do pensamento da educação como mercadoria, envolto em um processo de privatização e independência do controle estatal.

Em Fortaleza, há um número considerável de instituições de ensino nos *shoppings*<sup>22</sup> da cidade, os quais, atualmente, possuem juntos 5 instituições de ensino superior. O Shopping Avenida Home & Office, sozinho, concentra 4 instituições de ensino superior: Universidade das Américas (UNIAMÉRICAS), Centro Universitário Caratinga (UNEC) e Universidade Vale do Acaraú (UVA/IDECC); seguido pelo North Shopping Fortaleza, com uma das sedes da Faculdades Nordeste, uma das maiores instituições de ensino superior da capital cearense (ver Figura 08).

Figura 08 – Sede da Faculdades Nordeste em Shopping de Fortaleza



Fonte: Holanda (2016).

O ensino básico já foi um segmento de serviço educacional existente em alguns *shoppings* de Fortaleza. Apesar de hoje não haver instituições deste ramo nas referidas centralidades, está prevista, no Shopping Benfica, a implantação da instituição de ensino Lourenço Filho, com o ramo de ensino médio e pré-vestibular.

Contudo, mesmo com a visível participação dos *shoppings* de Fortaleza no tocante ao setor de ensino, a presença deste segmento nesses empreendimentos se mostra inferior quando comparada à base educacional do centro da capital cearense

<sup>22</sup> Foram considerados os *shoppings* de Fortaleza inseridos na lista da Associação Brasileira de *Shoppings Centers* – ABRASCE: Avenida Shopping & Office, Center Um Shopping, North Shopping Fortaleza, Pátio Dom Luis, Riomar Shopping, Salinas Casa Shopping, Shopping Benfica, Shopping Center Iguatemi, Shopping Del Paseo, Shopping Parangaba e Via Sul Shopping.

(conjuntura que será detalhada no capítulo posterior). Nesse sentido, não somente o segmento educacional mas todo o setor de serviços não se limita a essas duas formas e expressões das centralidades urbanas.

### ***3.3.2 Eixos de comércio e serviços especializados***

Compreendendo que a centralidade se relaciona com a acessibilidade do consumidor a locais que concentram atividades de comércio e serviços, considera-se, portanto, que estas possuem conexões fundantes por meio da relação entre os fluxos e a articulação com os fixos que estruturam tais áreas. (SOUZA, 2009). Os eixos de circulação surgem no espaço urbano a partir da tendência à formação de novas centralidades.

Na concepção de Duarte (1974), esses eixos comerciais e de serviços se caracterizam por:

[...] ruas ou avenidas que, por constituírem importantes vias de acesso aos principais bairros, a circulação nelas concentrada provoca intenso movimento diário de pessoas que se deslocam de um ponto a outro da cidade, atraindo para si lojas comerciais importantes. [...] Eles começaram a se constituir a partir do deslocamento de atividades centrais para vias de grande circulação de veículos. (DUARTE, 1974, p. 86).

Os eixos de circulação de comércio e serviços localizam-se nas vias urbanas de maior dinamicidade, sendo desdobramentos do centro tradicional que se definem por deter atividades particularmente centrais. Concentram atividades de comércio e serviços, porém com grande nível de especificidade, selecionando os produtos, serviços e o público-alvo a que se destinam. (SPÓSITO, 1991).

Esta nova expressão da centralidade é transposta para o espaço urbano e vista em diferentes cidades que tendem à descentralização. Em São Paulo, a aglomeração de instituições financeiras na Avenida Paulista e o eixo empresarial na Marginal Pinheiros demonstra essa atual dinâmica urbana. Fortaleza também possui eixos especializados de comércio e serviços, citando como exemplo a Avenida José Bastos e sua continuação, a Avenida Américo Barreira, que concentram grande parte de suas atividades relacionadas ao comércio e aos serviços automotivos (ver Figuras 09, 10 e 11), desde serviços de autopeças ao embelezamento de automóveis.

Figura 09 – Atividade de serviço automotivo na Avenida José Bastos, em Fortaleza-CE



Fonte: Holanda (2016).

Figura 10 – Atividade de serviço automotivo na Avenida José Bastos, em Fortaleza-CE



Fonte: Holanda (2016).

Figura 11 – Atividade de serviço automotivo na Avenida José Bastos, em Fortaleza-CE



Fonte: Holanda (2016).

A Avenida José Bastos, pela sua concentração e especialização na prestação de serviços e comercialização de automóveis, possui o conhecido “grande corredor” de venda de veículos de Fortaleza.

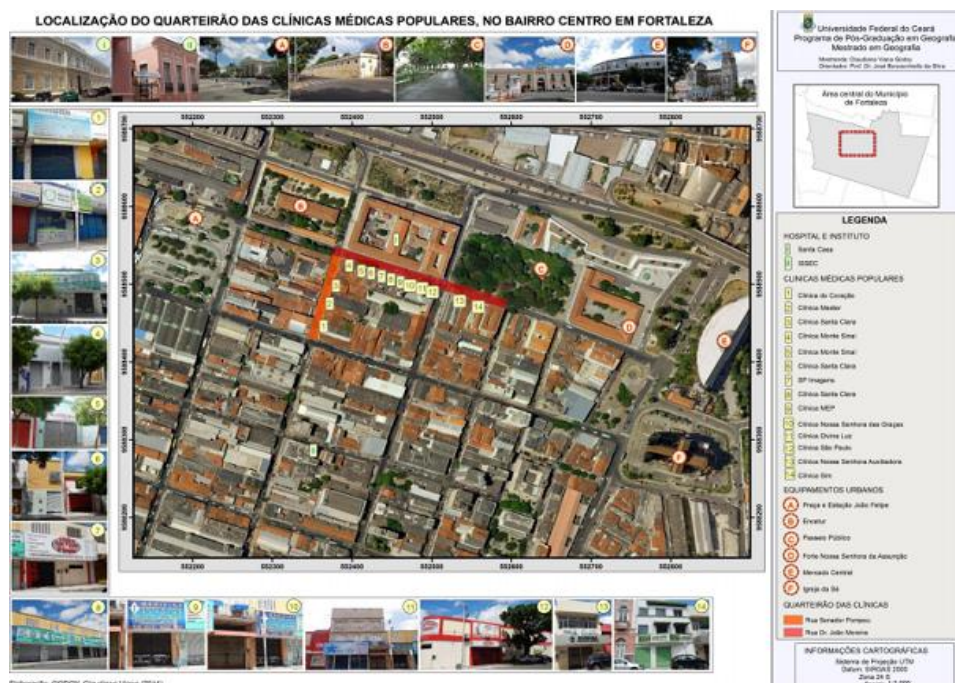
Segundo Corrêa (1997), a consequência do processo espacial de coesão<sup>23</sup> é a criação de áreas especializadas tanto no centro tradicional quanto em áreas exteriores a esta centralidade, já que aparece no espaço simultaneamente junto dos processos de descentralização e centralização.

Muitas dessas atividades que se localizam juntas complementam-se, podendo ser vistas no Centro de Fortaleza através da coesão do setor de serviços médico-hospitalares nas ruas Senador Pompeu e João Moreira (ver Figura 12), as quais concentram quantidade “[...] considerável de clínicas médicas populares e consultórios,

<sup>23</sup> O processo de coesão conceitua-se como um movimento que leva as atividades a se localizarem juntas, gerando economias externas de aglomeração e acumulação de capital. (CORRÊA, 1995).

localizados nas proximidades da Santa Casa de Misericórdia, área conhecida popularmente por Quarteirão das Clínicas”. (GODOY et al., 2013, p.10).

Figura 12 – Quarteirão das Clínicas no Centro de Fortaleza-CE



Fonte: Godoy (2015).

Outro exemplo desta expressão da centralidade no Centro da cidade é o eixo dos artigos para motocicletas, que se localiza na Rua Clarindo de Queiroz, entre a Avenida Senador Pompeu e Tristão Gonçalves. Este trecho de apenas 3 quarteirões no bairro concentra 21 lojas especializadas na prestação de serviços e comércio ligado a motocicletas.

O Centro também apresenta um quadro de coesão de serviços no que se refere ao segmento educacional, no qual há uma maior incidência de instituições localizadas principalmente nas Avenidas Duque de Caixas, Avenida do Imperador e Avenida Tristão Gonçalves (o que será melhor clarificado no subcapítulo 4.2).

Nesse ínterim, o que se nota com os eixos especializados é um evidente processo de coesão que tende a propiciar acumulação de capital através da economia de aglomeração, ocasionando a geração de um agregado de atividades que se concentram em determinados pontos, criando possibilidade de escolha do consumidor, induzindo o consumo de produtos não previstos e gerando, muitas vezes, relações simbióticas entre alocação de estabelecimentos e atividades próximas.

Assim, as áreas especializadas em determinados serviços fazem parte de uma realidade urbana repleta de novas formas / expressões da centralidade.

### **3.3.2 Os subcentros**

O processo de crescimento da cidade, Sobretudo no contexto metropolitano, ocasionou, em muitos casos, o surgimento de subcentros. “O primeiro subcentro a surgir no Brasil foi o Brás, em São Paulo, na década de 1910, logo em seguida, surgiu o subcentro da Tijuca, na Praça Saens Peña, no Rio”. (VILLAÇA, 2001, p. 294). Esses bairros possuem estabelecimentos comerciais, consultórios médicos, instituições de ensino, agências bancárias, restaurantes, salas de cinema, bares etc., buscando atender a demanda da população residente neste ponto da cidade e em áreas adjacentes. (Id. Ibid.).

Essas novas centralidades surgem também na capital alencarina, alterando o seu perfil urbano e acarretando a expansão do espaço metropolitano, originando novos locais de habitação, lazer, comércio e serviços na cidade. Porém, apesar de os subcentros possuírem as mesmas atividades presentes no centro tradicional e dispuserem a mesma variedade de comércio e serviços, apresentam menores proporções e um nível inferior de especialização dessas atividades. (SPÓSITO, 2011).

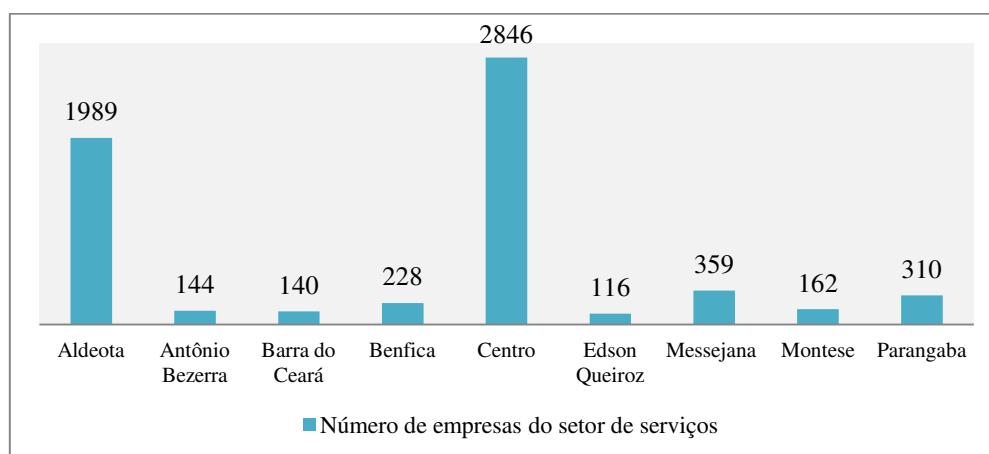
Os subcentros de Fortaleza são aglomerações urbanas que apresentam um nível secundário de demanda e especialização, e dotam de uma diversificação equilibrada do setor de comércio e serviços, sendo usados em menor frequência e número de consumidores se comparados ao Centro principal da capital cearense.

Nesta lógica, o Centro de Fortaleza possui uma intensa atividade voltada ao setor terciário da economia, apresentando-se como um dos principais elementos dinamizadores do bairro. O segmento econômico de serviços apresenta grande relevância para a dinamização do bairro, pois, sozinho, concentrou 54% de participação no estoque de empregos formais do Centro no ano de 2013.

As atividades relacionadas ao comércio de bens e à prestação de serviços vêm ganhando grandes proporções, construindo relações que ultrapassam os limites da área central, fato esse que pode ser analisado através da segunda posição que o bairro ocupa na arrecadação Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação – ICMS do Estado do Ceará –, ficando atrás apenas do distrito industrial de Maracanaú. (GODOY et al., 2013).

Embora Fortaleza se apresente enquanto metrópole policêntrica e o Centro tradicional da capital tenha passado por mudanças e se reconfigurado, o bairro ainda hoje possui relevância no contexto urbano, sobretudo no que se refere aos setores de serviços e comércio popular. Assim, o Centro da cidade possui um denso setor de serviços (Gráfico 7) se comparado aos outros bairros detentores das principais centralidades em Fortaleza (Figura 13).

Gráfico 7 – Cobertura do setor de serviços nos bairros detentores de centralidade em Fortaleza



Fonte: PMF (2014) – Adaptado.

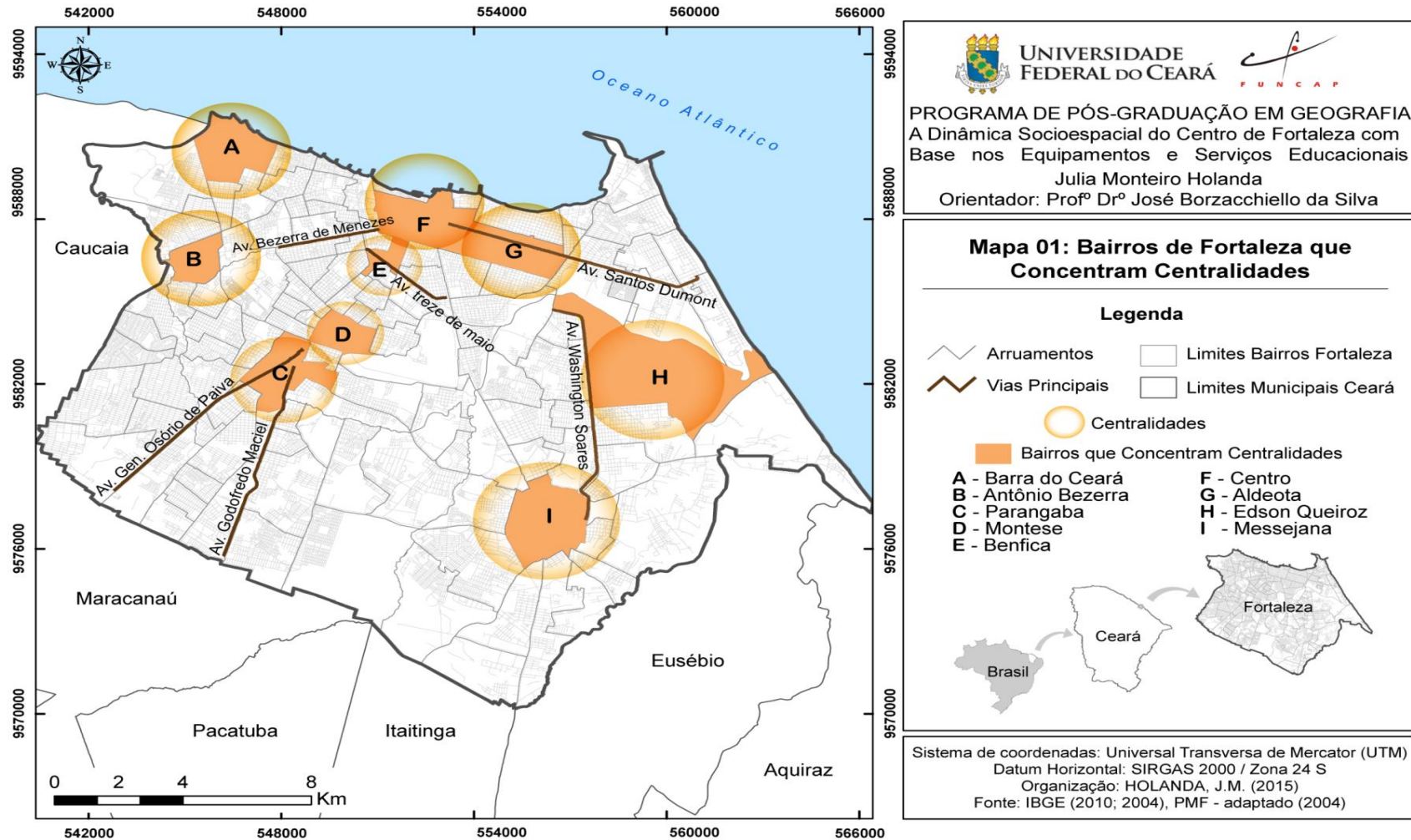
O Centro de Fortaleza, se comparado com os bairros que mais detêm centralidade dentro da capital cearense, supera-os em termos de quantidade de empresas destinadas à prestação de serviços, possuindo 2.846 estabelecimentos desse segmento; seguido por Aldeota, com 1989; Messejana, detendo 359; Parangaba, contendo 310 empreendimentos; Benfica soma 228; Montese dispõe de 162; Antônio Bezerra contém 144 empresas; Barra do Ceará apresenta 140; e Edson Queiroz abriga 116 estabelecimentos destinados à prestação de serviços. Os estabelecimentos de serviços da capital cearense estão concentrados em maior quantidade nos subsetores dos serviços de informação e comunicação, atividades imobiliárias, administrativas e serviços complementares e coletivos (MORAIS; MACEDO, 2014).

O segmento de serviços educacionais está inserido nesse panorama, no qual a cidade de Fortaleza possui uma base educacional expressiva e os subcentros de bairros refletem esse contexto, contando com uma quantidade considerável de equipamentos e serviços de educação. Todavia, esta não é somente uma realidade dos subcentros, posto que o Centro atualmente se configura no contexto urbano como importante concentrador de comércio e serviços, detendo grande oferta de serviços sobretudo nas

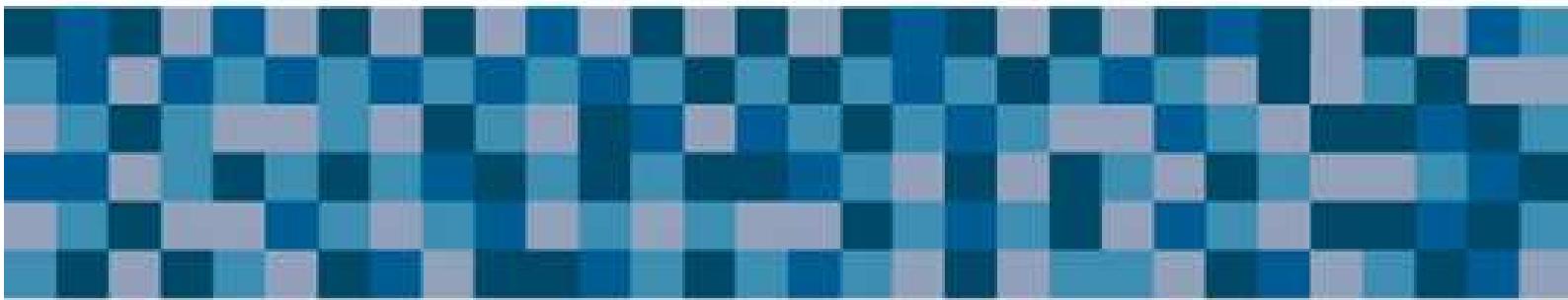
áreas de saúde e educação (SILVA, 2013), sendo este último analisado com maior detalhamento no próximo capítulo.



Figura 13 – Mapas dos bairros de Fortaleza que concentram centralidades



Fonte: IBGE (2004; 2010); PMF (2004) - Adaptado.



Os serviços estão arraigados ao desenvolvimento da sociedade, influenciando as interações espaciais entre fluxos e fixos, e conseqüentemente interferindo na produção e organização dos espaços urbanos.

Compreendendo que o setor de serviços vem se intensificando na economia, nota-se que este segmento econômico constitui-se como variável essencial para o entendimento das transformações espaciais, sobretudo nas áreas que mais concentram serviços, as centralidades.

Neste capítulo, será investigado o setor de educação da capital cearense e seus reflexos no Centro da cidade, objetivando compreender, a partir da referida atividade econômica, a atual conjuntura desta centralidade, posto que os serviços educacionais vêm crescendo economicamente de maneira intensa, tornando-se um dos principais atributos para o entendimento das dinâmicas socioespaciais.

#### **4.1 O setor educacional na cidade de Fortaleza e seus reflexos no centro da cidade**

Ao relatar sobre a educação na capital cearense e seus reflexos no Centro da cidade em uma perspectiva espaço-temporal, tornou-se interessante o uso de uma metodologia capaz de viabilizar a análise da educação em Fortaleza estruturada a partir das idiossincrasias da sociedade, compreendidas em momentos específicos que as caracterizam.

Partindo-se do pressuposto de que a educação formal se estabeleceu mediante o processo de acumulação de capital, visto que a partir da produção de excedentes a sociedade dividiu-se em estratos sociais e o trabalho segmentou-se cada vez mais, tornando-se necessário o repasse dos saberes e da reprodução da sociedade aos ditames capitalistas. (FRIGOTTO, 2003).

Nesse sentido, a partir da complexificação das relações humanas, houve a necessidade de mediação da reprodução social, surgindo então a educação formal, a qual tem como elemento central o trabalho, já que o trabalho medeia as relações sociais. Dessa forma:

[...] a educação foi fundada pelo trabalho como uma atividade fundamental no processo de reprodução social. Sua origem data desde os primórdios da existência humana, quando esta, constituída pelo trabalho, fundou uma atividade que garantiria às gerações mais novas o aprendizado da experiência acumulada pelos homens ao longo do tempo. Num sentido amplo, a educação nasceu no momento em que o homem se constituiu como ser social. (FRERES; RABELO; SEGUNDO, 2009, p. 02).

A educação que atende aos interesses do capital medeia o processo de reprodução da sociedade e se estrutura de maneira diferenciada em momentos históricos distintos, diversificados a partir das variações advindas das necessidades humanas resultadas do processo de acumulação capitalista.

Dessa forma, sabendo que o modo de produção capitalista, em seus diferentes momentos, com dissemelhantes processos de trabalho e implementação de técnicas, influencia diretamente diversas estâncias da sociedade, estando presente também nos desdobramentos do setor educacional na capital cearense.

Assim, sistematizou-se a periodização da educação na cidade de Fortaleza (ver tabela 10).

Tabela 10 – Periodização da Educação na Cidade de Fortaleza

<b>Marco temporal</b>	<b>Fases da Educação em Fortaleza</b>
Segunda metade do século XVII – meados de XVIII	Educação em Fortaleza na sociedade comercial
Segunda metade do século XVIII – segunda metade do século XIX	Educação em Fortaleza na sociedade industrial
Fim do Século XIX – fim da década de 1960	Educação em Fortaleza na sociedade financeira/monopolista
Fim da década de 1970 - atualmente	Educação em Fortaleza na sociedade informacional

Fonte: Holanda (2016).

Verifica-se que a periodização da educação na cidade de Fortaleza se circunscreve da seguinte forma: Educação em Fortaleza na sociedade comercial (Século XVI - meados de XVIII), Educação em Fortaleza na sociedade industrial (Segunda metade do século XVIII – meados do século XIX), Educação em Fortaleza na sociedade monopolista (Fim do Século XIX - final da década de 1960), Educação em Fortaleza na sociedade informacional (Década de 1970 – atualmente).

#### ***4.1.1 Educação em Fortaleza na sociedade comercial***

Esta curta fase da educação alencarina esteve sustentada pelo panorama socioeconômico encetado pelo modo de produção capitalista comercial e suas mudanças contundentes na sociedade, pois

É importante entender esta mudança porque foi com base nela que a circulação foi transformada. Antes o objetivo era obter as mercadorias necessárias — (valores de uso) —, enquanto no segundo caso o fim da circulação era o dinheiro; assim, a mercadoria passava a valer enquanto valor de troca (no qual estava também embutido o seu valor de uso). Portanto, aqueles que dele se beneficiavam desde o fim do Período Medieval — a burguesia — eram os capitalistas, e nesta primeira fase do desenvolvimento do novo modo de produção ocorreu a acumulação primitiva do capital. (SPÓSITO, 1991, p. 37-38).

Durante o período, permitia-se a acumulação primitiva de capital via comercialização, fomentada pelo mercantilismo e tendo na expansão marítima a busca de matéria-prima necessária e a aquisição de força de trabalho escravo inescusável para a pujança econômica da burguesia comercial.

Fortaleza, neste momento, não possuía relevância econômica, tanto pela ausência de matéria-prima que pudesse ser transformada em mercadoria quanto pela carência de um corpulento mercado de compras de produtos, sobretudo da metrópole lusa, o que a transformava, na época, em um local sem preponderância para o fornecimento de lucro, geração de riqueza e acumulação de capital.

Nesse sentido, o marco inicial<sup>24</sup> da educação no Ceará não ocorreu na Cidade de Fortaleza e não teve o Centro de sua atual capital como local de prelúdio da história da educação cearense. Fortaleza, durante o Período Colonial, não teve o mesmo crescimento e posição da rede urbana que outras capitais brasileiras possuíram neste período da história, começando a possuir relevância no contexto socioeconômico a partir do século XIX. Posto isso, a cidade de Fortaleza não tinha uma participação incisiva no desenvolvimento da educação no Ceará.

Findando o século XVIII, já havia no Ceará algumas escolas voltadas à leitura e ao latim, e data deste momento as primeiras menções a escolas em Fortaleza. Durante o período mencionado, a Vila de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção já possuía duas instituições de ensino primário, a Manuel de Sequeira Braga, fundada em 1789, e a Luís Moreira Sá, criada em 1780, ambas se inseriam na categoria da época como escola de “ler, escrever e contar”. (CASTELO, 1970). No entanto, o nível de instrução secundário que se pautava no estudo do latim ainda não se fazia presente na insipiente vila, futura capital cearense.

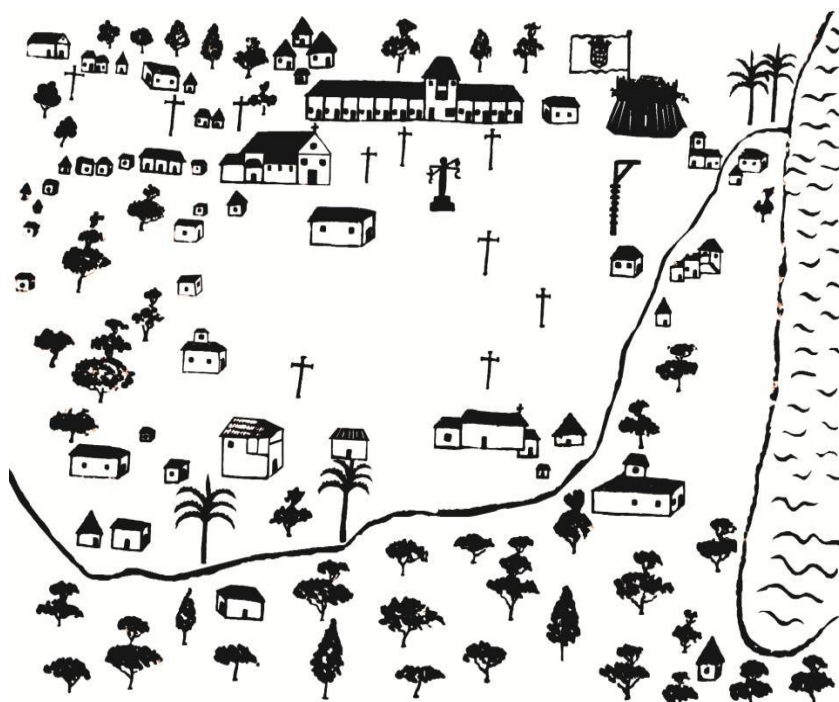
---

<sup>24</sup> Mesmo com a dificuldade de encontrar fontes que tragam referências sobre a educação cearense durante a passagem dos jesuítas nas paragens cearenses, o primeiro marco na história da educação no Ceará se deu com o desenvolvimento da educação voltada para fins religiosos, dessa forma, os momentos iniciais da “instrução” no Ceará se efetivaram com a educação voltada para a fé em uma igreja construída na Serra da Ibiapaba, onde atualmente se assenta a cidade de Viçosa. (VIEIRA, 2002).

Compreendendo que durante os anos finais do século XVIII a Vila de Nossa Senhora da Assunção começou a formar o embrião da cidade de Fortaleza, “[...] já em ponto de aparecer com aquelas características de que se servem os escritores da Geografia humana para definir ou conceituar o que seja uma cidade”. (GIRÃO, 1997, p. 57).

Interpretando fragmentos da carta do capitão-mor Manuel Francês contidos na obra de Girão (1997) e analisando a primeira planta da Vila da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção feita pelo mesmo oficial militar português (ver Figura 14), verificou-se que Fortaleza, durante a centúria 17, limitava-se a Oeste pela Casa da Companhia, ao Sul pela Igreja de São José de Ribamar e poucos casebres, ao Leste se extremava com moradias, palmeiras e o Riacho Pajeú, e ao Norte fazia estrema com a enseada do Mucuripe.

Figura 14 – Primeira planta da Vila de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, feita por Manuel Francês no século XVII.



Fonte: Fortaleza em fotos<sup>25</sup>.

Destarte, as primeiras escolas na cidade se deram em uma pequena parcela do que hoje se designa o Centro da cidade. Assim, além de o Centro ser o local do desenvolvimento inicial da capital alencarina e por muito tempo único foco das relações

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://www.fortalezaemfotos.com.br/2013/06/o-riacho-pajeu.html>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

que se estabeleciam no espaço citadino fortalezense, esta área guarda a importância de ser o *locus* inicial da base educacional da cidade de Fortaleza, demonstrando, assim, a importância que o bairro possui no que tange à história da educação fortalezense.

#### ***4.1.2 Educação em Fortaleza na sociedade industrial***

Para entender o papel da educação formal no desenvolvimento da sociedade, torna-se fundamental a compreensão de alguns fatores que contribuem para a sustentação do quadro socioespacial em determinados momentos da história e a relação posta entre a tríade sociedade, trabalho e educação.

Dessa forma, a sociedade começou a passar por mudanças, os instrumentos de produção ganharam um nível maior de complexidade, intensificando os processos produtivos, tornando-os mais eficientes e com preços mais elevados, favorecendo, de maneira geral, os detentores de capital acumulado e tornando a produção artesanal aquém dos produtos industriais. O modo de produção capitalista alcunhado pela indústria principiou-se na Inglaterra e alterou as relações de trabalho, tendo no chão da fábrica a emergência dos trabalhadores assalariados. A preponderância do trabalho assalariado trouxe transformações inexoráveis.

A predominância do trabalho assalariado, e por outro lado o controle, cada vez mais definitivo, da produção pelo capital, dão ao desenvolvimento capitalista um novo rumo, através da ampliação do espectro de acumulação e reprodução do capital. Antes era possível acumular-se a partir do comércio de todo o tipo que a economia mercantil permitia (inclua-se aí os saques e a pirataria, por exemplo). Agora, era possível reproduzir este capital acumulado, investindo-o na produção, através da compra dos meios de produção necessários: matéria-prima, ferramentas, máquinas e torça de trabalho. Embutido no preço do produto, agora sob a determinação do capitalista, estava o 'lucro', aquilo que a economia liberal considera a remuneração do capital investido, e que, na verdade, constitui-se na apropriação de parte da riqueza produzida pelo trabalhador que o seu salário não remunera – a mais-valia. (SPÓSITO, 1991, p. 53-54).

A acumulação de capital característica desse momento foi efetuada, de maneira geral, com as melhorias técnicas, as quais permitiram a produção com maior agilidade, favorecendo o aumento da mais-valia. Assim, a Primeira Revolução Industrial teve nas máquinas de fiar e no tear mecânico movido pela combustão do carvão o motor da produção, e, através das ferrovias e das navegações, o fluxo de matérias-primas e produtos para comercialização. (HOBSBAWN, 1988).

Todas essas mudanças dos processos produtivos, das relações de trabalho e do desenvolvimento técnico, influenciados pelo capitalismo industrial, trouxeram alterações ao espaço, e sobretudo na estrutura e função das cidades.

O processo de urbanização também decorreu deste panorama, posto que, com o novo cenário vivido pelas cidades como lócus das empresas fabris e estas exigindo mão de obra para o seu funcionamento, incitavam os movimentos migratórios do campo para a cidade, intensificando o crescimento da população e a complexificação das relações sociais nas urbes. A industrialização trouxe intensas transformações à cidade, incitando o processo de urbanização, modificando sua estrutura e função, especializando-as espacialmente.

A crescente especialização funcional que a industrialização provocou, e a ampliação dos mercados que a sua produção em série exigiu, ao fortalecer a articulação entre os lugares, e principalmente entre as cidades, reforçou a divisão social do trabalho, que se manifestou a nível espacial — a divisão territorial do trabalho. Ou seja, os lugares também se especializaram funcionalmente à medida que transformações estruturais foram se dando a nível da sociedade; o espaço foi sendo produzido socialmente para atender esta nova realidade — a de uma economia com forte base no desenvolvimento industrial. (SPÓSITO, 1991, p. 63-64).

Os espaços urbanos foram sendo redefinidos pela busca do capital e a sociedade também seguiu este momento de mudanças, inspiradas pelos ideais do liberalismo, pelo racionalismo filosófico e pelas ideologias de progresso incorporado ao ouvir o barulho do trem a vapor e ao contemplar a velocidade das máquinas.

Em vista desse novo quadro que começava a se apresentar à sociedade europeia em meados do século XVIII, Fortaleza passou a se influenciar pelas novas circunstâncias de maneira gradual, no compasso das chegadas das mudanças apregoadas pelo capitalismo industrial.

O quadro educacional fortalezense passou por transformações nessa fase, porém não foram estabelecidas de maneira brusca. Desde a expulsão dos jesuítas até a proclamação da república, a educação formal no Ceará permaneceu quase na inércia, e, nesse interstício temporal, foram instituídas apenas 18 escolas primárias e secundárias. Na vila de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, o quadro educacional seguiu esta mesma tendência e não avançou em número de instituições.

Mesmo com a tentativa de implementação de leis voltadas ao setor educacional, a educação em Fortaleza estabelecida até a proclamação da república esteve marcada pela falta de autonomia e liberdade dos professores, salários baixos,



desalinho didático e metodológico, carência de um corpo docente com melhor preparação para o exercício do magistério, abertura deliberada de escolas, a pobreza e falta de instrução dos pais, que, por questões financeiras, culturais e comportamentais, não davam a devida atenção e importância ao processo educativo e à instituição escolar. (CASTELO, 1970; VIEIRA, 2002).

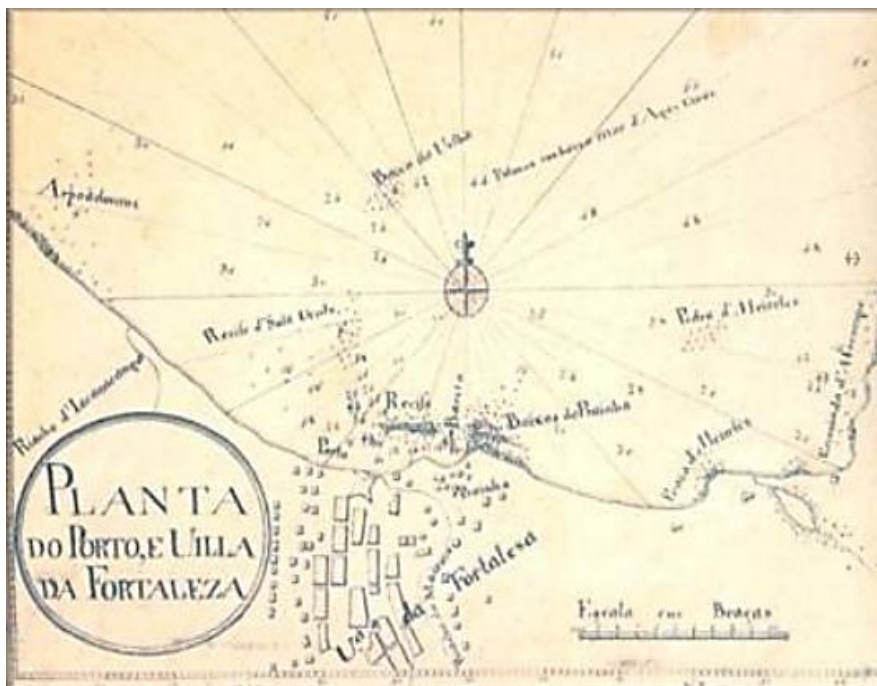
O saldo de iniciativas é tão modesto, que não deixa surpreender o leitor contemporâneo. Se não fosse pelo relato dos historiadores, seria impossível imaginar que nos primeiros anos do século XIX o Ceará tivesse tão poucas escolas e professores, constituindo-se um solo fértil para a proliferação da ignorância. (VIEIRA, 2002, p. 96).

A educação cearense, ainda arcaica, contava com poucas instituições de ensino. Aquiraz e Fortaleza passaram a ter uma posição de destaque no setor educacional cearense. Aquiraz pelo fato de possuir uma das maiores populações da província na época e por ter sido a primeira capital do Ceará, já Fortaleza, além de o número da população ser elevada em comparação com outras localidades no Ceará, pelo início do processo de hegemonia urbana da cidade, por causa de sua posição de capital provincial e por conta do crescimento ainda tímido do comércio externo, que favoreceu a implantação de serviços na capital.

Esta relevância de Fortaleza pode ser verificada no artigo 2 da Lei de 20 de Setembro de 1836, ao fazer disposições sobre os proventos dos profissionais ligados ao magistério, mostrando que a remuneração diferencia-se a partir da importância do lugar, sendo maior em Aracati e Fortaleza (600\$00), Sobral, Crato e Icó (500\$00) e as demais vilas do Ceará (400\$00).

Fortaleza, com seu ainda acanhado setor educacional em uma vila que estava no início do seu processo de expansão urbana (ver Figura 15), estabelecia suas poucas instituições de ensino durante a primeira metade do século XIX em uma área reduzida.

Figura 15 – Planta da Vila de Nossa Senhora da Assunção, feita por Silva Paulet – 1813



Fonte: Chaves et al. (2006, p. 18).

O primeiro plano de expansão de Fortaleza, elaborado por Silva Paulet em 1813, inspirava-se no traçado xadrez, incitando o ordenamento urbano da vila em ruas paralelas. Segundo Castro (1940 apud COSTA, 2014, p. 94), nota-se que o núcleo urbano já “[...] constava de duas ou três ruas perpendiculares à linha de continuação da divisa do terreno do quartel da Fortaleza, portanto paralelas e dispostas na direção norte-sul, além de cortadas ortogonalmente por ‘travessa’”. Por consequência, depreende-se que o desenvolvimento do desprovido segmento educacional fortalezense nas primeiras décadas do século XIX estava situado em apenas uma parte do que conhecemos atualmente pelo Centro de Fortaleza.

Porém, este quadro foi sofrendo mudanças paulatinamente, já que Fortaleza estreitava suas relações comerciais com as metrópoles industriais, sendo área de influência, sobretudo pela produção de matéria-prima às nações transformadoras e beneficiadoras dos produtos primários. Assim, a capital cearense se insere na divisão internacional do trabalho como área de exportação de elementos para produção industrial e compra de artefatos industrializados, refletindo diretamente na produção e organização do espaço e das relações sociais.

Neste movimento constante promovido pela industrialização, as ideologias do capital industrial não tardaram a chegar às paragens alencarinhas.

Sobre este processo, trata-se das transformações históricas marcadas pela expansão das relações capitalistas de produção, acompanhadas por alterações nos comportamentos, gestos, práticas cotidianas, modos de governar, usos da linguagem e maneiras de se perceber no convívio social, através do usufruto dos bens de consumo, exercício de poder e apreensão de idéias, valores e condutas engendradas na era industrial e seu status de civilização. O maquinismo, o sistema fabril, a ampla oferta e a distinção social pelo consumo de bens manufaturados, a afirmação das cidades como espaços de referência da organização social, a racionalidade socioespacial urbana são, entre outros, elementos do capitalismo civilizatório. (CARDOSO, 2014, p. 01-02).

O intercâmbio comercial, que não limitou apenas as trocas de produtos, fomentou a circulação de ideias dos grupos intelectuais das metrópoles detentoras do capital industrial. Fortaleza passou por uma intervenção intelectual, na qual se desejava inculcar ideais, pensamentos, posturas em consonância com a ideologia civilizadora.

Esta atmosfera de civilização e modernização se intensificou em Fortaleza a partir da “Geração de 1870”, na qual grupos intelectuais pregavam a ciência e a razão para a salvação na nação brasileira, influenciados pelo capital industrial e todas as mudanças que já estavam acarretando à estrutura urbana, que reforçavam a ideia de civilização (abastecimento de água potável, farol do Mucuripe, estrada de ferro Fortaleza-Baturité) fundamentada por livros, revistas e periódicos que chegavam da Europa no movimento de ir do Algodão para as indústrias têxteis e através da chegada de produtos importados para Fortaleza. (CARDOSO, 2014; GIRÃO, 1955).

Embebidos pelos valores e pensamentos europeus de civilização e progresso, a educação formal na cidade de Fortaleza começou a ganhar novos contornos e importância, tendo, no ano de 1844, marco inicial de algumas mudanças no setor de ensino fortalezense.

Ficou sancionado pela Lei nº 304, de 15 de julho de 1844, no artigo I, que haveria de se criar um Liceu na capital da província. No ano posterior, a escola foi inaugurada, sendo o prelúdio para mudanças futuras. Com a instalação do Liceu do Ceará, a educação em Fortaleza foi se consolidando a partir da grande representatividade que essa nova instituição possuía no contexto social e o “[...] Liceu veio representar um modelo de escola de erudição, da ordem e da disciplina, para onde convergem os filhos da elite cearense” (VIEIRA, 2002, p. 110).

A partir da segunda metade do século XIX, houve mudanças evidentes no quadro educacional. À medida que o Liceu se tornava uma instituição de ensino de referência no Ceará, maior era a procura de jovens do interior que buscavam pelos

serviços oferecidos pela escola, que já não suportava o número crescente de alunos. Assim, surgiu em 1863, no Largo das Trincheiras (atualmente Praça do Ferreira), o Ateneu Cearense, instituição particular de ensino religioso que buscava competir diretamente com o Liceu.

Após a criação do Ateneu Cearense, houve em Fortaleza um período auspicioso na criação de um grande quantitativo de escolas particulares, que pode ser explicado por alguns fatores: o papel assumido pela cidade na Divisão Internacional do Trabalho, favorecendo a implantação de infraestrutura urbana na cidade, sobretudo a rede de transporte e comunicação, sendo suporte para o desenvolvimento do capitalismo, articulando Fortaleza com outros lugares e influenciando na sua posição de importância na rede urbana, subordinando outras cidades cearenses aos seus mandos. A cidade de Fortaleza, neste momento, também estava com o capital da província, aumentando os investimentos em infraestrutura; os ideais de civilização e a importância dada à erudição, que poderiam ser difundidos por intermédio da educação formal; o liberalismo econômico como doutrina preconizava a não intervenção do Estado na economia; a implementação de leis voltadas à educação, que preconizavam a criação deliberada de instituições escolares.

Dessa forma, o grande número de escolas, sobretudo particulares, se sucedeu na cidade de Fortaleza após a criação do Ateneu Cearense em 1863 (ver Tabela 11).

Tabela 11 – Principais escolas de Fortaleza entre 1863 e 1889

<b>Nome da instituição</b>	<b>Ano de fundação</b>	<b>Endereço inicial</b>
Ateneu Cearense	1863	Feira Nova ou Largo das Trincheiras.
Seminário Episcopal	1864	Avenida Monsenhor Tabosa, 50
Imaculada Conceição	1865	Rua Formosa, nº 26e 28
São José	1876	Rua Formosa, atual Conde d'Eu, nº 100
Instituto do Padre Bruno	1879	Rua Senador Pompeu, nº 172.
Santa Rosa de Lima	1881	Antiga Rua Formosa, atual Conde d'Eu, nº 100
Escola Normal	1884	Praça Marquês de Herval, atual praça José de Alencar
Santa Teresa de Jesus	1886	Rua Senador Pompeu, nº 143
Ginásio Cearense	1887	Rua Barão do Rio Branco (prédio da Casa Singer)
Colégio da Assunção	1887	Rua Senador Pompeu, nº 60
Colégio Militar do Ceará	1889	Av. Santos Dumont, nº 485

Fonte: Girão (1955) – Adaptado.

Todas as escolas implantadas na cidade, nesse período, localizavam-se no Centro de Fortaleza (ver Figura 16). Já que Fortaleza tinha um raio de extensão, nesta época, limitado, no qual:

[...] O rápido crescimento populacional gerava uma procura por espaço, e por outro lado o crescimento territorial das cidades no século XVIII e primeira metade do século XIX estava restrito a um determinado nível, além do que ficava impossível percorrer a pé as distâncias entre os locais de moradia e trabalho. Ou seja, o crescimento populacional não podia ser acompanhado em seu ritmo pelo crescimento territorial. (SPÓSITO, 1991, p. 65).

A extensão da cidade de Fortaleza na época pode ser analisada segundo a “Planta Topográfica da Cidade de Fortaleza e Subúrbios” de Herbster. Assim, através no plano proposto pelo arquiteto em 1875, demarcava:

[...] o núcleo urbano da cidade e que receberiam os nomes de Boulevard do Imperador (Avenida do Imperador), Boulevard da Conceição (Avenida D. Manuel) e Boulevard do Livramento (Avenida Duque de Caxias). O plano, de traçado expansionista, levava o sistema xadrez muito além da parte construída, estendendo a cidade para leste até a Rua da Aldeota (hoje Nogueira Acioli); para Sul, até a rua dos Coelho (Domingos Olímpio), e para oeste, até as Praças Gustavo Barroso (Jacarecanga) e Paula Pessoa. (COSTA, 2014, p. 105-106).

Assim, a cidade findando a sétima década do século XIX se resumia ao que hoje conhecemos por uma parte do Centro, possuidora de uma base educacional voltada, sobretudo, a uma pequena parcela da população que se enquadrava nos moldes das elites sociais e econômicas. Sobre o tipo de educação oferecida e o público assistido na Capital cearense, Viera (2002) destaca que:

Fica como elemento de reflexão a ideia do início de um ambiente de formação intelectual pra os filhos das elites. Os colégios eram privilégio de poucos não apenas porque seu número era reduzido, mas, também, pelos custos que representavam para a população pobre de recursos. (VIEIRA 2002, p. 114).

Percebe-se que os estabelecimentos de ensino localizados no bairro eram destinados a uma educação para a inserção do alunado nas elites sociais e econômicas, com pouca participação dos segmentos econômicos de menor poder aquisitivo, que só tinham acesso, raramente, através da concessão de bolsas de estudos (CASTELO, 1970; GIRÃO, 1955; VIERA, 2002).

Figura 16 – Mapa das principais escolas de Fortaleza entre 1863 e 1889



Fonte: Girão (1956).

### ***4.1.3 Educação em Fortaleza na sociedade financeira / monopolista***

As mudanças socioeconômicas que se iniciaram com a inserção do capitalismo industrial se perfizeram no espaço urbano fortalezense, no qual, ainda sob a influência de elementos característicos do capital industrial, vão ganhando, durante o século XX, novas nuances propiciadas pelo capitalismo financeiro/monopolista.

A Segunda Revolução Industrial, iniciada nos finais do século XIX, influenciou a dinâmica do espaço urbano, sobremaneira nas primeiras décadas do século XX, trazendo o desenvolvimento técnico, científico e mudanças das relações de trabalho mediante a ampliação do ramo químico e metalúrgico aplicado à indústria. (MARX, 1984).

A cidade de Fortaleza crescia em termos populacionais e de sua malha urbana através da população advinda do campo devido ao fenômeno da seca e, também, pela implantação da atividade industrial, relacionada à presença de matéria-prima proveniente da pecuária e da agricultura. As indústrias pioneiras implantadas eram, sobretudo, têxteis, de óleos vegetais e de beneficiamento de couro e peles, sendo localizadas preferencialmente na parte ocidental da cidade de Fortaleza, localizadas próximas à linha férrea Sul, provocando a formação de bairros ao longo das linhas de trem. (LOPES, 2006).

A sociedade da época se encontrava em um cenário permeado pelas conquistas tecnológicas e científicas vividas pelos Estados Unidos e pelos centros industriais europeus,

[...] somados à afirmação do modo de vida urbano sobre o rural [...] reverberaram sobre a ampla circulação de idéias filosóficas, modelos políticos e teorias científicas (Racionalismo, Positivismo, Liberalismo, Republicanismo, Evolucionismo etc) em Fortaleza. (CARDOSO, 2014, p. 03).

Nesse contexto, a educação formal da cidade continuou crescendo, refletindo no aumento de escolas particulares na cidade, e grande parte das instituições de ensino deste segmento ainda se localizavam nas cercanias da Cidade, que foram balizadas pelos planos urbanísticos e suas demarcações circunscreviam a um quinhão do atual Centro da capital cearense: o Instituto de Humanidades do Cônego Vicente Salazar, localizado na Rua Sena Madureira, nº 113; a Escola Americana, na Rua Major Facundo, nº 156B; o Externato Santa Clotilde, na Praça Marquês de Herval (atual Praça

José de Alencar), nº 06; o Externato Santa Tereza, na Rua Senador Pompeu, nº 143; o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, na Rua 24 de Maio, nº 92 (ver imagem); o Externato Colombo, na Rua Municipal (atual Guilherme Rocha), nº 05; o Instituto de Humanidade, na Rua Major Facundo, nº 56; e o Colégio Santa Cecília, na Praça Marquês de Herval (atual Praça José de Alencar), nº 293. (CASTELO, 1970).

A partir dos estudos de Vieira (2002) e Castelo (1970), percebeu-se uma tendência de crescimento do setor educacional privado como foi tratado anteriormente, porém o setor público de ensino permaneceu estagnado em termos quantitativos durante as primeiras décadas do século XX, permanecendo o Liceu e a Escola Normal exemplos da busca pela educação pública de qualidade durante o período supramencionado.

O Liceu do Ceará, durante o período, foi a instituição de maior destaque no âmbito educacional, com matrículas que sofriam oscilações. Um dos fatores importantes para a oscilação do egresso de alunos na referida instituição era o preço das taxas anuais que os alunos despendiam para custear seus estudos na escola, mesmo ela sendo de iniciativa pública. A Escola Normal, durante os primeiros anos de fundação não teve relevância no cenário educacional, adquirindo maior destaque somente após o movimento de renovação do ensino em 1920.

Durante os anos finais do século XIX e as décadas iniciais do século XX, essas foram as duas principais instituições públicas da cidade de Fortaleza, ambas localizadas no atual Centro de Fortaleza. O Liceu era sediado na Praça dos Voluntários de 1884 a 1937; e a Escola Normal, em um primeiro momento, localizou-se na Praça Marquês de Herval (atual Praça José Alencar) de 1884 a 1923, e posteriormente no prédio onde hoje funciona a atual Escola Estadual Justiniano de Serpa, entre os anos de 1923 e 1955, ambos os endereços localizados no Centro da Cidade. Denota-se que o atual bairro de Fortaleza era o reduto do setor público de ensino em Fortaleza durante a época.

A urbanização de Fortaleza, já em curso no início do século XX, juntamente com as alterações socioeconômicas provindas da estrutura conjuntural do modo de produção capitalista, trouxeram implicações mentais sobre o modo de vida da população fortalezense. Voltados a um discurso que pregava o poder da ciência para o rompimento do atraso e incentivo ao progresso humano, houve a necessidade, por meio da elite intelectual, de implantação de instituições de ensino superior na capital cearense.

Dessa maneira,



[...] Por via da formação superior liberal, prenuncio dos novos quadros burocráticos exigidos pelo projeto republicano. Criavam-se, assim, a possibilidade de desenvolvimento de capital cultural e humano para desempenhar funções de comando nas diversas atividades sociais e políticas, do neófito Estado brasileiro. (ANDRADE, 2013, p. 16).

Nesse ínterim, durante os anos iniciais do século XX, “[...] a cidade passou por um momento de prosperidade. Começaram a funcionar os primeiros cursos superiores – Direito, Farmácia, Odontologia e Agronomia”. (COSTA, 2009, p. 151).

A Faculdade Livre de Direito do Ceará, criada em 1903, teve seu prédio construído no ano de 1906, no atual Museu do Ceará, no Centro da capital cearense. A Escola Nacional de Agronomia foi fundada a princípio pela iniciativa privada em 1918, localizando-se na Rua 24 de Maio, nº 28, no atual bairro Centro. A Faculdade de Farmácia e Odontologia deu início ao seu funcionamento em 1916 na Rua Formosa (atual Barão do Rio Branco), nº 309, no Centro da Cidade. A princípio, durante a República Velha, todos os estabelecimentos de serviços voltados ao ensino superior localizavam-se no atual bairro Centro, quadro alterado somente a partir da década de 1950, no antigo distrito de Antônio Bezerra (onde hoje se localiza o Campus do Pici).

O ensino profissional começou a se fazer presente na década preambular do século XX, mediante o propósito de modernização que justificava o interesse de controle do governo republicano e dos estratos sociais dominantes (burguesia industrial e cafeeira) às camadas populares. Nesse sentido, a cidade de Fortaleza, inserida no contexto do capitalismo de um país periférico, em uma cidade onde coexistia o poder oligárquico junto dos interesses dos países que centralizavam o capital, tinha nas medidas modernizantes uma concatenação de interesses.

Em meio às leis para medidas de controle sanitário e social de obras de urbanização da época, houve também a difusão da ciência e tecnologia objetivando a manutenção do sistema econômico. Nesse cenário, surgem as primeiras instituições de ensino profissional:

[...] em que seu funcionamento predominava o interesse de agregar filhos de trabalhadores, permitindo uma formação profissional estritamente voltada para atividades manuais e de ofícios, com vistas à plena adaptação da força de trabalho oriunda das oficinas-escolas ao mercado capitalista em expansão. (VASCONCELOS, 2010, p. 18).

A cidade passou a ser assistida pelo surgimento de instituições de instrução profissional, e como destaque em Fortaleza deste segmento vale mencionar a Fênix

Caixeiral (1891), a Escola de Comércio do Ceará (1913) e a Escola de Aprendizizes e Artífices (1910).

A escola filantrópica Fênix Caixeiral, fundada em 01 de agosto de 1891, era uma instituição voltada ao aperfeiçoamento profissional dos caixeiros. Segundo Castelo (1970, p. 300), a escola, que possuía “[...] extraordinários benefícios de ordem cultural, vem, desde então, decisiva e eficazmente, prestando à mocidade comerciária.” A escola, em um primeiro momento, foi instalada na Rua 24 de Maio, em uma das esquinas da Praça José de Alencar, na qual funcionava o curso profissionalizante, pioneiro do ensino comercial no Brasil. A fênix surgiu com interesses duplos: manutenção dos interesses socioeconômicos e a formação profissional.

Apesar da Fênix Caixeiral ter sido fundada em anos anteriores, o ensino profissional no Ceará surgiu de fato com a criação da escola pública de Aprendizizes e Artífices. Esta escola foi fundada mediante:

O advento do capitalismo nacional e da industrialização e a diversificação da sociedade urbana industrial, que passaram a exigir um trabalhador com maior nível de educação, tanto escolar quanto profissional, para operar os novos instrumentos de trabalho. A exploração dos trabalhadores no interior das fábricas provocou greves e, como consequência, a reação da classe patronal foi buscar na qualificação elementos para tornar o trabalhador mais produtivo e submisso ao formar um trabalhador eficiente, dócil e obediente, para facilitar o processo de produção. (SILVA; MORAES; TEIXEIRA, 2005, p. 353).

Assim, a partir do momento vivido, foi motivada, em 1909, por intermédio do Decreto Federal nº 7.566, de 23 setembro de 1909, uma escola profissionalizante em cada unidade da federação. A Escola de Aprendizizes e Artífices originou-se em Fortaleza no mesmo ano do decreto, instalando-se na Avenida Alberto Nepomuceno, na antiga escola de Marinheiros, que atualmente ocupa o prédio da Secretaria da Fazenda no Poço da Draga, e, posteriormente, no ano de 1914, a escola foi transferida para um prédio em frente à Praça Nogueira Acioly, no Centro de Fortaleza.

Fortaleza possui uma antiga história no ensino militar, tendo a Praça da Bandeira, no atual Centro de Fortaleza, o local de origem do primeiro estabelecimento voltado a este segmento educacional.

O Colégio Militar de Fortaleza foi fundado em 1899, pelo decreto de 01 de fevereiro do referido ano, porém sua história foi marcada por discontinuidades causadas pelo engajamento de seu quadro docente e discente em questões políticas.

A Escola de Aprendizes Marinheiros remonta ao Período Provincial, porém somente se fortaleceu no início da Primeira República. Em 1908, a escola se consolidou com a criação de um prédio de 2 andares no bairro Jacarecanga, destinado a ser ocupado pela escola. A instituição tinha como objetivo a formação primária e técnica do marinheiro, além do desenvolvimento da boa conduta e dos hábitos de higiene.

O que se verificou no ensino militar é que este esteve, a princípio, presente no que hoje conhecemos pelo Centro de Fortaleza, porém não se limitando a ele. O bairro Jacarecanga, neste momento histórico, já se fazia local de residência da população de alto poder aquisitivo que fugia da agitação de áreas mais movimentadas. Assim, começou a ser implantada infraestrutura e serviços no logradouro; seguindo esta tendência, a escola de Aprendizes Marinheiros do Ceará se estabeleceu no bairro.

Apesar de a área que compreende o Centro da capital cearense atualmente concentrar grande parcela de instituições de ensino nos anos finais do século XIX e início do século XX, as instituições de ensino começaram a se espalhar em direção aos bairros adjacentes, aos limites urbanos propostos no plano de expansão de Herbster, não se limitando apenas pelos bulevares, que definiram por muito tempo o pulsar da vida urbana fortalezense. Assim, a cidade, que já vinha crescendo horizontalmente a Oeste, onde surgiu o bairro Jacarecanga no final do século XIX, começou a receber novos bairros durante o início do século XX, principalmente durante as três primeiras décadas, com o surgimento de Aldeota, Prainha, Benfica, Joaquim Távora e Floresta.

A cidade de Fortaleza crescia e ia ganhando cada vez novos contornos. Por consequência disso, importantes educandários foram surgindo em novos bairros de Fortaleza (ver Figura 17). A exemplo disso, o Colégio Nossa Senhora do Sagrado Coração, fundado em 1915 na Avenida Visconde do Rio Branco, no bairro Joaquim Távora. Havia educandários que também se mudaram do atual Centro de Fortaleza para outros bairros que estavam, gradativamente, transformando-se em bairros residenciais, como no caso do Colégio Rosa de Lima, que se localizava a princípio na Rua Formosa (atual Barão do Rio Branco), nº 100, mudando-se para a Chácara dos Amarrais, no bairro Benfica.

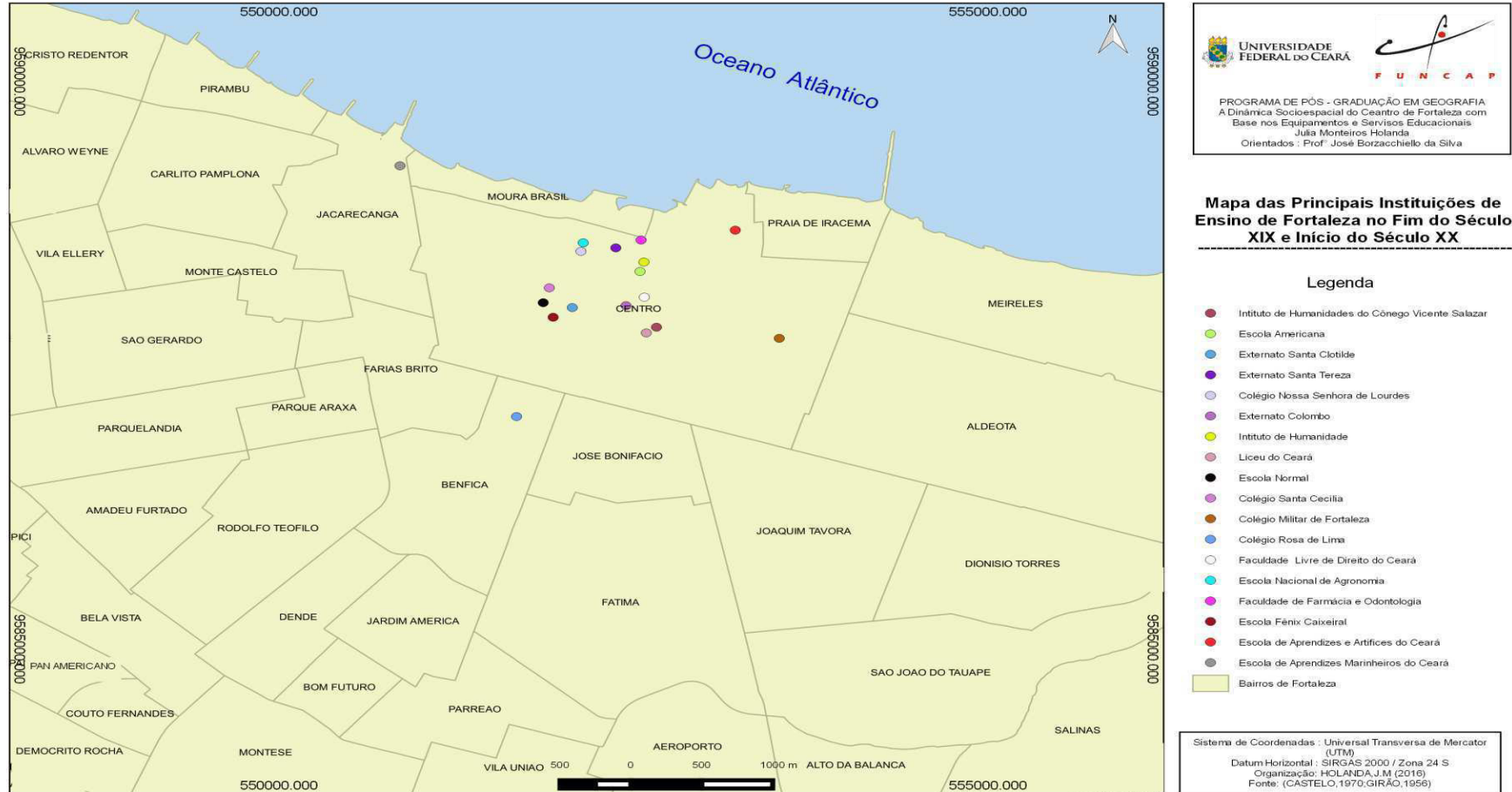
A questão dos limites urbanos da cidade de Fortaleza pode ser vista no lançamento do Regulamento da Instrução Primária do Estado do Ceará de 1905, o qual traz como tema central a obrigatoriedade do ensino primário aplicado com base na localização do domicílio. Desta maneira, a obrigação só prevaleceria para as crianças

que residissem na cidade e até onde fosse pago o imposto da décima urbana<sup>26</sup>, e se a localidade não ultrapassasse 1 quilômetro e meio de distância da escola dos meninos e 1 quilômetro de distância das escolas das meninas. Assim, a lei da obrigatoriedade do ensino não se aplicava às crianças que morassem em áreas que não se caracterizavam como urbanas, além de portadores de deficiência também estarem isentos de tais determinações.

---

<sup>26</sup> Imposto arrecadado pela Superintendência da Décima a cidades, vilas e localidades litorâneas relevantes. Atualmente é conhecido como o Imposto Predial Urbano.

Figura 17 – Mapa das principais instituições de ensino de Fortaleza no fim do século XIX e início do século XX



Fonte: Girão (1956); Castelo (1970).

Após a década de 1930, o setor de educação sofreu modificações sensíveis mediante o novo quadro conjuntural que se apresentava: crise do capitalismo financeiro, no qual os bancos internacionais que detinham um importante papel de suporte no financiamento da produção, principalmente industrial, foram à falência, atingindo a economia brasileira com a diminuição das exportações do rentável café brasileiro e reduzindo os incentivos econômicos externos na economia nacional; mediante as inovações técnicas e científicas advindas da Segunda Guerra Mundial, promovendo o avanço da siderurgia, indústria mecânica, química e o desenvolvimento do setor automobilístico; através do contexto de ordem, autoritarismo e centralização propalado a partir da primeira fase governamental de Getúlio Vargas (1930-1937).

Dentro desse contexto, a economia interna foi fortalecida com o processo de industrialização nacional e com o desenvolvimento do setor terciário. Dessa forma, o segmento industrial no Brasil passou a se expandir, tornando-se imprescindível a formação de mão de obra voltada ao sistema técnico de trabalho fordista direcionado à produção padronizada em massa. (FORD, 1964).

Havendo a necessidade de formar profissionais para o setor industrial, foram realizados esforços voltados para políticas educacionais, sobretudo ao ensino profissional, para onde foram encaminhadas por Getúlio Vargas importantes reformas através de Leis Orgânicas do Ensino, institucionalizadas mediante os Decretos-leis voltados ao ensino industrial (Decreto-lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942) e ao ensino comercial (Decreto-lei nº 6.141, de 28 de dezembro de 1943).

Seguindo esta direção, foi dada origem, a partir do Decreto-lei nº 4.048 de 22 de Janeiro de 1942, ao Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI. A delegacia do SENAI Ceará surgiu em 1943, no bairro Arraial Moura Brasil, no prédio da Escola Moura Brasil. Posteriormente, foi aberta a primeira filial da instituição em Fortaleza, o Centro de Formação Profissional Antônio Urbano de Almeida – CFP AUA –, o SENAI Fortaleza na época, localizado no bairro Jacarecanga.

No ano de 1948 também foi iniciado, a partir dos Decretos-lei 8.621/46 e 8.622/46, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC – em Fortaleza (ver imagem). A instituição, criada com o objetivo de capacitar mão de obra qualificada no período pós Segunda Guerra Mundial, teve sua primeira sede de funcionamento na Avenida Tristão Gonçalves, nº 1245, no Centro de Fortaleza.

Dessa forma, as instituições de ensino profissional foram surgindo e se consolidando para atender às demandas na sociedade por mão de obra capacitada para trabalhar na embrionária indústria de base que surgia no país.

Defronte ao novo paradigma econômico, a sociedade passou por intensas transformações, determinando mudanças na educação formal e introduzindo de maneira mais incisiva as instituições de ensino profissional, voltadas a atender às demandas por mão de obra qualificada atuante na indústria nacional, buscando a geração e acumulação de capital. “Com isso, surgem dois modelos de escola: a escola do rico e a escola do pobre, com níveis mais elevados para os ricos e apenas o ensino primário para os pobres” (PEIXOTO, et al., 2010, p. 8). A escola do rico, voltada ao ensino primário, ginásial e superior, e a escola do pobre, voltada ao ensino primário e a algumas atividades profissionais menos complexas.

Assim, conforme as diretrizes do Manifesto de 1932, que defendia a educação como um direito de todos, não importado o sexo ou a origem social – porém com um limite máximo estabelecido para a obrigatoriedade do ensino –, e através da Constituição de 1934, foi promovida uma inserção do ensino de jovens e adultos de maneira mais incisiva, de acordo com seu artigo 150, que determina a obrigatoriedade do ensino primário gratuito e com frequência assídua a jovens e adultos. Assim, no Período Vargas houve maior preocupação com a educação popular, sendo

[...] criadas, com fundamento no decreto nº 1.495, de 27 de fevereiro de 1935, escolas proletárias noturnas, de caráter provisório [...] Tinham uma duração diferenciada do ensino diurno, funcionavam nas dependências escolares existentes, devendo o ensino ser eminentemente prático. (VIEIRA, 2002, p. 192).

Essas escolas forneciam educação noturna a crianças e jovens que trabalhavam durante o dia. Apesar de os estudantes receberem os mesmos materiais escolares e se instalarem nos mesmos prédios escolares que os educandos das escolas regulares, não recebiam o mesmo nível de instrução.

Outra iniciativa voltada ao ensino das camadas menos abastadas foram os cursos de iniciação profissional, nos quais os alunos de ambos os sexos possuíam aulas de culinária, corte e costura, sapataria, carpintaria, alfaiataria, dentre outras atividades profissionalizantes. (NOGUEIRA; FARIAS, 2003). Essas escolas possuíam um grande valor na sociedade, servindo como instrumento de “remissão” da pobreza.

Como indicam os anuários estatísticos do IBGE, após os anos 1930, houve crescimento significativo do setor de ensino no tocante ao número de matrículas de estudantes de ambos os sexos, do quantitativo de profissionais qualificados ao magistério e do número de instituições educacionais públicas e privadas, porém com maior destaque para as instituições primárias e secundárias particulares. Contudo, os apontamentos de Vieira (2002) revelam que o sistema educacional fortalezense ainda se encontrava precário e a taxa de analfabetismo da cidade estava mais elevada que a média nacional.

Muito embora o setor de educação fortalezense estivesse crescendo, havia uma inferioridade ao comparar o quadro educacional da capital cearense com outras cidades do Brasil, desigualdade essa que pode ser explicada pelo próprio sistema capitalista, já que:

[...] a expansão capitalista não ocorreu plenamente em todo o território nacional, como também não aconteceu de maneira homogênea, a expansão educacional apenas se desenvolveu nos centros onde o progresso industrial se estabeleceu com maior força, criando, assim, enormes desigualdades e defasagens entre as regiões brasileiras. Muito além, a disparidade existente na oferta de ensino causou uma luta de classes e a pressão social pela democratização da educação fez com que o país apenas tentasse conter as exigências da população, oferecendo escolas limitadas e mantendo o caráter elitizante, deixando de promover uma política educacional estável e duradoura. (GIAMOGESCHI, 2009, p. 03).

A cidade de Fortaleza, apesar de não possuir um setor industrial avultado se comparado a outras cidades brasileiras, como São Paulo, por exemplo, contava, até 1950, com um segmento industrial voltado à indústria de beneficiamento, a qual influenciava o contexto econômico da cidade na época, refletindo no contexto educacional.

Mediante mudanças de ordem política, social e econômica no Brasil após 1930, houve um movimento de crescimento das instituições de ensino em Fortaleza, segundo entrevista veiculada na revista “Vida Doméstica<sup>27</sup>”. Na década de 1930, a capital cearense contava em média com 82 instituições escolares. Dessas instituições, as mais importantes da época eram: o Colégio Imaculada Conceição, localizado no Centro de Fortaleza; o Colégio Dorotéias, no bairro Joaquim Távora; Colégio Salesiano Dom

---

<sup>27</sup> Entrevista veiculada na revista *Vida Doméstica* e reproduzida no blog Bonavides75. Disponível em: <<http://bonavides75.blogspot.com.br/2013/04/fortaleza-em-1935-reflexos-do-progresso.html>>. Acesso em: 22 jan. 2015.



Bosco, em Joaquim Távora; o Colégio São João, na antiga casa do banqueiro João Gentil, na Aldeota; Colégio Cearense, no Centro de Fortaleza; e a Cidade da Criança, localizada no Parque da Independência, no atual Parque das Crianças no Centro de Fortaleza. O ensino normal tinha como expoente a Escola Normal, que na década de 1940 ainda se localizava no Centro de Fortaleza, e o ensino secundário foi representado pelo Liceu Cearense, que em 1937 deslocou-se do Centro para o bairro Jacarecanga.

O crescimento das instituições de ensino, sobretudo de cunho privado, continuava se perfazendo na cidade de Fortaleza. Em 1951 foi instalado o Colégio Municipal, localizado na Avenida Barão do Rio Branco, nº 1594, no atual prédio do Instituto Histórico do Ceará, no Centro de Fortaleza. O Colégio 7 de setembro já era uma das escolas privadas mais importantes da época em Fortaleza, possuindo sua primeira sede instalada na Avenida do Imperador, nº 1.330, no Centro de Fortaleza. O Colégio Dorotéias, antigo Colégio do Sagrado Coração, localizado no bairro Joaquim Távora, teve uma grande importância no cenário educacional fortalezense durante grande parte do século XX. O Colégio Christus, fundado na década de 1950, expandiu o número de matrículas ainda nos primeiros anos de instalação da instituição, tendo sua primeira e temporária sede na Rua Silva Paulet, nº 1.222, no bairro Aldeota. Porém, ainda nos anos 50, mudou-se para sua sede própria, localizada na Rua João Carvalho, nº 630, Aldeota. O Instituto Lourenço Filho, também relevante instituição escolar na década de 1950, atualmente denominado Colégio Lourenço Filho, inaugurou sua primeira sede na Rua Floriano Peixoto, nº 963, no Centro de Fortaleza. O Grupo Escolar Fernandes Vieira, localizado no bairro Jacarecanga, posteriormente denominado Escola de Ensino Fundamental e Médio Juvenal Galeno, foi também um relevante equipamento educacional durante a década de 1950 e 1960, atendendo estudantes de Jacarecanga e adjacências. Assim como as escolas anteriores, o Colégio Santa Cecília, nos primeiros anos da década de 1960, já havia de se deslocado do Centro de Fortaleza para o bairro Aldeota.

O ensino profissional também se fazia importante segmento de ensino na época, representado pelo SENAI, localizado em Jacarecanga; SENAC, localizado no Centro da cidade; e pelo Liceu Industrial (antiga escola de Aprendizes e Artífices e atual Instituto Federal de Educação Tecnológica do Ceará – IFCE), que se mudou em 1940 do Centro para o bairro Benfica.

Durante os anos finais da década de 1960, o segmento educacional de ensino superior em Fortaleza encontrava-se fragmentando em prédios isolados, alocados

sobretudo no Centro de Fortaleza. Até os primeiros anos da década de 1960, a capital cearense estava assistida pela Faculdade de Ciências Econômicas (bairro Benfica); Faculdade de Farmácia e Odontologia (bairro Centro); Faculdade de Direito (bairro Centro); Escola de Agronomia (Distrito de Antônio Bezerra – atual Campus do Pici); e Faculdade Católica de Filosofia (bairro Centro).

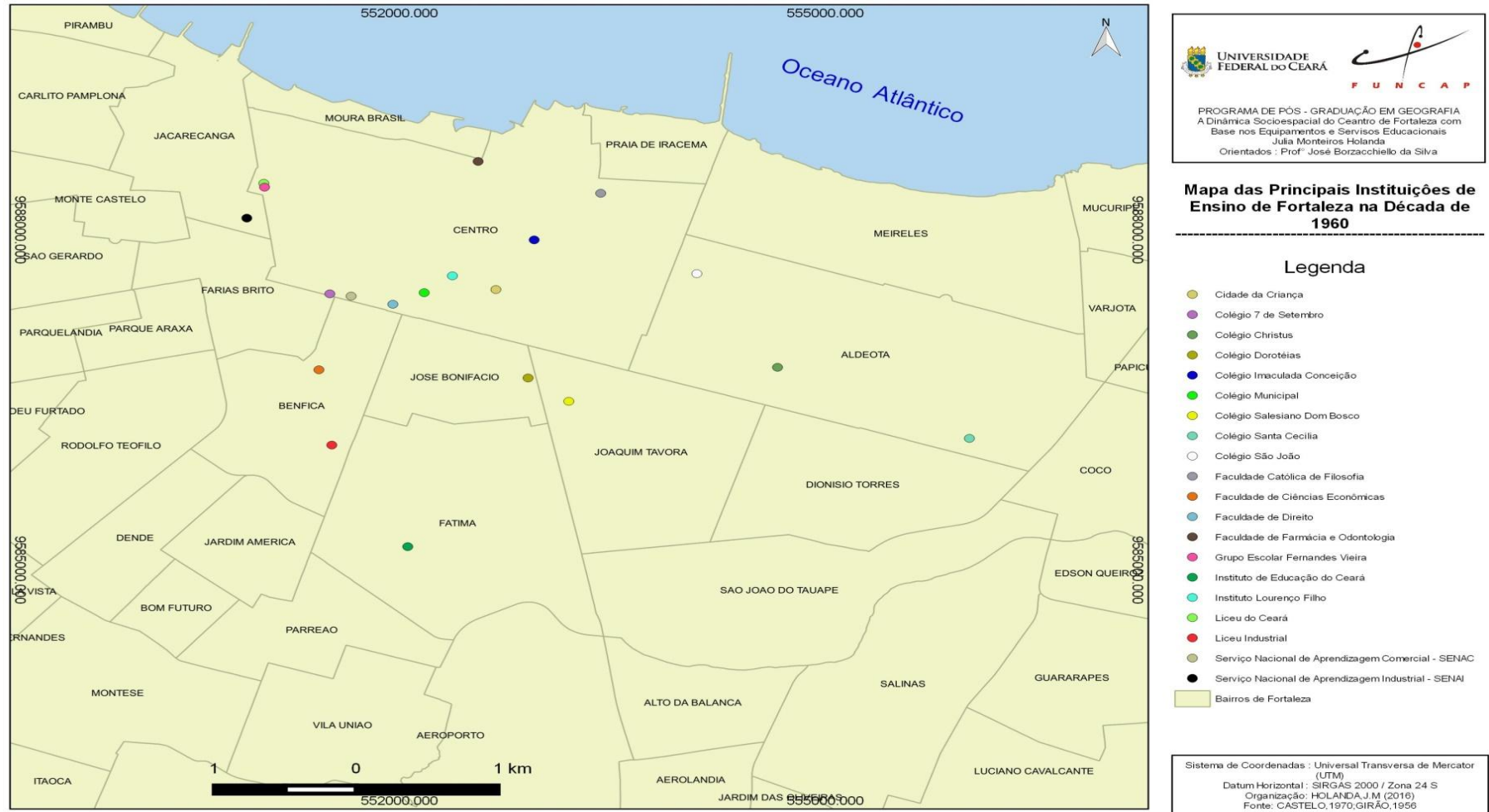
Em 1960, o ensino secundário passou por sensíveis mudanças a partir da Lei nº 4743, de 15 de janeiro de 1960, a qual instituiu o desmembramento entre o ensino normal e o curso ginásial. Dessa maneira, o Instituto de Educação Justiniano de Serpa seccionou-se, o segmento relativo ao ensino normal mudou-se do prédio que até então ocupava na Avenida Santos Dumont, nº 56, no Centro de Fortaleza, passando a funcionar somente no local o setor secundarista, o Colégio Estadual Justiniano de Serpa.

A Escola Normal, que desde o início de sua implantação manteve-se estritamente no Centro de Fortaleza, em 1960 se mudou para o bairro de Nossa Senhora de Fátima, sendo construída por intermédio de um convênio entre “[...] o Govêrno do Estado e o Ministério da Educação e Cultura. Para a instalação do Centro Educacional do Ceará, denominação que não prevaleceu, sendo a atual a de Instituto de Educação do Ceará” (CASTELO, 1970).

O que se verifica, ao analisar a localização das principais instituições de ensino durante as décadas de 1930 a 1960 em Fortaleza, é uma tendência, ainda que discreta, à rarefação, posto que os estabelecimentos educacionais acompanharam o crescimento da cidade, que direcionou os equipamentos e serviços de educação aos novos bairros de Fortaleza (adjacentes ao Centro), sobretudo para aqueles logradouros voltados ao setor residencial dos estratos com maiores rendimentos econômicos (ver Figura 18).

Assim, o Centro deixou ser a única área da cidade concentradora de equipamentos e serviços educacionais, no entanto, não se absteve do papel relevante que possui no contexto educacional na capital cearense.

Figura 18 – Mapa das principais instituições de ensino de Fortaleza na década de 1960



Fonte: Castelo (1970); Girão (1956).

#### ***4.1.4 Educação em Fortaleza na sociedade informacional***

O atual panorama mundial está sendo construído desde meados da década de 1970, com a concatenação de processos diferenciados e relacionados: o desenvolvimento da tecnologia e da informação, que construiu uma base social pautada no informacionalismo, consistindo na capacidade de aquisição e manutenção do poder e geração e acumulação de capital através do progresso técnico e informacional; a crise estrutural do capital a partir da década de 1970, baseada no decréscimo das taxas de lucro decorrentes do excesso da produção, que representou desvalorização do dólar, a quebra de instituições financeiras, o declínio dos processos produtivos baseados no fordismo e na doutrina do keynesianismo, e, visando sanar a situação instável decorrente da crise do sistema econômico, houve a reestruturação das economias em moldes capitalistas com algumas medidas estruturadoras: globalização, novas tecnologias, aumento da competição entre empresas por mercados consumidores, flexibilidade nas relações de trabalho e nas leis trabalhistas, quebra do bem-estar social e aumento das lutas sociais; e a difusão e consolidação de movimentos culturais e sociais causados pelo descontentamento e novas ideologias advindas das mudanças sociais e econômicas. A correlação entre esses diferentes processos provocou desdobramentos socioespaciais, suscitando o surgimento de uma nova realidade, a sociedade sob os moldes do capitalismo informacional. (CASTELLS, 1999).

A globalização que marca esta conjuntura difunde o capitalismo informacional expandindo-o em diferentes distâncias, integrando culturas, políticas, economias e buscando uma homogeneização social nos formatos propostos pelo sistema econômico. A integração do mundo que marca a dinâmica globalizante se realiza mediante o desenvolvimento dos meios de informação e transporte, que são originados a partir das mudanças tecnológicas resultantes da maior ênfase dada ao conhecimento.

Neste novo momento, o capitalismo não eximiu as características industriais e financeiras, mas agregou a variável conhecimento para estruturá-lo, gerando mudanças tanto sociais quanto técnicas. A geração e acumulação de capital são alcançadas através da produtividade, que está pautada na inovação e na competitividade que se cumpre através da flexibilização. Em vista disso, há um movimento de difusão da tecnologia da informação, que já se constitui como elemento que intensifica as relações de produção, aumentando a inovação e flexibilidade, influenciando positivamente os processos produtivos.

Assim, a expansão do capitalismo se dá mediante a fluidez de mercadorias, serviços, informações, tecnologias, pessoas, conhecimentos, tendo como motor propulsor a flexibilidade, a agilidade dos transportes e informações, e fundamenta-se a partir da doutrina neoliberal<sup>28</sup> que privilegia os aspectos econômicos da globalização. (SANTOS; SILVEIRA, 2012).

O setor educacional passa por modificações intensas a partir da década de 1970, concomitantemente ao desenrolar da Terceira Revolução Industrial, tendo como sustentáculo a alta tecnologia. O modelo de produção toyotista começou a ganhar espaço nos processos produtivos, pois é voltado à produção enxuta, flexível, diversificada e automatizada direcionada pela demanda. (HARVEY, 2003).

Assim, operários com várias habilidades trabalham ao lado de máquinas automatizadas, produzindo grande quantidade de bens, mas com variedade de escolha. O sistema de hierarquia gerencial e as chamadas linhas de produção são substituídos por equipes multiqualificadas que trabalham em conjunto, o que diminui significativamente o esforço humano e os custos. (SILVA, 2009).

Nesse corrente modelo de produção, há diferenças visíveis do trabalhador no tocante à mão de obra empregada no processo produtivo. Segundo Castells (1999), há dois tipos diferenciados de mão de obra: “mão de obra genérica”, na qual os indivíduos não absorvem conhecimentos que possam perpassar as atividades mecânicas e habituais realizadas durante a produção; e “mão de obra autoprogramável”, baseada na capacidade de o trabalhador executar atividades em constantes mudanças no processo de produção – está associada à mão de obra vinculada ao acesso à educação. A diferença entre os dois tipos de mão de obra é a educação e a possibilidade de alcançar patamares educacionais mais elevados. Assim, a educação é a principal qualidade do trabalhador movido pelas inovações do capitalismo informacional. Dessa forma, o sistema educacional passa a ter um significado relevante na sociedade, principalmente no processo de direcionamento de mão de obra no compasso veloz das inovações técnicas e sociais.

Nesse sentido, as mudanças no âmbito educacional, motivadas pelo novo quadro econômico, começaram a ser sentidas na década de 1970, sobretudo a partir de 1973. Com a crise do petróleo, o ritmo econômico desacelerou, causando certa

---

<sup>28</sup> Segundo Santos (1996), o neoliberalismo se pauta no abandono dos ideais nacionalistas, na redução da participação do Estado na economia, nas privatizações de empresas estatais, abertura do mercado a produtos importados, forte presença da técnica nos processos produtivos e a aceitação passiva das forças totalitárias.

descontinuidade no fecundo momento da economia brasileira <sup>29</sup>, gerando descontentamento e abrindo caminho para a uma série de transformações sociais. Outra característica marcante no início dos anos 1970 foi a violenta repressão aos protestos contra a forma de governo do período (Regime Militar). Punições, sentenças, correções eram dadas desmedidamente aos revoltosos pelos governantes.

Em meio a este cenário, houve a implementação da Lei nº 5.692/71, que já vem trazendo o prenuncio das mudanças que a educação em Fortaleza irá passar nesta nova fase do capitalismo que vem penetrando, de modo inicial, as entranhas das relações sociais na cidade. O documento oficial de nº 5.692/71, além da profissionalização do alunado ao concluir o ensino médio, segmentou o ensino regular em ensino de primeiro grau (voltado à faixa etária de 7 a 14 anos) e ensino de segundo grau (voltado à formação do adolescente, com duração de 3 anos).

Com as leis voltadas ao ensino primário e secundário e com as transformações econômicas que o país atravessava nos anos 1970, o movimento de expansão da oferta educacional foi ascendente durante o período, o crescimento tanto de matrículas quanto de estabelecimentos de ensino primário e secundário aconteceram no setor público e privado de ensino, porém esses índices são mais vultosos nos estabelecimentos de ensino de cunho público. (VIEIRA, 2002).

O início dos anos 1970 foi assistido por uma mudança brusca no segmento de ensino superior, que iniciou nos anos finais da década de 1960, mas tendo se efetivado somente na década posterior. A reforma universitária, reestruturação pela qual passou o ensino superior, deve ser apreendida em diferentes nuances para ser entendida. Por conseguinte,

Do ponto de vista político, constitui resposta a uma pressão por acesso ao ensino superior, demanda claramente colocada no seio da sociedade civil, de modo específico entre suas camadas médias. Do ponto de vista técnico, procura atender a uma exigência de racionalização – tanto no sentido de conter a expansão desordenada deste nível de ensino quanto de prover os meios para que as instituições pudessem vir a oferecer, mais e melhor ensino, num ambiente onde a participação estudantil fosse posta sob controle. (VIEIRA, 2002, p. 272).

A reforma universitária trouxe mudanças e estabeleceu parâmetros para as estruturas departamentais, no sistema de créditos das disciplinas, na carreira

---

<sup>29</sup> O Brasil vivia o “milagre econômico”, no qual a economia crescia vertiginosamente.

universitária, nas matrículas de cada disciplina, no caráter intrínseco entre pesquisa e ensino, dentre outros elementos.

Muitos dos objetivos propostos pela reforma do ensino superior não foram alcançados. As matrículas de alunos para esta modalidade da educação cresciam vertiginosamente no compasso das demandas da sociedade por educação especializada, fazendo com que houvesse o crescimento desordenado das instituições de ensino deste segmento. Tal fato propiciou a expansão de cursos superiores de baixo custo, e, na maioria das vezes, com a possibilidade da não inserção de seus alunos no mercado de trabalho.

Durante a Ditadura Militar, um dos principais focos de debates e políticas no âmbito educacional orientou-se para o ensino superior, com a reforma universitária encabeçada nos anos finais da década de 1960. A cidade de Fortaleza, envolta a esta atmosfera de mudanças no segmento de ensino universitário, tornou-se um ambiente de debates e implementação de políticas relacionadas a essas discussões.

A Universidade Federal do Ceará iniciou seu processo de reestruturação através das proposições estabelecidas pela reforma universitária. Este processo interno, que teve início nos anos finais da década de 1960, somente foi concluído em 1973. Por intermédio dessas mudanças, a Universidade passou a ser constituída por 6 centros com estruturas organizacionais próprias e estabelecidas pela junção de cursos afins: Centro de Ciências, Centro de Humanidades, Centro de Tecnologia, Centro de Ciências Agrárias, Centro de Ciências de Saúde e Centro de Estudos Sociais Aplicados. Nos anos finais da Ditadura Militar, em 1984, foi extinto o Centro de Estudos Sociais Aplicados e seus cursos foram redistribuídos nas Faculdades de Administração, Ciências Atuariais, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas e na Faculdade de Educação e de Direito.

Essas unidades acadêmicas, órgãos suplementares, equipamentos culturais e complexos hospitalares começaram a se concentrar em campi universitários, ainda da forma fragmentada e através de processo lento iniciado durante o Regime Militar, concentrando-se nos bairros Pici, Rodolfo Teófilo, Benfica e Centro.

O número crescente de matrículas nas instituições de ensino superior, estimulado pela procura à universidade, incitado pelo momento de crescimento econômico e pela necessidade de formações de nível superior para o desempenho de cargos que exigiam tal quadro profissional, fez aumentar em Fortaleza a busca pelo ensino superior, propiciando o surgimento de outras instituições de ensino pertencentes ao referido nível educacional. Assim, durante a Ditadura Militar surgiram em Fortaleza

duas importantes Universidades: Universidade Estadual do Ceará – UECE – e a Universidade de Fortaleza – UNIFOR.

Distinguindo-se da Universidade Federal do Ceará, a Universidade de Fortaleza – UNIFOR – foi inaugurada na capital cearense com um campus universitário já estabelecido desde a sua criação. (PONTES, 2012).

A Fundação Educacional Edson Queiroz é instituída em março 1971, com o objetivo de captar recursos para viabilizar a criação da Universidade de Fortaleza – UNIFOR. Diferentemente da UFC e da maioria das universidades brasileiras surgem a partir da aglutinação de cursos isolados previamente existentes, a UNIFOR nasce como universidade, cuja estrutura organizacional agrega quatro centros: Centro de Ciências da Natureza, Centro de Ciências Tecnológicas, Centro de Ciências Humanas e Centro de Ciências da Saúde. (VIEIRA, 2002, p. 295).

Assim, a Universidade de Fortaleza se oficializou como entidade pública mediante Lei Municipal nº 3.865, de 3 de maio de 1971, instalando seu campus no recente bairro Edson Queiroz

A Universidade Estadual do Ceará – UECE – teve início com o funcionamento de cursos isolados: Faculdade de Veterinária (Fazenda Experimental do Ministério da Agricultura, no atual Campus do Itaperi); Escola de Ciências Econômicas (prédio da Faculdade de Ciências Econômicas, no bairro Benfica); Escola de Serviço Social de Fortaleza (Avenida Barão de Studart, 1685, no bairro Aldeota); Escola de Enfermagem São Vicente de Paula (Avenida no Imperador, 1367, Centro); Faculdade Dom Aureliano Matos (Cidade de Limoeiro do Norte – CE); Faculdade de Filosofia do Ceará (Prédio do Colégio Cearense, Centro de Fortaleza).

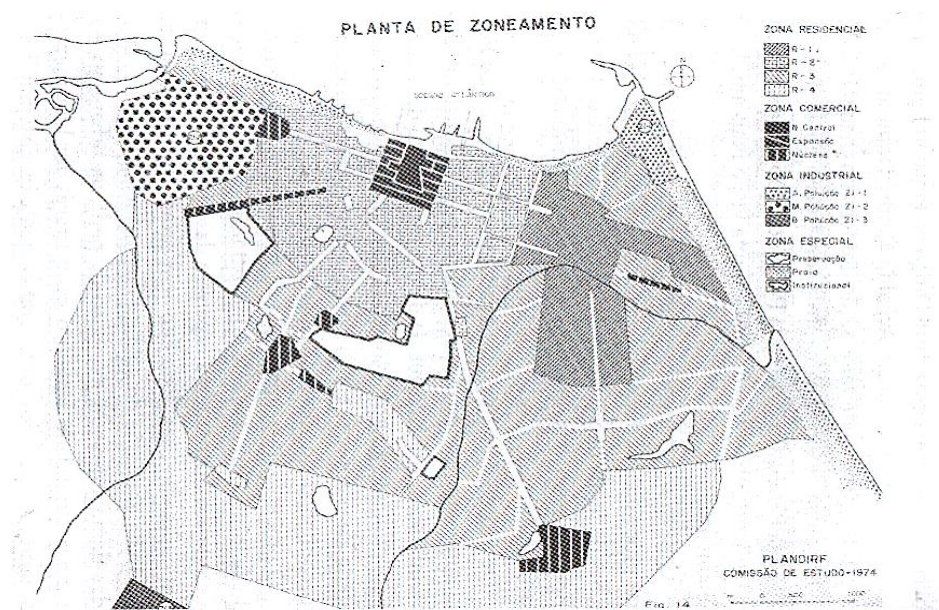
A partir da Lei Estadual nº 9.753/73, essas instituições foram incorporadas à Fundação Educacional do Estado do Ceará – FUNEDUCE –, na qual foi promulgada a criação da Universidade Estadual do Ceará – UECE – e a criação do Centro de Humanidades – CH –, no campus de Fátima, por intermédio do Decreto nº 11.233, de 10 de março de 1975.

Após quatro anos, sob o início da segunda gestão do Governador Virgílio Fernandes Távora e instituída pela Lei de nº 10.262, de 18 de março de 1979, o campus Fortaleza da Universidade Estadual do Ceará foi implantado no bairro Itaperi, no qual havia o Centro de Ciências da Saúde, Ciências Tecnológicas, Centro de Ciências Puras, Centro de Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas e Centro de Ciências Agrárias.



Nota-se que o setor de ensino superior segue o caminho do crescimento da cidade<sup>30</sup>, no qual, a partir do PLANDIRF, houve a incorporação de novas áreas à capital cearense, sobretudo a parte Leste e Sudeste e atenuação do padrão radiocêntrico da cidade, além de obras de integração da cidade aos demais municípios da Região Metropolitana (ver Capítulo 3). Nessa circunstância de crescimento urbano (ver figura19), os serviços educacionais começam a se inserir em um movimento de ida aos novos bairros de Fortaleza.

Figura 19 – Planta de Zoneamento de Fortaleza – 1974



Fonte: Souza (2009).

A partir de meados da década de 1980, o país passava por um período de mudanças do regime de gestão política, retornando à democracia. A fase democrática<sup>31</sup> veio contando com diferentes estadistas, que, com suas particularidades no modo de governar, caracterizaram o cenário político, social e econômico de cada período de

<sup>30</sup> A cidade, a partir da década de 1970, passou por um processo de crescimento populacional, no qual, segundo o IBGE, a população de Fortaleza cresceu 53% entre 1970 e 1980, e a estrutura urbana também sofreu modificações com instituição da Região Metropolitana de Fortaleza, acarretando a movimentação dos vetores de crescimento urbano para a zona leste da capital cearense, e conseqüentemente o crescimento urbano da cidade, prelúdio do processo de verticalização e descentralização das atividades e dos equipamentos de comércio, serviço e lazer.

<sup>31</sup> A fase de retorno à democracia foi dada início em meados da década de 1980, quando José Sarney assumiu a presidência da República (1985) em lugar do presidente eleito Tancredo Neves, até o governo de Dilma Vana Rousseff (2014). No Ceará, a governança neste período foi marcada inicialmente pela gestão de Gonzaga Mota, sendo continuada atualmente pelo mandato de Camilo Sobreira de Santana (2014), e a municipalidade representada por Maria Luíza Fontenele até a gestão de Roberto Cláudio Rodrigues Bezerra (2012).

gestão. Apesar das diferenciações, o período de retorno à democracia esteve marcado por encetar à sociedade a garantia da plenitude de direitos.

Nesses 31 anos de retorno à gestão democrática, o país passou por mudanças nos âmbitos social, político e econômico. As alterações pelas quais passou o Brasil não se restringem a questões políticas, tendo o amplo espectro de mudanças arraigadas à produção capitalista do espaço, sobretudo à globalização em curso, já que:

[...] o capitalismo tem ocorrido repetidas vezes à reorganização geográfica (tanto em termos de expansão como de intensificação) como solução parcial para suas crises e seus impasses. Assim, ele constrói e reconstrói uma geografia à sua própria imagem e semelhança. Constrói uma paisagem geográfica distintiva, um espaço produzido de transporte e comunicações, de infraestruturas e de organizações territoriais que facilita a acumulação do capital numa dada fase de sua história, apenas para ter de ser desconstruído e reconfigurado, a fim de abrir caminho para uma maior acumulação num estágio ulterior. Se, portanto, a palavra 'globalização' significa uma coisa relativa à nossa geografia histórica recente, é bem provável que designe uma nova fase de exatamente esse mesmo processo intrínseco da produção capitalista no espaço. (HARVEY, 2004, p. 83-84).

Essas mudanças ocorreram, principalmente, pela necessidade em acumular capital através da adequação do espaço às diferentes fases do capitalismo. Nesta fase, o Ceará foi assistido por uma torrente de mudanças.

Os planos de reformas e leis propostas direcionadas para ações políticas visando mudanças durante o processo de redemocratização no Ceará teve como fio condutor o movimento político-econômico contrário ao coronelismo, denominado mudancismo. Este movimento, que esteve em voga durante os momentos de retorno à democracia, tinha como plano de ação as reformas administrativa e fiscal; na área da saúde pública; em infraestrutura e privatizações e no âmbito educacional.

Assim, a cidade de Fortaleza estava inserida neste momento de mudanças em vários setores da sociedade. A reforma educacional, apoiada pela necessidade de mudança; pelo contexto político e econômico favorável refletido na credibilidade das instituições do estado; e pela participação social efetiva resvalada na modernização das formas de gestão. A reforma educacional por que passou a cidade baseava-se:

[...] na imagem de uma espiral, em que são combinados os fluxos vertical e horizontal. Nesse modelo, as decisões transitam tanto a partir dos níveis hierárquicos superiores (como as secretarias municipais e estadual de educação) como a partir da base (conjunto de escolas). (NASPOLINI, 2001, p. 170).

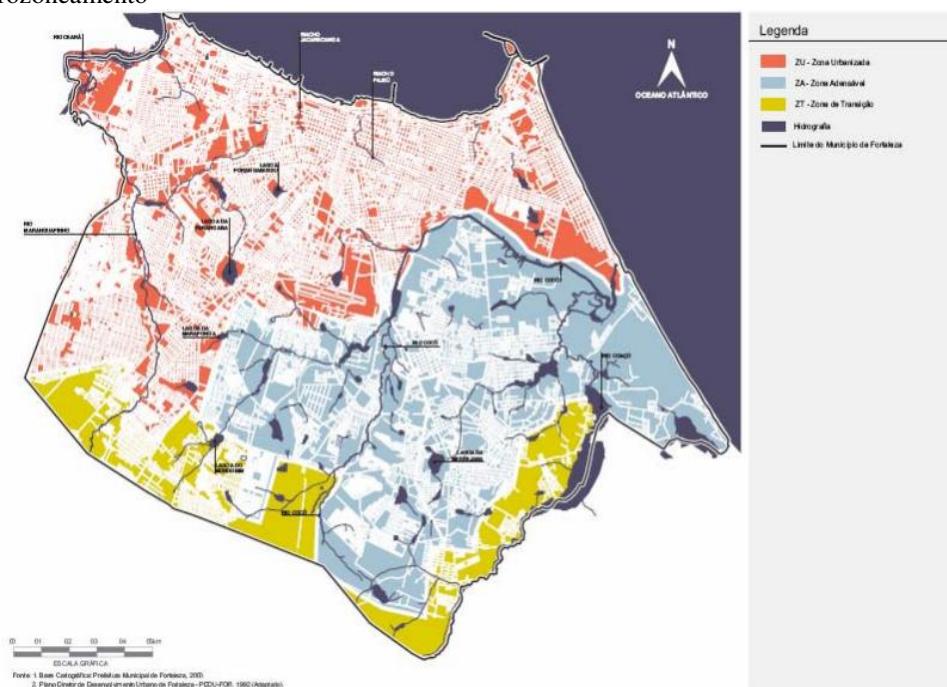
As mudanças no setor educacional que o governo – em conjunto com a sociedade – se propôs a realizar teve como pano de fundo o acesso universal à educação de qualidade, proposta na Declaração Mundial de Educação para Todos. O setor educacional da capital cearense seguiu também em direção à democratização da educação, apresentando o mesmo quadro de aumento das instituições de ensino e das matrículas.

Assim, os estabelecimentos de educação básica, foco central das políticas educacionais entre as décadas de 1980 e 1990, foram crescendo e se espraiando em uma intensidade cada vez maior na cidade de Fortaleza. A rarefação do setor de serviços educacionais em diversos bairros da capital cearense, que em tempos anteriores concentrava-se primordialmente no Centro de Fortaleza, efetuou-se, de maneira geral, pela manifestação do caráter policêntrico que a cidade assumiu principalmente a partir da década de 1980, resultado do próprio crescimento urbano pela necessidade de acumulação de capital. Nesse sentido, Fortaleza passou a crescer sob a tônica das mudanças produtivas, sociais e tecnológicas. Após a década de 1980, o padrão da urbanização da metrópole cearense apresentou algumas características, tais como:

[...] a descaracterização do centro tradicional e a constituição de novas áreas de centralidade, ensejando uma policentralidade; o surgimento de novos padrões espaciais para diversas atividades produtivas; a formação de espaços fragmentados e desarticulados; a adoção de novas formas de vida pela população, como a maior mobilidade; a segregação socioespacial proveniente da forma diferenciada de uso e apropriação dos espaços públicos e privados; as mudanças no mercado imobiliário e os reflexos no espaço urbano, a manifestação espacial da atividade turística e as conseqüências físicas traduzidas por núcleos dispersos ao longo do litoral, aonde se instalam equipamentos de lazer e turismo de grande porte, muitas vezes em áreas de reservas ambientais. (DIÓGENES, 2012, p. 32).

Nesse sentido, a cidade cresceu, surgiram novos bairros e hodiernas centralidades. O setor educacional, que estava exclusivamente, até períodos anteriores, no centro da cidade, espalhou-se tanto nas principais centralidades surgidas em Fortaleza quanto em novos bairros que surgiram na capital cearense no início da década de 1990 (ver Figura 20).

Figura 20 – Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Fortaleza – PDDU – FOR (1992): Macrozoneamento



Fonte: Muniz (2006).

A partir do Macrozoneamento do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Fortaleza – PDDU – FOR (1992), a capital cearense contava com 7 microzonas em sua Macrozona Urbanizada – ZU: ZU-1 – Centro; ZU-2 – Aldeota e Meireles; ZU-3 – Benfica, Fátima, Antônio Bezerra, Parangaba, Manoel Sátiro, Serrinha; ZU-4 – Tauape, Barra do Ceará, Henrique Jorge, João XXIII; ZU-5 – Conjunto Ceará, Granja Portugal; ZU-6 – Montese; ZU-7 – Aerolândia, Monte Castelo, Parquelândia e Pici. Possuía 4 microzonas em sua macronoza adensável – ZA: ZA-1 – Messejana; ZA-2 – Água Fria, Luciano Cavalcante, Itaperi, José Walter; Jangurussu; ZA-3 – Cidade dos Funcionários; e ZA-4 – Edson Queiroz, Sabiaguaba, Castelão; Dias Macedo. A Macrozona de Transição era composta pelos bairros Modubim, Ancuri e Lagoa Redonda. (PMF, 1992).

Esta descentralização do setor educacional em Fortaleza pôde ser vista através da política do Governo do Estado do Ceará na terceira gestão de Tasso Jereissati, com a implantação de escolas de ensino médio (Liceus) na cidade, os quais foram instalados no bairro na Rua 11, 39-A, nº 10, Quarta Etapa do Conjunto Ceará (Escola de Ensino Médio Liceu do Conjunto Ceará); na Avenida Washington Soares, nº 7.702; na Messejana (Escola de Ensino Médio Liceu de Messejana); na Avenida L, nº 840, na Barra do Ceará, a qual foi inaugurada pelo Governo Estadual (Escola de Ensino

Médio Liceu de Vila Velha). O centro de Fortaleza, que até meados da década de 1930 possuía o único Liceu de Fortaleza, no final da década de 1990 não detinha nenhum dos quatro Liceus da cidade. Desse modo, o que se torna visível é o surgimento de novos bairros que também apresentavam um importante setor educacional além do Centro de Fortaleza.

As mudanças no setor educacional são reflexo do sistema econômico. Assim, o processo de reestruturação capitalista orientado e direcionado, sobretudo, pelos órgãos de financiamento Internacional alcança o Brasil através de reformas a serem implementadas no país com intuito de superação da crise. Este processo teve início:

[...] no Governo de Collor-Itamar, solidifica-se com Fernando Henrique Cardoso (FHC) e desenvolve-se, assumindo características novas, nos governos do Partido dos Trabalhadores – PT. Até o fim dos governos PSDB (1994-2002), temos o que alguns intelectuais caracterizam como neoliberalismo puro, marcado pela privatização de empresas estatais, arrocho salarial, reformas nas políticas sociais e trabalhistas (destaque a educação e a previdência social) e busca da estabilização macroeconômica, com o superávit fiscal. Em um segundo momento, no governo de Lula da Silva e atualmente de Dilma Roussef, temos a continuação desse processo com algumas características particulares, que serão discutidas adiante. (SANTOS; SOUZA, 2013, p. 03).

Contudo, a política macroeconômica da gestão nacional desde 2003 e ainda em curso, mantém-se, *grosso modo*, seguindo a direção dos governos predecessores, não possuindo mudanças econômicas significativas. Nas providências tomadas no âmbito social, verificam-se diferenças notáveis com relação ao liberalismo genuíno do presidente anterior ao governo petista. Uma série de políticas sociais foram legalizadas e vêm sendo implantadas desde 2003 com o auxílio de programas próprios.

Os governos do Partido dos Trabalhadores vêm realizando reformas na educação em proporções muito superiores ao governo anterior do Partido da Social Democracia Brasileira. Há uma divergência de pensamento no que se refere às medidas educacionais propostas pelo Governo Federal desde o ano de 2003: enquanto alguns defendem que as políticas petistas ampliam e democratizam o acesso à educação em seus diferentes segmentos, outros apontam que os projetos, leis e reformas propostas pelo PT contribuem para “[...] implementar a cartilha neoliberal para as políticas públicas revestidas de reformas com caráter popular” (SANTOS; SOUZA, 2013, p. 05). Dessa forma, a educação na cidade de Fortaleza e conseqüentemente do Centro da Cidade vem se delineando durante a gestão democrática do Partido dos Trabalhadores.

A implantação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e da Valorização dos Profissionais de Educação – FUNDEB pelo Governo Lula trouxe efeitos positivos para as escolas públicas de níveis federal, estadual e municipal e das diferentes modalidades de ensino. Segundo os estudos de Lins (2014), quanto maior os proventos do FUNDEB nas instituições escolares, maior é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB –, nas referidas unidades educacionais, contribuindo para uma melhor estruturação do nível básico de educação.

No Brasil, durante o ano inicial da gestão federal do Partido dos Trabalhadores, havia 55.263.848 matrículas nas instituições de ensino básico em todo o território nacional; já no ano de 2013, contava-se com 50.042.448 de matriculados na educação básica. Em relação ao número de instituições, no ano de 2003 o Brasil contava com 211.933 estabelecimentos de ensino básico, e no ano de 2013 apresentava-se em 190.706 estabelecimentos de educação básica no país. (INEP, 2004; 2014). O panorama de decréscimo nos dados referentes à educação básica no Brasil não implica afirmar que houve uma menor atenção dada o referido nível de ensino, podendo ser explicados pelas mudanças demográficas no país, como a queda no número da população que se insere nesse segmento de ensino. Dessa maneira, o ensino básico é um importante subsetor do segmento educacional, sendo importante pilar no desenvolvimento das políticas nacionais neoliberais.

Neste contexto, a cidade de Fortaleza, segundo dados oficiais extraídos nos microdados do Censo escolar de 2013, conta com 1.313 equipamentos de educação básica, tendo o bairro Centro o total de 26 instituições de ensino básico.

Não somente as políticas voltadas ao ensino básico são implantadas no país neste momento vivido pelo capitalismo informacional sustentado pelas práticas legais de cunho neoliberal. Assim, estão sendo desenvolvidos também pelo Governo Federal o programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais Brasileiras, o Programa Universidade para Todos – PROUNI –, a ampliação do Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – FIES – e vigorando o sistema de cotas para a inserção de estudantes cotistas nas instituições federais de educação superior, para a expansão das universidades federais e inclusão das demandas de menor poder aquisitivo no ensino superior. Dessa maneira, há mudanças sensíveis no setor de ensino superior do país.

No ano de 2003, o país contava com 1.859 instituições de ensino superior, sendo 1.652 privadas e 207 públicas. No ano de 2013, o Brasil já contava com 2.391

instituições de ensino superior, sendo 2.090 voltadas ao setor privado e 301 instituições de ensino público. O número de matrículas no setor de educação superior se mostra crescente e no ano de 2003, o país contava com 3.887.022 de matriculados no ensino superior, passando no ano de 2013 a 7.305.977 de matrículas nas instituições de educação superior no Brasil. (INEP, 2004; 2014).

Na capital cearense, o ensino superior da cidade é representado por 34 instituições de ensino entre públicas e privadas, com maior concentração de estabelecimentos privados. Dentre o montante de instituições demonstradas no Censo da educação superior de 2013, oito dessas se localizam no Centro da Cidade.

Nota-se que o Centro da cidade não mais monopoliza os estabelecimentos de ensino, porém, o bairro ainda é uma centralidade relevante no que concerne aos serviços de educação, fato que será mais bem pormenorizado no próximo subcapítulo.

#### **4.2 A base educacional atual do Centro da cidade**

O espaço Geográfico passa por constantes modificações, esse movimento intenso de mudanças é “[...] impulsionado por um ou vários de seus agentes de transformação – sociedade, empresas e Estado – a ganhar novas feições e conteúdos para acompanhar as inovações absorvidas pelo sistema produtivo”. (LIMA; SANTOS, 2009, p. 01).

A cidade de Fortaleza, tal como os espaços urbanos atualmente, está cada vez mais subordinada aos princípios do modo de produção capitalista, que considera o solo da cidade como elemento primordial de valor de troca, logo, de acumulação de capital. Dessa maneira, a capital cearense, sobretudo após a década de 1970, vem reestruturando seu território, que é marcado pela segregação e diferenciação socioespacial de agentes impulsores da distinção de valores do solo urbano e da acumulação de capital.

A diferenciação da estrutura e das relações sociais dos proprietários dos meios de produção, dos proprietários fundiários, dos promotores imobiliários, do Estado e dos grupos sociais excluídos<sup>32</sup> redefinem a malha urbana e as atividades humanas na capital alencarina, transformando a cidade em um espaço de acelerada expansão

---

<sup>32</sup> Nas proposições de Corrêa (1995) os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos são os agentes produtores do espaço.

territorial urbana, descontinuidade e fragmentação espacial, concentração diferenciada de equipamentos comerciais e de serviços. (SPÓSITO, 1998).

Essa conjuntura de reestruturação urbana da cidade calcada nas desigualdades e na fragmentação espacial faz surgir em Fortaleza as centralidades, tornando a capital cearense cada vez mais policêntrica.

Carlos (2001) aponta que centralidade é uma qualidade, talvez a mais importante, para o capital, já que as atividades econômicas apresentadas em uma realidade encurtada através das relações aligeiradas pela revolução tecnológica fazem a sociedade necessitar de espaços com funções específicas e de maior proximidade espacial do local de moradia dos diferentes segmentos econômicos (especialmente dos mais abastados).

As áreas centrais caracterizam-se pela centralidade, que se refere à capacidade de atração de fluxo de pessoas, mercadorias, decisões, meios de transportes que são subordinados pela acessibilidade, pelo fator locacional e pela grande concentração de atividades econômicas oferecidas por essas áreas. Assim, a importância das centralidades vai depender diretamente da intensidade e dos efeitos da concentração de pessoas, equipamentos e atividades econômicas.

O setor de serviços tem uma importância singular na organização do espaço urbano de Fortaleza, já que a capital cearense não se firmou como economia industrial, direcionando a atividade econômica do terciário para o centro das relações financeiras. A relevância do terciário para a conformação espacial é vista nas proposições de Rocha e Lima (2009) quando eles afirmam que:

Cada vez mais a (re)organização do espaço geográfico não mais se prende, somente, aos setores primários e secundários. Os centros dinâmicos de qualquer esfera da produção se consolidam, no atual momento, como centros de excelência do terciário[...]. (ROCHA; LIMA, 2009, p. 89).

Nesse sentido, “[...] os serviços cumprem, também, papel importante na organização do espaço, pois são elementos fundamentais na hierarquização dos centros urbanos e condição indispensável para a sua articulação.” (MORAIS; MACEDO, 2014, p. 181). Posto isso, a centralidade de um lugar depende, dentre outros fatores, da oferta de serviços. Logo, quanto maior for a centralidade de um lugar, maior será a oferta de serviços, sua área de mercado e sua relevância nas relações urbanas.



Inserido em uma realidade complexa, a cidade de Fortaleza vai se metamorfoseando, fragmentando-se. As áreas de centralidade vão se avolumando, seguindo a lógica da concentração de capital, da reprodução continuada e ampliada dos interesses do segmento financeiro, comercial e imobiliário. O centro tradicional da capital cearense é inserido nesta dinâmica policêntrica, conferindo ao bairro novas características que a definem atualmente dentro das tramas de relações urbanas.

Nesse sentido, os serviços são elementos que auxiliam na compreensão do papel do Centro de Fortaleza atualmente, e o segmento dos serviços educacionais estão inseridos nesta apreensão da dinâmica do bairro, já que o setor de serviços de educação é um importante segmento da economia, gerando fluxos, fixos e capital, contribuindo para a formação das centralidades.

Compreendendo a relevância dos serviços na estruturação das centralidades, sobretudo na importância do segmento dos serviços de educação, será analisada a dinâmica atual do centro de Fortaleza (camada social que atende, escala de influência urbana e grau de centralidade) a partir do estudo detalhado dos fixos deste setor (equipamentos de serviços educacionais) e dos fluxos (demanda que o serviço atende).

#### ***4.2.1 As instituições de ensino***

A atual base do setor de serviços educacionais do Centro de Fortaleza está imersa na lógica do sistema capitalista, em que determinou o espaço urbano enquanto policêntrico, evidenciando na cidade diferentes centralidades. A centralidade, que é expressa a partir de um centro, tem como principal característica a capacidade concentradora e um forte poder de polarização. Assim, quanto mais intensa a quantidade de fixos de uma área, perpassará um maior número de fluxos e conseqüentemente irá refletir no poder de concentração e centralidade.

Dessa forma, os “lugares de mais baixa centralidade são aqueles que oferecem bens e serviços que são encontrados em todos os pontos. Os grandes centros, em contrapartida, oferecem produtos e serviços especializados não disponíveis em outros lugares”. (MORAIS; MACEDO, 2014, p. 182). Nesse sentido, o setor de serviços, pela peculiaridade de ser a atividade econômica com maior grau de concentração espacial, é um importante elemento demonstrador da centralidade no espaço e o segmento de serviços educacionais não é exceção.

Os centros tradicionais foram atingidos de maneira negativa, sobretudo a partir da década de 1980, pela expansão horizontal da cidade para a ampliação da acumulação de capital através do solo urbano, acarretando a ida dos estratos sociais de melhor poder aquisitivo do centro para a periferia urbana e atraindo para essas novas áreas expandidas locais de lazer, comércio e até escolas para atender às demandas desses segmentos “recém-periféricos”. (VILLAÇA, 2001).

Contudo, o Centro de Fortaleza ainda detém um papel relevante na concentração de equipamentos urbanos, atividades econômicas e relações humanas. No que diz respeito ao setor de serviços educacionais, o Centro de Fortaleza possui uma base educacional diversificada (ver Figura 21), possuindo instituições de ensino básico e superior, sobretudo de cunho privado. A diversificação do setor de serviços é uma característica evidente das centralidades, em que o “[...] aumento e a diversificação dessas atividades ditas não produtivas vão se materializando no espaço geográfico, reforçando e criando hierarquias urbanas [...]” (FREIRE; HOLANDA, 2011, p. 48). Portanto, a hierarquia dos lugares dentro da cidade de Fortaleza pode ser estabelecida pela oferta de serviços e pela disponibilidade diferenciada dessas atividades terciárias na malha urbana.

Figura 21 – Diversificação do setor de serviços educacionais no Centro de Fortaleza

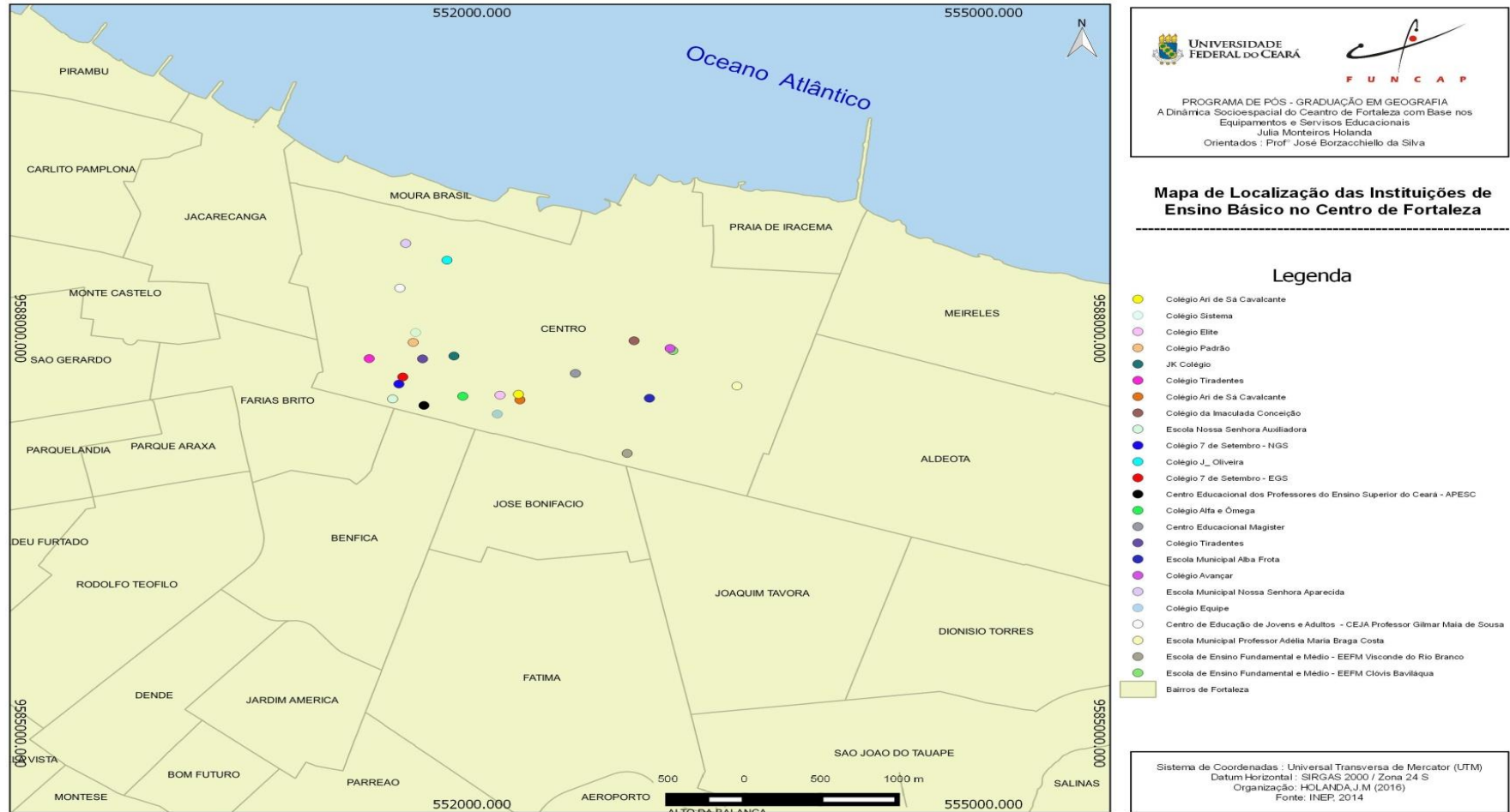


Fonte: Holanda (2015).

Nesse sentido, o Centro é uma importante centralidade na capital cearense, já que concentra equipamentos educacionais de níveis de ensino diferentes, alcançando uma maior demanda e gerando fluxos mais avolumados, contribuindo para estabelecer o poder de atração do bairro. Logo, seu papel na hierarquia urbana enquanto centralidade (fato que será corroborando também pela representatividade do número de estabelecimentos e matrículas em instituições de ensino do Centro se comparado com o universo total das instituições e matrículas em Fortaleza).

Segundo o Censo escolar de 2013, promovido pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP –, o Centro de Fortaleza possui 26 instituições de ensino básico (ver Figura 22).

Figura 22 – Mapa de Localização das Instituições de Ensino Básico do Centro de Fortaleza

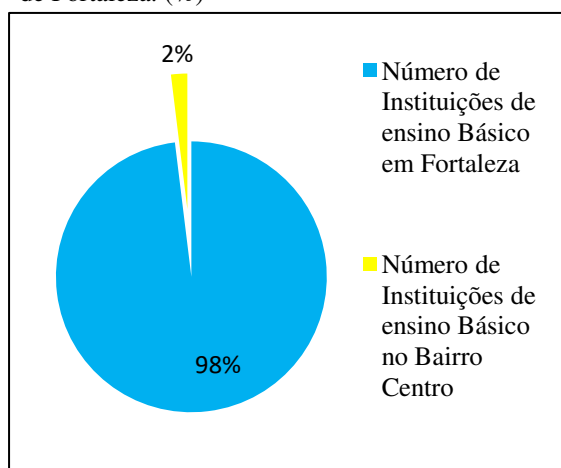


Fonte: INEP (2014) - Adaptado.

A representatividade do bairro no que se refere ao setor de ensino básico pode ser vista através do valor total das instituições de ensino deste segmento na cidade de Fortaleza (1.313). O centro conta com 26 estabelecimentos voltados a essas atividades, concentrando 2% das instituições desse setor (ver Gráfico 8). A relevância que o setor de ensino básico do Centro possui na cidade de Fortaleza é ressaltada ao comparar a média de instituições de ensino básico por bairro na cidade (10 instituições por bairro) com o total de instituições de ensino básico do Centro (26 instituições).

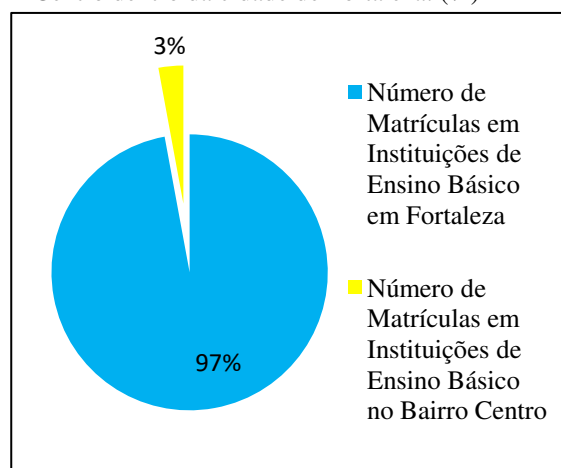
Com relação ao quantitativo de matrículas, dos 534.172 matriculados em instituições de ensino básico na capital cearense, 15.967 das matrículas estão no bairro Centro, constituindo 3% dos ingressantes no ensino básico em Fortaleza (ver Gráfico 9). No que concerne ao número de matrículas, o bairro possui um número de 11.519 de matriculados a mais que a média de matrículas por bairro na cidade (4.448 matrículas).

Gráfico 8 – Representação do número de instituições de ensino básico no bairro Centro dentro da cidade de Fortaleza. (%)



Fonte: INEP (2014) – Adaptado.

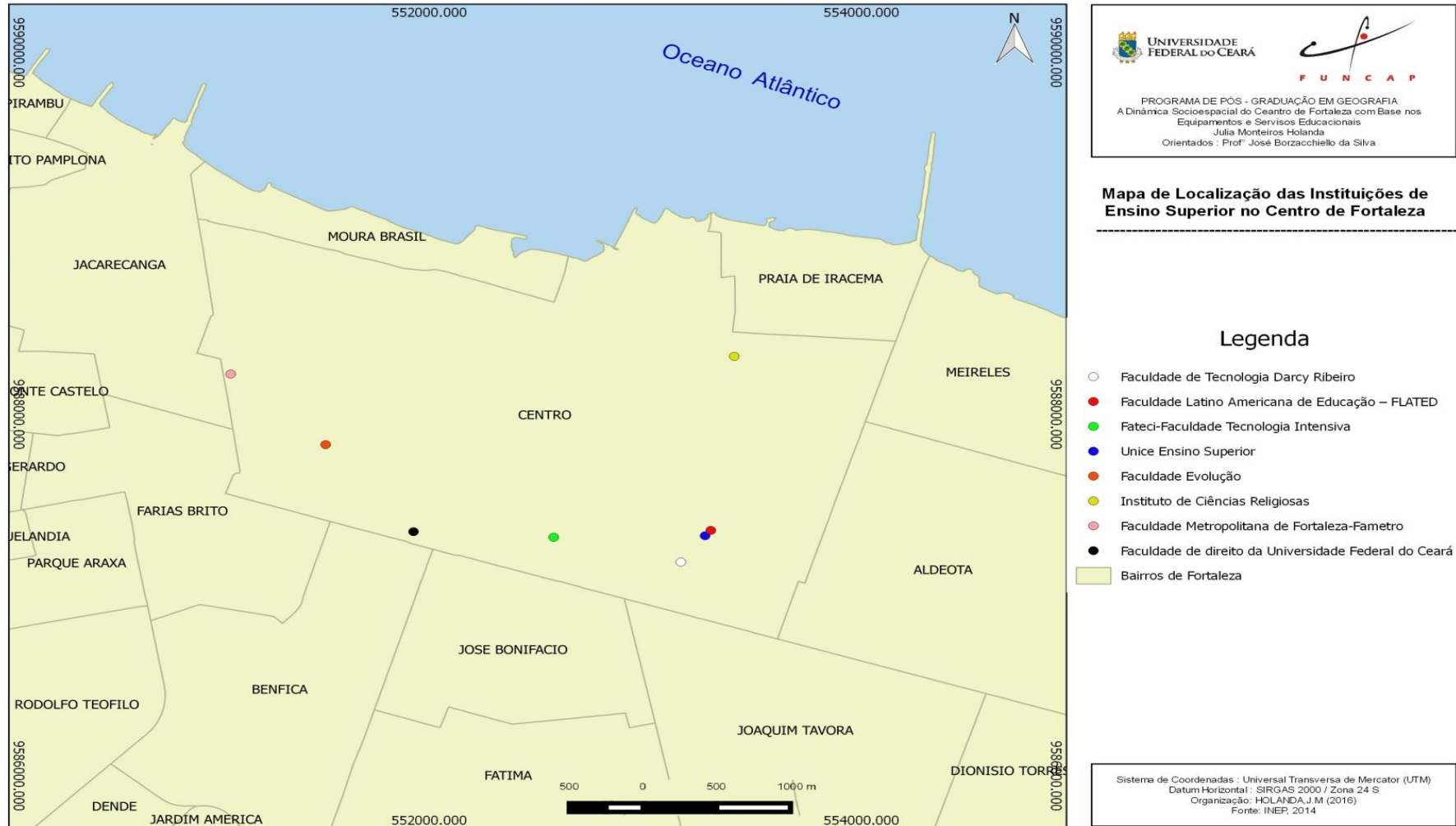
Gráfico 9 – Representação do número de matrículas em instituições de ensino básico no Centro dentro da cidade de Fortaleza. (%)



Fonte: INEP (2014) – Adaptado.

No que se refere ao nível de ensino superior, segundo o Censo do Ensino Superior (2013) realizado pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP –, o bairro Centro conta com 8 instituições de ensino superior (ver Figura 23).

Figura 23 – Mapa de Localização das Instituições de Ensino Superior no Centro de Fortaleza

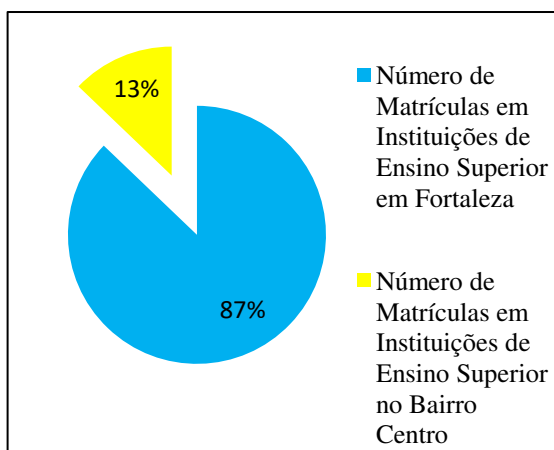


Fonte: INEP (2014).

O setor de ensino superior no Centro possui uma grande relevância quando comparado o total de instituições deste segmento na cidade de Fortaleza (34 instituições) com o número de instituições do bairro (8 instituições), representando uma concentração de 19% dos empreendimentos da capital cearense destinados a esse segmento educacional (ver Gráfico 10).

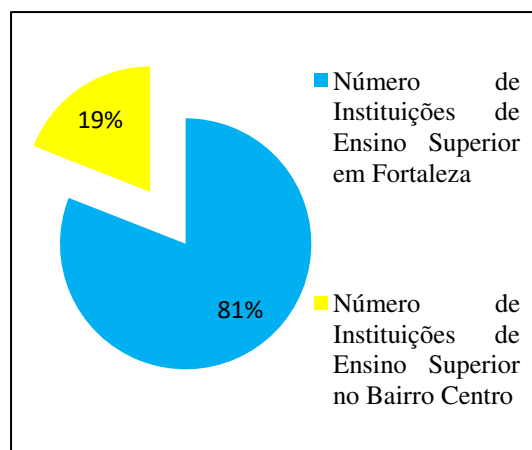
O número de matrículas desse nível de ensino também é representativo no bairro: das 134.863 matrículas nas instituições de ensino superior da cidade, 19.887 encontram-se nas instituições do Centro, equivalendo a 13% do total de matriculados nesse setor de ensino na cidade (ver Gráfico 11).

Gráfico 10 – Representação do número de instituições de ensino superior no bairro Centro, dentro de Fortaleza (%)



Fonte: INEP (2014) – Adaptado.

Gráfico 11 – Representação do número de matrículas em instituições de ensino superior no centro, dentro de Fortaleza (%)



Fonte: INEP (2014) – Adaptado.

Ao analisar os dados referentes ao número de instituições e matrículas de ensino básico e superior no Centro de Fortaleza atualmente e relacionar a dinâmica do referido setor no decorrer dos diferentes momentos da sociedade e suas transformações econômicas, sociais, culturais e políticas, verifica-se que o setor de serviços de ensino alterou-se no decorrer do tempo, especializou-se de maneira diferenciada na própria cidade e conseqüentemente no bairro Centro.

Com o crescimento da cidade de Fortaleza mediada pelo modo de produção capitalista, o grau de complexidade espacial foi se intensificando por meio da segregação socioespacial oriunda da sujeição do espaço aos interesses das classes dominantes, alterando a estrutura da cidade e do Centro. Villaça (2001) assevera que a segregação socioespacial, tendência posta nas metrópoles brasileiras, é responsável pelo controle espacial pelos detentores do capital. Nesse sentido,

[...] os bairros da classe dominante e da alta classe média – proprietários dos meios de produção e executivos do capital – tendem a se localizar em setores de amenidades, caracterizados por condições micro-climáticas mais agradáveis, por um elevado preço da terra, que é o mais importante fator de seleção de seus habitantes, por construções residenciais de luxo e uma infraestrutura desenvolvida. (CORRÊA, 1995, p. 08).

Com o quadro de autossegregação realizado pelas camadas dominantes da cidade de Fortaleza, novas áreas residenciais aparecem no espaço urbano alterando a estrutura desses locais aos seus interesses. O redimensionamento espacial dessas áreas foi impulsionado, sobretudo, pelo mercado imobiliário e pelo Estado, com a estruturação dessas novas áreas e a implementação de infraestrutura, alocação de órgãos públicos, incorporação de legislação de uso e ocupação do solo voltado aos interesses da acumulação de capital via desigualdades socioespaciais.

Esses hodiernos locais de segregação socioespacial, as novas áreas centrais, materializam o processo de descentralização da capital cearense, já que as camadas mais abastadas foram se deslocando para novas centralidades que dispunham de infraestrutura composta por atividades residenciais, de lazer, de comércio e serviços que até então se restringiam ao Centro principal da cidade.

Em momentos anteriores, quando a cidade se encontrava assistida apenas por um único centro (o Centro de Fortaleza), este detinha um quadro de principal concentrador dos equipamentos e serviços educacionais da cidade. Porém, foram surgindo no espaço urbano novas centralidades, e o segmento de serviços as acompanhou, seguindo o processo de descentralização da cidade. Alocando-se nessas novas áreas, fez com que o centro não fosse o único detentor dos serviços de educação.

Com o deslocamento das camadas de alta renda para as novas áreas que começaram a receber investimentos públicos e particulares de maneira mais intensa que o Centro, estes deixaram o centro relegado a camadas que não geram lucros intensos ao capital, incitando a ideia de “decadência do centro principal”. (VILLAÇA, 2001).

O processo de abandono do centro principal e de produção de um ‘novo centro’ se concretiza no mercado imobiliário, na medida em que as localizações ‘centrais’ imobiliariamente mais valorizadas, seguindo o deslocamento dos bairros de alta renda, mudam radicalmente. Assim, controlando o mercado imobiliário, a classe dominante controla não só o crescimento (ou a falta de) do centro principal, mas também a forma (contínua e descontínua) e a direção desse crescimento. (DIÓGENES, 2005, p. 10).



Com a expansão urbana via segregação socioespacial, os espaços da cidade se redefiniram, e o Centro de Fortaleza, abandonado pelas camadas de altos rendimentos, foi gradativamente sendo ressignificado, espacializando e especializando seu território contraditório, que, apesar de ser uma área com ausência de investimentos massivos do capital, sobretudo imobiliário, existe um intenso volume de atividades econômicas ligadas ao setor terciário voltado à demanda popular, motivando atração populacional ao bairro, gerando fluxos intensos. (SILVA, 2013; GODOY, 2015).

Dessa forma, o centro de Fortaleza ainda tem o poder de concentrar fixos, atrair e dispersar fluxos, sobretudo pela forte carga histórica que carrega ao longo do tempo. Por ser o local inicial do desenvolvimento urbano da cidade de Fortaleza, carrega consigo materialidades cristalizadas no espaço e expressas em infraestrutura urbana que permitem a localização de atividades econômicas nessa área.

Nesse sentido, as atividades de serviços que necessitam de infraestrutura, complementaridade setorial e demanda por mercado consumidor, ainda se alocam nos Centros tradicionais. (DOMINGUES et al., 2006). Posto isso, o setor de serviços educacionais do Centro, apesar do evidente processo de descentralização e da dispersão espacial dos estratos de maiores rendimentos econômicos para novas centralidades na cidade, ainda há concentração intensa de serviços no Centro.

Um dos principais fatores de localização dos estabelecimentos de educação no Centro de Fortaleza está relacionado à acessibilidade que o bairro possui dentro da cidade e com os municípios da Região Metropolitana de Fortaleza.

Os serviços, em todos os seus subsetores, necessitam de toda uma dimensão socioespacial para se efetivar no espaço. (NASCIMENTO, 2011). A proximidade aos pontos nodais de circulação garante um consistente fluxo a esses empreendimentos, posto que a circulação de pessoas e veículos é facilitada.

O fator acessibilidade é uma variável importante para a garantia e manutenção da centralidade. Porém, nenhuma área da cidade supera o centro tradicional em termos de acessibilidade, haja vista que o valor de uso dessas áreas está cristalizado sobremaneira neste fator, resultando na otimização do tempo de deslocamento a esses locais. (VILLAÇA, 2001).

O Centro de Fortaleza possui vias de acesso que facilitam a fluidez e interconexão de várias outras partes da cidade e de municípios vizinhos à cidade, fato que pode ser explicado pela dinâmica do bairro enquanto local de origem da cidade e manutenção de única centralidade da capital cearense durante longo período de tempo.

A disposição do Centro Antigo [...] e sua oferta de infraestrutura urbana – possibilitou o crescimento da cidade, considerando [...] as estradas de penetração para o porto, as indústrias e os antigos sítios, que acabaram por trazer o sertão ao litoral, em que atualmente formam algumas das principais ruas e avenidas do Centro, assim como da própria capital cearense. (PEREIRA 2014, p. 04).

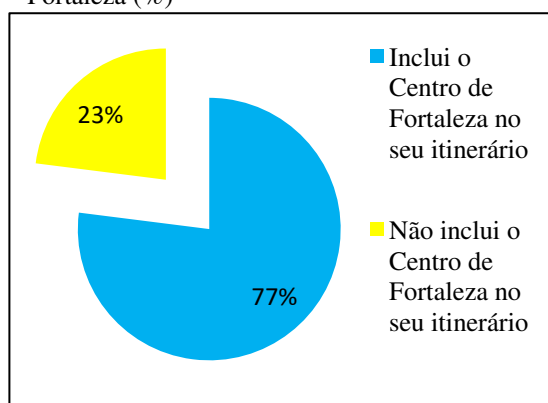
De acordo com Carlos (2001), o centro tradicional constitui-se como local de acumulação e atração de fluxo, definindo-se como ponto que reúne e dissipa. A capacidade concentradora do centro é consolidada a partir da estruturação da área destinada à circulação de Fortaleza, que se apresenta através de uma malha urbana radiocêntrica, levando ao estreitamento e direcionamento dos fluxos ao Centro da cidade, que recebe grande volume de fortalezenses e de parte da população de sua Região Metropolitana – RMF. (SILVA, 1992; 1994).

O intenso fluxo no Centro de Fortaleza atualmente decorre, entre outros fatores, pelo fato de o bairro funcionar como local de convergência do transporte municipal e intermunicipal. Silva (2013) analisa o centro como local de concentração e dispersão dos transportes urbanos e intermunicipais:

Além das linhas metropolitanas, todas convergindo para o Centro, o número de linhas intraurbanas é bastante significativo, num total de setenta e seis linhas que passam ou possuem parada final no centro da cidade. Dessa forma, as outras centralidades da cidade possuem considerável articulação com o Centro Tradicional através das várias linhas de ônibus ofertadas. (SILVA, 2013, p. 78).

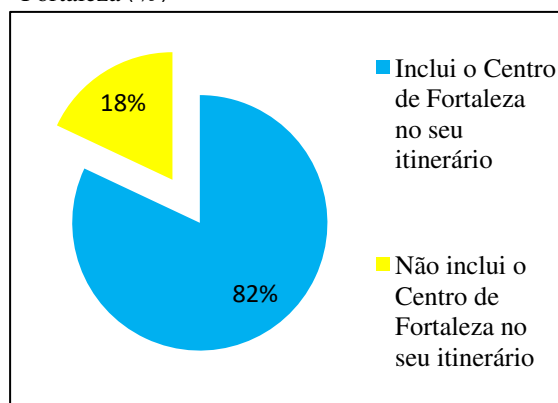
O bairro também conta com um grande número de linhas de transporte público urbano (ver gráfico 12 e gráfico 13), tornando o Centro acessível a todas as partes da cidade.

Gráfico 12 – Linhas de transporte regular de Fortaleza (%)



Fonte: ETUFOR (2014) – Adaptado.

Gráfico 13 – Linhas de transporte alternativo de Fortaleza (%)



Fonte: ETUFOR (2014) – Adaptado.

O sistema de transporte da capital cearense inclui o Centro como parte de seu itinerário fixo em cerca de 77% das linhas de transporte regular e 82% das linhas de transporte complementar.

Nesse sentido, o Centro de Fortaleza “[...] permanece desempenhando intensa centralização sobre a região metropolitana e sobre a população metropolitana, que converge diariamente em direção à capital em busca dos mais variados serviços como educação, saúde e comércio variado.” (SILVA, 2013, p. 75).

Assim, o bairro atrai e dispersa diariamente o intenso volume de 100 mil transeuntes que se direcionam ao Centro de Fortaleza todos os dias (PEREIRA, 2013), no qual 35.854 destes se deslocam ao bairro para consumir os serviços educacionais de nível médio e superior presentes nesta importante centralidade da capital cearense.

Outro fator que deve ser levado em consideração para a concentração de instituições de ensino no bairro é a consolidação do centro enquanto importante reduto das instituições de ensino no decorrer da formação urbana da cidade de Fortaleza. O bairro, contando com uma base educacional historicamente definida, serve de atrativo para outros empreendimentos da mesma finalidade, já que este segmento tem como característica a predisposição em se localizar próximo de outras atividades de serviços para aproveitar as vantagens de transporte, comunicação e trocas comerciais dos outros estabelecimentos. (DOMINGUES et al., 2006).

Outro fator de atração dos segmentos educacionais ao centro de Fortaleza vem do próprio movimento de crise do modo de produção capitalista, tendo como pano de fundo a intensificação da competição interurbana, fazendo surgir novas configurações na cidade. (HARVEY, 1989). No contexto do capitalismo sob o ditame da globalização,

As cidades contemporâneas acirram a competição entre si pela captação de recursos. A guerra fiscal, o City Marketing, os grandes empreendimentos ou a organização de grandes eventos, a organização do setor turístico; várias são as estratégias que as cidades adotam para se fortalecerem como polo de atração de capital. (PAES-LUCHIARI, 2005, p. 8.176).

Nessa dinâmica, as cidades vão se redefinindo, implementando políticas públicas e projetos de reconfiguração de determinadas áreas das cidades visando à atração de capital. E o Centro de Fortaleza vem sendo uma peça fundamental no jogo de interesses capitalistas.

O Centro de Fortaleza possui as primeiras formas e funções urbanas da capital cearense, convivendo com as materialidades e virtualidades do presente, o que é um atrativo diferencial nesse panorama de competição entre os lugares.

Após um período de obsolescência das áreas centrais tradicionais, essas áreas vão atrair novamente os interesses do capital, seja pelas infraestruturas instaladas, pela posição estratégica na malha urbana, ou pela possibilidade de agregar valor econômico ao patrimônio arquitetônico que ficou preservado – às vezes pelo próprio abandono. (PAES-LUCHIARI, 2005, p. 8.178).

Assim, vem sendo implantados projetos voltados ao Centro da cidade, tentando promover a “requalificação” do bairro através de projetos pontuais da Prefeitura de Fortaleza juntamente com a iniciativa privada, e também por meio do Plano Fortaleza 2040, de iniciativa da Prefeitura de Fortaleza e desenvolvido pelo Instituto de Planejamento de Fortaleza – Iplanfor, com o apoio da Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (FCPC) da Universidade Federal do Ceará – UFC.

Utilizando-se do Marketing das políticas de “requalificação” do Centro de Fortaleza, instituições de ensino, sobretudo de nível superior, vêm instalando recentemente seus empreendimentos no Centro de Fortaleza. O Centro Universitário Estácio do Ceará empregou o termo “educação requalificada” nos slogans de campanhas publicitárias, com o intuito de aproveitar-se do novo panorama que se desenha no bairro e atrair estudantes à sua nova sede no Centro de Fortaleza. A Faculdade Joaquim Nabuco, também localizada recentemente no Centro, também usufrui da nova conjuntura que vem se apresentando no bairro; em sua propaganda na internet, os publicitários explicitaram a localização da instituição de ensino (antigo Hotel Savannah, no Centro) (ver Figura 24).

Figura 24 – Propaganda da Faculdade Joaquim Nabuco, com sede no Centro de Fortaleza



Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=0kEoGmMzTmk>>.

O esvaziamento de grandes prédios do Centro, como o Hotel Savannah, incitado principalmente pelo processo de descentralização, tornou-se um atrativo para as instituições de ensino, fazendo com que as unidades educacionais procurem grandes edificações vazias com preços abaixo do mercado, próximas de outras instituições educacionais e aproveitando a acessibilidade do centro tradicional.

Nesse ínterim, as rugosidades, que, segundo Santos (2012), caracterizam-se pela materialização do passado presente na materialidade das construções do Centro, vem passando pelo processo de refuncionalização<sup>33</sup>. O processo de refuncionalização se caracteriza pela atribuição de novos valores de uso às formas pretéritas, que revelam uma renovação de pensamento e das representações sociais. (PAES-LUCHIARI, 2005; SANTOS, 2006). Assim, ao dar novos usos às estruturas remanescentes de um passado remoto, o Centro de Fortaleza se refuncionaliza, e a atual ocupação de prédios antigos do Centro com a finalidade educacional está contribuindo para a intensificação desse processo.

Outro elemento responsável pela concentração de instituições de ensino no centro é o próprio crescimento do setor educacional, influenciado pelas políticas públicas de cunho neoliberal, que incentivam a qualificação humana para o mercado de trabalho e manutenção do sistema econômico vigente, o que denota o crescimento de

<sup>33</sup> Deve-se apreender que a dimensão funcional do espaço reflete a ação social que dá sentido à materialidade e sofre inúmeras alterações ao longo do tempo, adaptando-se às necessidades e intencionalidades vigentes em períodos distintos, já que, com a dinamicidade das relações sociais, as formas ou os objetos geográficos assumem continuamente novas funções e formam uma nova organização socioespacial. (SANTOS, 1996).

matrículas e instituições de ensino em Fortaleza, conseqüentemente, no Centro da cidade.

A concentração do setor de serviços educacionais no centro de Fortaleza obedece à lógica complexa e excludente da reprodução de capital no espaço urbano, cuja materialização é transposta aos objetos espaciais. Portanto, a localização geográfica de determinados equipamentos constitui variável relevante para o entendimento do espaço da cidade, sobremaneira os equipamentos de serviços, posto que se submeta a um padrão locacional determinado por diferentes variáveis.

[...] as lógicas da localização dos serviços têm aspectos semelhantes às outras atividades econômicas (minimizar os custos e maximizar os lucros), mas distinguem-se devido ao caráter imaterial dos serviços, pelo papel estratégico da informação, pela natureza do serviço e pelo fato de existirem serviços cuja lógica de funcionamento está para além do econômico. (KLAFKE; BALDONI, 2014, p. 2.135).

Os serviços de interesse social, que são assegurados pela coletividade através da arrecadação e redistribuição de impostos, visam contemplar, acima de tudo, a sociedade integralmente. Deve-se destacar que este tipo de serviço tem uma espacialização desconcentrada, viabilizando o acesso da sociedade a este segmento (CORRÊA; CAON, 2002). Todavia, é fundamental apontar que alguns serviços de interesse social transformam-se em serviços de interesse econômico quando passam a ser conduzidos pelas leis de mercado visando à obtenção de lucro, apresentando uma intensa concentração de suas atividades em locais que contêm vantagens locacionais, gerando enclaves espaciais. (CASTILHO, 2008).

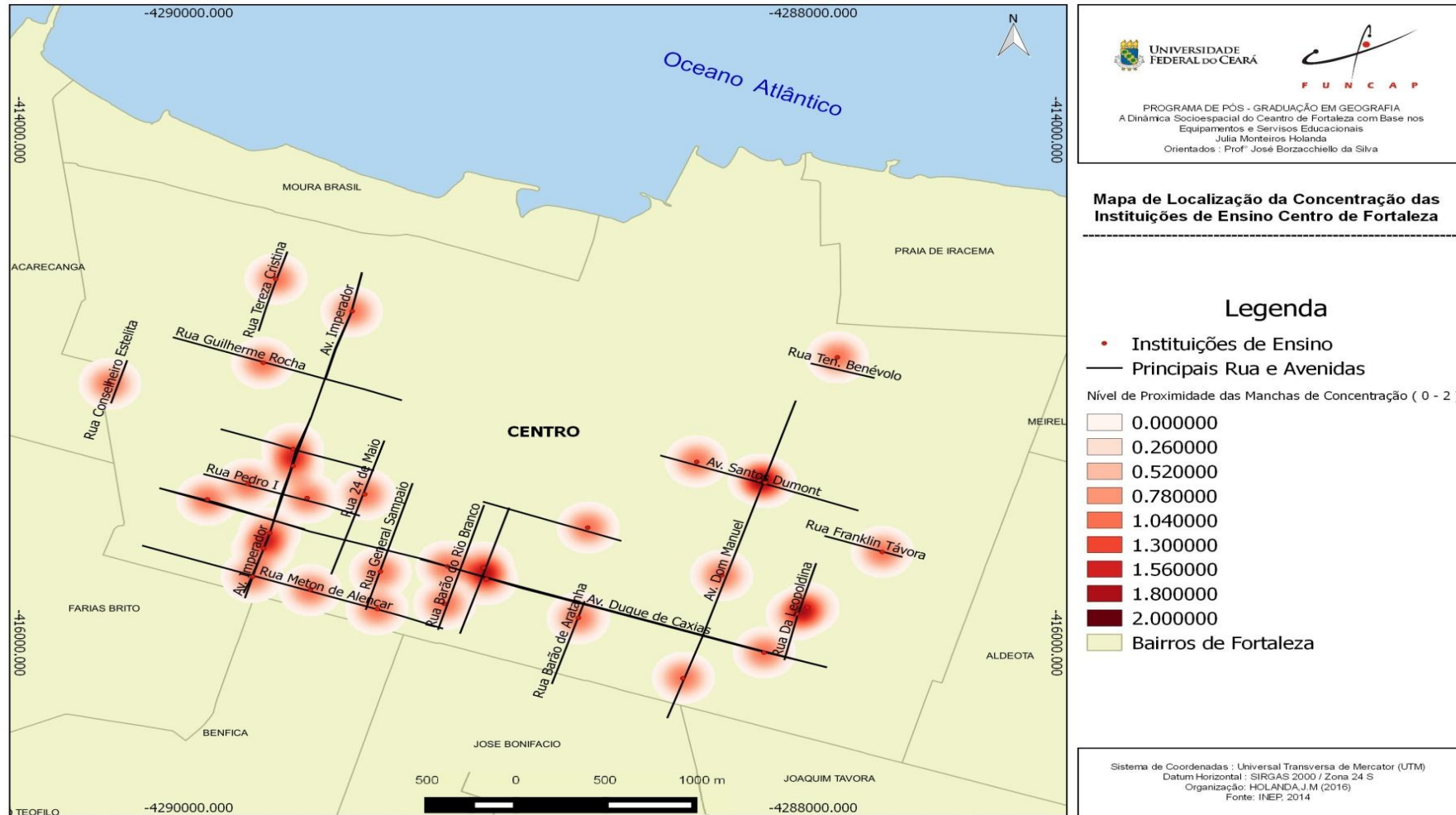
Tal fato pode ser verificado através da base educacional do Centro de Fortaleza, em que os estabelecimentos de educação, em sua grande maioria pertencentes ao setor particular de ensino, possuem uma lógica locacional conforme as leis regidas pelo mercado capitalista e estabeleceram-se no bairro visando obtenção de lucro pelas vantagens locacionais do Centro, gerando uma concentração dessa atividade econômica no supracitado logradouro.

Nesse sentido, o setor de serviços educacionais concentra-se no centro de Fortaleza, e concentra-se também em áreas limitadas do centro. Porquanto, os serviços se mostram aglutinados em áreas específicas, garantindo uma maior obtenção de lucro pelas economias de aglomeração e favorecendo o desenvolvimento do processo de coesão tão presente nas áreas de centralidade. (CORRÊA, 1995).

Ao analisar a localização dos segmentos educacionais do Centro (ver Figura 25), nota-se que estes mantêm um padrão de localização nas proximidades de ruas e avenidas próximas às linhas de ônibus. Dessa forma, há a formação de ruas especializadas no setor educacional, que compreendem a Avenida Duque de Caxias, Avenida do Imperador, Avenida Pedro I e Avenida Barão do Rio Branco.

Nesse ínterim, verifica-se que os fixos voltados aos serviços educacionais no Centro demonstram o atual quadro do bairro como sendo uma área detentora de relevante centralidade, apesar de ao longo do processo de descentralização da cidade de Fortaleza o bairro deixar de ser o exclusivo lócus da base educacional fortalezense, havendo alterações substanciais no que concerne ao público a que se destinam os serviços do bairro. Logo, alteraram-se os fluxos que são atraídos por ele, conjuntura que será vista no próximo subcapítulo.

Figura 25 – Mapa de Localização da Concentração das Instituições de Ensino Básico e Superior no Centro de Fortaleza.



Fonte: INEP (2014).



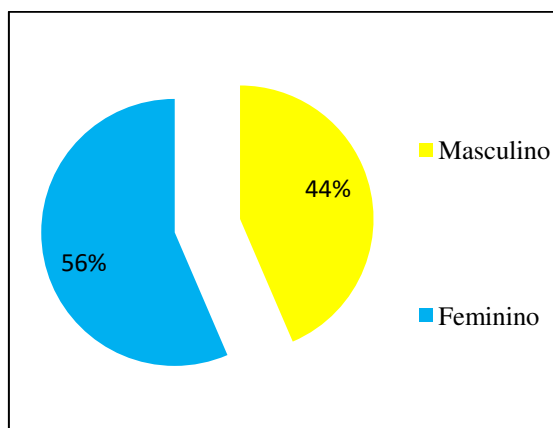
#### 4.2.2 Os estudantes

As áreas de policêntricas são reflexos das desigualdades. Spósito (1991) atesta que o espaço com diferentes centralidades caminha para a segregação socioespacial, posto que essas áreas apresentam padrões diferenciados: escala de influência, estratos sociais, localização, quantidade, qualidade e especialização das atividades econômicas que possuem. Dessa maneira, o Centro de Fortaleza possui particularidades que contribuem para a fragmentação do espaço urbano, e os fluxos que são atraídos para o bairro são elementos fundantes para o entendimento da dinâmica desta centralidade.

O segmento de serviços educacionais se constitui de atividades importantes na atração de fluxos para o Centro, intensificando as relações humanas e contribuindo, sobretudo, para a centralidade do bairro. Nessa perspectiva, seguem subsequentemente dados relativos ao perfil geral dos estudantes das instituições de ensino do Centro (instituições de ensino básico e superior) obtidas através da aplicação de questionários. As informações coletadas se referem a gênero, faixa etária, estado civil, renda familiar mensal, contribuição do estudante na renda da família, naturalidade, nível de ensino que estuda, meio de locomoção à instituição de ensino e motivos pela busca da instituição de ensino.

Quanto ao gênero dos estudantes do bairro, há uma predominância no gênero feminino em detrimento do masculino (ver Gráfico 14).

Gráfico 14 – Perfil dos estudantes por gênero (%)



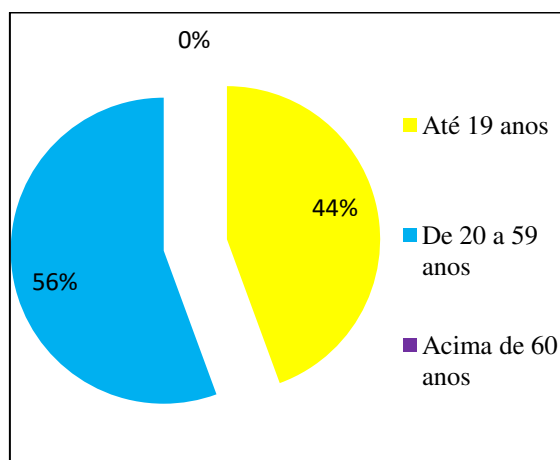
Fonte: Holanda (2015).

Ao analisar o gráfico do perfil dos estudantes quanto ao gênero, nota-se que 56% do alunado do Centro é constituído pelo gênero feminino, e 44% dos educandos são do gênero masculino. Este dado corrobora as informações da Pesquisa Nacional de Amostra Por Domicílio – Pnad – do IBGE, que atestam que o gênero feminino tem se tornando destaque na variável escolaridade na maioria do território nacional. Segundo o referido estudo de 2013, de um total de 173,1 milhões de brasileiros acima de 10 anos de idade, 6,5 milhões de homens possuem mais de 15 anos de escolaridade contra 9 milhões de mulheres.

Dentre os fatores que contribuem para a proeminência da escolarização das mulheres em detrimento à escolarização dos homens, estão: a maior proporção do gênero feminino na população brasileira; a diminuição da taxa de natalidade; e inserção cada vez maior das mulheres no mercado de trabalho e no sustento na família. (BELTRÃO; ALVES, 2009).

Com relação à faixa etária dos estudantes, há uma preponderância de adultos e jovens, respectivamente (ver Gráfico 15).

Gráfico 15 – Perfil dos estudantes quanto à faixa etária (%)



Fonte: Holanda (2015).

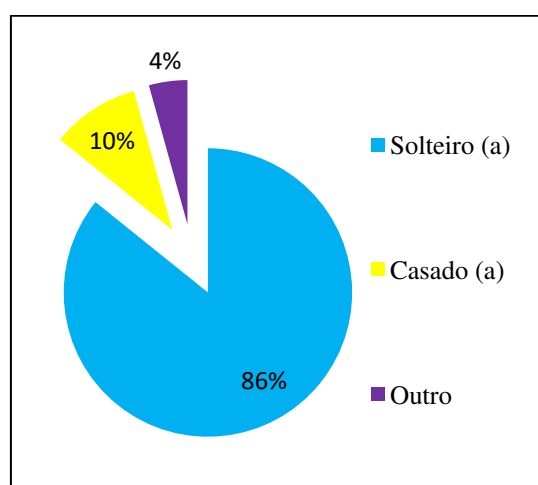
No tocante à faixa etária dos estudantes do bairro, é composta em sua maioria por adultos de 20 a 59 anos (56%), seguidos pelos jovens de até 19 anos de idade (44%). A população de idosos com idade superior aos 60 anos se mostra inexpressiva no bairro.

O maior número de adultos estudando nas instituições de ensino do Centro pode ser explicado pelo fato de haver um quantitativo maior de matrículas nas instituições de ensino superior (19.887) do Centro em comparação com as matrículas

nas instituições de nível básico (15.967), no qual o ensino superior adensa um maior número de estudantes com idade superior a 20 anos, e o ensino básico possui a maioria do alunado com idade inferior a 19 e ainda detém uma parcela de estudantes com idade superior a 20 anos com a modalidade de Ensino de Jovens e Adultos – EJA.

No que concerne ao estado civil dos alunos, há uma predominância de estudantes solteiros, seguido pelos estudantes casados, e aos que possuem outro tipo de estado civil (ver Gráfico 16).

Gráfico 16 – Perfil dos estudantes quanto ao estado civil (%)

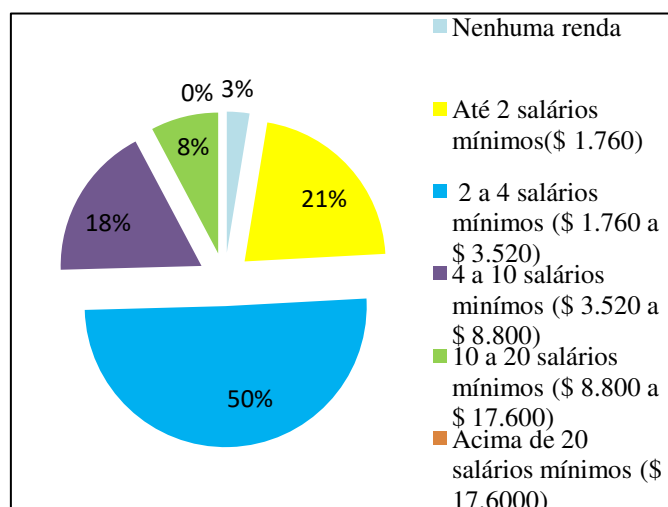


Fonte: Holanda (2015).

Constata-se que os estudantes, em sua maioria, são solteiros (86%), em seguida há um total de 10% dos estudantes que são casados, e 4% do alunado que se encontra sob outro estado civil.

Quanto à renda familiar dos estudantes, predomina-se um alunado de 50% com um rendimento familiar mensal de 2 a 4 salários mínimos (de R\$ 1.760 a R\$ 3.520); seguido por 21% de estudantes com renda familiar de até 2 salários mínimos (até R\$ 1.760); posteriormente há uma incidência de 18% dos educandos com proventos familiares entre 4 a 10 salários mínimos (de R\$ 3.520 a R\$ 8.800); cerca de 8% dos discentes possuem famílias com faturamento mensal de 10 a 20 salários mínimos (entre R\$ 8.800 e R\$ 17.600); subsequentemente, há 3% dos estudantes que não possuem nenhuma renda mensal. Há uma quantidade inexpressiva de estudantes com renda familiar mensal superior a 20 salários mínimos (superior a R\$ 17.600) (ver Gráfico 17).

Gráfico 17 – Perfil dos estudantes quanto à renda familiar mensal (%)



Fonte: Holanda (2015).

Ao analisar os dados relativos à renda dos estudantes, percebe-se que a maior parte da clientela concentra-se nos segmentos sociais D (ganhos de 2 a 4 salários mínimos), E (rendimentos até 2 salários mínimos) e C (renda mensal entre 4 a 10 salários mínimos), com participação de 50%, 21% e 18%, respectivamente.

Nesse sentido, os estudantes são caracterizados por participarem de estratos sociais de rendimentos de baixo a médio, informações que corroboram as colocações de Dantas (1995) ao afirmar que o Centro de Fortaleza é local de comércio e serviços voltados às camadas de menores rendimentos.

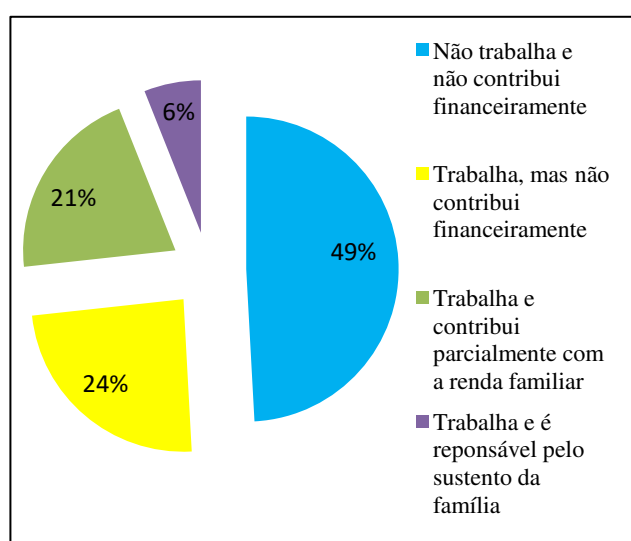
Esta constatação de o centro tradicional da cidade ser centralidade de pessoas de menores proventos financeiros principalmente atraídos pelas atividades terciárias, incluindo os serviços educacionais, é dissemelhante ao panorama constatado quando havia um quadro de monocentricidade na cidade de Fortaleza, onde a base educacional existente no bairro era prioritariamente voltada aos estratos mais abastados.

Esta mudança nos fluxos atraídos para o Centro pode ser explicada pelo crescimento e complexidade do espaço urbano através da valorização diferenciada das áreas da cidade, acarretando o processo de centralização e descentralização da capital cearense, resultando na fragmentação do espaço e na concentração de atividades, equipamentos e estratos sociais diferenciados e característicos de cada parte da totalidade cidadina. Destarte, a partir da reestruturação da cidade de Fortaleza, o Centro se ressignificou no contexto urbano, direcionando seu papel enquanto centralidade voltada às demandas por comércio e serviços populares, no qual os serviços de

educação são atividades presentes e importantes para o entendimento do bairro atualmente, já que refletem as transformações socioespaciais.

A respeito da participação dos alunos na renda familiar, 49% dos estudantes não desenvolvem atividades remuneradas e não contribuem com a renda familiar; 24% dos discentes possuem vínculos empregatícios, mas não contribuem para os rendimentos familiares; 21% dos educandos trabalham e auxiliam parcialmente nos proventos da família; e 6% dos alunos possuem empregos e são responsáveis totalmente pelo sustento da família (ver Gráfico 18).

Gráfico 18 – Perfil dos estudantes quanto à participação na renda familiar (%)



Fonte: Holanda (2015).

Os alunos, em sua maioria (51%), realizam alguma atividade remunerada com ou sem participação na renda familiar, enquanto 49% dos estudantes não trabalham e não contribuem na renda familiar. Neste caso, há uma predominância de estudantes que também são trabalhadores. Muitos deles trabalham durante o dia e estudam em instituições do Centro no período da noite, contribuindo para a dinâmica noturna do bairro.

Com o atendimento da demanda por serviços educacionais noturnos de uma população que deseja frequentar os estabelecimentos do bairro no período oposto ao que trabalha, o Centro tem a capacidade de centralidade definida em um momento do dia em que se encontrava em obsolescência, durante a quietude noturna, posto que as centralidades não são somente estáticas, inertes no tempo e espaço, podem ser

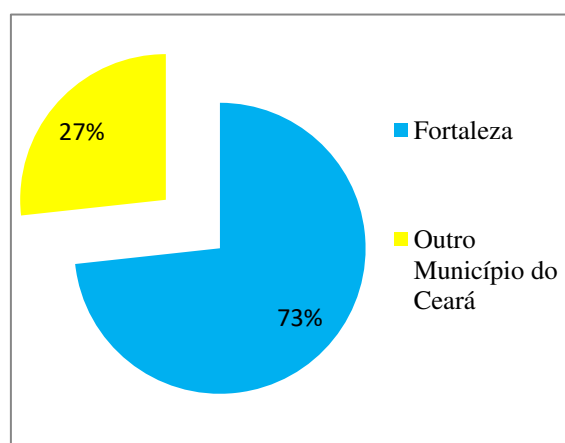
virtualidades materializadas no espaço em diferentes padrões, lugares e também dependendo do horário do dia. (LEFEBRVE, 1999; SPÓSITO, 1991).

O setor educacional, além de contribuir para a atração de fluxos de estudantes no horário convencional de funcionamento das atividades do bairro (durante o dia), também expressa centralidades durante a noite, porém em períodos determinados (momentos de entrada e saída dos alunos das instituições de ensino).

Dessa forma, o Centro de Fortaleza apresenta uma nova configuração do seu espaço proveniente dos fluxos de ida e vinda de estudantes, onde forma uma territorialidade “cíclica” (SOUZA, 1995) de caráter habitual e com temporalidade definida. Dessa forma, há alterações na paisagem urbana do bairro, onde em períodos específicos os estudantes ocupam determinados espaços, e depois esses mesmos espaços podem entrar em estado de obsolescência.

Com relação à naturalidade dos estudantes, ao aplicar os questionários, verificou-se que o alunado, em sua grande maioria, é composto de educandos oriundos de Fortaleza, porém os fluxos de alunos vindos de outros municípios cearenses também são expressivos (ver Gráfico 19).

Gráfico 19 – Perfil dos estudantes quanto à naturalidade (%)



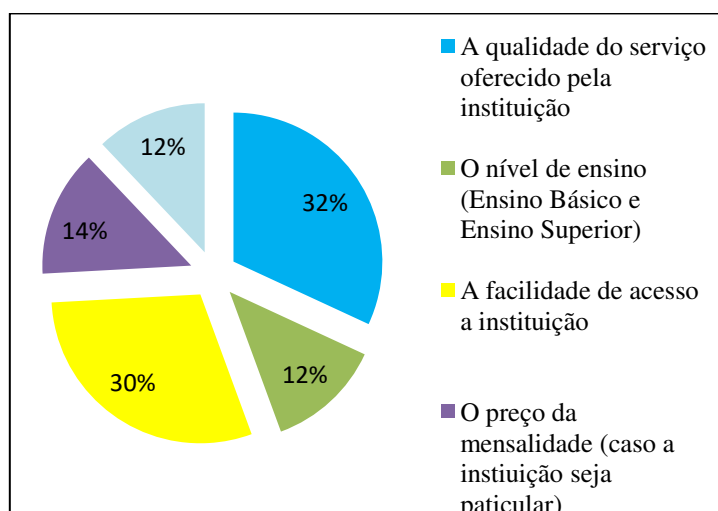
Fonte: Holanda (2015).

Quando examinam-se os dados relativos à origem dos estudantes, constata-se que 73% deles são oriundos dos bairros da cidade de Fortaleza e 27% são advindos de outras cidades do Ceará, em sua maioria formada por estudantes procedentes da Região Metropolitana de Fortaleza – RMF –, principalmente de cidades como Maracanaú, Caucaia, Maranguape, São Gonçalo do Amarante.

Este movimento de atração tanto de estudantes da própria cidade quanto de municípios de sua Região Metropolitana demonstra a posição do bairro enquanto centralidade de relevância intra e interurbana, fato que corrobora a visão de Silva (2013) ao asseverar o papel do Centro enquanto polo de influência e atração populacional da capital cearense e para além dela.

Dentre os principais motivos para a atração de estudantes ao bairro está a qualidade do serviço oferecido pela instituição, a facilidade de acesso ao estabelecimento de ensino, o preço da mensalidade da instituição (caso seja privada), o nível de ensino demandado pelo estudante (ensino básico e superior) e outros interesses (ver Gráfico 20).

Gráfico 20 – Perfil dos estudantes quanto à motivação para a escolha da atual instituição no Centro (%)



Fonte: Holanda (2015).

No tocante aos motivos que impulsionaram a atração dos estudantes às instituições de ensino no Centro, a qualidade do serviço ofertado pela instituição predomina, com 32% das respostas; logo em seguida, a facilidade de acesso à instituição de ensino se apresenta com 30%; o preço da mensalidade da instituição (caso seja particular) motiva 14% dos alunos; e o nível de ensino em curso (básico ou superior) e outros interesses, ambos com 12%, também são motivos que levam os estudantes a procurarem as instituições de ensino no Centro.

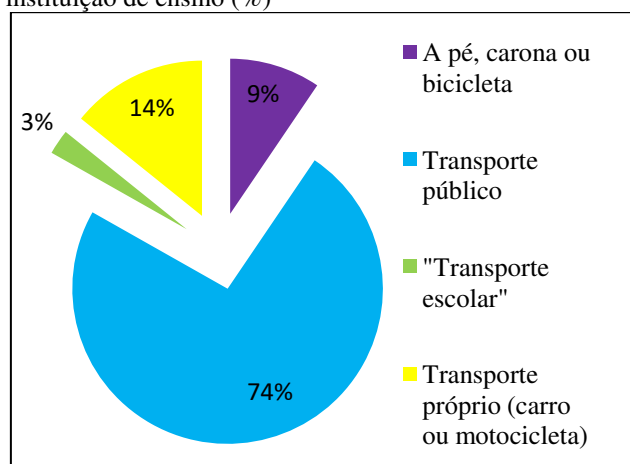
O Centro enquanto centralidade contém uma diversidade de serviços, no quais os serviços educacionais possuem uma diversificada base de instituições voltadas

a este fim, muitas de referência no que se refere à qualidade dos serviços que oferecem e tradição no ramo, o que acaba por atrair estudantes ao bairro.

Segundo Silva (2013) e Godoy (2015), o fator acessibilidade existente nas centralidades é presente no bairro através da grande quantidade de linhas de transporte municipal e metropolitano que o bairro contém e nas vias de acesso que interligam mais facilmente outros bairros da cidade e municípios ao Centro, facilitando o deslocamento dos estudantes de seus locais de origem ao bairro.

Quanto à ida dos estudantes às instituições de ensino, o movimento de deslocamento ao Centro ocorre prioritariamente através do transporte público (ver Gráfico 21).

Gráfico 21 – Perfil dos estudantes quanto ao meio de transporte utilizado na ida à instituição de ensino (%)



Fonte: Holanda (2015).

Quanto ao meio de transporte utilizado pelos estudantes, estes fazem o uso do transporte público em sua maioria (74%); em seguida, de maneira discrepante, 14% dos estudantes se locomovem às instituições de ensino em transporte particular (carro ou motocicleta); 9% se locomovem ao local de ensino a pé, de carona ou de bicicleta; e 3% se dirigem aos estabelecimentos educacionais através do serviço particular de transporte dos estudantes (transporte escolar). Este dado corrobora o estudo do SEBRAE (2004) ao traçar o perfil dos consumidores do Centro de Fortaleza, em que a pesquisa aponta que o bairro atrai consumidores de níveis sociais menos abastados, oriundos, sobretudo, da periferia social da cidade e que necessitam de transporte público como meio de deslocamento ao referido logradouro.

Dessa forma, o Centro se apresenta como centralidade relevante dos fluxos educacionais, possuindo uma importância intra e interurbana, com uma demanda



voltada aos estratos sociais populares, que são atraídos ao bairro através da qualidade dos serviços educacionais encontrados na diversidade de instituições de ensino do bairro e pela acessibilidade que o Centro possui em termos de vias de acesso e linhas de transporte público, já que a maior parte dos estudantes fazem uso destes para se locomover aos estabelecimentos educacionais.



A pesquisa procurou analisar a dinâmica socioespacial do Centro de Fortaleza com base no setor de serviços educacionais. Pensar a dinâmica das centralidades urbanas é refletir acerca do setor dos serviços nessas áreas, já que a atual conjuntura produtiva resultou no crescimento e na complexificação deste segmento econômico no espaço urbano.

O setor de serviços no Brasil vem avançando no contexto socioeconômico de maneira intensa devido às necessidades das cadeias produtivas por serviços especializados e pelo desenvolvimento do processo de industrialização e urbanização, estabelecendo fluxo populacional nas cidades, gerando atividades terciárias para suprimento das necessidades pessoais e mão de obra necessária para absorver o crescente contingente populacional não assimilado por outros estratos econômicos.

O segmento econômico dos serviços no Brasil segue a tendência mundial de crescimento do setor no âmbito econômico, porém com características próprias, com um quadro em que convivem juntos serviços tradicionais e modernos, em que são ou não implementadas intensas técnicas.

Em meio a este quadro, o subsegmento dos serviços de educação possui uma participação intensa na conjuntura dos serviços brasileiros, influenciado pelos interesses do mercado voltados às demandas por mão de obra qualificada e por conhecimento, veículo propulsor da sociedade informacional. Assim, este setor vem crescendo de maneira relevante no país. Segundo dados do RAIS/ MTE (2014), as atividades de ensino tiveram o maior crescimento em número de empregos e remuneração no ano de 2013 no Brasil, dessa forma, verifica-se a importante participação dos equipamentos e serviços de educação no espaço, sobretudo pelas interações espaciais entre fluxos e fixos que a atividade proporciona, sendo importante atividade na produção e organização do espacial.

A espacialização do subsetor das atividades econômicas educacionais segue a tendência do padrão locacional do setor de serviços, em que as atividades são distribuídas espacialmente a partir de variáveis setoriais e locais: concentração e participação da atividade industrial de determinada área, carga técnica das empresas industriais e características dos consumidores de serviços (concentração populacional, intensidade de demanda por serviços e renda dos consumidores). Dessa forma, os serviços educacionais se localizam em áreas com maiores aglomerações, sobretudo nas áreas de centralidade dos municípios.

Tal fato pode ser visto na cidade de Fortaleza: até a década de 1970, a capital cearense vivia um quadro de policentralidade, o Centro se encontrava como única centralidade e atraía as elites para realização de suas relações humanas. Contudo, com o processo de reestruturação urbana do espaço voltado às demandas do capital, necessitando da diferença socioespacial para acumulação capitalista, o espaço urbano passou a se fragmentar e diferenciar, sendo assistido por novas centralidades. Este fato redirecionou atividades e equipamentos urbanos da cidade de Fortaleza, que foram deslocados para esses recentes locais dotados de centralidade: subcentros de bairro, eixos comerciais e shoppings centers.

O atual quadro de fragmentação da metrópole cearense com diferentes centralidades deve ser entendido, também, pela atividade de serviços, posto que, as cidades brasileiras vivem sob o ditame da economia dos serviços, em que essas atividades são preponderantes para o entendimento da realidade urbana.

Seguindo a tendência econômica nordestina, a cidade de Fortaleza possui no setor de serviços a maior fonte de captação de mão de obra, segundo dados da SDE (2013) o setor de serviços é o maior concentrador de empregos formais na capital cearense, tendo esta atividade econômica a maior participação no produto interno bruto em detrimento dos outros segmentos financeiros, assim, o setor possui extrema relevância no contexto socioeconômico e na produção e organização do espaço urbano.

A cidade de Fortaleza, com um quadro urbano de fragmentação, tem na dispersão espacial dos equipamentos e serviços urbanos um dos principais elementos de estruturação do espaço para acumulação de capital. A desigualdade nos estabelecimentos dos serviços na capital cearense é expressiva, principalmente nos ramos desta atividade que apresentam uma maior carga técnica e informacional.

Assim, a distribuição do setor de serviços no espaço urbano se dá de maneira desigual e seletiva, fragmentando o espaço em áreas diferenciadas a partir do segmento de serviços, onde a instalação dessa atividade obedece à lógica capitalista para obtenção de vantagens locacionais, localizando-se, sobretudo em áreas de centralidade. Nesse sentido, a capital cearense possui uma realidade urbana pluriarticulada, com locais com concentração e tipos de serviços diferenciados, no qual o centro de Fortaleza e as novas expressões da centralidade possuem relevante destaque.

Os shoppings aparecem no espaço como áreas de centralidade para além dos centros tradicionais, refletindo o processo de reestruturação da capital cearense e seu quadro policêntrico. Apesar desses empreendimentos, em um primeiro momento,

estivessem voltados ao atendimento das necessidades das camadas de maior poder aquisitivo, este quadro vem se alterando substancialmente com a presença de outros estratos econômicos usufruindo dos equipamentos e serviços contidos nesta centralidade.

Os shoppings da cidade possuem não só atividades comerciais, mas conta com um setor de serviços variado, dentre eles se destaca os serviços educacionais presentes nesses estabelecimentos. O número considerável de instituições de ensino nos shoppings atualmente está correlacionado com próprio crescimento dessas centralidades como áreas de consumo e pela educação vista como mercadoria, procurando áreas para maior obtenção de lucro.

A obtenção de vantagens locacionais no espaço pelo setor de serviços pode ser vista a partir dos eixos de circulação especializados. Essas áreas surgem no espaço a partir do processo de descentralização e propiciam a acumulação de capital mediante a concentração de determinados produtos especializados, sobretudo os relacionados ao setor de comércio e serviços.

Esta área de centralidade cria mecanismos para a coesão de produtos, formando áreas especializadas em Fortaleza, como a Avenida José Bastos, que é caracterizada como um eixo especializado em comércio e serviços automotivos; e no Centro de Fortaleza, a Rua Senador Pompeu e João Moreira, que são eixos especializados no serviço médico popular. No Centro de Fortaleza também há eixos especializados em serviços educacionais, tais como a Avenida do Imperador e Duque de Caxias.

Outra expressão de centralidade presente na cidade de Fortaleza são os subcentros de bairro, surgidos a partir do crescimento da cidade para servir de locais de habitação, lazer, comércio e serviços na cidade. Essas áreas possuem equipamentos de serviços diversos, porém são usadas e possuem serviços em menor quantidade se comparados ao Centro tradicional da capital cearense. O segmento de serviços educacionais reflete esta lógica, os subcentros de bairro possuem uma base educacional expressiva, contando com uma quantidade considerável de equipamentos e serviços de educação. Contudo, o Centro de Fortaleza detém um setor de serviços educacionais mais denso, sobretudo voltado às camadas populares.

A presença do setor de serviços no Centro tradicional da capital cearense sofreu alterações substanciais no que concerne aos fixos e fluxos relacionados à atividade no decorrer das fases no modo de produção capitalista, já que, com as

diferentes nuances deste sistema econômico, implementou-se de maneira diferenciada as difusões técnicas e os processos produtivos, influenciando diretamente as relações socioespaciais e acarretando características particulares no sistema de ensino e na localização dos equipamentos de serviços educacionais na cidade de Fortaleza, conseqüentemente no seu centro.

Durante o período que se compreendeu a acumulação primitiva via capitalismo mercantil constituída pela acumulação de capital através da expansão marítima, objetivando a busca de matéria-prima e força de trabalho escravo, a cidade de Fortaleza não possuía relevância econômica pela ausência de atrativos para geração de riqueza. A capital cearense, que nesta época era uma incipiente vila, circunscrevia-se a uma parcela do atual Centro de Fortaleza os seus limites territoriais.

Assim, durante este período, as primeiras escolas se localizavam em partes do atual Centro da cidade e se caracterizavam por equipamentos que forneciam um nível de instrução arcaico, voltado ao ensino primário e ao latim.

A sociedade começou a passar por mudanças mediante as novas facetas do modo de produção capitalista, sob influência do capital industrial. A acumulação de capital, característica desse momento, foi efetuada, de maneira geral, com difusão maior de técnicas nos processos produtivos, o que acarretou uma maior agilidade na produção, intensificando o acúmulo de riqueza e a geração de mais-valia. Essas alterações trouxeram mudanças substanciais ao espaço urbano, o qual passou ser o lócus das empresas fabris que necessitavam de mão de obra, incitando o movimento de migração campo-cidade, favorecendo o processo de urbanização e especialização do espaço urbano.

Os espaços das cidades foram se modificando juntamente com o pensamento e a ideologia social, inspirada no liberalismo, racionalismo filosófico e pelos ideais civilizatórios de progresso. Assim, a cidade de Fortaleza passou sofrer influência direta do momento vivido pelo capitalismo, porém, o quadro educacional da cidade somente sofreu alterações substanciais com a inserção da cidade na divisão internacional do trabalho, por intermédio da exportação do algodão cearense para as indústrias têxteis internacionais. O intercâmbio comercial da cidade – estabelecido com outros países – provocou a difusão mais intensa dos pensamentos e das expressões ideológicas do progresso civilizatório europeu em Fortaleza, havendo mudanças nas relações socioespaciais estabelecidas na cidade.

Mediante a nova atmosfera em que a sociedade fortalezense estava envolta, o setor educacional passou a se modificar com a criação do Liceu Cearense na segunda metade do século XIX. Todavia, foi a partir da instalação do educandário Ateneu Cearense que houve na cidade um movimento crescente de escolas particulares, fato que pode ser explicado pela inserção da cidade na Divisão Internacional do Trabalho, pela implantação de infraestrutura urbana advinda pelo desenvolvimento do capitalismo e pela ideologia do progresso que vinha sendo difundida.

Assim, um número expressivo de escolas, sobretudo particulares, foi implantado em Fortaleza neste período. A cidade, que tinha seu raio de extensão limitado pelos bulevares de Herbster, resumia seus limites ao atual Centro de Fortaleza. Dessa forma, o hodierno bairro ainda detinha, neste momento, toda a base educacional fortalezense, com instituições de ensino que se voltavam para uma educação erudita, com vistas à inserção do alunado na elite social e econômica.

A partir das influências provindas com a inserção do capitalismo financeiro/monopolista e industrial, o espaço urbano fortalezense passou por mudanças sensíveis.

O processo de urbanização, em consonância com as mudanças sociais advindas da propagação da ideologia do progresso humano, fez surgir em Fortaleza ainda mais instituições de ensino primário e secundário, sobretudo particulares, voltadas às camadas de maior poder aquisitivo, além de instituições de ensino superior.

Outra inovação no que se refere aos estabelecimentos de ensino de Fortaleza foram as instituições de ensino profissional, criadas através do propósito de modernização e criação de mão de obra para o setor industrial de uma cidade inserida no panorama de um país periférico com sistema fabril retardatário.

Além do ensino superior e ensino profissional, a capital cearense já contava com instituições de ensino voltadas à formação militar e estabelecimentos de ensino básico voltados à instrução das camadas populares da sociedade.

Alguns desses equipamentos de serviços educacionais passaram a se instalar em outros bairros da cidade, posto que Fortaleza, que vinha crescendo horizontalmente desde o final do século XIX, teve nas décadas iniciais do século XX o surgimento de novos logradouros adjacentes ao Centro. Além do bairro Jacarecanga, outros logradouros se originaram na capital cearense: Aldeota, Prainha, Benfica, Joaquim Távor e Floresta. Nesse sentido, alguns estabelecimentos educacionais acompanharam o crescimento urbano de Fortaleza, direcionando instituições de ensino para esses

bairros. Contudo, o Centro de Fortaleza não se absteve de seu papel de centralidade de fixos e fluxos relacionados aos serviços educacionais.

O atual panorama econômico vem sendo constituído desde meados da década de 1970, mediante o desenvolvimento do quadro econômico pautado na fluidez de mercadorias, informações, pessoas, conhecimento, serviços mediados pela agilidade dos meios de transporte e informação, os quais são desenvolvidos a partir do conhecimento.

Nessa circunstância, a educação no capitalismo informacional é a principal qualidade do trabalhador, passando o sistema educacional a ter um papel preponderante na sociedade, sobretudo no que se refere à qualificação de mão de obra voltada às inovações técnicas.

Assim, há um maior número de leis e políticas públicas voltadas ao setor de serviços educacionais, havendo, desde a década de 1970, um movimento de expansão de matrículas e estabelecimentos de ensino primário e secundário, tanto públicos quanto privados.

Não somente os serviços de ensino básico se encontram ascendentes em termos de matrículas e instituições: a procura por estabelecimentos de ensino superior cresce estimulada pela busca da formação profissional exigida, fazendo aumentar o número de instituições na cidade de Fortaleza e a implementação de políticas públicas voltadas a este nível educacional. A criação dos campi universitários marca uma das principais mudanças do setor de ensino superior na cidade de Fortaleza, acompanhada pela descentralização do referido nível de ensino na capital cearense.

O espraiamento do setor de serviços educacionais por diferentes logradouros da capital cearense, que até tempos anteriores se limitava apenas no Centro de Fortaleza, ocorreu, sobretudo, pelo quadro de policentralidade que a cidade assumiu principalmente a partir da década de 1980, ocasionado pelo crescimento urbano pela necessidade de acumulação de capital. Assim, a cidade passou a assumir um padrão de urbanização pautado na fragmentação, descentralização, policentralidade e desigualdade.

A descentralização da cidade de Fortaleza, através da reestruturação urbana pela qual passa a cidade nesta fase do capitalismo, fez surgir novos bairros, hodiernas centralidades e o setor educacional, que estava exclusivamente, até períodos anteriores, no centro da cidade e agora espalha-se tanto nas principais centralidades surgidas em Fortaleza quanto em novos bairros que se mostram na capital cearense. Assim, este



processo alterou a centralidade do bairro, o qual é refletido nos serviços educacionais presentes.

O Centro atualmente detém um papel relevante na concentração de serviços educacionais, contando com equipamentos diversificados destinados a este tipo de atividade. Segundo dados do INEP (2014), o bairro concentra 26 instituições e 15.967 matrículas de ensino básico, e 8 instituições e 19.887 matrículas no ensino superior, números expressivos se comparados ao universo total dessas variáveis na cidade de Fortaleza.

Os estabelecimentos educacionais presentes no Centro da cidade pertencem, em grande parte, ao segmento privado, tendo uma lógica locacional visando à obtenção de lucro através das vantagens locacionais do bairro. Dentre os fatores que justificam a localização dos serviços de educação no Centro, estão: a acessibilidade que o bairro possui (77% das linhas de transporte regular e 82% das linhas de transporte complementar de Fortaleza possuem o Centro em seu itinerário); a definição do bairro enquanto detentor de quantidade significativa de instituições de ensino no decorrer da dinâmica urbana da cidade de Fortaleza; as políticas voltadas à requalificação do Centro de Fortaleza; e o próprio crescimento do setor educacional, influenciado pelas políticas públicas de cunho neoliberal.

Dessa forma, o Centro atrai fixos e fluxos destinados aos serviços educacionais, demonstrando o atual quadro conjuntural do bairro, que, apesar de não mais monopolizar estes serviços que passaram a se descentralizar e se estabelecer em outras áreas da cidade, ainda concentra equipamentos e serviços de educação, porém com mudanças substanciais na demanda que as instituições de ensino atendem.

Os estudantes que as instituições de ensino do Centro atendem são principalmente fortalezenses do gênero feminino que realizam alguma atividade remunerada, possuem renda familiar de 2 a 4 salários mínimos (de R\$ 1.760 a R\$ 3.520) e se locomovem ao bairro através de transporte público para usufruir dos serviços educacionais de qualidade presentes na diversidade de instituições de ensino do bairro.

Conclui-se, então, que os serviços educacionais demonstram a atual conjuntura do Centro de Fortaleza como um bairro detentor de centralidade voltada ao atendimento das demandas dos segmentos populares.



## REFERÊNCIAS

- ABREU, C. de. **Capítulos de história colonial**. 7ª ed. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- ALVES, T. **Geografia dos serviços: Reestruturação Produtiva e Inovação Social**. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos - Universidade de Lisboa, 2005.
- AMARANTE, D. P. de. **Utilização do design instrucional em curso EAD: Análise do Ambiente Virtual de Aprendizagem de curso técnico à distância de uma instituição pública de ensino**, Belo Horizonte – MG. 65 f. Belo Horizonte, 2015. Dissertação (Mestrado em Sistema de Informação e Gestão em conhecimento) – Universidade FUMEC, Belo Horizonte, 2015.
- AMORA, Z. B. Indústria e espaço no Ceará. In: SILVA, J. B. da S. (Org.) et al. **Ceará: um novo olhar geográfico**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2005.
- ANDRADE, F. A. A ontogênese da faculdade de direito do Ceará. **Educare**. Fortaleza, v. 1, p. 13-22, 2013.
- ASSIS, L. F. de. As redes de comércio e de serviço entre a cidade média de Sobral e algumas cidades pequenas da Região Norte do Ceará. In: Encontro de Geógrafos da América Latina. **Anais...** [CR-Rom]. São Paulo: USP, 2005, p. 1.270-1.291.
- BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Relatório Anual 2004**. Rio de Janeiro: BNDES, 2004. Disponível em: <[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/empresa/RelAnual/ra2004/index.htm](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/empresa/RelAnual/ra2004/index.htm)>. Acesso em: 20 nov. 2015.
- BARBOSA, F. C. J. ; Estabelecimentos de saúde na Fortaleza provincial: Uma implantação lenta e descontínua (1840-1860). **História & Perspectivas**. Uberlândia. v. 25, 2012, p. 47-54. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/21262/11509>>. Acesso em: 24 nov. 2015.
- BAUMOL, W. J. Macroeconomics of unbalanced growth: the anatomy of urban crisis. **American Economic Review**, June, 1967.
- BELL, D. **The Coming of Post-Industrial Society: A Venture in Social Forecasting**. New York: Basic Books, 1973.
- BELTRÃO, K. I.; ALVES, J. E. D. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, FCC, v. 39, n. 136, p. 125-156, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v39n136/a0739136.pdf>>. Acesso em: 27 abr. 2016.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Pesquisa Anual de Comércio - PAC**, 2013. Rio de Janeiro, 2013. 102p.
- \_\_\_\_\_. **Pesquisa Anual de Serviços - PAS**, 2013. Rio de Janeiro, 2013. 111p.
- \_\_\_\_\_. **Pesquisa Industrial Anual - PIC**, 2013. Rio de Janeiro, 2013. 88p.
- \_\_\_\_\_. **Anuário estatístico do Brasil 1986**. Rio de Janeiro, v. 4, p. 204-207, 1986.

\_\_\_\_\_. **Panorama do comércio internacional de serviços**, 2013.

\_\_\_\_\_. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística **Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE)**. Versão 2.0. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/classificacoes/cnae2.0/cnae2.0.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2015.

BRASIL. Secretaria de Comércio; Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Serviços: Panorama do Comércio Internacional 2014 Dados Consolidados**. Brasília: CSC; MDIC, 2014. Disponível em: <[http://www.mdic.gov.br/arquivos/dwnl\\_1431972666.pdf](http://www.mdic.gov.br/arquivos/dwnl_1431972666.pdf)>. Acesso em: 23 out. 2015.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior. **Serviços: Panorama do Comércio Internacional 2013 Dados Consolidados**. Brasília: MDIC, 2014. Disponível em: <[http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl\\_1377202302.pdf](http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1377202302.pdf)>. Acesso em: 5 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. Senado Federal. **Lei nº 9394/96**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Sinopse Estatística da Educação Básica – Ano 2002**. Brasília, 2002.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Censo Escolar Educacenso: caderno de instruções**. Brasília: MEC; Inep, 2003.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Censo Escolar Educacenso: Caderno de instruções**. Brasília: MEC; Inep, 2013.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Microdados do Censo Escolar 2013**. Brasília: MEC/INEP, 2014.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. **Microdados do Censo da Educação Superior 2013**. Brasília: MEC/INEP, 2014.

BRAÚLIO, R. O Centro Estudantil Cearense. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, ano 112, tomo CXII, p. 99-136, 1998.

CABRAL, B. D. **Redimensionamento do Centro de Fortaleza – Ceará: os shoppings populares**. 112f. (Dissertação de Mestrado em Geografia). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

CANO, W.; SEMEGUINI, U. **Diagnóstico do setor de serviços: análise regional do setor de serviços no Estado de São Paulo**. Campinas: Unicamp, 1990.

CARDOSO, V. L.; ALMEIDA, E. **Evolução e dinâmica espacial do setor de serviços e sua relação com o setor industrial**. Juiz de Fora. v. 8 n. 15, p. 1-29, Jul-Dez 2013. Disponível em: <[http://www.ufjf.br/heera/files/2009/11/Cardoso\\_Almeida-2013\\_15.07para-pdf.pdf](http://www.ufjf.br/heera/files/2009/11/Cardoso_Almeida-2013_15.07para-pdf.pdf)>. Acesso em: 23 set. 2015.

CARDOSO, G. P. Práticas letradas e urbanidades em Fortaleza. Capitalismo, civilização e tradução cultural (1873 - 1919). In: XIV Encontro Estadual de História - ANPUH 2014, Limoeiro do Norte. **Anais...** Fortaleza, 2014. Disponível em: <<http://uece.br/eventos/eehce2014/anais/trabalhos.html>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8ª Edição. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

\_\_\_\_\_. **A (re) produção do espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. 270 p.

\_\_\_\_\_. A natureza do espaço fragmentado. In: SANTOS, M. et al. (Org.). **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

\_\_\_\_\_. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L. de; SPOSITO, M. E. B. **A produção do espaço urbano** – Agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2011. p. 53-73.

\_\_\_\_\_. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede** – a era da informação: economia, sociedade e cultura. V. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTELO, P.A. **História do ensino no Ceará**. Fortaleza: Departamento de Imprensa Oficial, 1970. 339 p. (Coleção Instituto do Ceará).

CASTILHO, C. J. M. de. As Atividades dos serviços, sua história e o seu papel na organização do espaço urbano: uma “nova” perspectiva para a análise geográfica? **Revista de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco**, Recife, v. 14, n. 1-2, p. 29-89, jan/dez 1998.

CAVALCANTE, M. J. C. Escola, reforma e modernidade: por onde tem andado e o que tem achado a história educacional no Ceará. In: CAVALCANTE, M. J. (Org). **História e memória da educação no Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002. p. 25-38.

CHETRY, M. **Metrópole latino-americana e a fragmentação urbana**. Rio de Janeiro. ano 4, v. 16. Disponível em: <[http://emetropolis.net/download/edicoes/emetropolis\\_n16.pdf](http://emetropolis.net/download/edicoes/emetropolis_n16.pdf)>. Acesso em: 25 nov. 2015.

CLARK, C. **The conditions of economic progress**. London: MacMillan Co. Ltd, 1940.

CLAVER, N. A Ciutat Vella de Barcelona: renovação ou gentrificação. In: BIDOZACHARIASEN, C. (Org.). **De volta à cidade**: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajétórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

\_\_\_\_\_. O espaço urbano. 4ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1995. 94 p.

CORRÊA, H. L.; MAURO C. **Gestão de serviços:** Lucratividade por meio de Operações e de Satisfação dos clientes. São Paulo: Atlas, 2002.

COSTA, M. C. L. Expansão da infraestrutura urbana e dos serviços públicos em Fortaleza (Brasil), na virada do século XIX. In: Encontro de Geógrafos da América Latina. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. **Anais...** p. 3765-3781.

\_\_\_\_\_. A cidade e o pensamento médico: uma leitura do espaço urbano. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, ano 01, n. 2, p. 61–69, 2002. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/181/147>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Cidade 2000: expansão urbana e segregação espacial em Fortaleza. 1988. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

\_\_\_\_\_. Fortaleza, capital do Ceará: transformações no espaço urbano ao longo do século XIX. **Revista do Instituto do Ceará**. Fortaleza, ano 128, tomo CXXVIII, p. 81-111, 2014.

\_\_\_\_\_. Planejamento e expansão urbana. In: DANTAS, E. W. C.; SILVA, J. B. da; COSTA, M. C. L. (Orgs). **De cidade à metropole:** (trans) formações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009. 143-185p.

CRIEKINGEN, Mathieu van. A cidade renasce: formas, políticas e impactos de revitalização residencial em Bruxelas. In: BIDOZ-ZACHARIASEN, Catherine. **De volta à cidade:** dos processos de gentrificação às políticas de ‘revitalização’ dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, 2006.

DANTAS, E. W. C. Metamorfoses do setor terciário e terciarização contemporânea. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza ano 6, n.12, p.18-24, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article>>. Acesso em: 2 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. O centro de Fortaleza na Contemporaneidade. In: DANTAS, E. W. C.; SILVA, J. B. da; COSTA, M. C. L. (orgs). **De cidade à metrópole:** (trans) formações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009. p.187-227.

\_\_\_\_\_. **Comércio Ambulante no Centro de Fortaleza/CE (1975 a 1995)**. 1995. 218 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

DIEL, Adriana da Silva; KROETZ, Marilei. **A evolução do setor terciário na cidade de Rio do Sul – SC:** Uma análise do período 1995-2005. Chapecó, 2008.

DIÓGENES, B. H. N. **Dinâmicas urbanas recentes da área metropolitana de Fortaleza**. 2012, 359 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

DIOGENES, B. H. N. **A dinâmica do espaço intra-urbano de Fortaleza e a formação de novas centralidades**. In: XI Encontro Nacional da ANPUR, 2005, Salvador. XI Encontro Nacional da ANPUR, 2005.

DOMINGUES, E. P. et al. Organização territorial dos serviços no Brasil: polarização com frágil dispersão. In: NEGRI, J. A.; KUBOTA, L. C. (Org.). **Estrutura e dinâmica do setor de serviços no Brasil**. Brasília: IPEA, 2006.

DUARTE, Haidine da Silva Barros. A cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias. Os centros funcionais. In: **Revista Brasileira de Geografia**, 36 (1), p. 53-98, jan./mar, 1974.

FISCHER, A. G. B. Production, primary, secondary and tertiary. **Economic Record**, June, 1939. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1475-4932.1939.tb01015.x/abstract>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

FISHER, A. G. B. Capital and the growth of knowledge. **Economic Journal**, v. 45, 1933, p. 279-389. Disponível em: <[http://www.jstor.org/stable/2224281?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](http://www.jstor.org/stable/2224281?seq=1#page_scan_tab_contents)>. Acesso em: 23 nov. 2015.

FORD, H. **Os princípios da prosperidade**: minha vida e minha obra. São Paulo; Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1964.

FRERES, H.; RABELO, J. M.; SEGUNDO, M. D. Governo e empresariado: a grande aliança em prol da educação para todos. In: JIMENEZ, Susana et. al. **Marxismo, educação e luta de classes**: pressupostos ontológicos e desdobramentos ídeo-políticos. Fortaleza: EDUECE/IMO, 2009.

FREIRE, H. P.; HOLANDA, V. C. C. Expansão dos serviços de educação superior em Sobral: Vida de Relações na Cidade Média. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 13, p. 47-55, 2011.

FRIGOTTO, G. **Educação e a crise do capitalismo real**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FUCHS, V. R. **The service economy**. NBER Books, 1968.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS; INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA. **Sondagem do Setor de Serviços** - Outubro de 2015. Rio de Janeiro, 2015.

GEORGE, P. A noção do setor terciário: complexidade, ambiguidade. In: **Populações ativas**. São Paulo; Rio de Janeiro: Difel, 1975. p. 81-110.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia estética de Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 1997.

\_\_\_\_\_. Educandários de Fortaleza. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, ano 69, tomo LXIX, p. 50-71, 1955.

GIAMOGESCHI, C. L. O capitalismo e a expansão do ensino no Brasil. **Educação em Foco** - Revista Eletrônica Uniesp, agosto de 2009. Disponível em: <<http://www.unifia.edu.br/projetorevista/edicoesanteriores/agosto09educacaoemfoco.html>>. Acesso em: 27 mar. 2016.

GODOY, C. V. et al. **Refuncionalização da área central**: concentração dos serviços e equipamentos médicos no centro de Fortaleza - (Ceará-Brasil). XIV EGAL Peru 2013, Lima. XIV EGAL: Reencuentro de Saberes Territoriales Latinoamericanos. Lima, 2013. v. 14. p. 1-16.

\_\_\_\_\_. **A geografia dos serviços e equipamentos da saúde:** a expansão das “clínicas médicas populares” no Centro em Fortaleza – CE. 2015. 171 f. (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências, Departamento de Geografia, Pós-Graduação em Geografia Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

GONÇALVES, T. E. **Labirintos da modernidade urbana:** North Shopping na produção de uma nova centralidade em Fortaleza - CE. 2009. 173f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. **Perfil básico municipal – Fortaleza.** Secretaria do Planejamento e Coordenação, Fortaleza, CE, 2014.

HARVEY, D. **Espaços da esperança.** São Paulo: Loyola, 2004. p. 79-103.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 2003.

KLAFKE, K.; BALDONI, L. Geografia dos Serviços: Uma Reflexão Sobre as Pequenas Cidades - Ipeúna (SP). In: I SIMPÓSIO MINEIRO DE GEOGRAFIA, 2014, Alfenas. **Anais...** Alfenas, 2014.

KON, A. **A internacionalização dos serviços.** São Paulo, v. X, n. 1, jan./mar. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v39n1/v39n1a06.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2015.

\_\_\_\_\_. **A produção terciária.** São Paulo: Nobel, 1992.

\_\_\_\_\_. **Economia de serviços,** Rio de Janeiro: Campus; Elseviere, 2004.

KOSTER, H. **Viagens ao Nordeste do Brasil:** travels in Brasil. Tradução de Câmara Cascudo. São Paulo: Nacional, 1942.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEMENHE, M.A. **As razões de uma cidade.** Fortaleza: Stylos Comunicações, 1991.

LIMA, L. C.; SANTOS, E. O. Serviços modernos como signo da conectividade espacial e setorial: tramas das redes do território cearense. In: XIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL. Florianópolis, 2009. v. 13. p. 1-21.

LINHARES, P. **Cidade de água e sal:** por uma antropologia do litoral do nordeste sem cana e sem açúcar. Fortaleza: Demócrito Rocha, 1992.

LINS, G. S. **Recursos do FPM e Fundeb:** impacto no desempenho escolar nos municípios cearenses no triênio 2007 2009 e 2011. 57 f. 2014. (Dissertação de Mestrado em Economia) – Faculdade de Economia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

LOPES, F. C. R. **A centralidade da Parangaba como produto da fragmentação de Fortaleza (CE).** 2006.161f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.



- LOPES, F. C.R.; SILVA, J. B. A centralidade da Parangaba como produto da fragmentação de Fortaleza (CE). In: SILVA, J. B.; et al. (orgs.). **Litoral e Sertão: natureza e sociedade no nordeste brasileiro**. Expressão Gráfica, 2006.
- LOBO, C.; MATOS, R. Dispersão espacial da população e do emprego formal nas regiões de influência do Brasil contemporâneo. **Cadernos Metrópole**, São Paulo: EDUC, v. 12, n. 24, p. 309-330, jul./dez., 2010.
- LOJKINE, Jean. **O Estado capitalista e a questão urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MACÍAS, L. F. P. Las Expropiaciones de Predios en el Centro Histórico de la Ciudad de México –  para quién se expropria?. **RELEG: Revisa Latinoamericana de Estudiantes de Geografía**, n. 1, 2009.
- MARSHALL, J. N.; WOOD, P.A. **Services & Space: Key Aspects of Urban and Regional Development**. Longman Scientific & Technical Publishers, 1995.
- MARX. K. **O Capital: Crítica da economia política**. vol. I, tomo II. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- MATOS, F. de. O; GONÇALVES, T. E. O shopping e a forma o de novas centralidades no espaço urbano de Fortaleza/CE. **Boletim de Geografía**, v. 31, p. 31-39, 2012. *Online*.
- MATTOS, C. Transformación de las ciudades latinoamericanas:  impactos de la globalización?. **EURE Revista Latinoamericana de Estudios Urbano Regionales**. Santiago de Chile. v. 28, n. 85, 2002, p. 5-10.
- MELO, H. P. et al. **O setor de serviços no Brasil: uma visão global – 1985-95**. Rio de Janeiro: IPEA – texto para discussão número 549, 1998.
- MORAIS, J. M. L.; MACEDO, F. C. Regiões Metropolitanas do Ceará: dispersão produtiva e concentra o de serviços. **Desenvolvimento Regional em Debate**, v. 4, p. 178-203, 2014.
- MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História: suas origens, transforma es e perspectivas**. 4  edic o. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- NASCIMENTO, G. G. Setor terciário da economia e organiza o do espaço urbano: uma breve análise a luz de seus aspectos históricos e sociais. **Revista Geografía**, Recife, v. 24, n. 3, 2007, p. 133–153. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/article/view/156>>. Acesso em: 14 out. 2015.
- NASCIMENTO, G.G. **A redefini o do espaço urbano de Natal/RN a partir da influência dos serviços: uma análise das avenidas Bernardo Vieira e Engenheiro Roberto Freire**. 2011. 187f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional, Cultura e Representa es) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.
- NASPOLINI, Antenor. A reforma da educa o básica no Ceará. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 42, p. 169-186, 2001.

NEGRI, J.A.; KUBOTA, L.C. **Estrutura e dinâmica do setor de serviços no Brasil**. Brasília: IPEA, 2006. v. 1.

NOGUEIRA, J. F. F.; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. **A política educacional cearense expressa nas Mensagens Governamentais de 1945 a 1964**. In: VIII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, 2003, Fortaleza. Ciência e Consciência, 2003.

PAES-LUCHIARI, M. T. D. Centros históricos – mercantilização e territorialidades do patrimônio cultural urbano. **GEOgraphia**, Niterói, v. 7, n. 14, p. 43-57, 2005.

PAVIANI, A. A construção injusta do espaço urbano. In: PAVIANI, A. (Org.). **A conquista da cidade**. Brasília: Universidade de Brasília, 1998. p. 168-190.

PEIXOTO, R. et al. Educação escolar: uma necessidade a partir das mudanças nas relações de trabalho. In: XI JORNADA HISTEDBR, 2013, Paraná. **Anais...** Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada11/artigos/3/artigo\\_simposio\\_3\\_856\\_reginaldopeixoto@bol.com.br.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/3/artigo_simposio_3_856_reginaldopeixoto@bol.com.br.pdf)>. Acesso em: 26 mar. 2016.

PEREIRA, F. S. de M. **Habitação em áreas centrais: as contradições do/no espaço urbano no Centro Antigo de Fortaleza/CE**. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013.

PEREIRA, F. S. de M. Formação, expansão, consolidação e evasão: passado e presente da dinâmica habitacional no Centro Antigo de Fortaleza/CE. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 2014, Vitória. **Anais...** Vitória, 2014, v. 7. p. 1-12.

PETIT, P. **Slow growth and the service economy**. London: Pinter, 1986.

PINTAUDI, S. M. A cidade e as formas de comércio. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

PINTAUDI, S. M.; FRÚGOLI JR. H. (Org.) **Shopping centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

PINE B.J.; GILMORE, J. H. **The experience economy: work is theatre and every business a stage**. Boston: Harvard Business School Press, 1999.

PINHEIRO, C. S. M. **A qualidade dos serviços educacionais na percepção dos estudantes: análise comparativa entre IES pública e privada**. 148f. 2012. Dissertação (Mestrado em Mestrado Profissional em Administração) - Universidade Potiguar, Natal, 2012.

PONTE, S. R. In: CHAVES, Gylmar; VELOSO, Patrícia; CAPELO, Peregrina. **Ah! Fortaleza 1880-1930**. 2ª ed. Fortaleza: Terra Luz Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. **História e memória do jornalismo cearense**. Fortaleza: Sindicato dos Jornalistas; Secult, 2004.

\_\_\_\_\_. **Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social 1860-1930**. 4. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010. 224-225p.

PONTES, J. A. M. P. Universidade de Fortaleza e os destinos da educação superior no Ceará. In: VASCONCELOS, J. G. et al. (Org). **História da Educação: real e virtual em debate**. Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 501-515.

PONTES, J. A. M. P. Universidade de Fortaleza e os Destinos da Educação Superior no Ceará. In: VASCONCELOS, J. G. et al. (Org). **História da Educação: Real e Virtual em Debate**. Fortaleza: Edições UFC, 2012. p. 501-515.

PRÉVÔT SCHAPIRA, M. F. Buenos Aires: métropolisation et nouvel ordre politique. **Hérodote**, n. 101, p. 122-152, 2001. Disponível em: <[http://www.cairn.info/article.php?ID\\_ARTICLE=HER\\_101\\_0122&DocId=105543&hits=12596+12595+12594+12593+12592+12591+12590+22+7+6+5+4+3+2+1+>](http://www.cairn.info/article.php?ID_ARTICLE=HER_101_0122&DocId=105543&hits=12596+12595+12594+12593+12592+12591+12590+22+7+6+5+4+3+2+1+>). Acesso em: 2 nov. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA -PMF. Secretaria de Infra-estrutura. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Concentração de Empresas Por Bairro de Fortaleza**. Fortaleza: SDE, 2014.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Infraestrutura. **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Fortaleza (PDDU/FOR): síntese diagnóstico**. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1992.

RAIS/MTE. Relações Anual de informações Sociais/ Ministério do Trabalho. **Brasil - estoque de empregos formais por setor e subsetor de atividade econômica**. Brasília, 2014. Disponível em: <<http://acesso.mte.gov.br/data/files/FF8080814F4D225D014FB2490DFB6D67/consolidado%20tabelas%20total.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2015.

RICARTE, L. T.; MELO, R. B. M.; TARGINO, I. **Pobreza e trabalho no setor de serviços no Nordeste brasileiro**. João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 161-179, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/economia/article/viewFile/17861/10198>>. Acesso em: 5 nov. 2015.

RIOS, Kênia Sousa. **Campos de concentração no Ceará: isolamento e poder na seca de 1932**. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001.

ROCHA, A. M.; LIMA, L. C. Reflexões sobre o terciário. **Geotextos**, v. 5, p. 85-105, Salvador, 2009.

ROSA, A. M. M. **História das casas como história da cidade: Um estudo da memória urbana de Fortaleza através da memória de moradores antigos do Centro**, Fortaleza – CE. 165 f. 2009. (Dissertação). Mestrado em História e Culturas - Faculdade de História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

RUFINO, Maria Beatriz Cruz. **Regeneração urbana e estratégias residenciais em áreas centrais: o caso de Fortaleza (Brasil)**. 165f. 2005. (Dissertação). Mestrado em Planejamento e Projeto do Ambiente Urbano, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

SALGUEIRO, T. B. Ainda em torno da fragmentação do espaço urbano. **Inforgeo**, Lisboa, n. 14, 1999. p. 65-76.

SANTIAGO, Z. M. P. Instituições públicas de ensino primário: visão comparada das escolas isoladas e escolas graduadas nos séculos XIX e XX. In: CAVALCANTE, M. J.

M. et al. (Orgs). **História da Educação Comparada**: discursos, ritos e símbolos da educação popular, cívica e religiosa. Fortaleza: Edições UFC, 2011. p. 117-140.

SANTOS, M. **Espaço e método**. 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997. (Coleção Espaços).

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. 4º Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

\_\_\_\_\_. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. ed. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: F. Alves, 2008.

\_\_\_\_\_. **Economia espacial**: críticas e alternativas. 2. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: EDUSP, 2011.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil território e sociedade no início do século XXI**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SANTOS, E. O.; SILVA, F. A. C. ; LIMA, L. C. Serviços modernos na trama da reestruturação socioespacial em espaços da América Latina: o caso dos subespaços dinâmicos do território cearense. In: XII ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 2009, MONTEVIDEO-URUGUAI. **Anais...** Montevideo: IAVA, 2009. v. 1. p. 1-15.

SANTOS, L. M.; SOUSA, R. B. **O governo federal do PT e a continuidade da contra-reforma universitária**: apontamentos sobre a formação profissional em Serviço Social no Brasil e no Ceará. In: VI JORNADA DE POLÍTICAS PÚBLICAS: O DESENVOLVIMENTO DA CRISE CAPITALISTA E A ATUALIZAÇÃO DAS LUTAS CONTRA A EXPLORAÇÃO, A DOMINAÇÃO E A HUMILHAÇÃO, 2013, São Luís - MA.

SANTOS, I. D.; SILVA, J. D. Educação superior no nordeste e qualificação para o mercado de trabalho. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, Aracaju, v. 3, p. 63-74, 2015.

SAVIANI, Demerval. Vicissitudes e perspectivas do direito à educação no Brasil: abordagem histórica e situação atual. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 34, n. 124, p. 743-760, jul-set 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v34n124/06.pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2015.

SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Perfil socioeconômico do cliente e do empresário do Centro de Fortaleza**. Fortaleza: Sebrae, 2004.

SILVA, E. A. **Espaços públicos e territorialidades**: as praças do Ferreira, José de Alencar e o Passeio Público, Fortaleza – CE. 164 f. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Geografia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

SILVA, E. S. da. **Dinâmica socioespacial do comércio popular de confecção no centro de fortaleza**. 2013. 154f. Dissertação. (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SILVA, J. B. da. Formação Socioespacial Urbana. In: DANTAS, E. W. C; SILVA, J. B. da; COSTA, M. C. L. (Orgs). **De cidade à metrópole: (trans)formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. 87-141p.

\_\_\_\_\_. **Quando os incomodados não se retiram**: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza. Fortaleza: Multigraf, 1992. 192p.

\_\_\_\_\_. Diferenciação socioespacial. **Cidades**. Presidente Prudente v. 4, n. 6, p. 89-100, 2007. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article>>. Acesso em: 12 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. O algodão na organização do espaço. In: In: SOUZA, S. de (coord.). **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994.

SILVA, A. C.; LIMA, E. C. **Dinâmica das atividades de comércio e serviços: uma análise regional a partir de medidas de localização**. In: IV COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE COMÉRCIO E CIDADE: UMA RELAÇÃO DE ORIGEM, 2013, Uberlândia - MG, 2013.

SISCOSERV - Sistema Integrado de Comércio Exterior de Serviços, Intangíveis e Outras Operações que Produzam Variações no Patrimônio. **Panorama do comércio internacional de serviços**. Disponível em: <<http://www.receita.fazenda.gov.br/legislacao/legisassunto/siscoserv.htm>>. Acesso em: 15 out. 2015.

SOBRAL, Fernanda. Educação para a competitividade ou para a cidadania social. **São Paulo em Perspectiva**, v. 14, n. 1, São Paulo, Fundação SEADE, 2000.

SOUZA, M. S de. Análise da estrutura urbana. In: DANTAS, E. W. C; SILVA, J. B. da; COSTA, M. C. L. (Orgs). **De cidade à metrópole: (trans) formações urbanas em Fortaleza**. Fortaleza: Edições UFC, 2009. 13-86 p.

SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. 77-116 p.

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo: Contexto, 1991.

\_\_\_\_\_. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Revista Território**. Rio de Janeiro: LAGET/UFRJ, n. 4, 1998.

\_\_\_\_\_. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L. de; SPOSITO, M. E. B. (orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes, processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 123-145.

\_\_\_\_\_. **O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no estado de São Paulo**. 2004. 504f. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual de São Paulo, Campus Presidente Prudente, Presidente Prudente, 2004.

STUDART, G. **Datas e fatos para a história do Ceará**. Ed. fac-símile, tomo I. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. (Coleção Biblioteca Básica Cearense).

\_\_\_\_\_. **Datas e fatos para a história do Ceará**. Ed. fac-símile, tomo II. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. (Coleção Biblioteca Básica Cearense).

\_\_\_\_\_. **Datas e fatos para a história do Ceará**. Ed. fac-símile, tomo III. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001. (Coleção Biblioteca Básica Cearense).

TRIOLA, Mário F. Introdução à estatística. 7.<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

VASCONCELOS, R. A. F. A criação da escola de aprendizes artífices do Pará, a sociedade da borracha e a urbanização de Belém no início do século XX. In: II SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: "CENTENÁRIO DA REDE FEDERAL DE EPT", 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte, 2010, v. 2. p. 1-20.

VIEIRA, S. G. **O centro vive**. O espetáculo da revalorização do centro de São Paulo. 2002. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2002.

VEIRA, S. L. **História da educação no Ceará**: sobre promessas, fatos e feitos. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intraurbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001.

WALKER, R. A. Is There a Service Economy? The changing capitalist division of labor. **Science and Society**, vol. XLIX, n. 1, 1985, p. 42-83.



ANEXO A – Questionário aplicado aos estudantes das instituições de ensino de ensino básico e superior do Centro de Fortaleza - CE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**  
**Questionário: Perfil dos estudantes do Centro de Fortaleza**

**Dados Pessoais**

Nome: \_\_\_\_\_

Idade:  Até 19 anos  De 20 a 59 anos  Acima de 60 anos

Gênero:  Masculino  Feminino  Outro Gênero

Estado Civil:

Solteiro(a)

Casado(a)

Outro

**Dados Gerais**

Em que cidade você reside?

Fortaleza  Outro município. Qual? \_\_\_\_\_

Quantas pessoas moram em sua residência? (incluindo você)

Moro sozinho(a)  2 a 5 pessoas  5 a 7 pessoas  Mais de 7 pessoas

Qual o principal meio de transporte que você utiliza para chegar ao Curso?

A pé/carona/bicicleta.  Transporte coletivo  Transporte escolar  Transporte próprio

Qual é a sua participação na vida econômica de sua família?

Você não trabalha e seus gastos são custeados.

Você trabalha e é independente financeiramente.

Você trabalha, mas não é independente financeiramente.

Você trabalha e é responsável pelo sustento da família.

Você desenvolva alguma atividade remunerada?  Sim  Não.

Qual a renda mensal de sua família? (Considere a renda de todos os integrantes da família, inclusive você).

Nenhuma.

Até 2 salários mínimos (R\$ 1.760)

De 2 a 4 salários mínimos (de R\$ 1.760 a 3.250)

De 04 até 10 salários mínimos (de R\$ 3.250 até R\$ 8.800)

De 10 até 20 salários mínimos (de R\$8.800 até R\$17.600)

Acima de 20 salários mínimos (acima de R\$17.600)



**Dados Educacionais**

Qual modalidade de ensino você estuda atualmente?

- Ensino Básico                       Ensino Superior (Graduação)                       Ensino Superior (Pós-Graduação)

O que motivou sua procura por uma instituição no Centro de Fortaleza?

- A instituição de ensino  
 A modalidade de ensino (Ensino Básico ou Ensino Superior)  
 A facilidade de acesso a instituição  
 O preço da mensalidade (se a instituição for particular)  
 Outros interesses